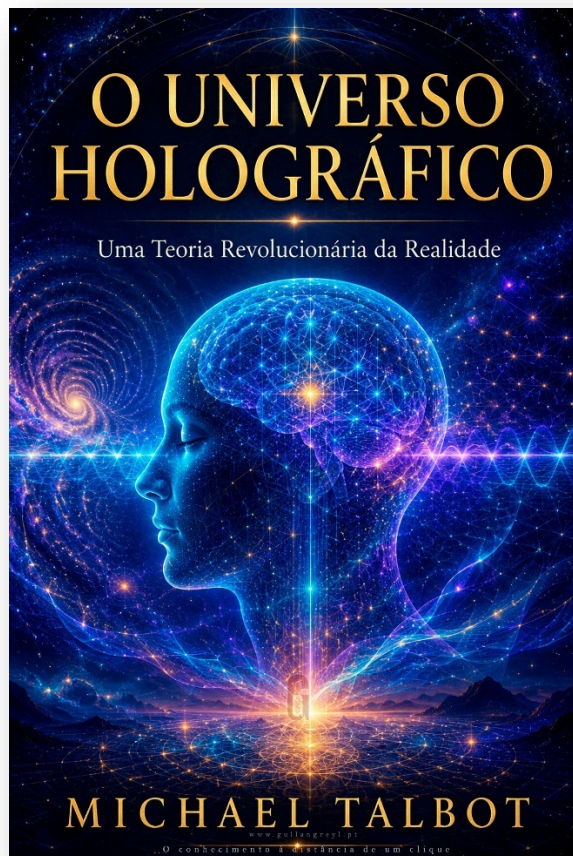


O UNIVERSO HOLOGRÁFICO

Uma Teoria Revolucionária da Realidade



Autor: Michael Talbot

Edição e Preparação Digital: Gullan Grey!

Edição original: The Holographic Universe, 1991.

Edição portuguesa concluída em 04-03-2026



Livroteca Gullan Grey!

Sinopse

Partindo das ideias de David Bohm e Karl Pribram, Michael Talbot explora a possibilidade de o cérebro e o próprio universo funcionarem segundo princípios holográficos. Nesta perspectiva, aquilo que percebemos como matéria, espaço, tempo e identidade seria a manifestação de uma ordem mais profunda, interligada e não local.

Ao cruzar física quântica, neurociência, psicologia e experiências de consciência, o autor investiga fenómenos como sonhos lúcidos, sincronicidade, curas invulgares, experiências fora do corpo e quase-morte. O Universo Holográfico propõe uma visão provocadora da realidade, na qual mente e cosmos deixam de ser domínios separados e passam a revelar-se como expressões de uma mesma totalidade.

Esta tradução foi depurada segundo o princípio:
“Afinar o Instrumento sem Alterar a Melodia”
com apoio de Inteligência Artificial enquanto sistema de amplificação,
organização e clarificação cognitiva.
O objetivo não foi apenas traduzir, mas tornar o texto mais claro, coerente,
imersivo e diretamente experienciável, sem alterar a sua essência.

Gullan Greyl

*Não se trata de saber mais,
mas de ver melhor*

À Alexandra, Chad, Ryan,
Larry Joe e Shawn,
com amor

Os novos dados são de tão grande relevância que podem revolucionar a nossa compreensão da psique humana, da psicopatologia e do processo terapêutico.

Algumas das observações transcendem na sua importância a estrutura da psicologia e da psiquiatria e representam um sério desafio ao atual paradigma newtoniano-cartesiano da ciência ocidental. Podem mudar drasticamente a nossa imagem da natureza humana, da cultura e da história, e da realidade.

— *Dr. Stanislav Grof sobre
fenômenos holográficos em
A Aventura da Autodescoberta*

Índice

Agradecimentos	1
Introdução.....	4
PARTE UM	12
Uma Nova e Notável Visão da Realidade.....	12
CAPÍTULO 1.....	13
O Cérebro como Estrutura Hologrâmica	13
1. O Avanço Decisivo.....	17
2. A Visão Também é Organizada de Forma Hologrâmica	24
3. Outros Enigmas Explicados pelo Modelo do Cérebro Hologrâmico.....	27
2.1 A Vastidão da Nossa Memória	28
2.2 A Nossa Capacidade de Recordar e de Esquecer	28
2.3 Memória Associativa	29
2.4 A Nossa Capacidade de Reconhecer Coisas Familiares	30
2.5 Memória Fotográfica	32
2.6 A Transferência de Competências Aprendidas	33
2.7 Sensações de Membros Fantasma e Como Construimos um “Mundo-Lá-Fora”	34
3. Apoio Experimental ao Modelo do Cérebro Hologrâmico	36
4. A Linguagem Matemática do Holograma	38
5. O Dançarino como Forma de Onda	41
6. A Reação da Comunidade Científica	43
CAPÍTULO 2.....	45
O Cosmos como Holograma	45
1. Bohm e a Interligação	50
2. Um Mar Vivo de Eletrões.....	54
3. O Desencanto de Bohm	55
4. Um Novo Tipo de Campo e a Bala que Matou Lincoln.....	57
5. Se Quiser Saber Onde Está, Pergunte aos Não-Locais.....	59
6. Entra o Holograma.....	64
7. Ordens Implícitas e Realidades Explícitas.....	68
8. A Totalidade Indivisa de Todas as Coisas.....	71
9. Consciência como uma Forma Mais Sutil de Matéria	73
10. A Energia de Um Trilião de Bombas Atômicas em Cada Centímetro Cúbico de Espaço.....	75
11. Apoio Experimental ao Universo Hologrâmico de Bohm	78

12. A Reação da Comunidade da Física	80
13. Pribram e Bohm em Conjunto	81
PARTE DOIS	84
Mente e Corpo	84
CAPÍTULO 3.....	85
O Modelo Holográfico e a Psicologia	85
1. Os Sonhos e o Universo Holográfico.....	88
2. Psicose e a Ordem Implícita	92
3. Sonhos Lúcidos e Universos Paralelos	94
4. Apanhar Boleia no Metro Infinito.....	97
5. Terapia Holotrófica	106
6. Vórtices de Pensamento e Personalidades Múltiplas	107
7. Uma Falha no Tecido da Realidade	114
CAPÍTULO 4.....	123
Eu Canto o Corpo Holográfico	123
1. Jogos de Basquetebol da Mente.....	132
2. A Ausência de Divisão entre Saúde e Doença	134
3. O Poder Curativo do Nada	137
4. Tumores Que Derretem Como Bolas de Neve Sobre um Fogão Quente	141
5. Os Fármacos Funcionam Mesmo?.....	144
6. As Implicações da Personalidade Múltipla na Saúde	150
7. Gravidez, Transplantes de Órgãos e o Acesso ao Nível Genético	155
7.1 Crenças Culturais.....	156
7.2 As Crenças que Incorporamos nas Nossas Atitudes	157
7.3 As Crenças que Expressamos Através do Poder da Vontade	158
7.4 As Nossas Crenças Inconscientes.....	162
7.5 As Crenças Incorporadas na Nossa Fé	164
8. Imagens Projetadas para Fora do Cérebro	172
9. Leis Conhecidas e Desconhecidas.....	174
10. Microsistemas de Acupuntura e o “Pequeno Homem na Orelha”	176
11. Mobilizar os Poderes do Cérebro Holográfico.....	183
CAPÍTULO 5.....	185
Um Punhado de Milagres	185
1. O Duende na Máquina.....	190
2. Psicocinese em Escala Mais Ampla.....	197

3. Psicocinese em Massa na França do Século XVIII.....	200
4. Reprogramar o Projetor Cósmico do Filme	206
5. As Leis da Física como Hábitos e Realidades Tanto Potenciais Como Reais	212
6. A Consciência Cria as Partículas Subatômicas ou Não as Cria? Eis a Questão	216
7. Pode Obter-se Algo a Partir do Nada.....	228
8. Mudando Todo o Quadro	240
9. O Que Significa Tudo Isto?.....	245
CAPÍTULO 6.....	254
Ver Holograficamente	254
1. O Campo Energético Humano	258
2. O Campo Energético da Psique Humana	265
3. Médicos que Veem o Campo Energético Humano.....	269
4. Padrões Holográficos do Caos	274
5. De Que É Feito o Campo Energético Humano?	280
6. Imagens Tridimensionais na Aura.....	282
7. Filmes na Aura	285
8. Avaliação Holográfica do Corpo.....	289
9. Visão de Raios X.....	290
10. Visão Interna e Xamanismo	294
11. O Campo Energético como Projeto Cósmico.....	295
12. Uma Realidade Participativa.....	299
13. A Mente e o Campo Energético Humano.....	301
PARTE TRÊS	305
Espaço e Tempo	305
CAPÍTULO 7.....	306
Tempo Fora da Mente.....	306
1. O Passado como Holograma.....	311
2. Fantasmas do Passado.....	314
3. O Futuro Holográfico	320
4. Somos Todos Precognitivos	325
5. Saltos Holográficos de Fé.....	328
6. A Matéria Sombria da Alma.....	332
7. O Pensamento Como Construtor	343
8. Um Indício de Algo Mais Profundo	347
9. Três Últimos Elementos de Evidência.....	349

9.1 Sonhos Colectivos do Futuro	349
9.2 Alterar o Passado	352
9.3 Um Passeio Pelo Jardim do Tempo	354
CAPÍTULO 8.....	357
Viajar no Super-Holograma	357
1. As EFC Como Fenómeno Holográfico	364
2. A Experiência de Quase-Morte.....	372
3. Explicação Holográfica da Experiência de Quase-Morte.....	380
4. Céu Como Holograma	383
5. Conhecimento Instantâneo	388
6. Planos de Vida e Linhas Temporais Paralelas	396
7. Pode Comer, Mas Não é Necessário.....	399
8. Informações Sobre o Reino de Quase-Morte a Partir de Outras Fontes	402
9. A Terra do Não-Lugar.....	407
10. Imagens de Luz Inteligentes e Coordenadas	410
11. Mais Referência à Luz	412
12. Sobrevivência na Infinitude.....	416
13. Uma Radiância Espiritual Inegável.....	420
14. Quem São os Seres de Luz?	424
15. O Universo Omnijetivo	429
CAPÍTULO 9.....	448
Regresso ao Tempo so Sonho	448
1. A Vela e o Laser.....	454
2. O Futuro da Ideia Holográfica.....	457
2.1 Som Holofónico	457
2.2 Enigmas Não Resolvidos na Química	459
2.3 Novos Tipos de Computadores	460
3. A Necessidade de uma Reestruturação Fundamental da Ciência.....	461
4. Consciência Superior	469
Notas	475

O UNIVERSO HOLOGRÁFICO

Uma Teoria Revolucionária da Realidade

Michael Talbot

Agradecimentos

A escrita é sempre um esforço colaborativo, e muitas pessoas contribuíram para a produção deste livro de diversas formas. Não é possível nomeá-las a todas, mas algumas que merecem menção especial incluem: David Bohm, Ph.D., e Karl Pribram, Ph.D., que foram generosos tanto com o seu tempo como com as suas ideias, e sem cujo trabalho este livro não teria sido escrito.

Barbara Brennan, M.S., Larry Dossey, M.D., Brenda Dunne, Ph.D., Elizabeth W. Fenske, Ph.D., Gordon Globus, Jim Gordon, Stanislav Grof, M.D., Francine Howland, M.D., Valerie Hunt, Ph.D., Robert Jahn, Ph.D., Ronald Wong Jue, Ph.D., Mary Orser, F. David Peat, Ph.D., Elizabeth Rauscher, Ph.D., Beatrice Rich, Peter M. Rojcewicz, Ph.D., Abner Shimony, Ph.D., Bernie S. Siegel, M.D., T. M. Srinivasan, M.D., Whitley Strieber, Russell Targ, William A. Tiller, Ph.D., Montague Ullman, M.D., Lyall Watson, Ph.D., Joel L. Whitton, M.D., Fred Alan Wolf, Ph.D., e Richard Zarro, que também foram todos generosos com o seu tempo e as suas ideias.

Carol Ann Dryer, pela sua amizade, perspicácia e apoio, e pela generosidade inesgotável quando se trata de partilhar o seu talento profundo.

Kenneth Ring, Ph.D., por horas de conversas fascinantes e por me ter apresentado os escritos de Henry Corbin.

Stanley Krippner, Ph.D., por ter tido a amabilidade de me telefonar ou deixar uma nota sempre que encontrava novas pistas sobre a ideia holográfica.

Terry Oleson, Ph.D., pelo seu tempo e por me ter permitido gentilmente utilizar o seu diagrama do “pequeno homem no ouvido”.

Michael Grosso, Ph.D., pelas conversas instigantes e por me ajudar a localizar várias obras de referência obscuras sobre milagres.

Brendan O'Regan, do Institute of Noetic Sciences, pelas suas importantes contribuições para o tema dos milagres e por me ajudar a localizar informação sobre o mesmo.

O meu amigo de longa data Peter Brunjes, Ph.D., por usar as suas ligações universitárias para me ajudar a obter várias obras de referência difíceis de encontrar.

Judith Hooper, por me ter emprestado numerosos livros e artigos da sua própria e extensa coleção de materiais sobre a ideia holográfica.

Susan Cowles, M.S., do Museum of Holography, em Nova Iorque, por me ajudar a procurar ilustrações para o livro.

Kerry Brace, por partilhar as suas reflexões sobre a ideia holográfica tal como se aplica ao pensamento hindu, e cujos escritos me permitiram tomar emprestada a ideia de utilizar o holograma da Princesa Leia, do filme Star Wars, para abrir o livro.

Marilyn Ferguson, fundadora do Brain/Mind Bulletin, que foi uma das primeiras autoras a reconhecer e a escrever sobre a importância da teoria holográfica, e que também foi generosa com o seu tempo e pensamento. O leitor atento notará que o meu resumo da visão do universo que emerge quando se consideram em conjunto as conclusões de Bohm e Pribram, no final do Capítulo Dois, é na realidade apenas uma ligeira reformulação das palavras que Ferguson utiliza para resumir o mesmo sentimento no seu livro de grande sucesso *The Aquarian Conspiracy*. A minha incapacidade de encontrar uma forma diferente e melhor de resumir a ideia holográfica deve ser vista como um testemunho da clareza e concisão de Ferguson enquanto escritora.

A equipa da American Society for Psychical Research, pela ajuda na localização de referências, recursos e nomes de indivíduos pertinentes.

Martha Visser e Sharon Schuyler, pela sua ajuda na investigação para o livro.

Ross Wetzsteon, do Village Voice, que me pediu para escrever o artigo que deu início a tudo.

Claire Zion, da Simon & Schuster, que foi a primeira a sugerir que eu escrevesse um livro sobre a ideia holográfica.

Lucy Kroll e Barbara Hogenson, por serem as melhores agentes possíveis.

Lawrence P. Ashmead, da HarperCollins, por acreditar no livro, e John Michel, pela sua edição cuidadosa e perspicaz.

Se houver alguém que eu tenha deixado inadvertidamente de fora, peço desculpa. A todos, nomeados e não nomeados, que me ajudaram a dar à luz este livro, deixo o meu mais sincero agradecimento.

Introdução

No filme *Star Wars*, a aventura de Luke Skywalker começa quando um feixe de luz irrompe do robô Artoo Detoo e projeta uma imagem tridimensional em miniatura da Princesa Leia. Luke observa, enfeitiçado, enquanto a escultura fantasmática de luz implora que alguém chamado Obi-Wan Kenobi venha em seu auxílio. A imagem é um holograma, uma imagem tridimensional criada com o auxílio de um laser, e a magia tecnológica necessária para produzir tais imagens é notável. Mas o que é ainda mais espantoso é que alguns cientistas estão a começar a acreditar que o próprio universo é uma espécie de holograma gigante, uma ilusão esplendidamente detalhada, nem mais nem menos real do que a imagem da Princesa Leia que dá início à jornada de Luke.

Por outras palavras, há indícios que sugerem que o nosso mundo e tudo o que nele existe — desde flocos de neve a áceres, passando por estrelas cadentes e elétrões em rotação — são também apenas imagens fantasmáticas, projeções de um nível de realidade tão além do nosso que se encontra literalmente para lá tanto do espaço como do tempo.

Os principais arquitetos desta ideia espantosa são dois dos pensadores mais eminentes do mundo: o físico da Universidade de Londres David Bohm, protegido de Einstein e um dos físicos quânticos mais respeitados do mundo; e Karl Pribram, neurofisiologista da Universidade de Stanford e autor do clássico manual neuropsicológico *Linguagens do Cérebro*. Curiosamente, Bohm e Pribram chegaram às suas conclusões de forma independente e trabalhando a partir de duas direções muito diferentes. Bohm convenceu-se da natureza hologrâmica do universo apenas após anos de insatisfação com a incapacidade das teorias convencionais de explicar todos os fenómenos encontrados na física quântica. Pribram convenceu-se devido ao fracasso das teorias padrão do cérebro em explicar diversos enigmas neurofisiológicos.

Contudo, depois de chegarem às suas perspetivas, Bohm e Pribram aperceberam-se rapidamente de que o modelo hologrâmico explicava também vários outros mistérios, incluindo a aparente incapacidade de qualquer teoria, por mais abrangente que seja, explicar todos os fenómenos encontrados na natureza; a capacidade de indivíduos que ouvem apenas com um ouvido determinarem a direção de onde provém um som; e a nossa capacidade de

reconhecer o rosto de alguém que não vemos há muitos anos, mesmo que essa pessoa tenha mudado consideravelmente entretanto.

Mas o aspeto mais impressionante do modelo holográfico foi o facto de ele passar subitamente a dar sentido a uma vasta gama de fenómenos tão esquivos que, em geral, têm sido classificados fora do domínio da compreensão científica. Entre estes incluem-se a telepatia, a precognição, sentimentos místicos de unidade com o universo e até a psicocinese, ou a capacidade da mente mover objetos físicos sem que ninguém lhes toque.

De facto, tornou-se rapidamente evidente para o número cada vez maior de cientistas que passaram a adotar o modelo holográfico que este ajudava a explicar praticamente todas as experiências paranormais e místicas. Nos últimos seis ou sete anos, continuou a galvanizar investigadores e a lançar luz sobre um número crescente de fenómenos anteriormente inexplicáveis. Por exemplo:

- Em 1980, o psicólogo da Universidade de Connecticut Kenneth Ring propôs que as experiências de quase-morte poderiam ser explicadas pelo modelo holográfico. Ring, presidente da International Association for Near-Death Studies, acredita que tais experiências, bem como a própria morte, não são mais do que a deslocação da consciência de uma pessoa de um nível do holograma da realidade para outro.
- Em 1985, Stanislav Grof, director de investigação psiquiátrica no Maryland Psychiatric Research Center e professor assistente de psiquiatria na Escola de Medicina da Universidade Johns Hopkins, publicou um livro no qual concluiu que os modelos neurofisiológicos existentes do cérebro são inadequados e que apenas um modelo holográfico consegue explicar experiências arquetípicas, encontros com o inconsciente coletivo e outros fenómenos invulgares vivenciados durante estados alterados de consciência.
- Na reunião anual de 1987 da Association for the Study of Dreams, realizada em Washington, D.C., o físico Fred Alan Wolf apresentou uma comunicação na qual afirmou que o modelo holográfico explica os sonhos lúcidos (sonhos invulgarmente vívidos nos quais o sonhador se apercebe de que está acordado).

Wolf acredita que tais sonhos são, na realidade, visitas a realidades paralelas, e que o modelo hologrâmico acabará por permitir o desenvolvimento de uma “física da consciência”, possibilitando uma exploração mais profunda desses níveis de existência noutras dimensões.

- No seu livro de 1987, *Sincronicidade: A Ponte entre a Matéria e a Mente*, o físico F. David Peat, da Universidade Queen's, no Canadá, afirmou que as sincronicidades (coincidências tão invulgares e psicologicamente significativas que não parecem resultar apenas do acaso) podem ser explicadas pelo modelo hologrâmico. Peat acredita que tais coincidências são, na realidade, “falhas no tecido da realidade”, revelando que os nossos processos mentais estão muito mais intimamente ligados ao mundo físico do que até então se suspeitava.

Estas são apenas algumas das ideias estimulantes que serão exploradas neste livro. Muitas delas são extremamente controversas. Com efeito, o próprio modelo hologrâmico é altamente controverso e está longe de ser aceite pela maioria dos cientistas. Ainda assim, como veremos, muitos pensadores importantes e impressionantes apoiam-no e acreditam que poderá ser a representação mais precisa da realidade de que dispomos até hoje.

O modelo hologrâmico recebeu também algum apoio experimental dramático. No domínio da neurofisiologia, numerosos estudos corroboraram várias das previsões de Pribram sobre a natureza hologrâmica da memória e da percepção. De igual modo, em 1982, uma experiência marcante realizada por uma equipa de investigação liderada pelo físico Alain Aspect, no Institute of Theoretical and Applied Optics, em Paris, demonstrou que a teia de partículas subatómicas que compõe o nosso universo físico — o próprio tecido da realidade — possui aquilo que parece ser uma propriedade “holográfica” inegável. Estes resultados serão igualmente discutidos ao longo do livro.

Para além das evidências experimentais, vários outros fatores conferem peso à hipótese hologrâmica. Talvez as considerações mais importantes sejam o carácter e as realizações dos dois homens que originaram a ideia. No início das suas carreiras, e antes mesmo de o modelo hologrâmico ser um simples vislumbre nos seus pensamentos, cada um deles acumulou feitos que levariam a maioria dos investigadores a passar o resto da vida académica a descansar sobre os louros. Na década de 1940, Pribram realizou trabalho pioneiro sobre o

sistema límbico, uma região do cérebro envolvida nas emoções e no comportamento. O trabalho de Bohm em física dos plasmas, na década de 1950, é igualmente considerado fundamental.

Mas, de forma ainda mais significativa, cada um deles se distinguiu de outra maneira. Uma forma que mesmo os homens e mulheres mais realizados raramente podem reivindicar como sua, pois não é medida apenas pela inteligência ou pelo talento. É medida pela coragem — a imensa determinação necessária para defender as próprias convicções mesmo perante uma oposição esmagadora. Quando era estudante de pós-graduação, Bohm realizou o seu doutoramento com Robert Oppenheimer. Mais tarde, em 1951, quando Oppenheimer foi alvo do perigoso escrutínio do comité do senador Joseph McCarthy sobre atividades antiamericanas, Bohm foi chamado a testemunhar contra ele e recusou-se. Como resultado, perdeu o seu cargo em Princeton e nunca mais voltou a lecionar nos Estados Unidos, mudando-se primeiro para o Brasil e depois para Londres.

No início da sua carreira, Pribram enfrentou uma prova de carácter semelhante. Em 1935, um neurologista português chamado Egas Moniz concebeu aquilo que acreditava ser o tratamento perfeito para a doença mental. Descobriu que, perfurando o crânio de um indivíduo com um instrumento cirúrgico e separando o córtex pré-frontal do resto do cérebro, conseguia tornar dóceis os pacientes mais problemáticos. Chamou ao procedimento *lobotomia pré-frontal* e, na década de 1940, este tornou-se uma técnica médica tão popular que Moniz recebeu o Prémio Nobel. Na década de 1950, a popularidade do procedimento continuou e tornou-se uma ferramenta, tal como as audições de McCarthy, para eliminar indivíduos considerados indesejáveis pela sociedade. Tão aceite era a sua utilização para esse fim que o cirurgião Walter Freeman, o mais fervoroso defensor do procedimento nos Estados Unidos, escreveu sem qualquer pudor que as lobotomias transformavam “esquizofrénicos, homossexuais e radicais” em “bons cidadãos americanos”.

Foi neste contexto que Pribram surgiu no panorama médico. Contudo, ao contrário de muitos dos seus pares, considerava errado intervir de forma tão imprudente no cérebro de outra pessoa. Tão profundas eram as suas convicções que, enquanto jovem neurocirurgião em Jacksonville, na Florida, se opôs à sabedoria médica dominante da época e recusou permitir que fossem realizadas lobotomias na enfermaria sob a sua responsabilidade. Mais tarde, em Yale, manteve essa posição controversa, e as suas então radicais opiniões quase lhe custaram o emprego.

O empenho de Bohm e Pribram em defender aquilo em que acreditam, independentemente das consequências, é igualmente evidente no modelo holográfico. Como veremos, colocar reputações nada modestas ao serviço de uma ideia tão controversa não foi o caminho mais fácil que qualquer um deles poderia ter escolhido. Tanto a sua coragem como a visão que demonstraram no passado voltam a acrescentar peso à ideia holográfica.

Uma última peça de evidência a favor do modelo holográfico é o próprio paranormal. Este não é um ponto menor, pois, nas últimas décadas, acumulou-se um notável corpo de evidências que sugere que a nossa compreensão atual da realidade — a imagem sólida e reconfortante do mundo feita de “paus e pedras”, que todos aprendemos nas aulas de ciências do ensino secundário — está errada. Como estas conclusões não podem ser explicadas por nenhum dos nossos modelos científicos padrão, a ciência, em grande medida, ignorou-as. Contudo, o volume de evidência atingiu um ponto em que esta posição já não é sustentável.

Para dar apenas um exemplo, em 1987 o físico Robert G. Jahn e a psicóloga clínica Brenda J. Dunne, ambos da Universidade de Princeton, anunciaram que, após uma década de experimentação rigorosa no Princeton Engineering Anomalies Research Laboratory, tinham acumulado provas inequívocas de que a mente pode interagir psiquicamente com a realidade física. Mais especificamente, Jahn e Dunne descobriram que, apenas através da concentração mental, os seres humanos são capazes de afetar o modo de funcionamento de certos tipos de máquinas. Trata-se de um resultado espantoso, que não pode ser explicado em termos da nossa visão padrão da realidade.

Contudo, pode ser explicado pela perspectiva holográfica. Inversamente, pelo facto de os fenómenos paranormais não poderem ser explicados pelos nossos entendimentos científicos atuais, estes clamam por uma nova forma de olhar para o universo, um novo paradigma científico. Para além de mostrar como o modelo holográfico pode dar conta do paranormal, este livro examinará também de que modo o crescente conjunto de evidências a favor do paranormal parece, por sua vez, tornar necessária a existência de tal modelo.

O facto de o paranormal não poder ser explicado pela nossa visão científica do mundo atual é apenas uma das razões pelas quais continua a ser tão controverso. Outra é que o funcionamento psíquico é frequentemente muito difícil de delimitar em laboratório, o que levou

muitos cientistas a concluir que, por isso mesmo, não existe. Esta aparente elusividade será também discutida no livro.

Uma razão ainda mais importante é que, contrariamente ao que muitos de nós passámos a acreditar, a ciência não está isenta de preconceitos. Aprendi isto pela primeira vez há vários anos, quando perguntei a um físico bem conhecido o que pensava acerca de uma determinada experiência parapsicológica. O físico (que tinha fama de ser cético em relação ao paranormal) olhou para mim e, com grande autoridade, afirmou que os resultados não revelavam “qualquer evidência de funcionamento psíquico”. Eu ainda não tinha visto os resultados, mas, por respeitar a inteligência e a reputação do físico, aceitei o seu juízo sem questionar. Mais tarde, quando examinei os resultados por mim próprio, fiquei estupefacto ao descobrir que a experiência tinha produzido provas muito marcantes de capacidade psíquica. Foi então que me apercebi de que mesmo cientistas de renome podem possuir preconceitos e pontos cegos.

Infelizmente, esta é uma situação que ocorre com frequência na investigação do paranormal. Num artigo recente publicado na *American Psychologist*, o psicólogo de Yale Irvin L. Child analisou a forma como uma conhecida série de experiências sobre sonhos com PES (Percepção Extrassensorial), realizadas no Maimonides Medical Center em Brooklyn, Nova Iorque, foi tratada pelo meio científico. Apesar das provas dramáticas a favor da PES reveladas pelos investigadores, Child constatou que o trabalho tinha sido quase completamente ignorado pela comunidade científica. Mais perturbador ainda, nas poucas publicações científicas que se deram ao trabalho de comentar as experiências, verificou que a investigação tinha sido tão “severamente distorcida” que a sua importância ficou totalmente obscurecida¹.

Como é isto possível? Uma das razões é que a ciência nem sempre é tão objetiva quanto gostaríamos de acreditar. Olhamos para os cientistas com uma certa reverência e, quando nos dizem algo, ficamos convencidos de que deve ser verdade. Esquecemo-nos de que são apenas humanos e sujeitos aos mesmos preconceitos religiosos, filosóficos e culturais que o resto de nós. Isto é lamentável, pois, como este livro demonstrará, há muitas provas de que o universo abrange consideravelmente mais do que a nossa visão do mundo atual permite.

Mas por que razão a ciência é tão resistente ao paranormal em particular? Esta é uma questão mais difícil. Ao comentar a resistência que enfrentou em relação às suas próprias

ideias não ortodoxas sobre a saúde, o cirurgião de Yale Bernie S. Siegel, autor do livro de grande sucesso *Amor, Medicina e Milagres*, afirma que isso se deve ao facto de as pessoas serem viciadas nas suas crenças. Siegel diz que é por isso que, quando se tenta mudar a crença de alguém, essa pessoa reage como um dependente.

Parece haver muita verdade na observação de Siegel, o que talvez explique por que razão tantos dos maiores avanços e percepções da civilização foram inicialmente recebidos com uma negação tão apaixonada. Somos viciados nas nossas crenças e comportamo-nos como viciados quando alguém tenta arrancar-nos o poderoso ópio dos nossos dogmas. E, dado que a ciência ocidental dedicou vários séculos a não acreditar no paranormal, não irá abdicar da sua dependência de ânimo leve.

Tenho sorte. Sempre soube que havia mais no mundo do que aquilo que é geralmente aceite. Cresci numa família com capacidades psíquicas e, desde muito cedo, vivi em primeira mão muitos dos fenómenos que serão abordados neste livro. Ocasionalmente, e quando for relevante para o tema em discussão, relatarei algumas das minhas próprias experiências. Embora só possam ser vistas como evidência anedótica, para mim forneceram a prova mais convincente de todas de que vivemos num universo que estamos apenas a começar a compreender, e incluo-as pelo discernimento que oferecem.

Por fim, dado que o conceito holográfico continua a ser, em grande medida, uma ideia em formação e constitui um mosaico de muitos pontos de vista e peças de evidência diferentes, alguns argumentaram que não deveria ser designado como modelo ou teoria até que essas perspectivas díspares sejam integradas num todo mais unificado. Como resultado, alguns investigadores referem-se às ideias como o *paradigma holográfico*. Outros preferem *analogia holográfica*, *metáfora holográfica*, e assim por diante. Neste livro, e em nome da diversidade, utilizei todas estas expressões, incluindo *modelo holográfico* e *teoria holográfica*, mas não pretendo com isso sugerir que a ideia holográfica tenha alcançado o estatuto de modelo ou teoria no sentido mais rigoroso destes termos.

No mesmo espírito, é importante notar que, embora Bohm e Pribram sejam os originadores da ideia holográfica, não subscrevem todas as perspectivas e conclusões apresentadas neste livro. Trata-se, antes, de uma obra que examina não apenas as teorias de Bohm e Pribram, mas também as ideias e conclusões de numerosos investigadores que

foram influenciados pelo modelo holográfico e que o interpretaram à sua própria maneira, por vezes controversa.

Ao longo deste livro discuto igualmente várias ideias da física quântica, o ramo da física que estuda partículas subatômicas (elétrões, prótons, e assim por diante). Tendo escrito anteriormente sobre este tema, sei que algumas pessoas se sentem intimidadas pelo termo *física quântica* e receiam não conseguir compreender os seus conceitos. A minha experiência ensinou-me que mesmo aqueles que não conhecem matemática são capazes de compreender os tipos de ideias da física que são abordados neste livro. Não é sequer necessário ter formação científica. Tudo o que é necessário é uma mente aberta, caso lhe aconteça folhear uma página e deparar-se com um termo científico que não conhece. Mantive esse tipo de termos no mínimo e, nas ocasiões em que foi necessário usar algum, explico-o sempre antes de prosseguir com o texto.

Por isso, não tenha receio. Depois de ultrapassar o seu “medo da água”, creio que achará nadar entre as ideias estranhas e fascinantes da física quântica muito mais fácil do que imaginava. Creio também que refletir sobre algumas dessas ideias poderá até mudar a forma como olha para o mundo. Na verdade, é minha esperança que as ideias contidas nos capítulos seguintes mudem a forma como olha para o mundo. É com este desejo humilde que lhe ofereço este livro.

PARTE UM

Uma Nova e Notável Visão da Realidade

Sente-se diante do facto como uma criança pequena e esteja preparado para abandonar toda e qualquer noção preconcebida; siga humildemente, para onde quer que a Natureza conduza e até a que abismo for, ou então nada aprenderá.

— T. H. Huxley

CAPÍTULO 1

O Cérebro como Estrutura Holográfica

Não é que o mundo das aparências esteja errado; não é que não existam objetos “lá fora”, a um certo nível da realidade. O que acontece é que, se se atravessa esse nível e se observa o universo através de um sistema holográfico, chega-se a uma outra visão, a uma realidade diferente. E essa outra realidade é capaz de explicar coisas que, até agora, permaneceram cientificamente inexplicáveis: fenômenos paranormais, sincronicidades, a coincidência aparentemente significativa de acontecimentos.

— Karl Pribram,
numa entrevista à *Psychology Today*

O enigma que primeiro colocou Pribram no caminho da formulação do seu modelo holográfico foi a questão de como e onde as memórias são armazenadas no cérebro. No início da década de 1940, quando começou a interessar-se por este mistério, acreditava-se de forma geral que as memórias estavam localizadas no cérebro. Cada memória que uma pessoa possuía — como a lembrança da última vez que viu a sua avó, ou a memória do perfume de uma gardênia que cheirou quando tinha dezasseis anos

— pensava-se ter uma localização específica algures nas células cerebrais. Esses vestígios de memória eram chamados *engramas*, e embora ninguém soubesse de que era feito um engrama — se seria um neurónio ou talvez até um tipo especial de molécula — a maioria dos cientistas estava confiante de que seria apenas uma questão de tempo até que um fosse encontrado.

Havia razões para essa confiança. Investigação conduzida pelo neurocirurgião canadiano Wilder Penfield na década de 1920 oferecera provas convincentes de que memórias específicas tinham, de facto, localizações específicas no cérebro. Uma das características mais invulgares do cérebro é que o próprio órgão não sente dor diretamente. Desde que o couro cabeludo e o crânio sejam anestesiados localmente, é possível realizar cirurgia cerebral numa pessoa totalmente consciente sem causar dor.

Numa série de experiências históricas, Penfield utilizou este facto a seu favor. Enquanto operava cérebros de epiléticos, estimulava eletricamente várias áreas das suas células cerebrais. Para seu espanto, descobriu que, quando estimulava os lobos temporais (a região do cérebro situada atrás das têmporas) de um paciente plenamente consciente, este revivia memórias de episódios passados da sua vida com um detalhe vívido. Um homem reviveu subitamente uma conversa que tivera com amigos na África do Sul; um rapaz ouviu a mãe a falar ao telefone e, após várias aplicações do elétrodo de Penfield, conseguiu repetir toda a conversa; uma mulher encontrou-se na sua cozinha e conseguia ouvir o filho a brincar no exterior. Mesmo quando Penfield tentava induzir os pacientes em erro, dizendo-lhes que estava a estimular uma área

diferente quando não o estava, verificava que, ao tocar no mesmo ponto, a mesma memória era sempre evocada.

No seu livro *O Mistério da Mente*, publicado em 1975, pouco antes da sua morte, escreveu:

Ficou imediatamente evidente que não se tratava de sonhos. Eram ativações elétricas do registo sequencial da consciência, um registo que tinha sido inscrito durante a experiência anterior do paciente. O paciente “revivia” tudo aquilo de que tinha tido consciência nesse período anterior, como num “flashback”¹ cinematográfico em movimento.

A partir da sua investigação, Penfield concluiu que tudo o que alguma vez experimentámos está registado no nosso cérebro, desde cada rosto desconhecido que vislumbrámos numa multidão até cada teia de aranha que observámos em criança. Raciocinou que era por isso que memórias de tantos acontecimentos insignificantes surgiam com frequência nas suas amostras. Se a nossa memória é um registo completo até das experiências mais banais do quotidiano, é razoável assumir que uma imersão aleatória numa crónica tão vasta produziria uma grande quantidade de informação trivial.

Como jovem interno de neurocirurgia, Pribram não tinha razão para duvidar da teoria do engrama de Penfield. Mas então aconteceu algo que iria mudar o seu modo de pensar para sempre. Em 1946, foi trabalhar com o grande neuropsicólogo Karl Lashley, no Yerkes Laboratory of Primate Biology, então situado em Orange Park, na Florida. Durante mais de trinta anos, Lashley estivera

envolvido na sua própria busca contínua pelos mecanismos elusivos responsáveis pela memória, e ali Pribram pôde testemunhar em primeira mão os frutos desse trabalho. O que foi surpreendente foi que Lashley não só falhara em produzir qualquer prova da existência do engrama, como a sua investigação parecia, de facto, retirar o fundamento a todas as descobertas de Penfield.

O que Lashley fizera fora treinar ratos para executar diversas tarefas, como percorrer um labirinto. Em seguida, removia cirurgicamente várias porções dos seus cérebros e voltava a testá-los. O seu objetivo era literalmente extirpar a área do cérebro dos ratos que continha a memória da sua capacidade de correr o labirinto. Para sua surpresa, descobriu que, independentemente da porção do cérebro que removesse, não conseguia erradicar as memórias. Muitas vezes as capacidades motoras dos ratos ficavam afetadas e estes tropeçavam desajeitadamente pelos labirintos, mas mesmo com grandes porções do cérebro removidas, as suas memórias permaneciam obstinadamente intactas.

Para Pribram, estes resultados eram incríveis. Se as memórias possuísem localizações específicas no cérebro da mesma forma que os livros possuem localizações específicas nas prateleiras de uma biblioteca, por que razão as pilhagens cirúrgicas de Lashley não tinham qualquer efeito sobre elas? Para Pribram, a única resposta possível parecia ser que as memórias não estavam localizadas em sítios específicos do cérebro, mas se encontravam de alguma forma espalhadas ou distribuídas por todo o cérebro como um todo. O problema era que não conhecia nenhum mecanismo ou processo capaz de explicar tal situação.

Lashley estava ainda menos certo e escreveu mais tarde:

Por vezes sinto que, ao rever a evidência sobre a localização do vestígio da memória, a conclusão necessária é que a aprendizagem simplesmente não é possível. No entanto, apesar de tal evidência contra ela, a aprendizagem por vezes acontece².

Em 1948, Pribram foi convidado para um cargo em Yale e, antes de partir, ajudou a redigir o balanço de trinta anos da investigação monumental de Lashley.

1. O Avanço Decisivo

Em Yale, Pribram continuou a refletir sobre a ideia de que as memórias estariam distribuídas por todo o cérebro e, quanto mais pensava nisso, mais convencido ficava. Afinal, pacientes a quem tinham sido removidas porções do cérebro por razões médicas nunca sofriam a perda de memórias específicas. A remoção de uma grande secção do cérebro podia tornar a memória de um paciente globalmente difusa, mas ninguém saía de uma cirurgia com a perda seletiva de memórias concretas. De modo semelhante, indivíduos que tinham sofrido traumatismos cranianos em colisões de automóvel e outros acidentes nunca esqueciam metade da sua família ou metade de um romance que tinham lido. Mesmo a remoção de secções dos lobos temporais — a área do cérebro que tivera um papel tão proeminente na investigação de Penfield — não criava lacunas nas memórias de uma pessoa.

O pensamento de Pribram foi ainda mais consolidado pela incapacidade, tanto dele como de outros investigadores, de reproduzir os resultados de Penfield ao estimular cérebros que não fossem de epiléticos. O próprio Penfield também não conseguiu replicar os seus resultados em pacientes não epiléticos.

Apesar da evidência crescente de que as memórias estavam distribuídas, Pribram continuava sem saber como poderia o cérebro realizar um feito aparentemente tão mágico. Então, em meados da década de 1960, um artigo que leu na *Scientific American*, descrevendo a primeira construção de um holograma, atingiu-o como um relâmpago. O conceito de holografia não era apenas deslumbrante, como fornecia uma solução para o enigma com que ele vinha a debater-se.



Para compreender por que razão Pribram ficou tão entusiasmado, é necessário compreender um pouco mais sobre os hologramas. Uma das coisas que torna a holografia possível é um fenómeno conhecido como interferência. A interferência é o padrão entrecruzado que ocorre quando duas ou mais ondas — como as ondas da água — se propagam umas através das outras. Por exemplo, se deixar cair um seixo num lago, este produzirá uma série de ondas concêntricas que se expandem para fora. Se deixar cair dois seixos, obterá dois conjuntos de ondas que se expandem e atravessam mutuamente. A disposição complexa de cristas e

vales que resulta dessas colisões é conhecida como um *padrão de interferência*.

Qualquer fenómeno ondulatório pode criar um padrão de interferência, incluindo a luz e as ondas de rádio. Como a luz laser é uma forma extremamente pura e coerente de luz, é especialmente eficaz na criação de padrões de interferência. Fornece, em essência, o seixo perfeito e o lago perfeito. Como resultado, só após a invenção do laser é que os hologramas, tal como os conhecemos hoje, se tornaram possíveis.

Um holograma é produzido quando um único feixe de luz laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe é refletido no objeto a ser fotografado. Em seguida, o segundo feixe é deixado colidir com a luz refletida do primeiro. Quando isso acontece, cria-se um padrão de interferência que é então registado numa película fotográfica (ver fig. 1).

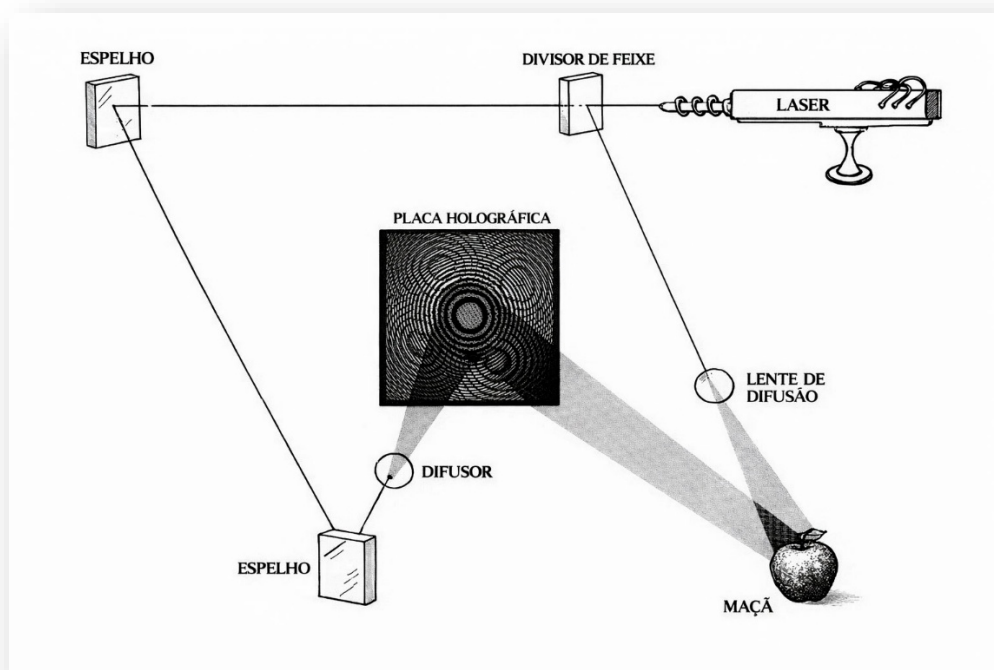


Figura 1. Um holograma é produzido quando um único feixe laser é dividido em dois feixes separados. O primeiro feixe é refletido no objeto a fotografar, neste caso, uma maçã. De seguida, o segundo feixe colide com a luz refletida do primeiro, e o padrão de interferência resultante é registado em película.

A olho nu, a imagem na película não se assemelha em nada ao objeto fotografado. Na verdade, chega mesmo a parecer-se um pouco com os anéis concêntricos que se formam quando se lança um punhado de seixos num lago (ver fig. 2).

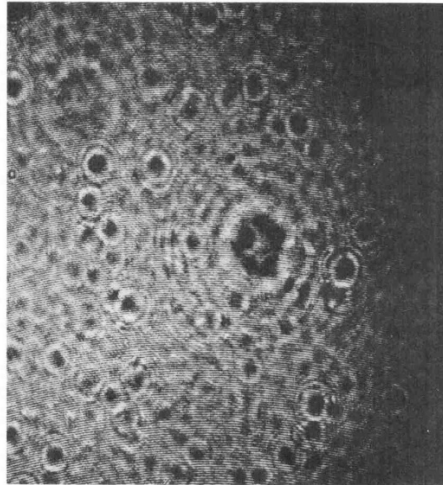


Figura 2. Um pedaço de filme holográfico contendo uma imagem codificada. A olho nu, a imagem no filme não se parece em nada com o objeto fotografado e é composta por ondulações irregulares conhecidas como padrões de interferência. No entanto, quando o filme é iluminado com outro laser, reaparece uma imagem tridimensional do objeto original.

No entanto, assim que outro feixe de laser (ou, nalguns casos, apenas uma fonte de luz intensa) é projetado através da película, reaparece uma imagem tridimensional do objeto original. A tridimensionalidade dessas imagens é muitas vezes estranhamente convincente. É possível caminhar em torno de uma projeção holográfica e observá-la de diferentes ângulos, tal como se faria com um objeto real. Contudo, se estender a mão para lhe tocar, esta atravessará a imagem sem resistência, e descobrirá que, na realidade, não há ali nada (ver fig. 3).

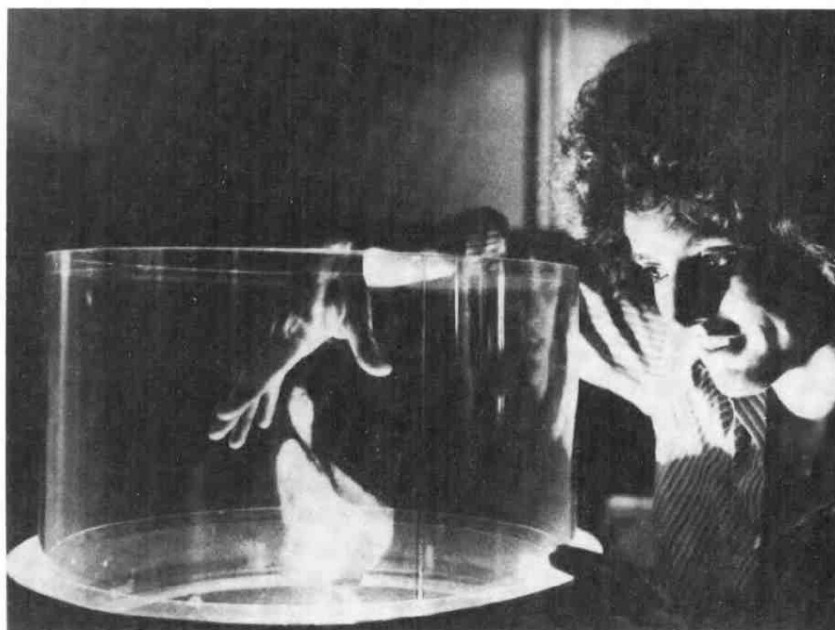


FIGURA 3. A tridimensionalidade de um holograma é muitas vezes tão assustadoramente convincente que se pode realmente andar à volta dele e vê-lo de diferentes ângulos. Mas se estender a mão e tentar tocá-lo, a sua mão simplesmente atravessá-lo-á. ["Celeste Despida. Estereograma holográfico de Peter Claudius, 1978. Fotografia de Brad Cantos, coleção do Museu de Holografia. Utilizada com autorização]

A tridimensionalidade não é o único aspeto notável dos hologramas. Se um pedaço de película holográfica contendo a imagem de uma maçã for cortado ao meio e depois iluminado por um laser, verificar-se-á que cada metade continua a conter a imagem completa da maçã. Mesmo que essas metades sejam novamente divididas, e depois outra vez, ainda assim é possível reconstruir uma maçã inteira a partir de cada pequeno fragmento da película (embora as imagens se tornem progressivamente mais difusas à medida que os fragmentos diminuem de tamanho). Ao contrário das fotografias normais, cada pequeno fragmento de uma

película holográfica contém toda a informação registada no todo (ver fig. 4).*

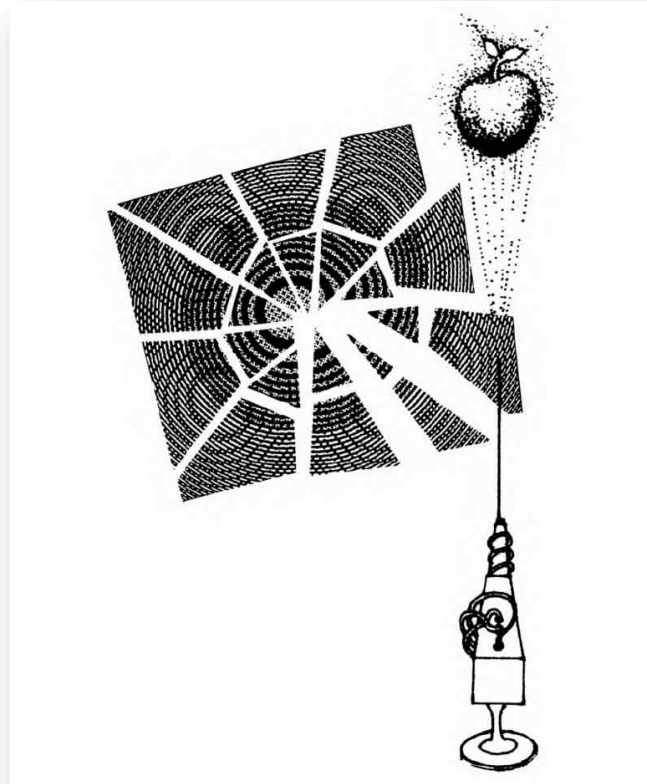


Figura 4. Ao contrário das fotografias normais, cada porção de um filme holográfico contém toda a informação do todo. Assim, se uma placa holográfica for quebrada em fragmentos, cada pedaço poderá ainda ser utilizado para reconstruir a imagem completa.

Foi precisamente esta característica que tanto entusiasmou Pribram, pois oferecia finalmente uma forma de compreender como as memórias poderiam estar distribuídas, em vez de localizadas, no

* É importante notar que esta característica surpreendente é comum apenas a pedaços de película holográfica cujas imagens são invisíveis a olho nu. Se comprar um pedaço de película holográfica (ou um objeto que contenha um pedaço de película holográfica) numa loja e conseguir ver nele uma imagem tridimensional sem qualquer tipo de iluminação especial, não o corte ao meio. Só ficará com pedaços da imagem original.

cérebro. Se era possível que cada porção de uma película holográfica contivesse toda a informação necessária para criar uma imagem completa, então parecia igualmente possível que cada parte do cérebro contivesse toda a informação necessária para evocar uma memória inteira.

2. A Visão Também é Organizada de Forma Holográfica

A memória não é a única coisa que o cérebro poderá processar de forma holográfica. Outra das descobertas de Lashley foi que os centros visuais do cérebro eram também surpreendentemente resistentes à excisão cirúrgica. Mesmo depois de remover até 90% do córtex visual de um rato (a parte do cérebro que recebe e interpreta aquilo que o olho vê), verificou que este continuava a ser capaz de executar tarefas que exigiam competências visuais complexas. De modo semelhante, investigação conduzida por Karl Pribram revelou que até 98% dos nervos ópticos de um gato podem ser seccionados sem comprometer seriamente a sua capacidade de realizar tarefas visuais complexas.³

Tal situação equivaleria a acreditar que um público poderia continuar a apreciar um filme mesmo depois de 90% do ecrã de cinema ter desaparecido, e os seus experimentos voltavam a colocar um sério desafio à compreensão padrão de como a visão funciona. Segundo a teoria dominante da época, existia uma correspondência direta, um-para-um, entre a imagem que o olho vê e a forma como essa imagem é representada no cérebro. Por

outras palavras, quando olhamos para um quadrado, acreditava-se que a atividade elétrica no nosso córtex visual também possuiria a forma de um quadrado (ver fig. 5).

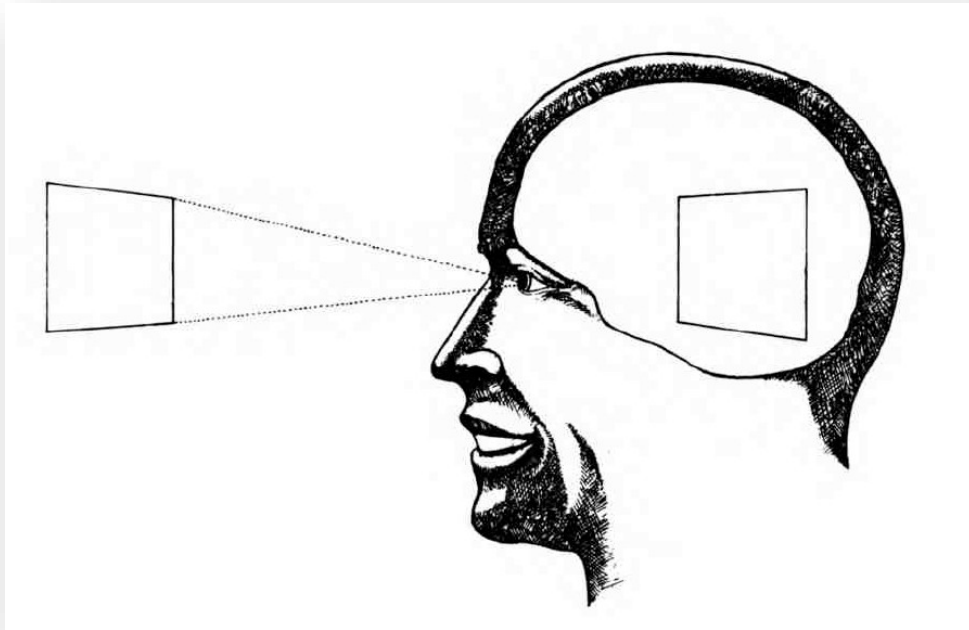


Figura 5. Os teóricos da visão acreditavam que existia uma correspondência direta entre a imagem vista pelo olho e a forma como essa imagem é representada no cérebro. Pribram descobriu que isso não é verdade.

Embora resultados como os de Lashley parecessem desferir um golpe mortal nesta ideia, Pribram não ficou satisfeito. Enquanto esteve em Yale, concebeu uma série de experiências para resolver a questão e passou os sete anos seguintes a medir cuidadosamente a atividade elétrica nos cérebros de macacos enquanto estes executavam várias tarefas visuais. Descobriu que não só não existia qualquer correspondência direta desse tipo, como nem sequer havia um padrão discernível na sequência com que os elétrodos disparavam. Sobre os seus resultados escreveu:

Estes resultados experimentais são incompatíveis com a visão de que uma imagem de tipo fotográfico é projetada sobre a superfície cortical.⁴

Mais uma vez, a resistência que o córtex visual demonstrava à excisão cirúrgica sugeria que, tal como a memória, a visão também era distribuída. Depois de Pribram tomar conhecimento da holografia, começou a interrogar-se se a visão não seria igualmente holográfica. A natureza de “o todo em cada parte” de um holograma parecia, de facto, explicar como era possível remover uma porção tão grande do córtex visual sem afetar a capacidade de executar tarefas visuais. Se o cérebro processasse informação recorrendo a uma organização hologrâmica interna, mesmo um fragmento muito pequeno desse holograma poderia ainda reconstruir a totalidade daquilo que os olhos estavam a ver. Isto explicava também a ausência de qualquer correspondência direta, um-para-um, entre o mundo exterior e a atividade elétrica do cérebro. Mais uma vez, se o cérebro utilizasse princípios hologrâmicos para processar informação visual, não existiria mais correspondência direta entre a atividade elétrica e as imagens vistas do que existe entre o turbilhão aparentemente sem sentido dos padrões de interferência numa película holográfica e a imagem que essa película codifica.

A única questão que permanecia era saber que fenómeno ondulatório poderia o cérebro estar a utilizar para criar tais hologramas internos. Assim que Pribram considerou a questão, ocorreu-lhe uma possível resposta. Era sabido que as comunicações elétricas que ocorrem entre as células nervosas do cérebro, ou neurónios, não acontecem de forma isolada. Os neurónios possuem ramificações semelhantes a pequenas árvores e, quando uma

mensagem elétrica atinge a extremidade de um desses ramos, irradia para fora, tal como as ondulações num lago. Como os neurónios estão densamente compactados, essas ondulações elétricas em expansão — também elas um fenómeno ondulatório — cruzam-se constantemente umas com as outras. Quando Pribram se recordou deste facto, apercebeu-se de que estavam, com toda a certeza, a criar uma matriz quase infinita e caleidoscópica de padrões de interferência, e que estes poderiam ser precisamente aquilo que confere ao cérebro as suas propriedades hologrâmicas.

O princípio holográfico sempre esteve presente no cérebro, porque a comunicação entre as células cerebrais ocorre sob a forma de frentes de onda que se propagam e interferem entre si,

observou Karl Pribram.

Simplesmente não tivemos a perspicácia necessária para o reconhecer.⁵

3. Outros Enigmas Explicados pelo Modelo do Cérebro Holográfico

Pribram publicou o seu primeiro artigo sobre a possível natureza holográfica do cérebro em 1966 e continuou a desenvolver e a refinar as suas ideias ao longo dos anos seguintes. À medida que o fazia — e à medida que outros investigadores tomavam conhecimento da sua teoria — tornou-se rapidamente claro que a natureza distribuída da memória e da visão não é o único enigma neurofisiológico que o modelo holográfico é capaz de explicar.

2.1 A Vastidão da Nossa Memória

A holografia explica também como os nossos cérebros conseguem armazenar tantas memórias em tão pouco espaço. O brilhante físico e matemático de origem húngara John von Neumann calculou uma vez que, ao longo da vida média de um ser humano, o cérebro armazena algo da ordem de $2,8 \times 10^{20}$ (280 000 000 000 000 000 000) bits de informação. Trata-se de uma quantidade assombrosa de informação, e os investigadores do cérebro têm-se debatido há muito tempo com a dificuldade de encontrar um mecanismo que explique uma capacidade tão vasta.

Curiosamente, os hologramas possuem também uma capacidade extraordinária de armazenamento de informação. Alterando o ângulo com que dois feixes laser incidem sobre uma película fotográfica, é possível registar muitas imagens diferentes na mesma superfície. Qualquer imagem assim registada pode ser recuperada simplesmente iluminando a película com um feixe laser que possua o mesmo ângulo dos dois feixes originais. Utilizando este método, os investigadores calcularam que uma área de película com uma polegada quadrada pode armazenar a mesma quantidade de informação contida em cinquenta Bíblias!⁶

2.2 A Nossa Capacidade de Recordar e de Esquecer

Películas holográficas que contêm múltiplas imagens, como as descritas acima, fornecem também uma forma de compreender a nossa capacidade tanto de recordar como de esquecer. Quando uma dessas películas é colocada num feixe laser e inclinada para a frente

e para trás, as várias imagens que contém surgem e desaparecem num fluxo cintilante. Sugeriu-se que a nossa capacidade de recordar é análoga a projetar um feixe laser sobre esse tipo de película e fazer surgir uma imagem específica. Do mesmo modo, quando somos incapazes de nos lembrar de algo, isso pode ser equivalente a projetar vários feixes sobre uma película de múltiplas imagens, mas sem conseguir encontrar o ângulo correto que permita evocar a imagem — ou a memória — que procuramos.

2.3 Memória Associativa

Em *Swann's Way*, de Marcel Proust, um gole de chá e uma dentada num pequeno bolo em forma de concha, conhecido como *petite madeleine*, fazem com que o narrador se veja subitamente inundado por memórias do seu passado. No início fica perplexo, mas depois, lentamente e com muito esforço, recorda-se de que a sua tia costumava dar-lhe chá e madeleines quando era pequeno, sendo essa associação que despertou a sua memória. Todos nós tivemos experiências semelhantes — o aroma de um determinado alimento a ser preparado, ou a visão fugaz de um objeto há muito esquecido — que evocam subitamente uma cena do nosso passado.

A ideia hologrâmica oferece uma analogia adicional para as tendências associativas da memória. Esta é ilustrada por outro tipo de técnica de registo holográfico. Primeiro, a luz de um único feixe laser é refletida simultaneamente por dois objetos, por exemplo, uma poltrona e um cachimbo. A luz refletida por cada objeto é depois deixada colidir, e o padrão de interferência resultante é registado numa película. Posteriormente, sempre que a poltrona é

iluminada com luz laser e a luz refletida por ela é feita passar através da película, surge uma imagem tridimensional do cachimbo. Inversamente, quando o mesmo procedimento é realizado com o cachimbo, aparece um holograma da poltrona. Assim, se os nossos cérebros funcionarem hologramicamente, um processo semelhante poderá ser responsável pela forma como certos objetos evocam memórias específicas do nosso passado.

2.4 A Nossa Capacidade de Reconhecer Coisas Familiares

À primeira vista, a nossa capacidade de reconhecer coisas familiares pode não parecer particularmente invulgar, mas os investigadores do cérebro compreenderam há muito que se trata de uma aptidão bastante complexa. Por exemplo, a certeza absoluta que sentimos quando identificamos um rosto familiar numa multidão de várias centenas de pessoas não é apenas uma emoção subjetiva; parece resultar de uma forma extremamente rápida e fiável de processamento de informação no cérebro.

Num artigo publicado em 1970 na revista científica britânica *Nature*, o físico Pieter van Heerden propôs que um tipo de holografia conhecido como *holografia de reconhecimento* oferece uma forma de compreender esta capacidade.* Na holografia de reconhecimento, uma imagem holográfica de um objeto é registada da forma habitual, com a diferença de que o feixe laser é refletido por um tipo especial de espelho, conhecido como espelho de

* Van Heerden, investigador dos Laboratórios de Investigação Polaroid em Cambridge, Massachusetts, propôs a sua própria versão de uma teoria holográfica da memória em 1963, mas o seu trabalho passou relativamente despercebido.

focalização, antes de incidir sobre a película não exposta. Se um segundo objeto, semelhante, mas não idêntico ao primeiro, for iluminado por luz laser e essa luz for refletida pelo espelho e projetada sobre a película já revelada, surgirá um ponto luminoso intenso na película. Quanto mais brilhante e definido for esse ponto de luz, maior é o grau de semelhança entre o primeiro e o segundo objetos. Se os dois objetos forem completamente diferentes, não surgirá qualquer ponto de luz. Colocando uma fotocélula sensível à luz atrás da película holográfica, é possível utilizar este dispositivo como um sistema mecânico de reconhecimento.⁷

Uma técnica semelhante, conhecida como *holografia de interferência*, pode também explicar como conseguimos reconhecer tanto os aspetos familiares como os aspetos novos de uma imagem, como o rosto de alguém que não vemos há muitos anos. Nesta técnica, um objeto é observado através de uma película holográfica que contém a sua imagem. Quando isso acontece, qualquer característica do objeto que tenha mudado desde o momento em que a imagem foi originalmente registada refletirá a luz de forma diferente. A pessoa que observa através da película apercebe-se instantaneamente tanto daquilo que mudou como daquilo que permaneceu igual. A técnica é tão sensível que até a pressão de um dedo sobre um bloco de granito se torna imediatamente visível, e o processo revelou ter aplicações práticas na indústria de ensaio de materiais.⁸

2.5 Memória Fotográfica

Em 1972, os investigadores da visão de Harvard Daniel Pollen e Michael Trachtenberg propuseram que a teoria do cérebro holográfico poderia explicar por que razão algumas pessoas possuem memória fotográfica (também conhecida como *memória eidética*). Tipicamente, indivíduos com memória fotográfica passam alguns instantes a examinar a cena que desejam memorizar. Quando querem voltar a vê-la, “projetam” uma imagem mental dessa cena, quer com os olhos fechados, quer enquanto olham para uma parede ou ecrã em branco. Num estudo de uma dessas pessoas — uma professora de história da arte de Harvard chamada Elizabeth — Pollen e Trachtenberg descobriram que as imagens mentais que ela projetava eram tão reais que, quando lia uma imagem de uma página do *Faust de Goethe*, os seus olhos moviam-se como se estivesse a ler uma página verdadeira.

Observando que a imagem armazenada num fragmento de película holográfica se torna mais difusa à medida que o fragmento se torna menor, Pollen e Trachtenberg sugerem que talvez essas pessoas tenham memórias mais vívidas porque, de algum modo, conseguem aceder a regiões muito extensas dos seus hologramas de memória. Inversamente, talvez a maioria de nós tenha memórias muito menos vívidas porque o nosso acesso se limita a regiões menores desses hologramas de memória.⁹

2.6 A Transferência de Competências Aprendidas

Pribram acredita que o modelo holográfico também lança luz sobre a nossa capacidade de transferir competências aprendidas de uma parte do corpo para outra. Enquanto lê este livro, tente traçar o seu primeiro nome no ar com o cotovelo esquerdo. Provavelmente descobrirá que isto é relativamente fácil, apesar de, muito provavelmente, nunca o ter feito antes. Pode não lhe parecer uma capacidade surpreendente, mas, na visão clássica segundo a qual várias áreas do cérebro (como a área que controla os movimentos do cotovelo) estão “ligadas de forma rígida”, ou só conseguem executar tarefas depois de uma aprendizagem repetitiva ter estabelecido as ligações neuronais adequadas, isto constitui um enigma. Pribram salienta que o problema se torna muito mais tratável se o cérebro converter todas as suas memórias — incluindo memórias de competências aprendidas, como a escrita — numa linguagem de formas de onda interferentes. Um cérebro assim seria muito mais flexível e conseguiria reorganizar a informação armazenada com a mesma facilidade com que um pianista experiente transpõe uma música de uma tonalidade para outra.

Essa mesma flexibilidade pode explicar a forma como conseguimos reconhecer um rosto familiar independentemente do ângulo a partir do qual o observamos. Mais uma vez, quando o cérebro memoriza um rosto (ou qualquer outro objeto ou cena) e o converte numa linguagem de formas de onda, pode, num certo sentido, rodar esse holograma interno e examiná-lo a partir de qualquer perspectiva que deseje.

2.7 Sensações de Membros Fantasma e Como Construimos um “Mundo-Lá-Fora”

Para a maioria de nós é óbvio que os nossos sentimentos de amor, fome, raiva, e assim por diante, são realidades internas, enquanto o som de uma orquestra a tocar, o calor do sol, o cheiro do pão a cozer, etc., são realidades externas. O que não é tão claro é como o cérebro nos permite distinguir entre umas e outras. Por exemplo, Pribram chama a atenção para o facto de que, quando olhamos para uma pessoa, a imagem dessa pessoa está, na realidade, projetada na superfície das nossas retinas. No entanto, não a percebemos como estando nas retinas. Percebemo-la como estando no “mundo-lá-fora”. De modo semelhante, quando damos uma pancada com o dedo do pé, sentimos a dor no dedo do pé. Mas a dor não está, de facto, no dedo do pé. Trata-se, na realidade, de um processo neurofisiológico que ocorre algures no cérebro. Como consegue então o cérebro pegar na multiplicidade de processos neurofisiológicos que se manifestam como a nossa experiência — todos eles internos — e iludir-nos ao ponto de pensarmos que alguns são internos e outros estão localizados para lá dos limites da nossa matéria cinzenta?

Criar a ilusão de que as coisas estão localizadas onde, na realidade, não estão é a característica por excelência de um holograma. Como já foi referido, quando se observa um holograma, ele parece ter extensão no espaço, mas se passar a mão através dele descobrirá que não há ali nada. Apesar do que os sentidos indicam, nenhum instrumento detetará a presença de qualquer energia ou substância anómala no local onde o holograma parece

flutuar. Isto acontece porque um holograma é uma imagem virtual, uma imagem que parece estar onde não está, e que não possui mais extensão no espaço do que a imagem tridimensional que vê de ti próprio quando se olha ao espelho. Tal como a imagem no espelho está localizada no revestimento prateado da sua face posterior, a localização real de um holograma está sempre na emulsão fotográfica à superfície da película que o regista.

Mais evidências de que o cérebro é capaz de nos iludir, levando-nos a pensar que processos internos estão localizados fora do corpo, provêm do fisiologista Georg von Békésy, vencedor do Prémio Nobel. Numa série de experiências realizadas no final da década de 1960, Békésy colocou vibradores nos joelhos de voluntários vendados. Em seguida, variou as frequências de vibração dos dispositivos. Ao fazê-lo, descobriu que conseguia levar os participantes a sentir que uma fonte pontual de vibração saltava de um joelho para o outro. Descobriu ainda que conseguia fazê-los sentir essa fonte pontual de vibração no espaço *entre* os joelhos. Em suma, demonstrou que os seres humanos têm a capacidade de experimentar sensações em localizações espaciais onde não possuem absolutamente quaisquer recetores sensoriais.¹⁰

Pribram considera que o trabalho de Békésy é compatível com a perspectiva holográfica e lança luz adicional sobre a forma como frentes de onda interferentes — ou, no caso de Békésy, fontes interferentes de vibração física — permitem ao cérebro localizar algumas das suas experiências para além dos limites físicos do corpo. Ele considera que este mesmo processo poderá também explicar o fenómeno do membro fantasma, isto é, a sensação

experimentada por alguns amputados de que um braço ou uma perna ausente ainda está presente. Essas pessoas sentem frequentemente câibras, dores e formigueiros estranhamente realistas nesses membros fantasma, mas talvez aquilo que estejam a experimentar seja a memória hologrâmica do membro, ainda registada nos padrões de interferência existentes no cérebro.

3. Apoio Experimental ao Modelo do Cérebro Hologrâmico

Para Pribram, as numerosas semelhanças entre cérebros e hologramas eram profundamente sugestivas, mas ele sabia que a sua teoria nada valeria se não fosse sustentada por evidência empírica mais sólida. Um dos investigadores que forneceu esse tipo de evidência foi o biólogo da Universidade de Indiana Paul Pietsch. Curiosamente, Pietsch começou como um descrente convicto da teoria de Pribram. Era particularmente cético em relação à afirmação de que as memórias não possuem qualquer localização específica no cérebro.

Com o objetivo de provar que Pribram estava errado, Pietsch concebeu uma série de experiências e escolheu salamandras como sujeitos experimentais. Em estudos anteriores, tinha descoberto que conseguia remover o cérebro de uma salamandra sem a matar e que, embora o animal permanecesse num estado de torpor enquanto o cérebro estivesse ausente, o seu comportamento regressava completamente ao normal assim que o cérebro era recolocado.

Pietsch raciocinou que, se o comportamento alimentar de uma salamandra não estivesse confinado a uma localização específica no cérebro, então a posição do cérebro dentro da cabeça não deveria ter qualquer importância. Se tivesse, a teoria de Pribram estaria refutada. Assim, inverteu os hemisférios esquerdo e direito do cérebro de uma salamandra, mas, para seu desapontamento, assim que recuperou, o animal retomou rapidamente o comportamento alimentar normal.

Pegou então noutra salamandra e virou-lhe o cérebro ao contrário. Quando recuperou, esta também se alimentava normalmente. Cada vez mais frustrado, decidiu recorrer a medidas mais drásticas. Numa série de mais de setecentas operações, cortou, inverteu, baralhou, subtraiu e até triturou os cérebros dos seus infelizes sujeitos experimentais; contudo, sempre que recolocava aquilo que restava dos cérebros, o comportamento dos animais regressava ao normal.¹¹

Estas descobertas, juntamente com outras, converteram Pietsch num defensor da teoria e atraíram atenção suficiente para que a sua investigação fosse apresentada num segmento do programa televisivo *60 Minutes*. Pietsch descreve esta experiência, bem como apresenta relatos detalhados das suas experiências, no seu livro perspicaz *Shufflebrain (Embaralhar Cérebros)*.

4. A Linguagem Matemática do Holograma

Embora as teorias que tornaram possível o desenvolvimento do holograma tenham sido formuladas pela primeira vez em 1947 por Dennis Gabor (que viria mais tarde a receber o Prémio Nobel pelo seu trabalho), foi no final da década de 1960 e no início da de 1970 que a teoria de Pribram recebeu um apoio experimental ainda mais convincente. Quando Gabor concebeu pela primeira vez a ideia da holografia, não estava a pensar em lasers. O seu objetivo era melhorar o microscópio eletrónico, então um instrumento primitivo e imperfeito. A sua abordagem foi essencialmente matemática, e a matemática que utilizou foi um tipo de cálculo desenvolvido por um francês do século XVIII chamado Jean B. J. Fourier.

De forma aproximada, o que Fourier desenvolveu foi um método matemático para converter qualquer padrão, por mais complexo que fosse, numa linguagem de ondas simples. Demonstrou também como essas formas de onda podiam ser reconvertidas no padrão original. Por outras palavras, tal como uma câmara de televisão converte uma imagem em frequências eletromagnéticas e um televisor reconverte essas frequências na imagem original, Fourier mostrou como um processo análogo podia ser realizado matematicamente. As equações que desenvolveu para converter imagens em formas de onda e vice-versa são conhecidas como *transformadas de Fourier*.

As transformadas de Fourier permitiram a Gabor converter a imagem de um objeto na mancha de padrões de interferência registada numa película holográfica. Permitiram-lhe também

conceber uma forma de reconverter esses padrões de interferência numa imagem do objeto original. De facto, a propriedade peculiar de “o todo em cada parte” característica de um holograma é um dos subprodutos que surgem quando uma imagem ou padrão é traduzido para a linguagem de formas de onda de Fourier.

Ao longo do final da década de 1960 e início da de 1970, vários investigadores contataram Pribram para lhe comunicar que tinham encontrado evidências de que o sistema visual funcionava como um tipo de analisador de frequências. Uma vez que a frequência é uma medida do número de oscilações que uma onda realiza por segundo, isto sugeria fortemente que o cérebro poderia estar a funcionar de modo análogo ao de um holograma.

Contudo, só em 1979 é que os neurofisiologistas da Universidade da Califórnia em Berkeley, Russell e Karen DeValois, fizeram a descoberta que veio clarificar definitivamente a questão. Investigações realizadas na década de 1960 tinham mostrado que cada célula cerebral do córtex visual está ajustada para responder a um padrão diferente — algumas disparam quando os olhos veem uma linha horizontal, outras quando veem uma linha vertical, e assim sucessivamente. Em consequência, muitos investigadores concluíram que o cérebro recolhe informação dessas células altamente especializadas, designadas *detetores de características*, e de algum modo as integra para nos fornecer as perceções visuais do mundo.

Apesar da popularidade desta perspetiva, os DeValois consideravam que ela representava apenas uma verdade parcial.

Para testar a sua hipótese, utilizaram as equações de Fourier para converter padrões axadrezados e em grelha em formas de onda simples. Em seguida, analisaram a forma como as células cerebrais do córtex visual respondiam a essas novas imagens em forma de onda. O que descobriram foi que as células cerebrais não respondiam aos padrões originais, mas sim às traduções de Fourier desses padrões. Apenas uma conclusão era possível: o cérebro estava a utilizar matemática de Fourier — a mesma matemática empregue na holografia — para converter imagens visuais na linguagem de formas de onda de Fourier.¹²

A descoberta dos DeValois foi posteriormente confirmada por numerosos outros laboratórios em todo o mundo e, embora não constituísse uma prova absoluta de que o cérebro funciona como um holograma, forneceu evidência suficiente para convencer Pribram de que a sua teoria estava correta. Impulsionado pela ideia de que o córtex visual responde não a padrões enquanto tais, mas às frequências de diversas formas de onda, começou a reavaliar o papel que a frequência desempenha nos outros sentidos.

Não demorou muito a perceber que a importância desse papel tinha sido talvez subestimada pelos cientistas do século XX. Mais de um século antes da descoberta dos DeValois, o fisiologista e físico alemão Hermann von Helmholtz já tinha demonstrado que o ouvido funciona como um analisador de frequências. Investigações mais recentes revelaram que o nosso sentido do olfato parece basear-se no que são designadas *frequências osméticas*. O trabalho de Georg von Békésy demonstrara claramente que a nossa pele é sensível a frequências de vibração, tendo ele produzido inclusive algumas

evidências de que o paladar pode também envolver análise de frequências. Curiosamente, Békésy descobriu ainda que as equações matemáticas que lhe permitiam prever a forma como os seus sujeitos responderiam a diferentes frequências de vibração pertenciam igualmente ao domínio da matemática de Fourier.

5. O Dançarino como Forma de Onda

Mas talvez a descoberta mais surpreendente revelada por Pribram tenha sido a do cientista russo Nikolai Bernstein, segundo a qual até os nossos movimentos físicos podem estar codificados no cérebro numa linguagem de formas de onda de Fourier. Na década de 1930, Bernstein vestiu várias pessoas com fatos justos pretos e pintou pontos brancos nos seus cotovelos, joelhos e outras articulações. Em seguida, colocou-as diante de fundos igualmente pretos e filmou-as enquanto realizavam diversas atividades físicas, como dançar, caminhar, saltar, martelar e escrever à máquina.

Quando revelou o filme, apenas os pontos brancos eram visíveis, movendo-se para cima, para baixo e através do ecrã em movimentos complexos e fluidos (ver fig. 6). Para quantificar os seus resultados, Bernstein submeteu à análise de Fourier as várias linhas descritas pelos pontos e converteu-as numa linguagem de formas de onda. Para seu espanto, descobriu que essas formas de onda continham padrões ocultos que lhe permitiam prever o movimento seguinte dos sujeitos com uma precisão de uma fração de polegada.



Figura 6. O investigador russo Nikolai Bernstein pintou pontos brancos em bailarinos e filmou-os a dançar sobre um fundo preto. Ao converter os seus movimentos numa linguagem de ondas, descobriu que podiam ser analisados usando a matemática de Fourier, a mesma matemática que Gabor usou para inventar o holograma.

Quando Pribram tomou contato com o trabalho de Bernstein, reconheceu imediatamente as suas implicações. Talvez a razão pela qual surgiam padrões ocultos após a análise de Fourier dos movimentos dos sujeitos fosse precisamente o facto de ser dessa forma que os movimentos estão armazenados no cérebro. Esta possibilidade era entusiasmante, pois, se o cérebro analisa os movimentos decompondo-os nos seus componentes de frequência, isso explicaria a rapidez com que aprendemos muitas tarefas físicas complexas. Por exemplo, não aprendemos a andar de bicicleta memorizando laboriosamente cada pequeno detalhe do processo. Aprendemos captando o movimento fluido como um todo. A totalidade fluida que caracteriza a forma como aprendemos tantas atividades físicas é difícil de explicar se o cérebro estiver a

armazenar informação de modo fragmentado, elemento a elemento. Torna-se, porém, muito mais fácil de compreender se o cérebro estiver a submeter essas tarefas a uma análise de Fourier e a assimilá-las como totalidades integradas.

6. A Reação da Comunidade Científica

Apesar de tais evidências, o modelo hologrâmico de Pribram continua a ser extremamente controverso. Parte do problema reside no facto de existirem muitas teorias populares sobre o funcionamento do cérebro, e de haver evidência empírica a apoiar praticamente todas elas. Alguns investigadores acreditam que a natureza distribuída da memória pode ser explicada pelo fluxo e refluxo de diversos químicos cerebrais. Outros defendem que as flutuações elétricas entre grandes grupos de neurónios são suficientes para explicar a memória e a aprendizagem. Cada uma destas escolas de pensamento tem os seus defensores fervorosos e, provavelmente, é seguro afirmar que a maioria dos cientistas permanece pouco convencida pelos argumentos de Pribram. Por exemplo, o neuropsicólogo Frank Wood, da Bowman Gray School of Medicine, em Winston-Salem, Carolina do Norte, considera que «existem muito poucos resultados experimentais para os quais a hologramia seja a explicação necessária, ou sequer preferível».¹³ Pribram mostra-se perplexo com afirmações como a de Wood e responde observando que tem atualmente um livro em fase de publicação com bem mais de quinhentas referências a dados desse tipo.

Outros investigadores concordam com Pribram. O Dr. Larry Dossey, antigo diretor clínico do Medical City Dallas Hospital, admite que a teoria de Pribram desafia muitas suposições de longa data sobre o cérebro, mas salienta que «muitos especialistas no funcionamento cerebral sentem-se atraídos pela ideia, nem que seja apenas pelas gritantes insuficiências das perspectivas ortodoxas atualmente dominantes».¹⁴

O neurologista Richard Restak, autor da série da PBS The Brain, partilha da opinião de Dossey. Observa que, apesar da evidência esmagadora de que as capacidades humanas estão distribuídas de forma holística por todo o cérebro, a maioria dos investigadores continua a apegar-se à ideia de que as funções podem ser localizadas no cérebro da mesma forma que as cidades podem ser localizadas num mapa. Restak acredita que as teorias baseadas nessa premissa não são apenas «excessivamente simplistas», mas funcionam efetivamente como «coletes de forças conceptuais» que nos impedem de reconhecer a verdadeira complexidade do cérebro.¹⁵ Na sua perspetiva, «um holograma não é apenas possível como, neste momento, representa provavelmente o nosso melhor “modelo” do funcionamento cerebral».¹⁶

CAPÍTULO 2

O Cosmos como Holograma

É impossível não ficar maravilhado com o grau em que [Bohm] conseguiu libertar-se dos moldes rígidos do condicionamento científico e afirmar-se sozinho com uma ideia completamente nova e, literalmente, vasta — uma ideia que possui coerência interna e o poder lógico para explicar fenômenos muito diversos da experiência física a partir de um ponto de vista inteiramente inesperado. [...] Trata-se de uma teoria tão intuitivamente satisfatória que muitas pessoas sentiram que, se o universo não for da forma como Bohm o descreve, então deveria sê-lo.

— John P. Briggs e F. David Peat
Looking Glass Universe

O percurso que conduziu Bohm à convicção de que o universo está estruturado como um holograma começou no limite extremo da matéria, no mundo das partículas subatômicas. O seu interesse pela ciência e pelo modo como as coisas funcionam manifestou-se cedo. Em criança, enquanto crescia em Wilkes-Barre, na Pensilvânia, inventou um bule de chá que não pingava, e o seu pai, um empresário bem-sucedido, incentivou-o a tentar obter lucro com a ideia. Contudo, ao descobrir que o primeiro passo para tal

empreendimento consistia em realizar um inquérito porta-a-porta para testar o mercado da invenção, o interesse de Bohm pelos negócios esmoreceu.¹

O seu interesse pela ciência, porém, não diminuiu. Pelo contrário, a sua curiosidade prodigiosa impeliu-o a procurar novos patamares a conquistar. Encontrou o mais desafiante de todos na década de 1930, quando frequentou o Pennsylvania State College, pois foi aí que se sentiu, pela primeira vez, profundamente fascinado pela física quântica.

É fácil compreender essa fascinação. A terra estranha que os físicos descobriram no coração do átomo continha coisas mais maravilhosas do que tudo aquilo que Cortés ou Marco Polo alguma vez encontraram. O que tornava esse novo mundo tão intrigante era o facto de tudo nele parecer contrariar o senso comum. Assemelhava-se mais a um território governado pela feitiçaria do que a uma extensão do mundo natural — um verdadeiro País das Maravilhas, à semelhança de Alice no País das Maravilhas, onde forças desconcertantes eram a norma e toda a lógica parecia ter sido virada do avesso.

Uma das descobertas mais surpreendentes feitas pelos físicos quânticos foi a de que, ao dividir a matéria em partes cada vez menores, se chega inevitavelmente a um ponto em que essas partes — eletrões, prótons, e assim por diante — deixam de possuir as características de objetos. Por exemplo, a maioria de nós tende a imaginar um eletrão como uma pequena esfera ou um projétil minúsculo em movimento rápido, mas nada poderia estar mais

longe da verdade. Embora um eletrão possa, por vezes, comportar-se como se fosse uma partícula compacta, os físicos descobriram que *ele não possui literalmente qualquer dimensão*. Isto é difícil de conceber, pois tudo ao nosso nível de existência possui dimensão. E, no entanto, se tentar medir a largura de um eletrão, descobrirá que tal tarefa é impossível. Um eletrão simplesmente não é um objeto no sentido habitual.

Outra descoberta foi a de que um eletrão pode manifestar-se tanto na forma de partícula como na forma de onda. Se um eletrão for disparado contra o ecrã de um televisor desligado, surgirá um pequeno ponto de luz quando ele atinge os compostos fosforescentes que revestem o vidro. O ponto único de impacto deixado pelo eletrão revela claramente o aspeto corpuscular da sua natureza.

Mas esta não é a única forma que o eletrão pode assumir. Ele pode também dissolver-se numa nuvem difusa de energia e comportar-se como se fosse uma onda espalhada pelo espaço. Quando um eletrão se manifesta como onda, pode fazer coisas que nenhuma partícula consegue. Se for lançado contra uma barreira com duas fendas, pode atravessar simultaneamente ambas as fendas. Quando eletrões com comportamento ondulatório colidem entre si, chegam mesmo a criar padrões de interferência. O eletrão, tal como um metamorfoseador das lendas, pode manifestar-se ora como partícula, ora como onda.

Esta capacidade camaleónica é comum a todas as partículas subatómicas. É também comum a tudo aquilo que antes se pensava

manifestar-se exclusivamente como onda. A luz, os raios gama, as ondas de rádio, os raios X — todos podem alternar entre comportamento ondulatório e corpuscular. Hoje, os físicos acreditam que os fenômenos subatômicos não devem ser classificados apenas como ondas ou como partículas, mas como uma única categoria de entidades que são sempre, de algum modo, ambas as coisas. Essas entidades são chamadas quanta, e acredita-se que constituem a matéria-prima fundamental de todo o universo.*

Talvez o mais espantoso de tudo seja a existência de evidência convincente de que *os quanta apenas se manifestam como partículas quando estão a ser observados*. Por exemplo, quando um elétron não está a ser observado, os resultados experimentais sugerem que ele se comporta sempre como onda. Os físicos conseguem chegar a esta conclusão porque desenvolveram estratégias engenhosas para inferir o comportamento de um elétron quando não está sob observação (importa notar que esta é apenas uma das interpretações possíveis dos dados e não é aceite por todos os físicos; como veremos, o próprio Bohm tem uma interpretação diferente).

Mais uma vez, isto parece mais magia do que o tipo de comportamento que estamos habituados a esperar do mundo natural. Imagine possuir uma bola de bowling que só fosse

* *Quanta* é o plural de quantum. Um elétron é um *quantum*. Vários elétrões formam um grupo de quanta. A palavra *quantum* é também sinónimo de partícula-onda, termo que também é utilizado para se referir a algo que possui aspetos tanto de partícula como de onda.

realmente uma bola de bowling quando olhasse para ela. Se espalhasse pó de talco por uma pista e lançasse essa “bola quântica” em direção aos pinos, ela traçaria uma linha única no pó enquanto estivesse a observá-la. Mas se piscasse os olhos durante o percurso, descobriria que, durante o segundo ou dois em que não a estava a observar, a bola deixava de traçar uma linha definida e passava a deixar uma faixa ondulante e larga, semelhante ao rasto sinuoso que uma serpente do deserto deixa ao deslizar lateralmente sobre a areia (ver fig. 7).

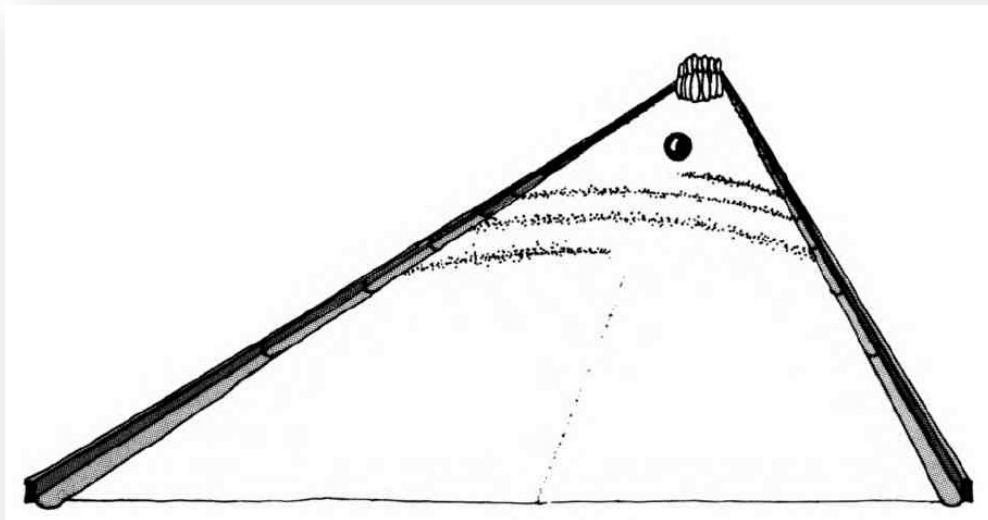


Figura 7. Os físicos encontraram provas convincentes de que os elétrons e outros "quanta" só se manifestam como partículas quando os observamos. Em todos os outros momentos, comportam-se como ondas. Isto é tão estranho como ter uma bola de bowling que traça uma linha reta na pista enquanto a observa, mas deixa um padrão ondulatório a cada piscar.

Uma situação deste tipo é comparável àquela com que os físicos quânticos se depararam quando descobriram, pela primeira vez, indícios de que os quanta apenas se condensam em partículas

quando são observados. O físico Nick Herbert, defensor desta interpretação, afirma que isso por vezes o leva a imaginar que, nas suas costas, o mundo é sempre “uma sopa quântica radicalmente ambígua e incessantemente fluida”. Mas sempre que se vira para tentar ver essa sopa, o seu olhar congela-a instantaneamente e transforma-a de novo em realidade comum. Herbert acredita que isso nos torna a todos um pouco semelhantes a Midas, o lendário rei que nunca conheceu o toque da seda nem a carícia de uma mão humana, porque tudo aquilo em que tocava se transformava em ouro. “Do mesmo modo”, diz Herbert, “os seres humanos nunca podem experimentar a verdadeira textura da realidade quântica, porque tudo aquilo em que tocamos se transforma em matéria.”²

1. Bohm e a Interligação

Um aspeto da realidade quântica que Bohm considerou particularmente interessante foi o estranho estado de interligação que parecia existir entre acontecimentos subatômicos aparentemente não relacionados. O que era igualmente desconcertante era o facto de a maioria dos físicos tender a atribuir pouca importância a esse fenómeno. Na verdade, deu-se-lhe tão pouca atenção que um dos exemplos mais célebres de interligação permaneceu oculto, durante vários anos, numa das suposições básicas da física quântica, sem que ninguém se apercebesse da sua presença.

Essa suposição foi formulada por um dos pais fundadores da física quântica, o físico dinamarquês Niels Bohr. Bohr salientou que, se as partículas subatômicas apenas passam a existir na presença

de um observador, então é igualmente destituído de sentido falar das propriedades e características de uma partícula como existindo antes de serem observadas. Esta ideia perturbou muitos físicos, pois grande parte da ciência assentava precisamente na descoberta das propriedades dos fenómenos. Mas, se o próprio ato de observar ajudasse efetivamente a criar tais propriedades, o que é que isso implicaria para o futuro da ciência?

Um dos físicos que se sentiu profundamente inquietado pelas afirmações de Bohr foi Einstein. Apesar do papel decisivo que desempenhara na fundação da teoria quântica, Einstein estava longe de se sentir satisfeito com o rumo que a jovem ciência tomara. Considerava particularmente inaceitável a conclusão de Bohr segundo a qual as propriedades de uma partícula não existem até serem observadas, pois, quando combinada com outra descoberta da física quântica, essa conclusão implicava que as partículas subatómicas estariam interligadas de uma forma que Einstein simplesmente não acreditava ser possível.

Essa outra descoberta foi a constatação de que alguns processos subatômicos dão origem à criação de pares de partículas com propriedades idênticas ou intimamente relacionadas. Considere um átomo extremamente instável que os físicos designam por positrónio. O átomo de positrónio é composto por um eletrão e um positrão (um positrão é um eletrão com carga positiva). Como o positrão é a antipartícula oposta do eletrão, ambos acabam por se aniquilar mutuamente, decaindo em dois quanta de luz, ou “fotões”, que viajam em direções opostas (a capacidade de se transformar de um tipo de partícula noutra é apenas mais uma das aptidões dos

quanta). Segundo a física quântica, independentemente da distância que os fótons percorram, quando são medidos verifica-se sempre que possuem ângulos de *polarização* idênticos. (A polarização é a orientação espacial do aspeto ondulatório do fóton à medida que este se afasta do seu ponto de origem.)

Em 1935, Einstein e os seus colegas Boris Podolsky e Nathan Rosen publicaram um artigo, hoje célebre, intitulado “Pode a descrição quântico-mecânica da realidade física ser considerada completa?” Nele explicavam por que razão a existência de tais partículas gémeas provava que Bohr não podia estar correto. Como salientaram, duas dessas partículas — por exemplo, os fótons emitidos quando o positrónio decai — poderiam ser produzidas e deixadas viajar a uma distância considerável uma da outra.* Depois disso, poderiam ser intercetadas e os seus ângulos de polarização medidos. Se as polarizações fossem medidas exatamente no mesmo instante e se revelassem idênticas, como a física quântica prevê, e se Bohr estivesse correto ao afirmar que propriedades como a polarização só passam a existir quando são observadas ou medidas, isso sugeriria que, de algum modo, os dois fótons teriam de comunicar instantaneamente entre si para saberem qual o ângulo de polarização em que deveriam coincidir. O problema é que, de acordo com a teoria da relatividade especial de Einstein, nada pode viajar mais depressa do que a velocidade da luz, quanto mais comunicar instantaneamente, pois isso equivaleria a quebrar a barreira do tempo e abriria a porta a todo o tipo de paradoxos

* A desintegração do positronium não é o processo subatômico empregado por Einstein e os seus colegas na sua experiência mental, mas é aqui utilizada por ser fácil de visualizar.

inaceitáveis. Einstein e os seus colegas estavam convencidos de que nenhuma “definição razoável” da realidade permitiria a existência de interligações mais rápidas do que a luz e, por conseguinte, Bohr teria de estar errado.³ O seu argumento ficou conhecido como o paradoxo de Einstein–Podolsky–Rosen, ou paradoxo EPR.

Bohr manteve-se imperturbável perante o argumento de Einstein. Em vez de acreditar que algum tipo de comunicação mais rápida do que a luz estivesse a ocorrer, ofereceu uma explicação diferente. Se as partículas subatómicas não existem até serem observadas, então deixa de fazer sentido concebê-las como “coisas” independentes. Assim, Einstein baseara o seu argumento num erro ao encarar as partículas gémeas como entidades separadas. Elas faziam parte de um sistema indivisível, e era destituído de significado pensar nelas de outro modo.

Com o tempo, a maioria dos físicos alinhou com Bohr e ficou satisfeita com a correção da sua interpretação. Um dos fatores que contribuiu para o triunfo de Bohr foi o facto de a física quântica se ter revelado extraordinariamente bem-sucedida na previsão de fenómenos, levando poucos físicos a estarem dispostos sequer a considerar a possibilidade de ela ser falha em algum aspeto. Além disso, quando Einstein e os seus colegas apresentaram pela primeira vez a sua proposta sobre partículas gémeas, razões técnicas e de outra ordem impediram que tal experiência fosse efetivamente realizada, o que tornou ainda mais fácil relegar o problema para segundo plano. Isto é curioso, pois, embora Bohr tivesse formulado o seu argumento para contrariar o ataque de Einstein à teoria quântica, como veremos, a sua visão de que os

sistemas subatômicos são indivisíveis tem implicações igualmente profundas para a natureza da realidade. Ironicamente, essas implicações também foram ignoradas e, mais uma vez, a importância potencial da interligação foi varrida para debaixo do tapete.

2. Um Mar Vivo de Eletrões

Durante os seus primeiros anos como físico, Bohm também aceitou a posição de Bohr, mas permaneceu intrigado com a falta de interesse que Bohr e os seus seguidores demonstravam pela interligação. Depois de se formar no Pennsylvania State College, frequentou a Universidade da Califórnia, em Berkeley, e, antes de obter o doutoramento em 1948, trabalhou no Lawrence Berkeley Radiation Laboratory. Foi aí que se deparou com outro exemplo impressionante de interligação quântica.

No Berkeley Radiation Laboratory, Bohm iniciou aquele que viria a tornar-se o seu trabalho mais marcante sobre plasmas. Um plasma é um gás que contém uma elevada densidade de eletrões e iões positivos, isto é, átomos com carga positiva. Para seu espanto, descobriu que, uma vez num plasma, os eletrões deixavam de se comportar como indivíduos isolados e começavam a agir como se fizessem parte de um todo maior e interligado. Embora os seus movimentos individuais parecessem aleatórios, vastos conjuntos de eletrões conseguiam produzir efeitos surpreendentemente bem organizados. Tal como uma criatura ameboide, o plasma regenerava-se constantemente e envolvia todas as impurezas numa espécie de parede, de modo semelhante à forma como um

organismo biológico pode encapsular uma substância estranha num quisto.⁴ Bohm ficou tão impressionado com estas qualidades orgânicas que mais tarde comentou ter tido frequentemente a impressão de que o mar de eletrões estava “vivo”.⁵

Em 1947, Bohm aceitou um cargo de professor assistente na Universidade de Princeton, um sinal do elevado reconhecimento de que já gozava, e aí estendeu a sua investigação de Berkeley ao estudo dos eletrões nos metais. Mais uma vez, constatou que os movimentos aparentemente caóticos dos eletrões individuais conseguiam produzir efeitos globais altamente organizados. Tal como os plasmas que estudara em Berkeley, já não se tratava de situações envolvendo duas partículas, cada uma a comportar-se como se soubesse o que a outra estava a fazer, mas sim de verdadeiros oceanos de partículas, cada uma a agir como se tivesse conhecimento do que biliões incontáveis de outras estavam a fazer. Bohm chamou a estes movimentos coletivos dos eletrões *plasmões*, e a sua descoberta estabeleceu definitivamente a sua reputação como físico.

3. O Desencanto de Bohm

Tanto o seu sentido da importância da interligação como a sua crescente insatisfação com várias outras perspetivas dominantes na física levaram Bohm a sentir-se cada vez mais inquieto com a interpretação da teoria quântica proposta por Bohr. Após três anos a ensinar a disciplina em Princeton, decidiu aprofundar a sua compreensão escrevendo um manual. Quando o concluiu, percebeu que continuava desconfortável com aquilo que a física quântica

parecia afirmar e enviou cópias do livro tanto a Bohr como a Einstein, pedindo-lhes a sua opinião. Não obteve qualquer resposta de Bohr, mas Einstein contactou-o e sugeriu que, uma vez que ambos se encontravam em Princeton, se reunissem para discutir o livro. Na primeira de uma série de conversas animadas que se prolongaria por cerca de seis meses, Einstein disse entusiasticamente a Bohm que nunca tinha visto a teoria quântica apresentada de forma tão clara. Ainda assim, confessou que permanecia tão insatisfeito com a teoria quanto o próprio Bohm.

Durante essas conversas, os dois homens descobriram que partilhavam uma profunda admiração pela extraordinária capacidade da teoria para prever fenómenos. O que os perturbava era o facto de ela não fornecer uma forma genuína de conceber a estrutura básica do mundo. Bohr e os seus seguidores afirmavam também que a teoria quântica era completa e que não era possível chegar a uma compreensão mais clara do que se passava no domínio quântico. Isto equivalia a dizer que não existia qualquer realidade mais profunda para além da paisagem subatómica, que não havia respostas adicionais a encontrar — uma posição que colidia frontalmente com as sensibilidades filosóficas tanto de Bohm como de Einstein. Ao longo dos seus encontros discutiram muitos outros assuntos, mas estes pontos, em particular, ganharam um novo relevo no pensamento de Bohm. Inspirado pelas suas interações com Einstein, aceitou a legitimidade das suas próprias reservas em relação à física quântica e decidiu que teria de existir uma perspetiva alternativa. Quando o seu manual *Teoria Quântica* foi publicado em 1951, foi aclamado como um clássico. Contudo, tratava-se de um clássico sobre um tema ao qual Bohm já não

concedia a sua adesão plena. A sua mente, sempre ativa e permanentemente em busca de explicações mais profundas, já se encontrava a procurar uma forma melhor de descrever a realidade.

4. Um Novo Tipo de Campo e a Bala que Matou Lincoln

Após as suas conversas com Einstein, Bohm tentou encontrar uma alternativa operacional à interpretação de Bohr. Começou por assumir que partículas como os elétrons existem mesmo na ausência de observadores. Assumiu também que existia uma realidade mais profunda por baixo da parede inviolável de Bohr — um nível subquântico que ainda aguardava ser descoberto pela ciência. A partir dessas premissas, Bohm descobriu que, simplesmente propondo a existência de um novo tipo de campo nesse nível subquântico, conseguia explicar os resultados da física quântica tão bem quanto Bohr. Bohm chamou a esse novo campo proposto *potencial quântico* e teorizou que, tal como a gravidade, ele permeava todo o espaço. Contudo, ao contrário dos campos gravitacionais, dos campos magnéticos, e assim por diante, a sua influência não diminuía com a distância. Os seus efeitos eram subtis, mas exercia o mesmo poder em toda a parte. Bohm publicou a sua interpretação alternativa da teoria quântica em 1952.

A reação a esta nova abordagem foi maioritariamente negativa. Alguns físicos estavam tão convencidos de que tais alternativas eram impossíveis que descartaram as suas ideias sem qualquer consideração. Outros lançaram ataques veementes ao seu

raciocínio. No fim de contas, praticamente todos esses argumentos assentavam sobretudo em diferenças de natureza filosófica — mas isso pouco importou. O ponto de vista de Bohr tornara-se tão enraizado na física que a alternativa de Bohm passou a ser vista como pouco mais do que heresia.

Apesar da dureza dessas críticas, Bohm manteve-se firme na sua convicção de que a realidade continha muito mais do que aquilo que a perspectiva de Bohr permitia. Sentia também que a ciência era excessivamente limitada na forma como avaliava novas ideias como a sua e, num livro publicado em 1957, intitulado *Causalidade e Acaso na Física Moderna*, examinou várias das suposições filosóficas responsáveis por essa atitude. Uma dessas suposições era a crença amplamente difundida de que qualquer teoria isolada — como a teoria quântica — poderia ser completa. Bohm criticou essa ideia observando que a natureza pode ser infinita. Sendo assim, nenhuma teoria poderia explicar de forma exaustiva algo que é infinito. Por esse motivo, sugeriu que a investigação científica aberta seria melhor servida se os investigadores evitassem assumir, à partida, a completude de qualquer teoria.

No mesmo livro, argumentou que a forma como a ciência encarava a causalidade era também excessivamente restritiva. A maioria dos efeitos era concebida como tendo apenas uma causa, ou um pequeno conjunto de causas. Bohm, pelo contrário, considerava que um efeito podia ter um número infinito de causas. Por exemplo, se alguém perguntasse o que causou a morte de Abraham Lincoln, a resposta mais comum seria que foi a bala disparada pela arma de John Wilkes Booth. No entanto, uma lista

completa de todas as causas que contribuíram para a morte de Lincoln teria de incluir todos os acontecimentos que conduziram ao desenvolvimento da arma, todos os fatores que levaram Booth a querer matar Lincoln, todas as etapas da evolução da espécie humana que permitiram o desenvolvimento de uma mão capaz de segurar uma arma — e assim sucessivamente, numa cadeia interminável. Bohm reconhecia que, na maioria das situações, é legítimo ignorar essa vasta cascata de causas que conduz a um determinado efeito. Ainda assim, considerava essencial que os cientistas mantivessem presente que nenhuma relação causa-efeito é alguma vez verdadeiramente separável do universo como um todo.

5. Se Quiser Saber Onde Está, Pergunte aos Não-Loais

Durante esse mesmo período da sua vida, Bohm continuou também a refinar a sua abordagem alternativa à física quântica. À medida que examinava com maior atenção o significado do potencial quântico, descobriu que este possuía várias características que implicavam um afastamento ainda mais radical do pensamento ortodoxo. Uma delas era a importância da totalidade. A ciência clássica sempre encarara o estado de um sistema como um todo como sendo apenas o resultado da interação entre as suas partes. O potencial quântico, porém, virava esta perspetiva do avesso, ao indicar que o comportamento das partes é, na verdade, organizado pelo todo. Isto não só levava um passo mais além a afirmação de Bohr de que as partículas subatômicas não são “coisas” independentes, mas partes de um sistema indivisível, como

também sugeria que, em certo sentido, a totalidade é a realidade mais fundamental.

Esta ideia explicava igualmente a forma como os eletrões em plasmas (e noutros estados especializados, como a supercondutividade) conseguem comportar-se como totalidades interligadas. Como afirma Bohm, esses “eletrões não são dispersos porque, através da ação do potencial quântico, todo o sistema está a sofrer um movimento coordenado, mais semelhante a um bailado do que a uma multidão de pessoas desorganizadas”. Mais uma vez, observa que “essa totalidade quântica de atividade está mais próxima da unidade organizada de funcionamento das partes de um ser vivo do que do tipo de unidade obtida pela simples junção das peças de uma máquina”.⁶

Uma característica ainda mais surpreendente do potencial quântico eram as suas implicações para a própria noção de localização. Ao nível da nossa vida quotidiana, as coisas possuem localizações muito específicas. No entanto, a interpretação de Bohm da física quântica indicava que, ao nível subquântico — o nível em que o potencial quântico opera — a localização deixa de existir. Todos os pontos do espaço tornam-se equivalentes a todos os outros pontos, e deixa de fazer sentido falar de algo como estando separado de qualquer outra coisa. Os físicos chamam a esta propriedade não-localidade.

O aspeto não local do potencial quântico permitiu a Bohm explicar a ligação entre partículas gémeas sem violar a proibição da relatividade especial de qualquer coisa viajar mais depressa do que

a velocidade da luz. Para ilustrar como isso é possível, propôs a seguinte analogia. Imagine um peixe a nadar num aquário. Imagine também que nunca viu antes um peixe nem um aquário e que todo o seu conhecimento sobre eles provém de duas câmaras de televisão, uma apontada para a frente do aquário e outra para o lado. Ao observar os dois monitores, poderia concluir, erradamente, que os peixes nos ecrãs são entidades separadas. Afinal, como as câmaras estão posicionadas em ângulos diferentes, cada imagem será ligeiramente distinta. Contudo, à medida que continua a observar, acabará por perceber que existe uma relação entre os dois peixes. Quando um vira, o outro executa uma viragem ligeiramente diferente, mas correspondente. Quando um se orienta para a frente, o outro orienta-se para o lado, e assim sucessivamente. Se desconhecer o contexto completo da situação, poderá concluir, de forma incorreta, que os peixes estão a comunicar instantaneamente entre si. Mas não é isso que acontece. Não há qualquer comunicação, porque, a um nível mais profundo da realidade — a realidade do aquário — os dois peixes são, na verdade, um só e o mesmo peixe. É precisamente isto, diz Bohm, que se passa entre partículas como os dois fótons emitidos quando um átomo de positrónio decai (ver fig. 8).

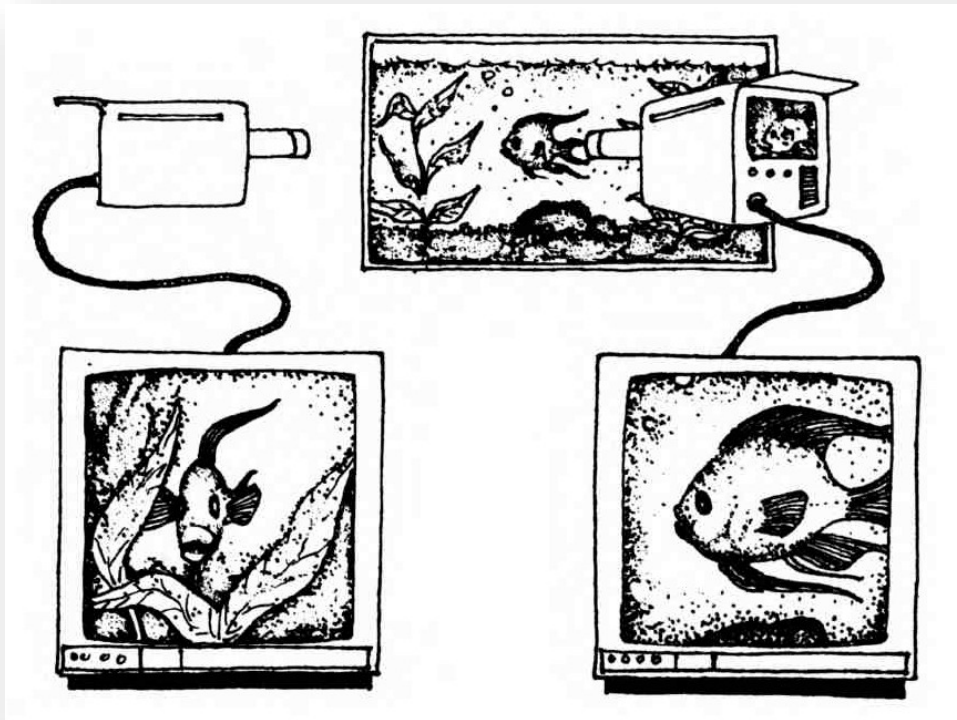


Figura 8. Bohm acredita que as partículas subatômicas estão ligadas da mesma forma que as imagens dos peixes nos dois monitores de televisão. Embora partículas como os elétrons pareçam estar separadas umas das outras, a um nível mais profundo da realidade — um nível análogo ao do aquário — são, na verdade, apenas aspetos diferentes de uma unidade cósmica mais profunda.

De facto, porque o potencial quântico permeia todo o espaço, todas as partículas estão interligadas de forma não local. Cada vez mais, a imagem da realidade que Bohm vinha a desenvolver deixava de ser uma em que as partículas subatômicas estavam separadas umas das outras e se moviam através do vazio do espaço, para passar a ser uma em que todas as coisas faziam parte de uma teia ininterrupta e estavam imersas num espaço tão real e tão rico em processos quanto a própria matéria que nele se move.

As ideias de Bohm continuaram a deixar a maioria dos físicos pouco convencidos, mas despertaram o interesse de alguns. Um deles foi John Stewart Bell, físico teórico do CERN, um centro de investigação pacífica em energia atômica perto de Genebra, na Suíça. Tal como Bohm, Bell tornara-se também descontente com a teoria quântica e sentia que deveria existir alguma alternativa. Como viria mais tarde a afirmar: “Foi então que, em 1952, vi o artigo de Bohm. A sua ideia era completar a mecânica quântica afirmando que existem certas variáveis adicionais para além daquelas que toda a gente conhecia. Isso impressionou-me profundamente.”⁷

Bell apercebeu-se também de que a teoria de Bohm implicava a existência da não-localidade e interrogou-se se haveria alguma forma de verificar experimentalmente a sua existência. A questão permaneceu no fundo da sua mente durante anos, até que uma licença sabática, em 1964, lhe proporcionou a liberdade necessária para concentrar toda a sua atenção no problema. Foi então que concebeu rapidamente uma elegante prova matemática que revelava como tal experiência poderia ser realizada. O único problema era que ela exigia um nível de precisão tecnológica que ainda não estava disponível. Para ter a certeza de que partículas como as envolvidas no paradoxo EPR (Einstein–Podolsky–Rosen) não estavam a recorrer a algum meio normal de comunicação, as operações fundamentais da experiência tinham de ser efetuadas num intervalo de tempo tão infinitesimal que não haveria sequer tempo suficiente para um raio de luz atravessar a distância que separava as duas partículas. Isto significava que os instrumentos utilizados na experiência tinham de realizar todas as operações

necessárias em apenas alguns milésimos de milionésimos de segundo.

6. Entra o Holograma

No final da década de 1950, Bohm já tivera o seu confronto com o macarthismo e tornara-se investigador no University of Bristol, em Inglaterra. Foi aí que, juntamente com um jovem estudante de investigação chamado Yakir Aharonov, descobriu outro exemplo importante de interconexão não local. Bohm e Aharonov verificaram que, nas circunstâncias adequadas, um eletrão é capaz de “sentir” a presença de um campo magnético situado numa região onde a probabilidade de encontrar o eletrão é nula. Este fenómeno é hoje conhecido como efeito Aharonov–Bohm e, quando os dois investigadores publicaram a descoberta pela primeira vez, muitos físicos não acreditaram que tal efeito fosse possível. Ainda hoje subsiste ceticismo suficiente para que, apesar de o efeito ter sido confirmado em numerosas experiências, surjam ocasionalmente artigos a defender que ele não existe.

Como sempre, Bohm aceitou estoicamente o seu papel contínuo de voz dissonante na multidão, aquela que ousa afirmar que o imperador vai nu. Numa entrevista realizada alguns anos mais tarde, ofereceu um resumo simples da filosofia subjacente à sua coragem:

“A longo prazo, é muito mais perigoso aderir à ilusão do que enfrentar o facto real.”⁸

Apesar disso, a resposta limitada às suas ideias sobre totalidade e não-localidade, bem como a sua própria dificuldade em perceber como avançar a partir daí, levaram-no a concentrar a atenção noutras direções. Na década de 1960, isso conduziu-o a analisar mais de perto a noção de *ordem*. A ciência clássica tende a dividir as coisas em duas categorias: aquelas que possuem ordem na disposição das suas partes e aquelas cujas partes estão dispostas de forma desordenada ou aleatória. Flocos de neve, computadores e seres vivos são ordenados. O padrão formado por um punhado de grãos de café espalhados no chão, os destroços deixados por uma explosão e uma sequência de números gerada por uma roleta são desordenados.

À medida que Bohm aprofundava esta questão, apercebeu-se de que também existem diferentes graus de ordem. Algumas coisas são muito mais ordenadas do que outras, o que sugere que talvez não exista um limite para as hierarquias de ordem presentes no universo. A partir daqui ocorreu-lhe que talvez aquilo que percebemos como desordem não seja, afinal, desordem alguma. Talvez a sua ordem seja de um grau “indefinidamente elevado”, de tal modo que apenas nos pareça aleatória (curiosamente, os matemáticos são incapazes de provar a aleatoriedade e, embora algumas sequências de números sejam classificadas como aleatórias, isso não passa de uma estimativa fundamentada).

Enquanto estava imerso nestes pensamentos, Bohm viu um dispositivo num programa de televisão da BBC que o ajudou a desenvolver ainda mais as suas ideias. O dispositivo consistia num frasco especialmente concebido que continha um grande cilindro

rotativo. O estreito espaço entre o cilindro e o frasco estava preenchido com glicerina — um líquido espesso e transparente — e, suspensa imóvel na glicerina, encontrava-se uma gota de tinta. O que despertou o interesse de Bohm foi o facto de, quando a manivela do cilindro era rodada, a gota de tinta se espalhar pela glicerina viscosa e parecer desaparecer. Contudo, assim que a manivela era rodada no sentido oposto, o rasto ténue da tinta começava lentamente a recolher-se sobre si próprio e a formar novamente uma gota (ver fig. 9).

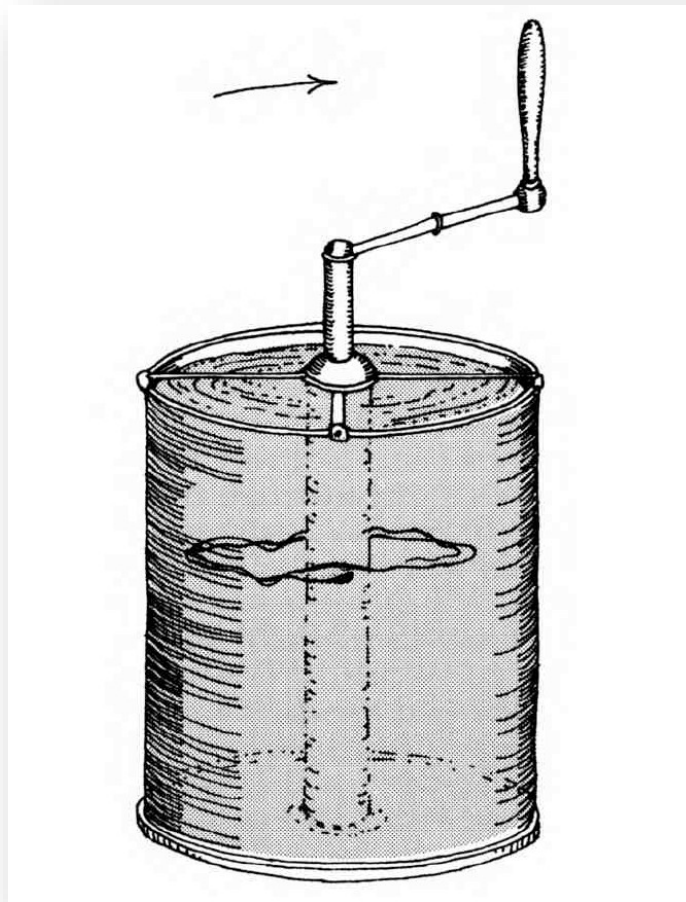


Figura 9. Quando uma gota de tinta é colocada num frasco cheio de glicerina e um cilindro dentro do frasco é rodado, a gota parece espalhar-se e desaparecer. Mas quando o cilindro é rodado no sentido oposto, a gota volta a juntar-se. Bohm

utiliza este fenómeno como exemplo de como a ordem pode ser manifesta (explícita) ou oculta (implícita).

Bohm escreve:

“Isto atingiu-me de imediato como sendo extremamente relevante para a questão da ordem, pois, quando a gota de tinta estava espalhada, continuava a possuir uma ordem ‘oculta’ (isto é, não manifesta), que era revelada quando era reconstituída. Por outro lado, na nossa linguagem habitual, diríamos que a tinta estava num estado de ‘desordem’ quando se encontrava difundida pela glicerina. Isto levou-me a perceber que aqui tinham de estar envolvidas novas noções de ordem.”⁹

Esta descoberta entusiasmou profundamente Bohm, pois forneceu-lhe uma nova forma de encarar muitos dos problemas que vinha a ponderar. Pouco tempo depois de se deparar com o dispositivo da tinta na glicerina, encontrou uma metáfora ainda mais poderosa para compreender a ordem — uma metáfora que não só lhe permitiu reunir todos os diversos fios do seu pensamento acumulado ao longo de anos, como o fez com tal força e poder explicativo que parecia quase feita à medida. Essa metáfora foi o holograma.

Assim que Bohm começou a refletir sobre o holograma, apercebeu-se de que ele também oferecia uma nova forma de compreender a ordem. Tal como a gota de tinta no seu estado disperso, os padrões de interferência registados numa película holográfica também parecem desordenados a olho nu. Ambos possuem ordens que permanecem ocultas ou *implícitas*, de modo muito semelhante à forma como a ordem de um plasma está

implícita no comportamento aparentemente aleatório de cada um dos seus elétrons. Mas esta não foi a única compreensão proporcionada pelo holograma.

Quanto mais Bohm pensava no assunto, mais convencido ficava de que o universo utilizava, de facto, princípios hologrâmicos no seu funcionamento — *que era, ele próprio, uma espécie de holograma gigantesco e fluente*. Esta realização permitiu-lhe cristalizar todas as suas várias intuições num todo vasto e coerente. Publicou os seus primeiros artigos sobre a sua visão hologrâmica do universo no início da década de 1970 e, em 1980, apresentou uma formulação madura do seu pensamento no livro *A Totalidade e a Ordem Implícita*. Nessa obra, fez mais do que simplesmente ligar as suas inúmeras ideias: transfigurou-as numa nova forma de olhar para a realidade, tão vertiginosa quanto radical.

7. Ordens Implícitas e Realidades Explícitas

Uma das afirmações mais surpreendentes de Bohm é a de que a realidade tangível da nossa vida quotidiana é, na verdade, uma espécie de ilusão, semelhante a uma imagem holográfica. Subjacente a ela existe uma ordem de existência mais profunda, um nível de realidade vasto e mais primordial, que dá origem a todos os objetos e aparências do nosso mundo físico de modo muito semelhante à forma como uma película holográfica dá origem a um holograma. Bohm chama a este nível mais profundo da realidade a *ordem implícita* (no sentido de “envolvida” ou “dobrada em si”) e refere-se ao nosso próprio nível de existência como a *ordem explícita*, ou desdobrada.

Utiliza estes termos porque entende a manifestação de todas as formas no universo como o resultado de incontáveis processos de implicação e explicação entre estas duas ordens. Por exemplo, Bohm acredita que um eletrão não é uma coisa isolada, mas antes uma totalidade, ou um conjunto, implícito em todo o espaço. Quando um instrumento deteta a presença de um único eletrão, isso acontece simplesmente porque um dos aspetos desse conjunto se explica — de modo semelhante à forma como uma gota de tinta se desdobra a partir da glicerina — naquele local específico. Quando um eletrão parece estar em movimento, tal deve-se a uma série contínua desses processos de explicação e implicação.

Dito de outro modo, os eletrões — e todas as outras partículas — não são mais substanciais nem mais permanentes do que a forma assumida por um jato de água quando emerge de uma fonte. São sustentados por um fluxo constante proveniente da ordem implícita e, quando uma partícula parece ser destruída, não se perde realmente. Limita-se a implicar-se de novo na ordem mais profunda da qual emergiu. Uma película holográfica e a imagem que dela resulta constituem também um exemplo claro de ordem implícita e ordem explícita. A película é uma ordem implícita porque a imagem codificada nos seus padrões de interferência é uma totalidade oculta, implícita em toda a sua extensão. O holograma projetado a partir da película é uma ordem explícita porque representa a versão desdobrada e perceptível dessa imagem.

A troca constante e fluida entre estas duas ordens explica como partículas, como o eletrão no átomo de positrónio, podem transformar-se de um tipo de partícula noutra. Essas

transformações podem ser entendidas como um processo em que uma partícula, por exemplo um elétron, se implica de novo na ordem implícita, enquanto outra, um fóton, se explica e ocupa o seu lugar. Isto explica também como um quantum pode manifestar-se tanto como partícula como como onda. Segundo Bohm, ambos os aspetos estão sempre implicados no conjunto do quantum, mas a forma como um observador interage com esse conjunto determina qual dos aspetos se explica e qual permanece implícito. Assim, o papel do observador na determinação da forma assumida por um quantum poderá não ser mais misterioso do que o facto de a maneira como um joalheiro manipula uma gema determinar quais das suas facetas se tornam visíveis e quais não. Uma vez que o termo *holograma* costuma referir-se a uma imagem estática e não transmite a natureza dinâmica e permanentemente ativa dos incalculáveis processos de implicação e explicação que, momento a momento, criam o nosso universo, Bohm prefere descrever o universo não como um holograma, mas como um holomovimento.

A existência de uma ordem mais profunda, organizada segundo princípios hologrâmicos, explica também por que razão a realidade se torna não local ao nível subquântico. Como vimos, quando algo está organizado de forma hologrâmica, toda a noção convencional de localização se dissolve. Dizer que cada parte de uma película holográfica contém toda a informação do todo é apenas outra forma de dizer que essa informação está distribuída de modo não local. Assim, se o universo estiver estruturado segundo princípios hologrâmicos, seria de esperar que apresentasse igualmente propriedades não locais.

8. A Totalidade Indivisa de Todas as Coisas

Talvez o aspecto mais desconcertante de todos seja o conjunto plenamente desenvolvido de ideias de Bohm acerca da totalidade. Uma vez que tudo no cosmos é constituído pelo tecido holográfico contínuo da ordem implícita, Bohm considera tão destituído de sentido encarar o universo como sendo composto por “partes” quanto considerar os diferentes jatos de uma fonte como separados da água de que emergem. Um eletrão não é uma “partícula elementar”. É apenas o nome atribuído a um certo aspecto do holomovimento. Dividir a realidade em partes e depois atribuir nomes a essas partes é sempre arbitrário, um produto da convenção, pois as partículas subatômicas — e tudo o mais no universo — não são mais separáveis entre si do que os diferentes padrões num tapete ricamente ornamentado.

Esta é uma sugestão profunda. Na sua teoria geral da relatividade, Einstein surpreendeu o mundo ao afirmar que o espaço e o tempo não são entidades separadas, mas estão suavemente interligados e fazem parte de um todo maior a que chamou o contínuo espaço-tempo. Bohm leva esta ideia um passo gigantesco mais longe. Afirma que *tudo* no universo faz parte de um único contínuo. Apesar da aparente separação das coisas ao nível explícito, tudo é uma extensão contínua de tudo o resto e, em última instância, até a ordem implícita e a ordem explícita se fundem uma na outra.

Reserve um momento para considerar isto. Observe a sua mão. Depois observe a luz que emana do candeeiro ao seu lado. E o cão

que descansa aos seus pés. Não são apenas feitos das mesmas coisas. *São a mesma coisa*. Uma única coisa. Indivisa. Um imenso “algo” que estendeu os seus inumeráveis braços e apêndices por todos os objetos aparentes, átomos, oceanos inquietos e estrelas cintilantes do cosmos.

Bohm adverte que isto não significa que o universo seja uma massa gigantesca indiferenciada. As coisas podem fazer parte de um todo indiviso e, ainda assim, possuir qualidades próprias e singulares. Para ilustrar o que quer dizer, aponta para os pequenos redemoinhos e vórtices que frequentemente se formam num rio. À primeira vista, tais redemoinhos parecem coisas separadas e possuem várias características individuais, como tamanho, velocidade e direção de rotação, entre outras. Mas uma observação atenta revela que é impossível determinar onde termina um redemoinho específico e onde começa o rio. Assim, Bohm não está a sugerir que as diferenças entre as “coisas” sejam destituídas de significado. Pretende apenas que estejamos constantemente conscientes de que dividir diferentes aspetos do holomovimento em “coisas” é sempre uma abstração — uma forma de fazer sobressair esses aspetos na nossa perceção através do nosso modo de pensar. Para corrigir isso, em vez de chamar “coisas” aos diferentes aspetos do holomovimento, prefere designá-los como “subtotalidades relativamente independentes”.¹⁰

De facto, Bohm acredita que a nossa tendência quase universal para fragmentar o mundo e ignorar a interligação dinâmica de todas as coisas é responsável por muitos dos nossos problemas, não apenas na ciência, mas também na vida pessoal e na sociedade.

Por exemplo, acreditamos que podemos extrair as partes valiosas da Terra sem afetar o todo. Acreditamos que é possível tratar partes do nosso corpo sem nos preocuparmos com o conjunto. Acreditamos que podemos lidar com vários problemas da nossa sociedade — como o crime, a pobreza ou a toxicodependência — sem enfrentar os problemas da sociedade como um todo, e assim sucessivamente. Nos seus escritos, Bohm argumenta de forma veemente que a nossa atual maneira de fragmentar o mundo em partes não só não funciona, como pode até conduzir à nossa extinção.

9. Consciência como uma Forma Mais Sutil de Matéria

Para além de explicar por que razão os físicos quânticos encontram tantos exemplos de interconetividade quando sondam as profundezas da matéria, o universo holográfico de Bohm esclarece também muitos outros enigmas. Um deles é o efeito que a consciência parece exercer sobre o mundo subatômico. Como vimos, Bohm rejeita a ideia de que as partículas não existam até serem observadas. No entanto, não se opõe, em princípio, a tentar articular consciência e física. O que considera problemático é a forma como a maioria dos físicos o faz, recorrendo novamente à fragmentação da realidade e afirmando que uma coisa separada — a consciência — interage com outra coisa separada — uma partícula subatômica.

Uma vez que todas essas “coisas” são aspetos do holomovimento, Bohm entende que não faz sentido falar de interação entre consciência e matéria. Num certo sentido, o

observador é o observado. O observador é também o dispositivo de medição, os resultados experimentais, o laboratório e até a brisa que sopra no exterior do laboratório. De facto, Bohm acredita que a consciência é uma forma mais sutil de matéria, e que a base de qualquer relação entre ambas não se encontra no nosso nível de realidade, mas profundamente na estrutura implícita. A consciência está presente, em diversos graus de implicação e explicação, em toda a matéria — o que talvez explique por que razão os plasmas exibem algumas características próprias dos seres vivos. Como Bohm afirma:

A capacidade da forma para ser ativa é a característica mais marcante da mente, e já encontramos algo de semelhante à mente no próprio eletrão.¹¹

De modo análogo, Bohm considera que dividir o universo em coisas vivas e não vivas também carece de significado. A matéria animada e a matéria inanimada estão inseparavelmente entrelaçadas, e a própria vida encontra-se implicada em toda a totalidade do universo. Mesmo uma rocha é, de algum modo, viva, diz Bohm, pois a vida e a inteligência estão presentes não apenas em toda a matéria, mas também na “energia”, no “espaço”, no “tempo”, no “tecido do universo inteiro” e em tudo aquilo que abstraímos do holomovimento e erradamente encaramos como entidades separadas.

A ideia de que a consciência e a vida — e, na verdade, todas as coisas — são conjuntos implicados em todo o universo possui um reverso igualmente deslumbrante. Tal como cada porção de um

holograma contém a imagem do todo, cada porção do universo implica o todo. Isto significa que, se soubéssemos como aceder a essa informação, poderíamos encontrar a galáxia de Andrómeda na unha do polegar da mão esquerda. Poderíamos também encontrar Cleópatra no momento em que se encontrou pela primeira vez com César, pois, em princípio, todo o passado e todas as implicações do futuro estão igualmente implicados em cada pequena região do espaço e do tempo. Cada célula do nosso corpo implica o cosmos inteiro. O mesmo acontece com cada folha, cada gota de chuva e cada grão de pó — o que confere um novo significado ao famoso poema de William Blake:

Ver um Mundo num Grão de Areia

E um Céu numa Flor Silvestre,

Conter o Infinito na palma da mão

E a Eternidade numa hora.

10. A Energia de Um Trilião de Bombas Atômicas em Cada Centímetro Cúbico de Espaço

Se o nosso universo é apenas uma pálida sombra de uma ordem mais profunda, que mais estará oculto, implicado na urdidura e na trama da nossa realidade? Bohm apresenta uma sugestão. De acordo com a compreensão atual da física, cada região do espaço está impregnada de diferentes tipos de campos, compostos por ondas de comprimentos variados. Cada onda possui sempre, pelo menos, uma certa quantidade de energia. Quando os físicos calculam a quantidade mínima de energia que uma onda pode

possuir, descubrem que *cada centímetro cúbico de espaço "vazio" contém mais energia do que a energia total de toda a matéria existente no universo conhecido.*

Alguns físicos recusam-se a levar este cálculo a sério e acreditam que ele deve conter algum erro. Bohm, porém, considera que este oceano infinito de energia existe efetivamente e que ele nos revela, pelo menos em parte, a vastidão e a natureza oculta da estrutura implícita. Na sua opinião, a maioria dos físicos ignora a existência deste imenso oceano de energia porque, tal como peixes que não se apercebem da água em que nadam, foram ensinados a concentrar-se sobretudo nos objetos imersos no oceano — isto é, na matéria.

A visão de Bohm segundo a qual o espaço é tão real e tão rico em processos quanto a matéria que nele se move atinge plena maturidade nas suas ideias acerca do mar implícito de energia. A matéria não existe independentemente desse mar, do chamado espaço vazio. Ela é parte do próprio espaço. Para esclarecer o que pretende dizer, Bohm propõe a seguinte analogia: um cristal arrefecido até ao zero absoluto permite que um fluxo de eletrões o atravessasse sem sofrer dispersão. Se a temperatura for elevada, várias imperfeições do cristal perdem, por assim dizer, a sua transparência e começam a dispersar os eletrões. Do ponto de vista de um eletrão, essas imperfeições pareceriam fragmentos de "matéria" a flutuar num mar de nada, mas isso não corresponde à realidade. O "nada" e os fragmentos de matéria não existem de forma independente um do outro. Ambos fazem parte do mesmo tecido — a ordem mais profunda do cristal.

Bohm acredita que o mesmo se aplica ao nosso próprio nível de existência. O espaço não está vazio. Está *pleno* — é um plenum, e não um vácuo — e constitui o fundamento da existência de tudo, incluindo de nós próprios. O universo não é separado deste mar cósmico de energia; é antes uma ondulação à sua superfície, um “padrão de excitação” relativamente pequeno no seio de um oceano inimaginavelmente vasto. “Este padrão de excitação é relativamente autónomo e dá origem a projeções aproximadamente recorrentes, estáveis e separáveis numa ordem explícita tridimensional de manifestação”, afirma Bohm¹². Por outras palavras, apesar da sua aparente materialidade e da sua dimensão colossal, o universo não existe por si mesmo; é antes um derivado de algo muito mais vasto e inefável. Mais do que isso, nem sequer é uma produção central desse algo maior, mas apenas uma sombra passageira, um simples soluço no esquema mais amplo das coisas.

Este oceano infinito de energia não é tudo o que se encontra implicado na estrutura implícita. Uma vez que esta estrutura é o fundamento que deu origem a tudo no nosso universo, contém, no mínimo, todas as partículas subatômicas que alguma vez existiram ou existirão; todas as configurações possíveis de matéria, energia, vida e consciência — desde quasares até ao cérebro de Shakespeare, desde a dupla hélice do ADN até às forças que determinam os tamanhos e as formas das galáxias. E mesmo isto pode não ser tudo o que contém. Bohm admite que não há qualquer razão para acreditar que a estrutura implícita seja o fim último das coisas. Poderão existir outras ordens ainda inimagináveis para além dela, estágios infinitos de desenvolvimento ulterior.

11. Apoio Experimental ao Universo Holográfico de Bohm

Um conjunto de resultados sugestivos na física indica que Bohm poderá estar correto. Mesmo deixando de lado o mar de energia implícito, o espaço está preenchido por luz e por outras ondas eletromagnéticas que se cruzam e interferem constantemente entre si. Como vimos, todas as partículas são também ondas. Isto significa que os objetos físicos e tudo o mais que percebemos na realidade são constituídos por padrões de interferência — um facto que possui implicações inequivocamente holográficas.

Outra linha de evidência igualmente convincente provém de um resultado experimental relativamente recente. Na década de 1970, a tecnologia tornou-se finalmente capaz de realizar, na prática, a experiência de duas partículas delineada por Bell, e vários investigadores tentaram levá-la a cabo. Embora os resultados iniciais fossem promissores, nenhum conseguiu obter conclusões definitivas. Contudo, em 1982, os físicos Alain Aspect, Jean Dalibard e Gérard Roger, do Instituto de Ótica da Universidade de Paris, obtiveram sucesso. Em primeiro lugar, produziram uma série de fótons gémeos aquecendo átomos de cálcio com lasers. Em seguida, permitiram que cada fóton viajasse em direcções opostas através de tubos com 6,5 metros de comprimento, passando depois por filtros especiais que os encaminhavam para um de dois possíveis analisadores de polarização. Cada filtro demorava apenas 10 mil milionésimos de segundo a alternar entre um analisador e o outro — cerca de 30 mil milionésimos de segundo menos do que o tempo necessário para a luz percorrer os 13 metros que separavam cada

par de fótons. Deste modo, Aspect e os seus colegas conseguiram excluir qualquer possibilidade de os fótons comunicarem entre si através de um processo físico conhecido.

A equipa de Aspect descobriu que, tal como a teoria quântica previa, cada fóton continuava a correlacionar o seu ângulo de polarização com o do seu gémeo. Isto significava que ou a proibição de Einstein relativa a comunicações mais rápidas do que a luz estava a ser violada, ou então os dois fótons estavam ligados de forma não local. Uma vez que a maioria dos físicos se opõe à introdução de processos mais rápidos do que a luz na física, a experiência de Aspect é geralmente considerada como uma prova quase definitiva de que a ligação entre os dois fótons é não local. Além disso, como observa o físico Paul Davies, da Universidade de Newcastle upon Tyne, em Inglaterra, uma vez que todas as partículas estão continuamente a interagir e a separar-se, “os aspetos não locais dos sistemas quânticos constituem, portanto, uma propriedade geral da natureza”.¹³

Os resultados de Aspect não provam que o modelo de universo proposto por Bohm esteja correto, mas conferem-lhe um apoio extremamente significativo. De facto, como já foi referido, Bohm não acredita que qualquer teoria seja correta em sentido absoluto — incluindo a sua própria. Todas são apenas aproximações à verdade, mapas finitos que utilizamos para tentar cartografar um território que é simultaneamente infinito e indivisível. Isto não significa, porém, que considere a sua teoria não testável. Bohm está confiante de que, em algum momento no futuro, serão desenvolvidas técnicas que permitirão testar as suas ideias. Quando

é criticado neste ponto, observa que existem várias teorias na física — como a teoria das supercordas — que, muito provavelmente, também não poderão ser testadas experimentalmente durante várias décadas.

12. A Reação da Comunidade da Física

A maioria dos físicos mantém-se cética em relação às ideias de Bohm. Por exemplo, o físico de Yale Lee Smolin simplesmente não considera a teoria de Bohm “muito convincente, do ponto de vista físico”.¹⁴ Ainda assim, existe um respeito quase universal pela inteligência de Bohm. A opinião do físico Abner Shimony, da Universidade de Boston, é representativa desta atitude: “Receio simplesmente não compreender a sua teoria. Trata-se certamente de uma metáfora, e a questão é até que ponto essa metáfora deve ser tomada de forma literal. Ainda assim, ele refletiu de forma extremamente profunda sobre estas questões e penso que prestou um enorme serviço ao trazer estes problemas para o centro da investigação em física, em vez de os deixar ser varridos para debaixo do tapete. Foi um homem corajoso, audaz e imaginativo.”¹⁵

Apesar deste ceticismo, existem também físicos que se mostram recetivos às ideias de Bohm, incluindo figuras de grande peso como Roger Penrose, de Oxford, criador da teoria moderna dos buracos negros; Bernard d’Espagnat, da Universidade de Paris, uma das maiores autoridades mundiais nos fundamentos conceptuais da teoria quântica; e Brian Josephson, de Cambridge, vencedor do Prémio Nobel da Física em 1973. Josephson acredita que a Ordem Implícita de Bohm poderá, um dia, conduzir inclusivamente à

integração de Deus ou da Mente no enquadramento da ciência — uma ideia que o próprio Josephson defende.¹⁶

13. Pribram e Bohm em Conjunto

Consideradas em conjunto, as teorias de Bohm e Pribram oferecem uma nova e profunda forma de olhar para o mundo: os nossos cérebros constroem matematicamente a realidade objetiva ao interpretar frequências que são, em última instância, projeções provenientes de outra dimensão, de uma ordem de existência mais profunda que se encontra para além do espaço e do tempo. O cérebro é um holograma implicado num universo holográfico.

Para Pribram, esta síntese levou-o a reconhecer que o mundo objetivo não existe — pelo menos não da forma como estamos habituados a acreditar. Aquilo que está “lá fora” é um vasto oceano de ondas e frequências, e a realidade só nos parece concreta porque os nossos cérebros conseguem pegar nesse desfoque holográfico e convertê-lo nos paus, pedras e outros objetos familiares que constituem o nosso mundo. Como é que o cérebro — que ele próprio é constituído por frequências de matéria — consegue transformar algo tão insubstancial como um borrão de frequências em algo que parece sólido ao toque? “O tipo de processo matemático que Békésy simulou com os seus vibradores é fundamental para a forma como os nossos cérebros constroem a imagem de um mundo ‘lá fora’”, afirma Pribram.¹⁷ Por outras palavras, a suavidade de uma peça de porcelana fina e a sensação da areia da praia sob os pés são, na realidade, versões elaboradas da síndrome do membro fantasma.

Segundo Pribram, isto não significa que não existam chávenas de porcelana e grãos de areia da praia “lá fora”. Significa apenas que uma chávena de porcelana possui dois aspetos muito diferentes da sua realidade. Quando filtrada pela lente do nosso cérebro, manifesta-se como uma chávena. Mas, se fosse possível remover essa lente, experienciá-la-íamos como um padrão de interferência. Qual deles é real e qual é ilusão? “Ambos são reais para mim”, diz Pribram, “ou, se preferir, nenhum deles é real.”¹⁸

Esta situação não se limita às chávenas de porcelana. Nós próprios também possuímos dois aspetos muito diferentes da nossa realidade. Podemos ver-nos como corpos físicos que se movem no espaço. Ou podemos ver-nos como um borrão de padrões de interferência implicados em todo o holograma cósmico. Bohm acredita que este segundo ponto de vista pode até ser o mais correto, pois pensar em nós como uma mente/cérebro hologrâmico a observar um universo hologrâmico é, mais uma vez, uma abstração — uma tentativa de separar duas coisas que, em última análise, não podem ser separadas.¹⁹

Não se sinta perturbado se isto for difícil de compreender. É relativamente fácil entender a ideia de holismo em algo externo a nós, como uma maçã num holograma. O que torna isto difícil é que, neste caso, não estamos a olhar para o holograma. Somos parte do holograma.

Esta dificuldade é também mais um indício de quão radical é a revisão que Bohm e Pribram estão a tentar introduzir na nossa forma de pensar. Mas não é a única revisão radical. A afirmação de

Pribram de que os nossos cérebros constroem os objetos empalidece perante outra das conclusões de Bohm: *a de que nós próprios construímos até o espaço e o tempo.*²⁰ As implicações desta perspetiva são apenas um dos temas que serão examinados à medida que explorarmos o impacto que as ideias de Bohm e Pribram tiveram no trabalho de investigadores de outras áreas.

PARTE DOIS

Mente e Corpo

Se observássemos atentamente um ser humano individual, notaríamos de imediato que ele é um holograma único em si mesmo; autocontido, autogerador e dotado de autoconsciência. No entanto, se retirássemos esse ser do seu contexto planetário, perceberíamos rapidamente que a forma humana não é diferente de uma mandala ou de um poema simbólico, pois, no interior da sua forma e do seu fluxo, reside informação abrangente sobre os diversos contextos físicos, sociais, psicológicos e evolutivos no seio dos quais foi criado.

— Ken Dychtwald,
em *The Holographic Paradigm*
(org. Ken Wilber)

CAPÍTULO 3

O Modelo Holográfico e a Psicologia

Enquanto o modelo tradicional da psiquiatria e da psicanálise é estritamente personalista e biográfico, a investigação moderna da consciência acrescentou novos níveis, domínios e dimensões, mostrando a psique humana como sendo essencialmente comensurável com o universo inteiro e com toda a existência.

— Stanislav Grof
em *Beyond the Brain*

Uma das áreas de investigação sobre as quais o modelo holográfico teve impacto é a psicologia. Isto não é surpreendente, pois, como Bohm salientou, a própria consciência fornece um exemplo perfeito do que ele entende por movimento indiviso e fluente. O fluxo e refluxo da nossa consciência não é algo que possa ser definido com precisão, mas pode ser visto como uma realidade mais profunda e mais fundamental, da qual os nossos pensamentos e ideias se desdobram. Por sua vez, esses pensamentos e ideias não são muito diferentes das ondulações, redemoinhos e turbilhões que se formam num curso de água em movimento e, tal como acontece com os redemoinhos de um rio, alguns podem reaparecer e persistir de forma mais ou menos estável, enquanto outros são efêmeros e desaparecem quase tão rapidamente quanto surgem. A

ideia hologrâmica lança também luz sobre as ligações inexplicáveis que por vezes parecem ocorrer entre as consciências de dois ou mais indivíduos. Um dos exemplos mais célebres desse tipo de ligação encontra-se no conceito de inconsciente coletivo do psiquiatra suíço Carl Jung. No início da sua carreira, Jung convenceu-se de que os sonhos, as obras artísticas, as fantasias e as alucinações dos seus pacientes continham frequentemente símbolos e ideias que não podiam ser explicados apenas como produtos da sua história pessoal. Em vez disso, tais símbolos assemelhavam-se mais às imagens e temas das grandes mitologias e religiões do mundo. Jung concluiu que mitos, sonhos, alucinações e visões religiosas brotam todos da mesma fonte: um inconsciente coletivo partilhado por toda a humanidade.

Uma experiência que conduziu Jung a esta conclusão ocorreu em 1906 e envolveu a alucinação de um jovem que sofria de esquizofrenia paranoide. Certo dia, durante a sua ronda, Jung encontrou o jovem de pé junto a uma janela, a olhar fixamente para o sol. O homem movia também a cabeça de um lado para o outro de uma forma curiosa. Quando Jung lhe perguntou o que estava a fazer, ele explicou que estava a observar o pénis do sol e que, quando movia a cabeça de um lado para o outro, o pénis do sol também se movia, provocando o vento.

Na altura, Jung encarou a afirmação do homem como produto de uma alucinação. Contudo, vários anos mais tarde, deparou-se com a tradução de um texto religioso persa com dois mil anos de antiguidade que o fez mudar de opinião. O texto consistia numa série de rituais e invocações destinados a provocar visões.

Descrescia uma dessas visões e afirmava que, se o participante olhasse para o sol, veria um tubo a descer dele e que, quando esse tubo se movesse de um lado para o outro, faria o vento soprar. Como as circunstâncias tornavam extremamente improvável que o homem tivesse tido contato com o texto que continha esse ritual, Jung concluiu que a visão não era apenas um produto do inconsciente pessoal do paciente, mas emergira de um nível mais profundo — do inconsciente coletivo da própria espécie humana. Jung chamou a essas imagens *arquétipos* e acreditava que eram tão antigas que é como se cada um de nós tivesse a memória de um homem com dois milhões de anos escondida algures nas profundezas do nosso inconsciente.

Embora o conceito de inconsciente coletivo de Jung tenha tido um enorme impacto na psicologia e seja hoje aceite por incontáveis milhares de psicólogos e psiquiatras, a nossa compreensão atual do universo não oferece qualquer mecanismo que explique a sua existência. A interconetividade de todas as coisas, prevista pelo modelo holográfico, fornece, no entanto, uma explicação. Num universo em que tudo está infinitamente interligado, todas as consciências também estão interligadas. Apesar das aparências, somos seres sem fronteiras. Ou, como Bohm afirma: «No fundo, a consciência da humanidade é uma só.»¹

Se cada um de nós tem acesso ao conhecimento inconsciente de toda a raça humana, por que razão não andamos todos por aí como enciclopédias vivas? O psicólogo Robert M. Anderson, Jr., do Rensselaer Polytechnic Institute, em Troy, Nova Iorque, acredita que isso acontece porque só conseguimos aceder à informação da

ordem implicada que é diretamente relevante para as nossas próprias memórias. Anderson chama a este processo seletivo *ressonância pessoal* e compara-o ao facto de um diapásão vibrante ressoar (ou induzir vibração) noutra diapásão apenas se este possuir uma estrutura, forma e dimensão semelhantes. «Devido à ressonância pessoal, relativamente poucas das quase infinitas variedades de “imagens” presentes na estrutura holográfica implicada do universo estão disponíveis para a consciência pessoal de um indivíduo», afirma Anderson. «Assim, quando pessoas iluminadas vislumbraram essa consciência unitária há séculos, não escreveram a teoria da relatividade, porque não estavam a estudar física num contexto semelhante àquele em que Einstein estudou física.»²

1. Os Sonhos e o Universo Holográfico

Outro investigador que acredita que a ordem implicada de Bohm tem aplicações na psicologia é o psiquiatra Montague Ullman, fundador do Laboratório do Sono no Maimonides Medical Center, em Brooklyn, Nova Iorque, e professor emérito de psiquiatria clínica no Albert Einstein College of Medicine, também em Nova Iorque. O interesse inicial de Ullman pelo conceito holográfico teve igualmente origem na sugestão de que todas as pessoas estão interligadas na ordem holográfica. Ele tinha boas razões para esse interesse. Ao longo das décadas de 1960 e 1970, foi responsável por muitas das experiências com sonhos e PES (Percepção Extrassensorial) mencionadas na introdução. Ainda hoje, os estudos sobre sonhos com PES realizados no Maimonides continuam a ser considerados algumas das melhores evidências empíricas de que,

pelo menos nos sonhos, somos capazes de comunicar uns com os outros de formas que atualmente não conseguem ser explicadas.

Num experimento típico, um voluntário pago, que afirmava não possuir quaisquer capacidades psíquicas, era convidado a dormir numa sala do laboratório, enquanto uma pessoa noutra sala se concentrava numa pintura escolhida aleatoriamente e tentava fazer com que o voluntário sonhasse com a imagem nela contida. Por vezes, os resultados eram inconclusivos. Noutras ocasiões, porém, os voluntários tinham sonhos claramente influenciados pelas pinturas. Por exemplo, quando a pintura-alvo era *Animals*, de Tamayo — uma imagem que retrata dois cães a mostrar os dentes e a uivar sobre uma pilha de ossos — a participante sonhou que estava num banquete onde não havia carne suficiente e onde todos se observavam com desconfiança enquanto comiam avidamente as suas porções.

Noutro experimento, a imagem-alvo foi *Paris from a Window*, de Chagall, uma pintura de cores vivas que representa um homem a olhar por uma janela para o horizonte de Paris. A pintura continha ainda vários elementos invulgares, incluindo um gato com rosto humano, pequenas figuras de homens a voar pelo ar e uma cadeira coberta de flores. Ao longo de várias noites, o participante sonhou repetidamente com temas franceses, arquitetura francesa, um boné de polícia francês e um homem vestido à francesa a contemplar diferentes “camadas” de uma aldeia francesa. Algumas das imagens desses sonhos pareciam também referências específicas às cores vibrantes e aos elementos insólitos da pintura, como a imagem de um grupo de abelhas a voar em torno de flores e uma celebração

colorida, ao estilo do Mardi Gras, em que as pessoas usavam máscaras e disfarces.³

Embora Ullman considere que estes resultados constituem evidência do estado subjacente de interconetividade de que Bohm fala, acredita que um exemplo ainda mais profundo de totalidade hologrâmica pode ser encontrado noutro aspeto do sonhar: o facto de o nosso “eu onírico” ser, muitas vezes, consideravelmente mais sábio do que o nosso eu desperto. Por exemplo, Ullman relata que, na sua prática psicanalítica, podia ter um paciente que, em estado de vigília, parecia completamente pouco esclarecido — mesquinho, egoísta, arrogante, explorador e manipulador; alguém que fragmentara e desumanizara todas as suas relações interpessoais. No entanto, por mais espiritualmente cega que uma pessoa possa ser, ou por mais relutante que esteja em reconhecer as suas próprias falhas, os sonhos retratam invariavelmente essas falhas de forma honesta e contêm metáforas que parecem destinadas a impeli-la suavemente para um estado de maior autoconsciência.

Além disso, esses sonhos não eram ocorrências isoladas. Ao longo da sua prática, Ullman observou que, quando um paciente falhava em reconhecer ou aceitar alguma verdade acerca de si próprio, essa verdade reaparecia repetidamente nos seus sonhos, sob diferentes disfarces metafóricos e associada a diferentes experiências passadas, mas sempre numa aparente tentativa de lhe oferecer novas oportunidades para se confrontar com essa verdade.

Como um ser humano pode ignorar os conselhos dos seus sonhos e ainda assim viver até aos cem anos, Ullman acredita que este

processo de automonitorização visa mais do que o simples bem-estar do indivíduo. Ele considera que a natureza está preocupada com a sobrevivência da espécie. Concorde também com Bohm quanto à importância da totalidade e sente que os sonhos são a forma que a natureza encontrou para tentar contrariar a nossa compulsão aparentemente interminável para fragmentar o mundo. «Um indivíduo pode desligar-se de tudo o que é cooperativo, significativo e amoroso e ainda assim sobreviver, mas as nações não têm esse luxo. A menos que aprendamos a superar todas as formas como fragmentamos a raça humana — nacionalmente, religiosamente, economicamente, ou seja como for — continuaremos a encontrar-nos numa posição em que podemos destruir acidentalmente o quadro completo», afirma Ullman. «A única maneira de o fazer é olhar para a forma como fragmentamos a nossa existência enquanto indivíduos. Os sonhos refletem a nossa experiência individual, mas penso que isso acontece porque existe uma necessidade subjacente maior de preservar a espécie, de manter a conectividade da espécie.»⁴

Qual é a fonte desse fluxo incessante de sabedoria que emerge nos nossos sonhos? Ullman admite que não sabe, mas apresenta uma sugestão. Dado que a ordem implicada representa, num certo sentido, uma fonte infinita de informação, talvez seja ela a origem desse fundo mais vasto de conhecimento. Talvez os sonhos constituam uma ponte entre as ordens percetiva e não manifesta e representem uma «transformação natural do implicado no explicado».⁵ Se Ullman estiver correto nesta suposição, tal coloca de pernas para o ar a visão psicanalítica tradicional dos sonhos, pois, em vez de o conteúdo onírico ascender à consciência a partir

de um substrato primitivo da personalidade, sucederia precisamente o contrário.

2. Psicose e a Ordem Implicada

Ullman acredita que alguns aspectos da psicose também podem ser explicados pela ideia hologrâmica. Tanto Bohm como Pribram observaram que as experiências relatadas por místicos ao longo dos séculos — tais como sentimentos de unidade cósmica com o universo, uma sensação de comunhão com toda a vida, e assim por diante — soam de forma muito semelhante a descrições da ordem implicada. Ambos sugerem que talvez os místicos sejam, de algum modo, capazes de ultrapassar a realidade explicada comum e vislumbrar as suas qualidades mais profundas e hologrâmicas. Ullman acredita que os psicóticos também conseguem experienciar certos aspectos desse nível hologrâmico da realidade. Contudo, como são incapazes de organizar racionalmente as suas experiências, esses vislumbres tornam-se apenas paródias trágicas das experiências relatadas pelos místicos. Por exemplo, os esquizofrênicos relatam frequentemente sentimentos oceânicos de unidade com o universo, mas de uma forma mágica e delirante. Descrevem uma perda das fronteiras entre si próprios e os outros, crença que os leva a pensar que os seus pensamentos já não são privados. Acreditam ser capazes de ler os pensamentos alheios. E, em vez de encararem pessoas, objetos e conceitos como entidades individuais, tendem a vê-los como membros de subclasses cada vez mais amplas — uma tendência que parece constituir uma forma de expressar a qualidade hologrâmica da realidade em que se encontram.

Ullman considera que os esquizofrênicos tentam transmitir o seu sentido de totalidade ininterrupta através da forma como percecionam o espaço e o tempo. Estudos demonstraram que os esquizofrênicos tratam frequentemente o inverso de qualquer relação como sendo idêntico à própria relação.⁶ Por exemplo, segundo o modo de pensar esquizofrênico, dizer que «o acontecimento A sucede ao acontecimento B» é o mesmo que dizer que «o acontecimento B sucede ao acontecimento A». A ideia de um acontecimento seguir-se a outro numa sequência temporal deixa de ter significado, pois todos os pontos no tempo são vistos como equivalentes. O mesmo sucede com as relações espaciais. Se a cabeça de um homem está acima dos seus ombros, então os seus ombros estão igualmente acima da sua cabeça. Tal como a imagem registada numa película holográfica, as coisas deixam de ter localizações precisas e as relações espaciais perdem o seu significado.

Ullman acredita que certos aspetos do pensamento holográfico são ainda mais pronunciados nos indivíduos com perturbação maníaco-depressiva. Enquanto o esquizofrênico apenas capta indícios da ordem implicada, o maníaco encontra-se profundamente envolvido nela e identifica-se grandiosamente com o seu potencial infinito. «Ele não consegue acompanhar todos os pensamentos e ideias que o assaltam de forma tão avassaladora», afirma Ullman. «Tem de mentir, dissimular e manipular os que o rodeiam para se ajustar à sua visão expansiva. O resultado final, naturalmente, é sobretudo caos e confusão, misturados com ocasionais explosões de criatividade e sucesso na realidade consensual.»⁷ Por sua vez, o maníaco entra em depressão depois de regressar dessa espécie de

férias surreais e voltar a confrontar-se com os perigos e as ocorrências aleatórias da vida quotidiana.

Se é verdade que todos nós entramos em contato com aspetos da ordem implicada quando sonhamos, por que razão esses encontros não têm sobre nós o mesmo efeito que têm sobre os psicóticos? Uma das razões, diz Ullman, é que deixamos para trás a lógica singular e desafiante do sonho quando acordamos. Devido à sua condição, o psicótico é forçado a lidar com essa lógica enquanto tenta simultaneamente funcionar na realidade quotidiana. Ullman teoriza ainda que, quando sonhamos, a maioria de nós dispõe de um mecanismo natural de proteção que nos impede de entrar em contato com uma porção da ordem implicada maior do que aquela que somos capazes de suportar.

3. Sonhos Lúcidos e Universos Paralelos

Nos últimos anos, os psicólogos têm demonstrado um interesse crescente pelos *sonhos lúcidos*, um tipo de sonho no qual o sonhador mantém plena consciência desperta e sabe que está a sonhar. Para além deste fator de consciência, os sonhos lúcidos distinguem-se dos sonhos comuns de várias outras formas. Ao contrário dos sonhos normais, nos quais o sonhador é sobretudo um participante passivo, num sonho lúcido o sonhador é frequentemente capaz de controlar o sonho de diversas maneiras — transformar pesadelos em experiências agradáveis, alterar o cenário do sonho e/ou evocar indivíduos ou situações específicas. Os sonhos lúcidos são também muito mais vívidos e impregnados de vitalidade do que os sonhos normais. Num sonho lúcido, os

pavimentos de mármore parecem estranhamente sólidos e reais, as flores são deslumbrantemente coloridas e fragrantes, e tudo se apresenta vibrante e carregado de uma energia peculiar. Os investigadores que estudam os sonhos lúcidos acreditam que estes podem conduzir a novas formas de estimular o crescimento pessoal, reforçar a autoconfiança, promover a saúde mental e física e facilitar a resolução criativa de problemas.⁸

Na reunião anual de 1987 da Association for the Study of Dreams, realizada em Washington, D.C., o físico Fred Alan Wolf apresentou uma comunicação na qual afirmou que o modelo holográfico pode ajudar a explicar este fenómeno invulgar. Wolf, ele próprio um sonhador lúcido ocasional, salienta que uma película holográfica gera efetivamente duas imagens: uma imagem virtual, que parece situar-se no espaço atrás da película, e uma imagem real, que se forma no espaço à frente da película. Uma das diferenças entre ambas é que as ondas de luz que compõem a imagem virtual parecem divergir de um foco ou fonte aparente. Como já vimos, trata-se de uma ilusão, pois a imagem virtual de um holograma não possui maior extensão no espaço do que a imagem refletida num espelho. A imagem real de um holograma, pelo contrário, é formada por ondas de luz que convergem para um foco, e isto não é uma ilusão. A imagem real possui efetivamente extensão no espaço. Infelizmente, pouca atenção é dada a esta imagem real nas aplicações habituais da holografia, porque uma imagem que se forma no ar vazio é invisível e só pode ser vista quando partículas de pó a atravessam ou quando alguém sopra uma nuvem de fumo através dela.

Wolf acredita que todos os sonhos são hologramas internos e que os sonhos comuns são menos vívidos porque correspondem a imagens virtuais. Contudo, pensa que o cérebro também possui a capacidade de gerar imagens reais, e que é precisamente isso que acontece quando sonhamos de forma lúcida. A vitalidade invulgar do sonho lúcido deve-se ao facto de as ondas estarem a convergir, e não a divergir. «Se existir um “observador” no ponto onde essas ondas convergem, esse observador será banhado pela cena, e a cena que converge irá “contê-lo”. Desta forma, a experiência onírica aparecerá como “lúcida”», observa Wolf.⁹

Tal como Pribram, Wolf acredita que as nossas mentes criam a ilusão de uma realidade “lá fora” através do mesmo tipo de processos estudados por Bekesy. Considera que esses processos são também os que permitem ao sonhador lúcido criar realidades subjetivas nas quais elementos como pavimentos de mármore e flores são tão tangíveis e reais quanto os seus supostos equivalentes objetivos. De facto, pensa que a nossa capacidade de sermos lúcidos nos sonhos sugere que talvez não exista uma diferença tão grande entre o mundo exterior e o mundo dentro das nossas cabeças. «Quando o observador e o observado se conseguem separar e dizer, “isto é o observado” e “isto é o observador”, o que parece acontecer no estado lúcido, então creio que é questionável considerar [os sonhos lúcidos] como subjetivos», afirma Wolf.¹⁰

Wolf postula que os sonhos lúcidos (e talvez todos os sonhos) são, na realidade, visitas a universos paralelos. São apenas hologramas menores inseridos no holograma cósmico maior e mais

abrangente. Chega mesmo a sugerir que a capacidade de sonhar lucidamente poderia ser mais bem designada por consciência de universos paralelos. «Chamo-lhe consciência de universos paralelos porque acredito que os universos paralelos surgem como outras imagens no holograma», declara Wolf.¹¹ Esta e outras ideias semelhantes acerca da natureza última do sonhar serão exploradas com maior profundidade mais adiante neste livro.

4. Apanhar Boleia no Metro Infinito

A ideia de que somos capazes de aceder a imagens do inconsciente coletivo, ou mesmo de visitar universos oníricos paralelos, empalidece perante as conclusões de outro investigador de grande destaque influenciado pelo modelo holográfico. Trata-se de Stanislav Grof, diretor de investigação psiquiátrica no Maryland Psychiatric Research Center e professor assistente de psiquiatria na Johns Hopkins University School of Medicine. Após mais de trinta anos a estudar estados não ordinários de consciência, Grof concluiu que as vias de exploração disponíveis para a psique humana através da interconetividade holográfica são mais do que vastas: são virtualmente infinitas.

Grof interessou-se pela primeira vez por estados não ordinários de consciência na década de 1950, enquanto investigava as utilizações clínicas do alucinogénio LSD* no Psychiatric Research

* LSD são as iniciais de dietilamida do ácido lisérgico.

Em termos mais claros:

Institute, na sua cidade natal de Praga, então na Checoslováquia. O objetivo da sua investigação era determinar se o LSD possuía alguma aplicação terapêutica. Quando Grof iniciou os seus estudos, a maioria dos cientistas encarava a experiência com LSD como pouco mais do que uma reação de stress — a forma como o cérebro respondia a uma substância nociva. No entanto, ao analisar os registos das experiências dos seus pacientes, Grof não encontrou indícios de qualquer reação de stress recorrente. Pelo contrário, havia uma continuidade bem definida que atravessava cada uma das sessões dos pacientes. “Em vez de serem desligados e aleatórios, os conteúdos experienciais pareciam representar um desdobramento sucessivo de níveis cada vez mais profundos do inconsciente”, afirma Grof.¹² Isto sugeria que sessões repetidas de LSD tinham implicações importantes para a prática e a teoria da psicoterapia, e forneceu a Grof e aos seus colegas o impulso necessário para prosseguirem a investigação. Os resultados foram impressionantes. Tornou-se rapidamente claro que sessões seriadas de LSD conseguiam acelerar o processo psicoterapêutico e reduzir o tempo necessário para o tratamento de muitas perturbações. Memórias traumáticas que haviam assombrado indivíduos durante anos eram trazidas à superfície e integradas, e, por vezes, até condições graves, como a esquizofrenia, eram curadas.¹³ Contudo, o que se revelou ainda mais surpreendente foi o facto de muitos pacientes avançarem rapidamente para além das

-
- L — lisérgico (derivado do ácido lisérgico, uma substância associada ao fungo *Claviceps purpurea*, o esporão-do-centeio)
 - S — dietil (referente a dois grupos etilo na estrutura química)
 - D — amida (tipo de ligação química presente na molécula)

questões relacionadas com as suas patologias, penetrando em domínios até então inexplorados pela psicologia ocidental.

Uma experiência comum era o reviver daquilo que fora estar no útero materno. Inicialmente, Grof pensou que se tratava apenas de experiências imaginadas, mas à medida que as evidências se acumulavam apercebeu-se de que o conhecimento de embriologia implícito nas descrições era frequentemente muito superior à formação prévia dos pacientes nessa área. Os pacientes descreviam com precisão determinadas características dos sons cardíacos da mãe, a natureza dos fenómenos acústicos na cavidade peritoneal, pormenores específicos da circulação sanguínea na placenta e até detalhes de diversos processos celulares e bioquímicos em curso. Descreviam também pensamentos e sentimentos importantes que a mãe tivera durante a gravidez, bem como acontecimentos como traumatismos físicos por ela sofridos.

Sempre que possível, Grof investigava estas afirmações e, em várias ocasiões, conseguiu confirmá-las interrogando a mãe e outras pessoas envolvidas. Psiquiatras, psicólogos e biólogos que vivenciaram memórias pré-natais durante a sua formação no programa (todos os terapeutas participantes no estudo tiveram igualmente de passar por várias sessões de psicoterapia com LSD) expressaram um espanto semelhante perante a aparente autenticidade das experiências.¹⁴

Ainda mais perturbadoras eram as experiências nas quais a consciência dos pacientes parecia expandir-se para além dos limites habituais do ego e explorar o que era ser outros seres vivos e até

outros objetos. Por exemplo, Grof acompanhou uma paciente que, subitamente, se convenceu de ter assumido a identidade de um réptil pré-histórico fêmea. Não só descreveu com grande riqueza de detalhe o que era sentir-se encapsulada nessa forma, como observou que a parte da anatomia do macho da espécie que considerava mais sexualmente estimulante era uma mancha de escamas coloridas situada na lateral da cabeça. Embora a mulher não tivesse qualquer conhecimento prévio desse tipo de factos, uma conversa posterior de Grof com um zoólogo confirmou que, em certas espécies de répteis, áreas coloridas na cabeça desempenham efetivamente um papel importante como desencadeadores da excitação sexual.

Os pacientes eram também capazes de aceder à consciência de familiares e antepassados. Uma mulher experienciou o que fora ser a sua mãe aos três anos de idade e descreveu com exatidão um acontecimento aterrador que lhe ocorrera nessa altura. A mulher forneceu ainda uma descrição precisa da casa onde a mãe vivera e do avental branco que usava — pormenores que a mãe confirmou mais tarde e admitiu nunca ter mencionado antes. Outros pacientes deram descrições igualmente rigorosas de acontecimentos vividos por antepassados que tinham vivido décadas e até séculos antes.

Outras experiências incluíam o acesso a memórias raciais e coletivas. Indivíduos de origem eslava experienciaram o que fora participar nas conquistas das hordas mongóis de Gengis Khan, dançar em transe com os bosquímanos do Kalahari, submeter-se aos ritos de iniciação dos aborígenes australianos e morrer como vítimas sacrificiais dos astecas. Mais uma vez, as descrições

continham frequentemente factos históricos obscuros e um grau de conhecimento totalmente incompatível com a educação, a origem étnica e a exposição prévia dos pacientes aos temas em causa. Por exemplo, um paciente sem instrução formal apresentou um relato extremamente detalhado das técnicas envolvidas na prática egípcia do embalsamamento e da mumificação, incluindo a forma e o significado de vários amuletos e caixas sepulcrais, uma lista dos materiais utilizados na fixação das ligaduras da múmia, o tamanho e a forma das faixas e outros aspetos esotéricos dos rituais funerários egípcios. Outros indivíduos sintonizaram-se com culturas do Extremo Oriente e não só descreveram de forma impressionante o que era possuir uma psique japonesa, chinesa ou tibetana, como também relataram diversos ensinamentos taoistas ou budistas.

Na verdade, não parecia haver qualquer limite para aquilo a que os sujeitos de Grof sob LSD conseguiam aceder. Pareciam capazes de saber o que era ser qualquer animal — e até qualquer planta — na árvore da evolução. Conseguiram experienciar o que era ser uma célula sanguínea, um átomo, um processo termonuclear no interior do Sol, a consciência do planeta inteiro e até a consciência de todo o cosmos. Para além disso, demonstraram a capacidade de transcender o espaço e o tempo e, ocasionalmente, relataram informações precognitivas de uma precisão desconcertante. Num plano ainda mais estranho, encontravam por vezes inteligências não humanas durante as suas viagens mentais: seres desencarnados, guias espirituais de «planos superiores de consciência» e outras entidades supra-humanas.

Por vezes, os sujeitos viajavam também para o que parecia serem outros universos e outros níveis de realidade. Numa sessão particularmente inquietante, um jovem que sofria de depressão encontrou-se naquilo que parecia ser outra dimensão. Tinha uma luminosidade estranha e, embora não conseguisse ver ninguém, sentia que estava repleta de seres desencarnados. Subitamente, sentiu uma presença muito próxima e, para sua surpresa, esta começou a comunicar com ele telepaticamente. Pediu-lhe que, por favor, contatasse um casal que vivia na cidade morávia de Kroměříž e lhes dissesse que o seu filho Ladislav estava bem tratado e em boas condições. Em seguida, forneceu-lhe o nome do casal, a morada e o número de telefone.

A informação não significava nada nem para Grof nem para o jovem e parecia totalmente alheia aos problemas e ao tratamento do paciente. Ainda assim, Grof não conseguiu afastá-la da mente. «Depois de alguma hesitação e com sentimentos contraditórios, decidi finalmente fazer aquilo que certamente me teria tornado alvo de chacota por parte dos meus colegas, caso soubessem», diz Grof. «Fui ao telefone, marquei o número em Kroměříž e pedi para falar com Ladislav. Para meu espanto, a mulher do outro lado da linha começou a chorar. Quando se acalmou, disse-me, com a voz entrecortada: "O nosso filho já não está connosco; faleceu, perdemo-lo há três semanas."»¹⁵

Na década de 1960, Grof foi convidado para um cargo no Maryland Psychiatric Research Center e mudou-se para os Estados Unidos. O centro realizava também estudos controlados sobre as aplicações psicoterapêuticas do LSD, o que permitiu a Grof

continuar a sua investigação. Para além de examinar os efeitos de sessões repetidas de LSD em indivíduos com diversas perturbações mentais, o centro estudou igualmente os seus efeitos em voluntários «normais» — médicos, enfermeiros, pintores, músicos, filósofos, cientistas, sacerdotes e teólogos. Mais uma vez, Grof encontrou repetidamente o mesmo tipo de fenómenos. Era quase como se o LSD fornecesse à consciência humana acesso a uma espécie de sistema de metro infinito: um labirinto de túneis e ramificações existente nas profundezas subterrâneas do inconsciente e que, literalmente, ligava tudo no universo a tudo o resto.

Depois de ter acompanhado pessoalmente mais de três mil sessões de LSD (cada uma com a duração mínima de cinco horas) e de ter estudado os registos de mais de duas mil sessões conduzidas por colegas, Grof ficou irremediavelmente convencido de que algo de extraordinário estava a acontecer. “Após anos de luta conceptual e confusão”, afirma, “cheguei à conclusão de que os dados provenientes da investigação com LSD indicam uma necessidade urgente de uma revisão drástica dos paradigmas existentes em psicologia, psiquiatria, medicina e, possivelmente, da ciência em geral. Neste momento, tenho poucas dúvidas de que a nossa compreensão atual do universo, da natureza da realidade e, em particular, do ser humano, é superficial, incorreta e incompleta.”¹⁶

Grof cunhou o termo *transpessoal* para descrever tais fenómenos — experiências nas quais a consciência transcende os limites habituais da personalidade — e, no final da década de 1960, juntou-

se a vários outros profissionais com afinidades semelhantes, incluindo o psicólogo e educador Abraham Maslow, para fundar um novo ramo da psicologia, denominado *psicologia transpessoal*.

Se a nossa forma atual de encarar a realidade não consegue dar conta dos fenómenos transpessoais, que novo entendimento poderá substituí-la? Grof acredita que esse entendimento é fornecido pelo modelo hologrâmico. Como ele próprio assinala, as características essenciais das experiências transpessoais — a sensação de que todas as fronteiras são ilusórias, a ausência de distinção entre parte e todo e a interconetividade de todas as coisas — são precisamente as qualidades que se esperaria encontrar num universo organizado segundo princípios hologrâmicos. Além disso, considera que a natureza implicada do espaço e do tempo no domínio hologrâmico explica por que razão as experiências transpessoais não estão limitadas pelas restrições espaciais ou temporais habituais.

Grof pensa ainda que a capacidade quase ilimitada dos hologramas para armazenar e recuperar informação explica o facto de visões, fantasias e outras “gestalts psicológicas” conterem enormes quantidades de informação acerca da personalidade de um indivíduo. Uma única imagem experienciada durante uma sessão de LSD pode conter dados sobre a atitude geral de uma pessoa perante a vida, um trauma vivido na infância, o seu nível de autoestima, os sentimentos em relação aos pais ou ao casamento — tudo incorporado na metáfora global da cena. Essas experiências são hologrâmicas também noutro sentido, pois cada pequena parte da cena pode conter, por si só, uma constelação completa de informação. Assim, a associação livre e outras técnicas analíticas

aplicadas a detalhes aparentemente minúsculos da cena podem desencadear um novo fluxo abundante de dados sobre o indivíduo em causa.

A natureza composta das imagens arquetípicas pode igualmente ser modelada pela ideia hologrâmica. Como observa Grof, a holografia permite registrar uma sequência de exposições — por exemplo, imagens de todos os membros de uma família numerosa — na mesma película. Quando isso é feito, a película revelada contém a imagem de uma figura que não representa um único membro da família, mas todos simultaneamente. “Estas imagens genuinamente compostas constituem um modelo requintado de um certo tipo de experiência transpessoal, como as imagens arquetípicas do Homem Cósmico, da Mulher, da Mãe, do Pai, do Amante, do Trapaceiro, do Louco ou do Mártir”, afirma Grof.¹⁷

Se cada exposição for realizada a partir de um ângulo ligeiramente diferente, em vez de se obter uma imagem composta, a película pode ser utilizada para criar uma série de imagens hologrâmicas que parecem fluir umas para as outras. Grof acredita que isto ilustra outro aspeto da experiência visionária, nomeadamente a tendência para inúmeras imagens se explicarem em rápida sucessão, cada uma surgindo e dissolvendo-se na seguinte como que por magia. Considera que o êxito da holografia em modelar tantos aspetos distintos da experiência arquetípica sugere a existência de uma ligação profunda entre processos hologrâmicos e a forma como os arquétipos são produzidos.

De facto, Grof sente que a evidência de uma ordem hologrâmica oculta emerge praticamente sempre que alguém experiencia um estado não ordinário de consciência:

O conceito de ordens explicadas e implicadas de Bohm, bem como a ideia de que certos aspetos importantes da realidade não são acessíveis à experiência e ao estudo em circunstâncias comuns, são de relevância direta para a compreensão dos estados invulgares de consciência. Indivíduos que experienciaram diversos estados não ordinários de consciência — incluindo cientistas bem formados e sofisticados de várias disciplinas — relatam frequentemente que entraram em domínios ocultos da realidade que pareciam autênticos e, de algum modo, implícitos e supraordenados em relação à realidade quotidiana.¹⁸

5. Terapia Holotrópica

Talvez a descoberta mais notável de Grof seja a de que os mesmos fenómenos relatados por indivíduos que ingeriram LSD podem também ser experienciados sem recurso a qualquer tipo de substância química. Com esse objetivo, Grof e a sua esposa, Christina, desenvolveram uma técnica simples, não farmacológica, destinada a induzir estes estados *holotrópicos*, ou estados *não ordinários* de consciência. Definem um estado holotrópico de consciência como aquele em que se torna possível aceder ao labirinto hologrâmico que interliga todos os aspetos da existência. Estes incluem a história biológica, psicológica, racial e espiritual do indivíduo, o passado, o presente e o futuro do mundo, outros níveis de realidade, bem como todas as restantes experiências já discutidas no contexto das vivências associadas ao LSD.

Os Grof denominam esta abordagem *terapia holotrópica* e recorrem exclusivamente a respiração rápida e controlada, música evocativa, bem como a massagem e trabalho corporal, para induzir estados alterados de consciência. Até à data, milhares de pessoas participaram nos seus workshops e relatam experiências tão espetaculares e emocionalmente profundas quanto aquelas descritas pelos participantes nos estudos anteriores de Grof com LSD. Grof descreve o seu trabalho atual e apresenta um relato detalhado dos seus métodos no livro *A Aventura da Autodescoberta*.

6. Vórtices de Pensamento e Personalidades Múltiplas

Vários investigadores recorreram ao modelo holográfico para explicar diferentes aspetos do próprio processo de pensamento. Por exemplo, o psiquiatra nova-iorquino Edgar A. Levenson considera que o holograma fornece um modelo valioso para compreender as mudanças súbitas e transformadoras que os indivíduos frequentemente experienciam durante a psicoterapia. Baseia esta conclusão no facto de tais mudanças ocorrerem independentemente da técnica ou da abordagem psicanalítica utilizada pelo terapeuta. Por essa razão, entende que todas as abordagens psicanalíticas são, em grande medida, cerimoniais, e que a mudança resulta de algo inteiramente diferente.

Levenson acredita que esse algo é a ressonância. Um terapeuta sabe sempre quando a terapia está a correr bem, observa ele. Surge uma forte sensação de que as peças de um padrão até então esquivo estão prestes a encaixar. O terapeuta não está a dizer nada

de novo ao paciente, mas parece antes estar a ressoar com algo que o paciente já sabe inconscientemente:

É como se uma enorme representação tridimensional, espacialmente codificada, da experiência do paciente se desenvolvesse no processo terapêutico, atravessando todos os aspectos da sua vida, da sua história e da sua participação na relação com o terapeuta. Em determinado momento ocorre uma espécie de “sobrecarga”, e tudo se encaixa.¹⁹

Levenson considera que estas representações tridimensionais da experiência são hologramas profundamente inscritos na psique do paciente, e que uma ressonância afetiva entre terapeuta e paciente faz com que emergjam, num processo semelhante àquele pelo qual um feixe laser de determinada frequência faz surgir uma imagem criada com um laser da mesma frequência a partir de um holograma de múltiplas imagens. “O modelo hologrâmico sugere um paradigma radicalmente novo, que poderá oferecer-nos uma forma renovada de perceber e articular fenómenos clínicos que sempre se soube serem importantes, mas que foram relegados para o domínio da ‘arte’ da psicoterapia”, afirma Levenson. “Oferece um possível modelo teórico para a mudança e uma esperança prática de clarificar a técnica psicoterapêutica.”²⁰

O psiquiatra David Shainberg, vice-diretor do Programa de Psicanálise Pós-Graduada do William Alanson White Institute of Psychiatry, em Nova Iorque, considera que a afirmação de Bohm segundo a qual os pensamentos são como vórtices num rio deve ser tomada de forma literal, pois ajuda a explicar por que razão as nossas atitudes e crenças se tornam por vezes fixas e resistentes à

mudança. Estudos demonstraram que os vórtices podem ser extraordinariamente estáveis. A Grande Mancha Vermelha de Júpiter, um gigantesco vórtice gasoso com mais de 40 000 quilômetros de largura, mantém-se intacta desde que foi observada pela primeira vez, há cerca de trezentos anos. Shainberg acredita que esta mesma tendência para a estabilidade é aquilo que faz com que certos vórtices de pensamento — as nossas ideias e opiniões — se tornem ocasionalmente cimentados na consciência.

Considera que a quase permanência de alguns vórtices é frequentemente prejudicial ao nosso crescimento enquanto seres humanos. Um vórtice particularmente poderoso pode dominar o nosso comportamento e inibir a capacidade de assimilar novas ideias e informações. Pode tornar-nos repetitivos, criar bloqueios no fluxo criativo da consciência, impedir-nos de perceber a nossa própria totalidade e fazer-nos sentir desligados da espécie humana. Shainberg acredita que os vórtices podem mesmo explicar fenómenos como a corrida armamentista nuclear:

Veja-se a corrida armamentista nuclear como um vórtice que surge da ganância de seres humanos isolados nos seus 'eus' separados e que não sentem ligação com os outros seres humanos. Sentem também um vazio peculiar e tornam-se gananciosos por tudo o que possam obter para se preencherem. Assim, as indústrias nucleares proliferam porque fornecem enormes quantidades de dinheiro, e a ganância é tão extensa que tais pessoas não se importam com o que possa resultar das suas ações.²¹

Tal como Bohm, Shainberg considera que a consciência está continuamente a explicitar-se a partir da ordem implícita, e que, quando permitimos que os mesmos vórtices tomem forma

repetidamente, estamos a erguer uma barreira entre nós e as interações infinitas, positivas e novas, que poderíamos ter com essa fonte ilimitada de todo o ser. Para vislumbrar aquilo que estamos a perder, sugere que observemos uma criança. As crianças ainda não tiveram tempo de formar vórtices, e isso reflete-se na forma aberta e flexível como interagem com o mundo. Segundo Shainberg, a vivacidade cintilante de uma criança expressa a própria essência da natureza de implicação e explicação da consciência quando esta não encontra obstáculos.

Se quiser tornar-se consciente dos seus próprios vórtices de pensamento cristalizados, Shainberg recomenda que preste atenção à forma como se comporta em conversas. Quando pessoas com crenças rígidas dialogam com outras, tendem a justificar as suas identidades defendendo e reiterando as suas opiniões. Os seus juízos raramente se alteram em resultado de nova informação, e demonstram pouco interesse em permitir que ocorra uma interação genuína. Uma pessoa aberta à natureza fluida da consciência está mais disposta a reconhecer a condição cristalizada das relações impostas por tais vórtices de pensamento. Compromete-se com a exploração da interação conversacional, em vez de repetir incessantemente uma ladainha estática de opiniões. “A resposta humana e a articulação dessa resposta, o retorno das reações a essa resposta e a clarificação das relações entre respostas diferentes são a forma como os seres humanos participam no fluxo da ordem implícita”, afirma Shainberg.²²

Outro fenómeno psicológico que apresenta várias marcas características da ordem implícita é a perturbação de personalidade

múltipla, ou PPM (*Perturbação de Personalidade Múltipla*). A PPM é uma síndrome desconcertante em que duas ou mais personalidades distintas habitam um único corpo. As pessoas afetadas por esta perturbação — frequentemente designadas por “múltiplos” — não têm, na maioria dos casos, consciência da sua condição. Não se apercebem de que o controlo do corpo está a ser alternadamente assumido por diferentes personalidades e, em vez disso, sentem que sofrem de algum tipo de amnésia, confusão ou episódios de apagão. A maioria dos múltiplos apresenta entre oito e treze personalidades, embora os chamados super-múltiplos possam possuir mais de uma centena de subpersonalidades.

Um dos dados estatísticos mais reveladores acerca dos múltiplos é que 97% deles apresentam um historial de trauma infantil grave, frequentemente sob a forma de abusos psicológicos, físicos e sexuais extremos. Isto levou muitos investigadores a concluir que tornar-se múltiplo é a forma que a psique encontra para lidar com uma dor extraordinária e esmagadora. Ao fragmentar-se em uma ou mais personalidades, a psique consegue, por assim dizer, distribuir a dor, permitindo que várias personalidades suportem aquilo que seria insuportável para uma única identidade.

Neste sentido, tornar-se múltiplo pode ser o exemplo extremo daquilo que Bohm entende por fragmentação. É interessante notar que, quando a psique se fragmenta, não se transforma num conjunto de estilhaços quebrados e irregulares, mas sim numa coleção de totalidades menores, completas e autossustentadas, cada uma com os seus próprios traços, motivações e desejos. Embora estas totalidades não sejam cópias idênticas da

personalidade original, estão relacionadas com a sua dinâmica global, o que sugere, por si só, que algum tipo de processo holográfico está envolvido.

A afirmação de Bohm de que a fragmentação acaba sempre por se revelar destrutiva é igualmente visível nesta síndrome. Embora tornar-se múltiplo permita a sobrevivência a uma infância que de outro modo seria insuportável, tal estratégia acarreta uma série de efeitos secundários desagradáveis. Entre estes incluem-se depressão, ansiedade e ataques de pânico, fobias, problemas cardíacos e respiratórios, náuseas inexplicáveis, dores de cabeça semelhantes a enxaquecas, tendências para a automutilação, e muitas outras perturbações mentais e físicas. De forma surpreendente — mas com uma regularidade quase mecânica — a maioria dos múltiplos é diagnosticada entre os vinte e oito e os trinta e cinco anos. Esta “coincidência” sugere que algum tipo de sistema de alarme interno pode ser ativado nessa fase da vida, alertando a pessoa para a urgência do diagnóstico e da obtenção da ajuda necessária. Esta hipótese parece ser confirmada pelo facto de múltiplos que chegam aos quarenta anos sem diagnóstico relatarem frequentemente a sensação de que, se não procurassem ajuda rapidamente, qualquer possibilidade de recuperação se perderia.²³ Apesar das vantagens temporárias que a psique atormentada obtém ao fragmentar-se, torna-se claro que o bem-estar mental e físico — e talvez até a própria sobrevivência — dependem da totalidade.

Outro aspeto invulgar da PPM é o facto de cada personalidade apresentar um padrão distinto de ondas cerebrais. Isto é

surpreendente, pois, como observa Frank Putnam, psiquiatra dos National Institutes of Health que estudou este fenómeno, normalmente o padrão de ondas cerebrais de uma pessoa não se altera nem mesmo em estados de emoção extrema. Os padrões de ondas cerebrais não são o único elemento que varia de personalidade para personalidade. O fluxo sanguíneo, o tónus muscular, a frequência cardíaca, a postura e até as alergias podem modificar-se quando um múltiplo transita de um “eu” para outro.

Uma vez que os padrões de ondas cerebrais não estão confinados a um único neurónio ou a um grupo específico de neurónios, mas constituem uma propriedade global do cérebro, este facto sugere igualmente que um processo de natureza hologrâmica pode estar em ação. Tal como um holograma de múltiplas imagens pode armazenar e projetar dezenas de cenas completas, talvez o holograma cerebral consiga armazenar e evocar uma multiplicidade semelhante de personalidades inteiras. Por outras palavras, talvez aquilo a que chamamos “eu” seja também um holograma, e quando o cérebro de um múltiplo passa de um “eu hologrâmico” para outro, estas transições — semelhantes às mudanças de diapositivos num projetor — reflitam-se nas alterações globais que ocorrem tanto na atividade das ondas cerebrais como no corpo em geral (ver fig. 10).

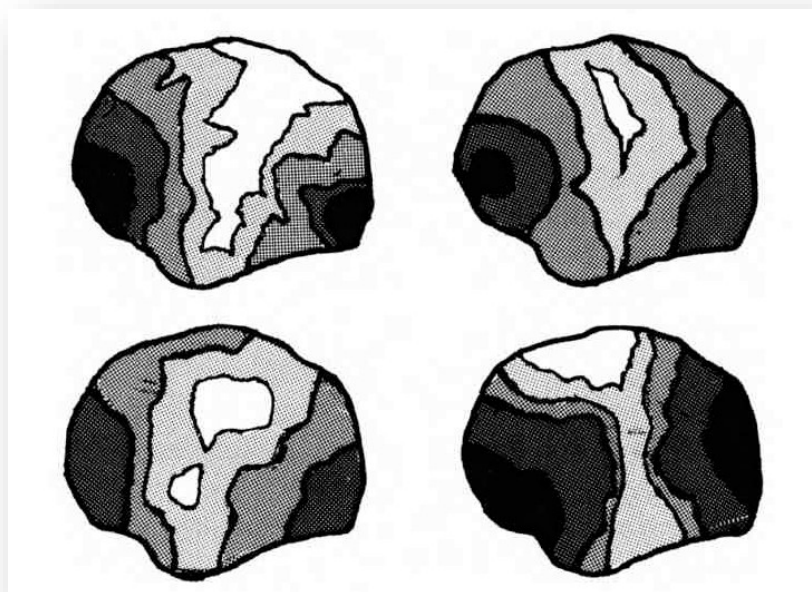


FIGURA 10. Os padrões de ondas cerebrais de quatro subpersonalidades num indivíduo que sofre de perturbação de personalidade múltipla. Seria possível que o cérebro utilizasse princípios holográficos para armazenar a vasta quantidade de informação necessária para albergar dezenas, ou mesmo centenas, de personalidades num único corpo? (Redesenhado pelo autor a partir de uma ilustração original de um artigo de Bennett G. Braun no *American Journal of Clinical Hypnosis*)

As mudanças fisiológicas que acompanham a transição de uma personalidade para outra têm também implicações profundas para a relação entre mente e saúde, e serão analisadas com maior detalhe no próximo capítulo.

7. Uma Falha no Tecido da Realidade

Outro dos grandes contributos de Jung foi a definição do conceito de sincronicidade. Tal como referido na introdução, as sincronicidades são coincidências tão invulgares e tão carregadas

de significado que dificilmente podem ser atribuídas apenas ao acaso. Cada um de nós já viveu alguma sincronicidade ao longo da vida — por exemplo, quando aprende uma palavra estranha e, poucas horas depois, a ouve num noticiário, ou quando pensa num tema obscuro e, logo a seguir, repara que outras pessoas estão a falar exatamente desse assunto.

Há alguns anos vivi uma série de sincronicidades envolvendo o empresário de espetáculos de rodeio Buffalo Bill. Ocasionalmente, enquanto faço um treino ligeiro de manhã antes de começar a escrever, ligo a televisão. Numa manhã de janeiro de 1983, estava a fazer flexões enquanto decorria um concurso televisivo e, de repente, dei por mim a gritar o nome “Buffalo Bill!”. Fiquei inicialmente perplexo com o meu próprio desabafo, mas logo percebi que o apresentador do concurso tinha acabado de fazer a pergunta: “Por que outro nome era conhecido William Frederick Cody?” Embora não estivesse a prestar atenção consciente ao programa, por alguma razão o meu inconsciente captara a pergunta e respondera-lhe. Na altura não atribuí grande importância ao episódio e segui com o meu dia. Algumas horas depois, um amigo telefonou-me e perguntou se eu poderia ajudar a resolver uma discussão amigável sobre uma curiosidade teatral. Disse-lhe que tentaria, e ele perguntou: “É verdade que as últimas palavras de John Barrymore foram: ‘Não és tu o filho ilegítimo de Buffalo Bill?’” Achei este segundo encontro com Buffalo Bill estranho, mas continuei a atribuí-lo ao acaso — até mais tarde nesse mesmo dia, quando recebi pelo correio uma revista do *Smithsonian* e a abri. Um dos artigos principais tinha o título “O Último dos Grandes Batedores Está de Volta”. E era sobre... adivinhou: Buffalo Bill.

(Incidentalmente, não consegui responder à pergunta do meu amigo e até hoje não sei se essas foram ou não as palavras finais de Barrymore.)

Por mais incrível que esta experiência tenha sido, a única coisa que parecia significativa nela era a sua improbabilidade. Existe, contudo, outro tipo de sincronicidade que é notável não apenas pela improbabilidade, mas pela sua aparente ligação a acontecimentos que ocorrem nas profundezas da psique humana. O exemplo clássico deste tipo é a famosa história do escaravelho de Jung. Jung estava a tratar uma mulher cuja abordagem rigidamente racional da vida tornava difícil que beneficiasse da terapia. Após várias sessões frustrantes, a mulher contou-lhe um sonho que envolvia um escaravelho. Jung sabia que, na mitologia egípcia, o escaravelho simbolizava o renascimento e perguntou-se se o inconsciente da mulher estaria a anunciar simbolicamente que ela estava prestes a atravessar algum tipo de renascimento psicológico. Estava mesmo prestes a partilhar esta interpretação quando algo bateu na janela. Jung levantou os olhos e viu, do outro lado do vidro, um escaravelho dourado-esverdeado — a única vez em toda a sua vida em que um escaravelho aparecera à sua janela. Abriu a janela e deixou o inseto entrar na sala enquanto apresentava a sua interpretação do sonho. A mulher ficou tão profundamente impressionada que suavizou o seu racionalismo excessivo e, a partir desse momento, a sua resposta à terapia melhorou significativamente.

Jung deparou-se com muitas coincidências significativas deste género ao longo do seu trabalho psicoterapêutico e reparou que quase sempre acompanhavam períodos de intensa carga emocional

e transformação: mudanças fundamentais de crenças, percepções súbitas, mortes, nascimentos e até mudanças de profissão. Observou também que tendiam a atingir um pico precisamente quando a nova compreensão ou revelação estava prestes a emergir na consciência do paciente. À medida que as suas ideias se tornaram mais conhecidas, outros terapeutas começaram a relatar as suas próprias experiências de sincronicidade.

Por exemplo, o psiquiatra de Zurique Carl Alfred Meier, colaborador próximo de Jung durante muitos anos, contou uma sincronicidade que se estendeu ao longo de vários anos. Uma mulher americana, a sofrer de depressão grave, viajou desde Wuchang, na China, até à Europa para ser tratada por Meier. Era cirurgiã e tinha dirigido um hospital missionário em Wuchang durante vinte anos. Envolvera-se profundamente com a cultura local e era especialista em filosofia chinesa. Durante a terapia contou a Meier um sonho em que via o hospital com uma das suas alas destruída. Dado que a sua identidade estava fortemente ligada ao hospital, Meier interpretou o sonho como um sinal de que ela estava a perder o sentido de si própria, a sua identidade americana, e que essa perda era a causa da depressão. Aconselhou-a a regressar aos Estados Unidos e, quando o fez, a depressão desapareceu rapidamente, tal como ele previra. Antes de partir, pediu-lhe ainda que fizesse um desenho detalhado do hospital em ruínas.

Anos mais tarde, os japoneses atacaram a China e bombardearam o Hospital de Wuchang. A mulher enviou a Meier um exemplar da revista *Life* contendo uma fotografia de duas

páginas do hospital parcialmente destruído — e esta era idêntica ao desenho que ela fizera nove anos antes. A mensagem simbólica e profundamente pessoal do sonho tinha, de algum modo, transbordado para além dos limites da sua psique e se manifestado na realidade física.²⁴

Devido à natureza impressionante destes acontecimentos, Jung ficou convencido de que tais sincronicidades não eram meros acasos, mas estavam relacionadas com os processos psicológicos dos indivíduos que as vivenciavam. Uma vez que não conseguia conceber de que modo um acontecimento profundo na psique poderia causar um evento — ou uma série de eventos — no mundo físico, pelo menos no sentido clássico de causalidade, Jung propôs que estaria em jogo um novo princípio, um princípio de ligação *acausal*, até então desconhecido pela ciência.

Quando Jung apresentou esta ideia pela primeira vez, a maioria dos físicos não a levou a sério (embora um físico eminente da época, Wolfgang Pauli, a tenha considerado suficientemente importante para coautorizar com Jung um livro sobre o tema, intitulado *A Interpretação e a Natureza da Psique*). No entanto, agora que a existência de ligações não locais foi estabelecida, alguns físicos estão a reconsiderar a ideia de Jung.* O físico Paul Davies afirma:

Estes efeitos quânticos não locais são, de facto, uma forma de sincronicidade, no sentido em que estabelecem uma ligação — mais

* Como já foi referido, os efeitos não locais não se devem a uma relação de causa-efeito e, por isso, são acausais.

precisamente, uma correlação — entre acontecimentos para os quais qualquer forma de ligação causal é proibida.²⁵

Outro físico que leva a sincronicidade a sério é F. David Peat. Peat acredita que as sincronicidades do tipo junguiano não só são reais, como oferecem provas adicionais da existência da ordem implícita. Como vimos, segundo Bohm, a aparente separação entre consciência e matéria é uma ilusão, um artefato que só surge depois de ambas se terem explicado no mundo explícito dos objetos e do tempo sequencial. Se não existe divisão entre mente e matéria no domínio implícito — o fundamento a partir do qual todas as coisas emergem — então não é estranho esperar que a realidade continue atravessada por vestígios dessa conectividade profunda. Peat acredita, por isso, que as sincronicidades são “falhas” no tecido da realidade, fissuras momentâneas que nos permitem vislumbrar brevemente a ordem imensa e unitária subjacente a toda a natureza.

Dito de outro modo, Peat considera que as sincronicidades revelam a ausência de divisão entre o mundo físico e a nossa realidade psicológica interior. Assim, a relativa raridade das experiências sincrônicas nas nossas vidas mostra não apenas até que ponto nos fragmentámos em relação ao campo geral da consciência, mas também o grau em que nos isolámos do potencial infinito e deslumbrante das ordens mais profundas da mente e da realidade. Segundo Peat, quando vivenciamos uma sincronicidade, aquilo que realmente estamos a experienciar “é a mente humana a operar, por um momento, na sua verdadeira ordem, estendendo-se pela sociedade e pela natureza, movendo-se através de ordens

de subtileza crescente e alcançando para além da fonte da mente e da matéria, até à própria criatividade.”²⁶

Esta é uma noção espantosa. Praticamente todos os nossos preconceitos de senso comum acerca do mundo assentam na premissa de que a realidade subjetiva e a realidade objetiva são claramente separadas. É por isso que as sincronicidades nos parecem tão desconcertantes e inexplicáveis. Mas se, em última análise, não existe qualquer divisão entre o mundo físico e os nossos processos psicológicos internos, então teremos de estar preparados para alterar muito mais do que apenas a nossa compreensão comum do universo — pois as implicações são vertiginosas.

Uma dessas implicações é que a realidade objetiva se assemelha mais a um sonho do que anteriormente suspeitávamos. Imagine, por exemplo, que sonha que está sentado à mesa a jantar com o seu chefe e a esposa dele. Como sabe por experiência, todos os diversos elementos do sonho — a mesa, as cadeiras, os pratos, os saleiros e pimenteiros — parecem ser objetos separados. Imagine também que, no sonho, ocorre uma sincronicidade: talvez lhe seja servido um prato particularmente desagradável e, quando pergunta ao empregado o que é, ele responde que o nome do prato é *O Seu Chefe*. Ao perceber que o carácter desagradável do prato revela os seus verdadeiros sentimentos em relação ao seu chefe, sente-se embaraçado e questiona-se sobre como um aspeto do seu “interior” conseguiu transbordar para a “realidade exterior” da cena sonhada. Naturalmente, assim que acorda, compreende que a sincronicidade não era assim tão estranha, pois na verdade não existia qualquer

divisão entre o seu “interior” e a “realidade exterior” do sonho. Do mesmo modo, percebe que a aparente separação entre os vários objetos do sonho também era ilusória, pois tudo era produzido por uma ordem mais profunda e fundamental — a totalidade indivisa do seu próprio inconsciente.

Se não existe divisão entre os mundos mental e físico, então essas mesmas qualidades aplicam-se também à realidade objetiva. Segundo Peat, isto não significa que o universo material seja falso ou inexistente, mas sim que a sua realidade é de natureza ilusória ou virtual — uma realidade que emerge da interação entre o implícito e o explícito, e não uma entidade autónoma separada do processo que a gera. Nem significa que a individualidade se perca, tal como a imagem de uma rosa não se perde quando é registada numa película holográfica. Significa apenas que somos, mais uma vez, como vórtices num rio: únicos, mas inseparáveis do fluxo da natureza. Ou, como Peat o expressa, “o eu continua a existir, mas como um aspeto de um movimento mais subtil que envolve a ordem da totalidade da consciência.”²⁷

E assim regressamos ao ponto de partida: desde a descoberta de que a consciência contém a totalidade da realidade objetiva — toda a história da vida biológica no planeta, as religiões e mitologias do mundo, e a dinâmica tanto das células sanguíneas como das estrelas — até à descoberta de que o próprio universo material pode conter, na sua trama mais íntima, os processos mais profundos da consciência. Tal é a natureza da conetividade profunda que existe entre todas as coisas num universo holográfico. No próximo capítulo exploraremos de que modo esta conetividade, bem como outros

aspectos da ideia holográfica, afetam a nossa compreensão atual da saúde.

CAPÍTULO 4

Eu Canto o Corpo Holográfico

Mal saberá quem sou ou o que quero dizer,
Mas, ainda assim, serei boa saúde para si...

— Walt Whitman, “Canto de Mim Mesmo

Um homem de sessenta e um anos, a quem chamaremos Frank, foi diagnosticado com uma forma de cancro da garganta quase sempre fatal e informado de que tinha menos de 5% de probabilidades de sobreviver. O seu peso tinha descido de 130 para 98 libras. Estava extremamente debilitado, mal conseguia engolir a própria saliva e tinha dificuldades em respirar. De facto, os médicos chegaram a debater se deveriam sequer administrar radioterapia, pois existia a possibilidade concreta de o tratamento apenas aumentar o seu desconforto sem melhorar significativamente as hipóteses de sobrevivência. Ainda assim, decidiram avançar.

Então, para grande sorte de Frank, o Dr. O. Carl Simonton, oncologista radioterapeuta e diretor médico do Cancer Counseling and Research Center, em Dallas, Texas, foi convidado a participar no seu tratamento. Simonton sugeriu que o próprio Frank poderia influenciar o curso da sua doença. Ensinou-lhe então um conjunto de técnicas de relaxamento e de imagética mental que ele e os seus

colegas tinham desenvolvido. A partir desse momento, três vezes por dia, Frank imaginava a radiação que recebia como sendo constituída por milhões de pequenos projéteis de energia a bombardear as suas células. Visualizava também as células cancerígenas como mais fracas e mais confusas do que as células normais e, por isso, incapazes de reparar os danos sofridos. Em seguida, imaginava os glóbulos brancos do seu corpo — os soldados do sistema imunitário — a entrarem em ação, cobrindo as células cancerígenas mortas e moribundas e transportando-as para o fígado e os rins, onde seriam eliminadas do organismo.

Os resultados foram dramáticos e ultrapassaram largamente o que costuma acontecer em casos semelhantes quando os doentes são tratados apenas com radioterapia. O tratamento pareceu funcionar quase como por magia. Frank apresentou praticamente nenhum dos efeitos secundários negativos — danos na pele e nas membranas mucosas — que normalmente acompanham este tipo de terapia. Recuperou o peso perdido e a força e, em apenas dois meses, todos os sinais de cancro tinham desaparecido. Simonton acredita que a recuperação notável de Frank se deveu, em grande parte, à sua prática diária dos exercícios de visualização.

Num estudo de acompanhamento, Simonton e os seus colegas ensinaram as técnicas de imagética mental a 159 doentes com cancros considerados medicamente incuráveis. O tempo médio de sobrevivência esperado para um doente nestas condições é de doze meses. Quatro anos depois, 63 desses doentes ainda estavam vivos. Destes, 14 não apresentavam qualquer evidência de doença, em 12 os cancros estavam a regredir e em 17 a doença mantinha-

se estável. O tempo médio de sobrevivência do grupo como um todo foi de 24,4 meses, mais do dobro da média nacional.¹

Desde então, Simonton realizou vários estudos semelhantes, todos com resultados positivos. Apesar destes dados promissores, o seu trabalho continua a ser considerado controverso. Alguns críticos argumentam, por exemplo, que os participantes nos estudos de Simonton não são doentes “médios”. Muitos procuram-no especificamente para aprender as suas técnicas, o que indicaria que já possuem um espírito de luta extraordinário. Ainda assim, muitos investigadores consideram os resultados suficientemente convincentes para apoiar o seu trabalho, e o próprio Simonton fundou o Simonton Cancer Center, uma instituição de investigação e tratamento bem-sucedida em Pacific Palisades, Califórnia, dedicada ao ensino de técnicas de imagética a doentes que enfrentam diversas doenças. O uso terapêutico da imagética captou também a imaginação do público e um inquérito recente revelou que é o quarto tratamento alternativo mais utilizado no combate ao cancro.²

Como pode uma imagem formada na mente exercer um efeito sobre algo tão formidável como um cancro incurável? Não é surpreendente que a teoria hologrâmica do cérebro possa também ser utilizada para explicar este fenómeno. A psicóloga Jeanne Achterberg, diretora de investigação e ciência da reabilitação no University of Texas Health Science Center, em Dallas, Texas, e uma das cientistas que ajudaram a desenvolver as técnicas de imagética utilizadas por Simonton, acredita que a chave reside precisamente nas capacidades hologrâmicas de formação de imagens do cérebro.

Como já foi referido, todas as experiências são, em última análise, processos neurofisiológicos que ocorrem no cérebro. Segundo o modelo holográfico, a razão pela qual experienciamos algumas coisas — como as emoções — como realidades internas, e outras — como o canto dos pássaros ou o ladrar dos cães — como realidades externas, prende-se com o local onde o cérebro as posiciona quando constrói o holograma interno que experienciamos como realidade. No entanto, como também vimos, o cérebro nem sempre consegue distinguir entre aquilo que está “lá fora” e aquilo que acredita estar “lá fora”, razão pela qual os amputados, por vezes, sentem membros fantasma. Dito de outro modo, num cérebro que opera de forma holográfica, a imagem recordada de algo pode ter tanto impacto nos sentidos como a própria coisa.

Pode também ter um efeito igualmente poderoso sobre a fisiologia do corpo — algo que já foi experimentado diretamente por qualquer pessoa que tenha sentido o coração acelerar ao imaginar um abraço a alguém amado, ou que tenha sentido as palmas das mãos ficarem suadas ao evocar a memória de uma experiência particularmente assustadora. À primeira vista, o facto de o corpo nem sempre distinguir entre um acontecimento imaginado e um acontecimento “real” pode parecer estranho, mas quando se considera o modelo holográfico — que afirma que todas as experiências, quer sejam vividas externamente quer imaginadas, são reduzidas à mesma linguagem comum de formas de onda organizadas holograficamente — a situação torna-se muito menos enigmática. Ou, como afirma Achterberg:

Quando as imagens são encaradas de forma hologrâmica, a sua influência onnipotente sobre a função física decorre logicamente. A imagem, o comportamento e os concomitantes fisiológicos são um aspecto unificado do mesmo fenómeno.³

Bohm recorre à sua ideia de ordem implicada — o nível de existência mais profundo e não local de onde emerge todo o nosso universo — para ecoar este entendimento:

Toda a ação começa a partir de uma intenção na ordem implicada. A imaginação já é a criação da forma; já contém a intenção e os germes de todos os movimentos necessários para a realizar. E isso afeta o corpo e assim por diante, de tal modo que, à medida que a criação ocorre a partir dos níveis mais subtis da ordem implicada, ela atravessa esses níveis até se manifestar no explícito.⁴

Por outras palavras, na ordem implicada — tal como no próprio cérebro — imaginação e realidade tornam-se, em última instância, indistinguíveis. Assim, não deveria surpreender-nos que imagens mentais possam acabar por se manifestar como realidades no corpo físico.

Achterberg verificou que os efeitos fisiológicos produzidos através do uso da imagética não são apenas poderosos, mas também extremamente específicos. Por exemplo, o termo “glóbulo branco” refere-se, na verdade, a vários tipos distintos de células. Num estudo, Achterberg decidiu testar se seria possível treinar indivíduos para aumentar apenas um tipo específico de glóbulo branco no organismo. Para isso, ensinou um grupo de estudantes universitários a visualizar uma célula chamada neutrófilo, o principal constituinte da população de glóbulos brancos. Um

segundo grupo foi treinado para visualizar células T, um tipo mais especializado de glóbulo branco. No final do estudo, o grupo que aprendeu a imagética dos neutrófilos apresentou um aumento significativo do número de neutrófilos no corpo, mas nenhuma alteração no número de células T. O grupo que aprendeu a visualizar células T apresentou um aumento significativo desse tipo de célula, enquanto o número de neutrófilos permaneceu inalterado.⁵

Achterberg afirma ainda que a crença é um fator crítico na saúde de uma pessoa. Como observa, praticamente todos os que tiveram contato com o mundo médico conhecem pelo menos uma história de um doente que foi enviado para casa para morrer, mas que, por “acreditar” no contrário, acabou por surpreender os médicos ao recuperar completamente. No seu livro fascinante *Imagens na Cura*, descreve vários encontros pessoais com casos desse tipo. Num deles, uma mulher deu entrada em coma, paralisada, e foi diagnosticada com um tumor cerebral maciço. Foi submetida a uma cirurgia para reduzir o volume do tumor (remover o máximo possível em segurança), mas, por ser considerada à beira da morte, foi enviada para casa sem receber radioterapia nem quimioterapia.

Em vez de morrer rapidamente, a mulher começou a recuperar forças dia após dia. Na qualidade de terapeuta de biofeedback, Achterberg conseguiu acompanhar a evolução do caso e, ao fim de dezasseis meses, a mulher já não apresentava qualquer evidência de cancro. Porquê? Embora fosse inteligente num sentido prático, tinha apenas uma educação moderada e não compreendia verdadeiramente o significado da palavra “tumor” — nem a

sentença de morte que normalmente lhe está associada. Assim, não acreditava que iria morrer e enfrentou o cancro com a mesma confiança e determinação com que tinha superado todas as outras doenças ao longo da vida, afirma Achterberg. Da última vez que a viu, a mulher já não apresentava qualquer sinal de paralisia, tinha deitado fora as ortóteses e a bengala e tinha até ido dançar por duas ocasiões.⁶

Achterberg reforça a sua afirmação observando que pessoas com deficiência intelectual e indivíduos emocionalmente perturbados — isto é, pessoas que não conseguem compreender a sentença de morte que a sociedade associa ao cancro — apresentam também uma taxa significativamente mais baixa de incidência da doença. Num período de quatro anos, no Texas, apenas cerca de 4% das mortes nestes dois grupos se deveram a cancro, em comparação com a média estadual, que variava entre 15% e 18%. De forma particularmente intrigante, não foi registado um único caso de leucemia entre 1925 e 1978 nestes dois grupos. Estudos realizados nos Estados Unidos no seu conjunto, bem como em vários outros países, incluindo Inglaterra, Grécia e Roménia, relataram resultados semelhantes.⁷

Com base nestes e noutros dados, Achterberg considera que uma pessoa doente — mesmo que se trate de uma simples constipação — deveria mobilizar o maior número possível de “hologramas neurais” de saúde: crenças, imagens de bem-estar e harmonia, e imagens de funções imunitárias específicas a serem ativadas. Defende igualmente que é necessário exorcizar crenças e imagens que tenham consequências negativas para a saúde e compreender

que os nossos hologramas corporais são muito mais do que simples imagens. Contêm uma vasta gama de outros tipos de informação, incluindo compreensões e interpretações intelectuais, preconceitos conscientes e inconscientes, medos, esperanças, preocupações, e assim por diante.

A recomendação de Achterberg para nos libertarmos de imagens negativas é particularmente pertinente, pois existem indícios de que a imagética pode não só curar, mas também provocar doença. Em *Amor, Medicina e Milagres*, Bernie Siegel relata que frequentemente encontra situações em que as imagens mentais que os doentes usam para descrever a si próprios ou as suas vidas parecem desempenhar um papel na génese das suas condições. Exemplos disso incluem uma paciente submetida a mastectomia que lhe disse que “precisava de tirar algo de cima do peito”; um doente com mieloma múltiplo na coluna vertebral que afirmou que “sempre foi considerado sem espinha dorsal”; e um homem com carcinoma da laringe cujo pai o castigava em criança apertando-lhe repetidamente a garganta enquanto lhe dizia para “se calar”.

Por vezes, a relação entre a imagem e a doença é tão impressionante que se torna difícil compreender por que razão não é evidente para a própria pessoa envolvida. Um exemplo disso é o de um psicoterapeuta que teve de ser submetido a uma cirurgia de urgência para remover vários metros de intestino necrosado e que depois disse a Siegel:

Fico contente por ser o meu cirurgião. Tenho estado a fazer uma análise didática. Não conseguia lidar com toda a porcaria que estava a vir ao de cima, nem digerir o lixo da minha vida.⁸

Incidentes como estes convenceram Siegel de que quase todas as doenças têm, pelo menos em parte, origem na mente. No entanto, isso não o leva a considerá-las psicossomáticas ou irreais. Prefere dizer que são *soma-significativas*, um termo cunhado por Bohm para descrever de forma mais adequada essa relação e derivado da palavra grega soma, que significa “corpo”. O facto de todas as doenças poderem ter origem na mente não perturba Siegel; pelo contrário, vê nisso um sinal de enorme esperança — um indicador de que, se alguém tem o poder de criar doença, também tem o poder de criar saúde.

A ligação entre imagem e doença é tão poderosa que a imagética pode mesmo ser utilizada para prever as probabilidades de sobrevivência de um doente. Numa outra experiência marcante, Simonton, a sua esposa — a psicóloga Stephanie Matthews-Simonton —, Achterberg e o psicólogo G. Frank Lawlis realizaram uma bateria de análises ao sangue em 126 doentes com cancro avançado. Submeteram depois esses doentes a uma série igualmente extensa de testes psicológicos, incluindo exercícios em que lhes foi pedido que desenhassem imagens de si próprios, dos seus cancros, dos seus tratamentos e dos seus sistemas imunitários. As análises ao sangue forneceram alguma informação sobre o estado dos doentes, mas não revelaram nada de particularmente significativo. Em contraste, os resultados dos testes psicológicos — em especial os desenhos — revelaram-se verdadeiras enciclopédias de informação sobre o estado da saúde

dos pacientes. De facto, apenas com base na análise dos desenhos, Achterberg conseguiu posteriormente uma taxa de acerto de 95% na previsão de quem morreria no espaço de poucos meses e de quem superaria a doença e entraria em remissão.⁹

1. Jogos de Basquetebol da Mente

Por mais impressionantes que sejam as evidências reunidas pelos investigadores acima referidos, elas representam apenas a ponta do iceberg no que diz respeito ao controlo que a mente holográfica exerce sobre o corpo físico. Além disso, as aplicações práticas desse controlo não se limitam estritamente a questões de saúde.

Numerosos estudos realizados em todo o mundo demonstraram que a imagética tem também um efeito enorme sobre o desempenho físico e atlético. Num estudo recente, o psicólogo Shlomo Breznitz, da Universidade Hebraica de Jerusalém, fez com que vários grupos de soldados israelitas marchassem quarenta quilómetros (cerca de vinte e cinco milhas), mas forneceu a cada grupo informações diferentes. A alguns grupos fez marchar trinta quilómetros e depois disse-lhes que ainda faltavam dez. A outros disse que iriam marchar sessenta quilómetros, quando na realidade marcharam apenas quarenta. A alguns permitiu ver marcadores de distância, enquanto a outros não deu qualquer indicação sobre a distância percorrida. No final do estudo, Breznitz verificou que os níveis de hormonas do stress no sangue dos soldados refletiam sempre as suas estimativas subjetivas — e não a distância real que tinham percorrido.¹⁰ Por outras palavras, *os seus corpos não*

reagiam à realidade factual, mas sim à realidade virtual que estavam a imaginar como sendo real.

Segundo o Dr. Charles A. Garfield, antigo investigador da National Aeronautics and Space Administration (NASA) e atual presidente do Performance Sciences Institute, em Berkeley, Califórnia, os soviéticos investigaram extensivamente a relação entre imagética e desempenho físico. Num desses estudos, um grupo de atletas soviéticos de classe mundial foi dividido em quatro grupos. O primeiro grupo passou 100% do tempo a treinar fisicamente. O segundo passou 75% do tempo a treinar e 25% a visualizar com precisão os movimentos e os resultados que pretendiam alcançar no seu desporto. O terceiro dividiu o tempo igualmente entre treino e visualização. O quarto passou apenas 25% do tempo a treinar e 75% a visualizar. De forma surpreendente, nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980, em Lake Placid, Nova Iorque, o quarto grupo apresentou a maior melhoria de desempenho, seguido, por ordem decrescente, pelos grupos três, dois e um.¹¹

Garfield, que passou centenas de horas a entrevistar atletas e investigadores do desporto em todo o mundo, afirma que os soviéticos incorporaram técnicas sofisticadas de imagética em muitos dos seus programas atléticos e acreditam que as imagens mentais funcionam como precursores no processo de geração de impulsos neuromusculares. Garfield sustenta que a imagética funciona porque o movimento é registado de forma holográfica no cérebro. No seu livro *Desempenho Máximo: Técnicas de Treino Mental dos Maiores Atletas do Mundo*, afirma:

Estas imagens são holográficas e funcionam principalmente a um nível subliminar. O mecanismo de imagética holográfica permite-lhe resolver rapidamente problemas espaciais, como montar uma máquina complexa, coreografar uma rotina de dança ou fazer desfilar mentalmente imagens de jogadas.¹²

O psicólogo australiano Alan Richardson obteve resultados semelhantes com jogadores de basquetebol. Dividiu três grupos de jogadores e testou a sua capacidade de lançar lances livres. Depois instruiu o primeiro grupo a praticar lances livres durante vinte minutos por dia. Disse ao segundo grupo para não praticar de todo. E pediu ao terceiro grupo que passasse vinte minutos por dia a visualizar-se a executar lançamentos perfeitos. Como seria de esperar, o grupo que não fez nada não mostrou qualquer melhoria. O primeiro grupo melhorou 24%. Mas, apenas através do poder da imagética, o terceiro grupo melhorou uns notáveis 23%, quase tanto quanto o grupo que treinou fisicamente.¹³

2. A Ausência de Divisão entre Saúde e Doença

O médico Larry Dossey acredita que a imagética não é o único instrumento de que a mente holográfica dispõe para produzir alterações no corpo. Outro instrumento é simplesmente o reconhecimento da totalidade contínua e indivisa de todas as coisas. Como Dossey observa, tendemos a encarar a doença como algo externo a nós. A enfermidade vem de fora e ataca-nos, perturbando o nosso bem-estar. Mas, se o espaço e o tempo — bem como todas as outras coisas do universo — são verdadeiramente inseparáveis, então não faz sentido estabelecer uma distinção rígida entre saúde e doença.

Como pode este entendimento ser aplicado de forma prática na vida quotidiana? Segundo Dossey, quando deixamos de ver a doença como algo separado e passamos a encará-la como parte de um todo mais vasto — como um meio constituído por padrões de comportamento, alimentação, sono, exercício e diversas outras relações com o mundo envolvente —, frequentemente observamos uma melhoria do estado de saúde. Como evidência, Dossey chama a atenção para um estudo em que pessoas que sofriam de dores de cabeça crónicas foram convidadas a manter um diário onde registavam a frequência e a intensidade das dores. Embora este registo tivesse sido concebido apenas como um primeiro passo preparatório para um tratamento posterior, a maioria dos participantes constatou que, ao começar a manter o diário, as dores de cabeça simplesmente desapareceram!¹⁴

Noutro estudo citado por Dossey, um grupo de crianças epiléticas e as respetivas famílias foram filmados em sessões de interação. Ocasionalmente, surgiam explosões emocionais durante essas sessões, frequentemente seguidas de crises epiléticas reais. Quando as crianças viram as gravações e reconheceram a relação entre esses episódios emocionais e as crises, tornaram-se praticamente livres de convulsões.¹⁵ Porquê? Ao manter um diário ou ao observar uma gravação em vídeo, os participantes conseguiram ver a sua condição em relação com o padrão mais amplo das suas vidas. Quando isto acontece, a doença deixa de ser encarada “como uma enfermidade intrusiva com origem noutro lugar” e passa a ser vista como parte de um processo de viver que pode ser descrito com rigor como uma totalidade indivisa, afirma Dossey. “Quando o nosso foco se orienta para um princípio de

relação e unidade, afastando-se da fragmentação e do isolamento, a saúde emerge.”¹⁶

Dossey considera que a palavra paciente é tão enganadora quanto a palavra partícula. Em vez de sermos unidades biológicas separadas e fundamentalmente isoladas, somos essencialmente processos e padrões dinâmicos, tão pouco passíveis de serem analisados em partes quanto os elétrons. Mais ainda: estamos ligados — ligados às forças que produzem tanto a doença como a saúde, às crenças da nossa sociedade, às atitudes dos nossos amigos, da nossa família e dos nossos médicos, bem como às imagens, crenças e até às próprias palavras que utilizamos para apreender o universo.

Num universo hologrâmico, estamos também ligados aos nossos corpos e, nas páginas anteriores, foram apresentados alguns dos modos como essas ligações se manifestam. Mas existem outros — talvez mesmo uma infinidade deles. Como afirma Pribram: “Se, de facto, cada parte do nosso corpo é um reflexo do todo, então devem existir todo o tipo de mecanismos para regular o que está a acontecer. Neste momento, nada é definitivo.”¹⁷ Perante a nossa ignorância neste domínio, talvez seja mais relevante, em vez de perguntar *como* é que a mente controla holograficamente o corpo, perguntar até que ponto se estende esse controlo. Existem limites para ele? E, se existem, quais são? É para essa questão que agora voltamos a nossa atenção.

3. O Poder Curativo do Nada

Outro fenómeno médico que nos oferece um vislumbre particularmente sugestivo do controlo que a mente exerce sobre o corpo é o efeito placebo. Um placebo é qualquer tratamento médico que não possui uma ação específica sobre o organismo, mas que é administrado quer para tranquilizar um doente, quer como controlo num ensaio duplamente cego — isto é, um estudo em que um grupo de indivíduos recebe um tratamento real e outro grupo recebe um tratamento falso. Nestes ensaios, nem os investigadores nem os participantes sabem em que grupo se encontram, de modo a que os efeitos do tratamento real possam ser avaliados com maior rigor. Em estudos farmacológicos, comprimidos de açúcar são frequentemente usados como placebos. O mesmo acontece com soluções salinas (água destilada com sal), embora os placebos não tenham necessariamente de ser fármacos. Muitos acreditam que quaisquer benefícios médicos obtidos através de cristais, pulseiras de cobre e outros tratamentos não convencionais se devem igualmente ao efeito placebo.

Até a cirurgia já foi utilizada como placebo. Na década de 1950, a angina de peito — dor recorrente no tórax e no braço esquerdo causada pela diminuição do fluxo sanguíneo para o coração — era habitualmente tratada com cirurgia. Alguns médicos engenhosos decidiram então realizar uma experiência. Em vez de efetuarem a cirurgia convencional, que envolvia a ligadura da artéria mamária, abriam o paciente e depois voltavam simplesmente a cosê-lo. Os pacientes que receberam esta cirurgia simulada relataram um alívio tão significativo quanto os que tinham sido submetidos à cirurgia

completa. A cirurgia tradicional, afinal, estava apenas a produzir um efeito placebo.¹⁸ Ainda assim, o sucesso da cirurgia simulada indica que, algures em profundidade, todos nós possuímos a capacidade de controlar a angina de peito.

E não é só isso. Ao longo da última metade do século, o efeito placebo foi extensivamente estudado em centenas de investigações realizadas em todo o mundo. Sabe-se hoje que, em média, cerca de 35% das pessoas que recebem um placebo experimentam um efeito significativo, embora este valor varie amplamente consoante a situação. Para além da angina de peito, verificou-se que várias condições respondem ao tratamento com placebo, incluindo enxaquecas, alergias, febre, constipações, acne, asma, verrugas, diversos tipos de dor, náuseas e enjoos marítimos, úlceras pépticas, síndromes psiquiátricas como depressão e ansiedade, artrite reumatoide e degenerativa, diabetes, doença provocada por radiação, parkinsonismo, esclerose múltipla e cancro.

É evidente que esta lista inclui desde condições relativamente benignas até situações potencialmente fatais. Contudo, mesmo os efeitos placebo em condições ligeiras podem envolver alterações fisiológicas quase miraculosas. Tomemos, por exemplo, a humilde verruga. As verrugas são pequenos crescimentos tumorais na pele causados por um vírus e são também extremamente fáceis de curar através de placebos, como o demonstram os inúmeros rituais populares — sendo o próprio ritual uma forma de placebo — utilizados por diversas culturas para as eliminar. Lewis Thomas, presidente emérito do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, em Nova Iorque, relata o caso de um médico que eliminava

regularmente as verrugas dos seus pacientes simplesmente pintando-as com um corante púrpura inofensivo. Thomas considera que explicar este pequeno milagre dizendo que é “apenas o inconsciente a funcionar” não faz justiça ao efeito placebo. “Se o meu inconsciente consegue perceber como manipular os mecanismos necessários para contornar esse vírus e mobilizar todas as diversas células na ordem correta para a rejeição do tecido, então só posso dizer que o meu inconsciente está muito mais avançado do que eu”, afirma.¹⁹

A eficácia de um placebo varia também consideravelmente consoante as circunstâncias. Em nove estudos duplamente cegos que compararam placebos com aspirina, verificou-se que os placebos eram 54% tão eficazes quanto o analgésico real.²⁰ Poder-se-ia esperar, a partir daqui, que os placebos fossem ainda menos eficazes quando comparados com um analgésico muito mais potente, como a morfina. No entanto, não é isso que acontece. Em seis estudos duplamente cegos, os placebos revelaram-se 56% tão eficazes quanto a morfina no alívio da dor!²¹

Porquê? Um dos fatores que influencia a eficácia de um placebo é a forma como este é administrado. As injeções são geralmente percebidas como mais potentes do que os comprimidos, e, por isso, administrar um placebo sob a forma de injeção pode aumentar a sua eficácia. Do mesmo modo, as cápsulas tendem a ser vistas como mais eficazes do que os comprimidos, e até o tamanho, a forma e a cor de uma pílula podem desempenhar um papel. Num estudo concebido para determinar o valor sugestivo da cor de um comprimido, os investigadores descobriram que as pessoas tendem

a encarar comprimidos amarelos ou laranja como moduladores do humor, quer estimulantes quer depressivos. Comprimidos vermelhos escuros são assumidos como sedativos; os de cor lavanda, como alucinogénios; e os brancos, como analgésicos.²²

Outro fator relevante é a atitude transmitida pelo médico ao prescrever o placebo. O Dr. David Sobel, especialista em placebo no Hospital Kaiser, na Califórnia, relata a história de um médico que tratava um paciente asmático que tinha uma dificuldade invulgar em manter os brônquios abertos. O médico encomendou uma amostra de um novo e potente medicamento a uma empresa farmacêutica e deu-a ao paciente. Em poucos minutos, o homem apresentou uma melhoria espetacular e respirava com muito mais facilidade. Contudo, na crise seguinte, o médico decidiu observar o que aconteceria se lhe administrasse um placebo. Desta vez, o paciente queixou-se de que devia haver algo de errado com a prescrição, pois não tinha eliminado completamente a dificuldade respiratória. Isto convenceu o médico de que a amostra inicial era de facto um medicamento novo e extremamente eficaz — até receber uma carta da empresa farmacêutica a informar-lhe que, em vez do novo fármaco, lhe tinham enviado por engano um placebo! Aparentemente, foi o entusiasmo involuntário do médico relativamente ao primeiro placebo — e não ao segundo — que explicou a discrepância.²³

À luz do modelo hologrâmico, a resposta extraordinária deste homem ao placebo para a asma pode ser novamente explicada pela incapacidade última do sistema mente/corpo de distinguir entre uma realidade imaginada e uma realidade fisicamente manifestada.

O homem acreditava estar a receber um novo e poderoso medicamento para a asma, e essa crença produziu nos seus pulmões um efeito fisiológico tão dramático como se tivesse recebido um fármaco real. O aviso de Achterberg de que os hologramas neurais que influenciam a nossa saúde são variados e multifacetados é reforçado pelo facto de algo tão subtil como a ligeira diferença de atitude do médico — e talvez até da sua linguagem corporal — durante a administração dos dois placebos ter sido suficiente para que um funcionasse e o outro não. Torna-se claro, assim, que mesmo informação recebida de forma subliminar pode contribuir de modo significativo para as crenças e imagens mentais que afetam a nossa saúde. Fica a pergunta: quantos medicamentos terão funcionado — ou deixado de funcionar — devido à atitude transmitida pelo médico no momento em que foram administrados?

4. Tumores Que Derretem Como Bolas de Neve Sobre um Fogão Quente

Compreender o papel que estes fatores desempenham na eficácia de um placebo é importante, pois mostra de que forma a nossa capacidade de controlar holograficamente o corpo é moldada pelas nossas crenças. A mente tem o poder de eliminar verrugas, de desobstruir os brônquios e de imitar a capacidade analgésica da morfina; mas, como não temos consciência de que possuímos esse poder, precisamos de ser enganados para o utilizar. Isto seria quase cómico, não fossem as tragédias que tantas vezes resultam da nossa ignorância relativamente ao nosso próprio potencial.

Nenhum episódio ilustra melhor este facto do que um caso hoje famoso relatado pelo psicólogo Bruno Klopfer. Klopfer estava a tratar um homem chamado Wright, que sofria de um cancro avançado dos gânglios linfáticos. Todos os tratamentos convencionais tinham sido esgotados, e Wright parecia ter pouco tempo de vida. O seu pescoço, axilas, tórax, abdómen e virilhas estavam repletos de tumores do tamanho de laranjas, e o baço e o fígado encontravam-se tão aumentados que era necessário drenar diariamente cerca de dois litros de um fluido leitoso do seu tórax.

Mas Wright não queria morrer. Tinha ouvido falar de um novo e promissor medicamento chamado Krebiozen e implorou ao seu médico que lhe permitisse experimentá-lo. Inicialmente, o médico recusou, pois, o fármaco estava apenas a ser administrado a pessoas com uma esperança de vida mínima de três meses. Contudo, Wright foi tão insistente nas suas súplicas que, por fim, o médico cedeu. Na sexta-feira, administrou-lhe uma injeção de Krebiozen, embora, no íntimo, não esperasse que Wright sobrevivesse ao fim de semana. Depois, foi para casa.

Para sua surpresa, na segunda-feira seguinte encontrou Wright fora da cama e a caminhar. Klopfer relatou que os seus tumores tinham “derretido como bolas de neve sobre um fogão quente” e estavam reduzidos a metade do tamanho original. Esta diminuição foi muito mais rápida do que aquela que até os mais potentes tratamentos por raios X poderiam ter conseguido. Dez dias após o primeiro tratamento com Krebiozen, Wright teve alta hospitalar e estava, tanto quanto os médicos conseguiam avaliar, livre de cancro. Quando tinha dado entrada no hospital, precisava de uma

máscara de oxigénio para respirar; quando saiu, encontrava-se suficientemente bem para pilotar o seu próprio avião a 12 000 pés de altitude sem qualquer desconforto.

Wright manteve-se bem durante cerca de dois meses, mas depois começaram a surgir artigos a afirmar que o Krebiozen não tinha, afinal, qualquer efeito sobre o cancro dos gânglios linfáticos. Wright, que era rigidamente lógico e científico no seu modo de pensar, ficou profundamente deprimido, sofreu uma recaída e foi novamente internado. Desta vez, o médico decidiu realizar uma experiência. Disse a Wright que o Krebiozen era tão eficaz quanto parecia, mas que alguns dos primeiros lotes do fármaco se tinham deteriorado durante o transporte. Explicou-lhe, contudo, que agora dispunha de uma nova versão altamente concentrada do medicamento e que poderia tratá-lo com ela. Naturalmente, o médico não possuía qualquer nova versão do fármaco e tencionava injetar apenas água destilada. Para criar a atmosfera adequada, chegou mesmo a encenar um procedimento elaborado antes de administrar o placebo.

Mais uma vez, os resultados foram dramáticos. As massas tumorais derreteram, o líquido no tórax desapareceu, e Wright voltou rapidamente a levantar-se e a sentir-se excelente. Permaneceu assintomático durante mais dois meses, mas depois a American Medical Association anunciou que um estudo nacional sobre o Krebiozen tinha concluído que o fármaco era inútil no tratamento do cancro. Desta vez, a fé de Wright ficou completamente destruída. O cancro reapareceu em força e ele morreu dois dias depois.²⁴

A história de Wright é trágica, mas contém uma mensagem poderosa: quando conseguimos, por alguma razão, contornar a nossa descrença e aceder às forças de cura que existem em nós, podemos fazer com que tumores desapareçam de um dia para o outro.

No caso do Krebiozen, esteve envolvida apenas uma pessoa, mas existem casos semelhantes que envolvem muitas mais. Tomemos, por exemplo, um agente quimioterapêutico chamado cisplatina. Quando a cisplatina se tornou disponível pela primeira vez, foi também anunciada como um fármaco milagroso, e 75% das pessoas que a receberam beneficiaram do tratamento. Contudo, após a vaga inicial de entusiasmo e com a sua utilização a tornar-se mais rotineira, a taxa de eficácia caiu para cerca de 25 a 30%. Aparentemente, grande parte do benefício obtido com a cisplatina devia-se ao efeito placebo.²⁵

5. Os Fármacos Funcionam Mesmo?

Incidentes como estes levantam uma questão importante. Se fármacos como o Krebiozen e a cisplatina funcionam quando acreditamos neles e deixam de funcionar quando deixamos de acreditar, o que é que isto implica acerca da natureza dos medicamentos em geral? Trata-se de uma pergunta difícil de responder, mas dispomos de algumas pistas. Por exemplo, o médico Herbert Benson, da Faculdade de Medicina de Harvard, salienta que a grande maioria dos tratamentos prescritos antes deste século — desde sangrias até à ingestão de sangue de lagarto

— era inútil. No entanto, devido ao efeito placebo, não há dúvida de que foram úteis, pelo menos, uma parte das vezes.²⁶

Benson, juntamente com o Dr. David P. McCallie, Jr., do Laboratório Thorndike de Harvard, analisou estudos sobre diversos tratamentos para a angina de peito prescritos ao longo dos anos e descobriu que, embora os remédios tenham vindo e ido, as taxas de sucesso — mesmo para tratamentos atualmente desacreditados — se mantiveram sempre elevadas.²⁷ A partir destas duas observações, torna-se evidente que o efeito placebo desempenhou um papel importante na medicina do passado. Mas continuará a desempenhar um papel hoje em dia? A resposta parece ser afirmativa. O Office of Technology Assessment do governo federal estima que mais de 75% de todos os tratamentos médicos atualmente em uso não foram submetidos a um escrutínio científico suficiente, um valor que sugere que os médicos podem ainda estar a administrar placebos sem o saberem (Benson acredita, por exemplo, que, no mínimo, muitos medicamentos vendidos sem receita atuam principalmente como placebos).²⁸

Perante as evidências que examinámos até agora, poder-se-ia quase perguntar se todos os medicamentos não serão placebos. Evidentemente, a resposta é não. Muitos fármacos são eficazes independentemente de acreditarmos neles ou não: a vitamina C cura o escorbuto e a insulina melhora o estado dos diabéticos mesmo quando estes são céticos. Ainda assim, a questão não é tão linear quanto pode parecer. Considere-se o seguinte.

Numa experiência realizada em 1962, as Drs Harriet Linton e Robert Langs disseram aos participantes que iriam tomar parte num estudo sobre os efeitos do LSD, mas administraram-lhes um placebo. Apesar disso, meia hora após a ingestão do placebo, os sujeitos começaram a sentir os sintomas clássicos da droga real: perda de controlo, supostas revelações sobre o significado da existência, e assim por diante. Estas “viagens placebo” duraram várias horas.²⁹

Alguns anos mais tarde, em 1966, o agora infame psicólogo de Harvard Richard Alpert viajou para o Oriente em busca de homens santos que lhe pudessem oferecer uma compreensão mais profunda da experiência com LSD. Encontrou vários dispostos a experimentar a substância e, curiosamente, obteve reações variadas. Um pundit (sábio espiritual) disse-lhe que era boa, mas não tão boa quanto a meditação. Outro, um lama tibetano, queixou-se de que apenas lhe causava dores de cabeça.

A reação que mais fascinou Alpert, contudo, veio de um pequeno e enrugado homem santo que vivia nas encostas dos Himalaias. Como o homem tinha mais de sessenta anos, a primeira intenção de Alpert foi dar-lhe uma dose suave, de 50 a 75 microgramas. Mas o homem mostrou-se muito mais interessado numa das cápsulas de 305 microgramas que Alpert trazia consigo, uma dose considerável. A contragosto, Alpert deu-lhe uma dessas cápsulas, mas mesmo assim o homem não ficou satisfeito. Com um brilho malicioso no olhar, pediu mais uma e depois outra, colocando no total 915 microgramas de LSD na língua — uma dose maciça por

qualquer critério — e engoliu-as (para comparação, a dose média utilizada por Grof nos seus estudos rondava os 200 microgramas).

Horrorizado, Alpert observou atentamente, à espera de que o homem começasse a agitar os braços e a soltar gritos como uma banshee (espírito feminino da mitologia irlandesa, conhecido pelos seus lamentos estridentes), mas, em vez disso, ele comportou-se como se nada tivesse acontecido. Permaneceu assim durante o resto do dia, com uma atitude tão serena e imperturbável como sempre, salvo pelos olhares cintilantes que, ocasionalmente, lançava a Alpert. O LSD aparentemente teve pouco ou nenhum efeito sobre ele. Alpert ficou tão profundamente tocado pela experiência que abandonou o LSD, mudou o seu nome para Ram Dass e converteu-se ao misticismo.³⁰

Assim, tomar um placebo pode produzir o mesmo efeito vivencial e fisiológico que tomar o fármaco considerado “real”, e tomar o fármaco real pode, por sua vez, não produzir qualquer efeito. Este estado de coisas, tão desconcertante quanto paradoxal, foi também demonstrado em experiências envolvendo anfetaminas. Num estudo, dez indivíduos foram colocados em cada uma de duas salas. Na primeira sala, nove receberam uma anfetamina estimulante e o décimo um barbitúrico indutor do sono. Na segunda sala, a situação foi invertida. Em ambos os casos, a pessoa destacada comportou-se exatamente como os seus companheiros. Na primeira sala, em vez de adormecer, o único que tinha tomado o barbitúrico tornou-se animado e acelerado; na segunda sala, o único que tinha tomado a anfetamina acabou por adormecer.³¹ Existe ainda um caso registado de um homem viciado no estimulante Ritalina, cuja

dependência foi depois transferida para um placebo. Por outras palavras, o médico permitiu-lhe evitar todos os desconfortos habituais da abstinência à Ritalina, substituindo secretamente a sua prescrição por comprimidos de açúcar. No entanto, o homem acabou por desenvolver uma dependência funcional — isto é, virtual, mas com efeitos reais — do placebo.³²

Estes fenómenos não se limitam a contextos experimentais. Os placebos desempenham também um papel ativo na nossa vida quotidiana. A cafeína impede-o de dormir à noite? A investigação mostrou que mesmo uma injeção de cafeína não mantém acordadas as pessoas sensíveis à cafeína se estas acreditarem que estão a receber um sedativo.³³ Alguma vez um antibiótico o ajudou a ultrapassar uma constipação ou uma dor de garganta? Se assim foi, esteve a experienciar o efeito placebo. Todas as constipações são causadas por vírus, tal como vários tipos de dor de garganta, e os antibióticos só são eficazes contra infeções bacterianas, não virais. Alguma vez sentiu um efeito secundário desagradável depois de tomar um medicamento? Num estudo sobre um tranquilizante chamado mefenesina, os investigadores verificaram que entre 10 e 20% dos participantes apresentaram efeitos secundários negativos — incluindo náuseas, erupções cutâneas com comichão e palpitações cardíacas — independentemente de terem recebido o fármaco considerado real ou um placebo.^{*34} De forma semelhante, num estudo recente sobre um novo tipo de quimioterapia, 30% dos indivíduos do grupo de controlo — o grupo que recebeu placebos —

* É claro que não estou a sugerir de forma alguma que todos os efeitos secundários dos medicamentos sejam resultado do efeito placebo. Caso apresente alguma reação adversa a um medicamento, consulte sempre um médico.

perdeu o cabelo.³⁵ Estes dados sugerem que a experiência corporal não responde primariamente à origem material do estímulo, mas à sua integração como realidade vivida. Assim, se conhecer alguém que esteja a fazer quimioterapia, diga-lhe para tentar manter expectativas otimistas. A mente — enquanto processo organizador — é uma coisa poderosa.

Para além de nos oferecerem um vislumbre desse poder, os placebos também sustentam uma abordagem mais holográfica da relação mente-corpo. Como observa Jane Brody, cronista de saúde e nutrição do *New York Times*, “a eficácia dos placebos fornece um apoio dramático a uma visão ‘holística’ do organismo humano, uma perspetiva que está a receber uma atenção crescente na investigação médica. Esta visão sustenta que mente e corpo interagem continuamente e estão demasiado interligados para serem tratados como entidades independentes.”³⁶

O efeito placebo pode também estar a influenciar-nos de formas muito mais vastas do que imaginamos, como é evidenciado por um mistério médico recente e extremamente intrigante. Se tiver visto televisão no último ano ou dois, terá certamente reparado numa autêntica enxurrada de anúncios a promover a capacidade da aspirina para reduzir o risco de ataque cardíaco. Existe uma quantidade considerável de evidência convincente a apoiar essa afirmação; caso contrário, os censores televisivos — notoriamente rigorosos no que toca à exatidão das alegações médicas em publicidade — não permitiriam tais mensagens no ar. Tudo isto parece coerente. O único problema é que a aspirina não parece produzir a mesma realidade terapêutica em pessoas em Inglaterra.

Um estudo de seis anos com 5.139 médicos britânicos não encontrou qualquer evidência de que a aspirina reduza o risco de ataque cardíaco.³⁷ Haverá uma falha na investigação de alguém, ou será possível que esteja em jogo um efeito placebo coletivo, isto é, uma estabilização virtual de expectativas partilhadas que se manifesta fisiologicamente numa população e não noutra? Seja qual for o caso, não deixe de acreditar nos benefícios profiláticos da aspirina. Enquanto realidade virtual eficaz, essa crença ainda pode salvar-lhe a vida.

6. As Implicações da Personalidade Múltipla na Saúde

Outra condição que ilustra de forma particularmente vívida o poder da mente para afetar o corpo é a Perturbação de Personalidade Múltipla (PPM). Para além de apresentarem diferentes padrões de ondas cerebrais, as subpersonalidades de um múltiplo encontram-se fortemente separadas entre si a nível psicológico. Cada uma possui o seu próprio nome, idade, memórias e capacidades. Frequentemente, cada uma tem também o seu estilo próprio de escrita, género assumido, contexto cultural e racial, talentos artísticos, fluência em línguas estrangeiras e quociente de inteligência.

Ainda mais notáveis são as alterações biológicas que ocorrem no corpo de um múltiplo quando há mudança de personalidade. Com frequência, uma condição médica presente numa personalidade desaparece misteriosamente quando outra assume o controlo. O Dr. Bennett Braun, da International Society for the Study of Multiple Personality, em Chicago, documentou um caso em que todas as

subpersonalidades de um paciente eram alérgicas a sumo de laranja, exceto uma. Se o homem bebesse sumo de laranja enquanto uma das personalidades alérgicas estava no controlo, desenvolvia uma erupção cutânea grave. Mas se mudasse para a personalidade não alérgica, a erupção começava a desaparecer de imediato e ele podia beber sumo de laranja livremente.³⁸

A Dra. Francine Howland, psiquiatra da Universidade de Yale especializada no tratamento de múltiplos, relata um episódio ainda mais impressionante relacionado com a reação de um múltiplo a uma picada de vespa. Nessa ocasião, o homem compareceu à consulta marcada com Howland com um dos olhos completamente inchado devido à picada. Reconhecendo que ele necessitava de cuidados médicos, Howland contactou um oftalmologista. Infelizmente, a consulta mais próxima só poderia ocorrer uma hora depois e, dado que o homem sentia dores intensas, Howland decidiu tentar algo diferente. Verificou-se que uma das personalidades alternativas do homem era uma “personalidade anestésica”, que não sentia qualquer dor. Howland pediu que essa personalidade assumisse o controlo do corpo, e a dor cessou. Mas algo mais aconteceu. Quando o homem chegou à consulta com o oftalmologista, o inchaço tinha desaparecido e o olho regressara ao normal. Não vendo necessidade de tratamento, o oftalmologista mandou-o para casa.

Algum tempo depois, porém, a personalidade anestésica deixou o controlo do corpo e a personalidade original regressou — juntamente com toda a dor e o inchaço da picada de vespa. No dia seguinte, o homem voltou ao oftalmologista para finalmente ser

tratado. Nem Howland nem o paciente tinham informado o oftalmologista de que o homem era um múltiplo e, após o tratamento, o oftalmologista telefonou a Howland. “Ele achava que o tempo lhe estava a pregar partidas”, contou Howland, a rir. “Queria apenas certificar-se de que eu lhe tinha mesmo telefonado no dia anterior e que não o tinha imaginado.”³⁹

As alergias não são a única coisa que os múltiplos conseguem ligar e desligar. Se existisse alguma dúvida quanto ao controlo que a mente inconsciente exerce sobre os efeitos dos fármacos, ela é dissipada pela verdadeira magia farmacológica observada nos múltiplos. Ao mudar de personalidade, um múltiplo que esteja embriagado pode tornar-se instantaneamente sóbrio. Diferentes personalidades respondem também de forma distinta aos mesmos medicamentos. Braun regista um caso em que 5 mg de diazepam, um tranquilizante, sedavam uma personalidade, enquanto 100 mg tinham pouco ou nenhum efeito noutra. Muitas vezes, uma ou várias das personalidades de um múltiplo são crianças e, se uma personalidade adulta receber um medicamento e depois uma personalidade infantil assumir o controlo, a dose administrada ao adulto pode ser excessiva para a criança, resultando numa sobredosagem. É também difícil anestesiá-los alguns múltiplos, havendo relatos de múltiplos que despertaram durante uma cirurgia quando uma das suas subpersonalidades “inanestesiáveis” assumiu o controlo.

Outras condições que podem variar de personalidade para personalidade incluem cicatrizes, marcas de queimaduras, quistos e lateralidade (destro ou canhoto). A acuidade visual pode diferir, e

alguns múltiplos precisam de transportar dois ou três pares diferentes de óculos para acomodar as suas personalidades alternantes. Uma personalidade pode ser daltônica e outra não; até a cor dos olhos pode mudar. Existem casos de mulheres que têm dois ou três ciclos menstruais por mês, porque cada uma das suas subpersonalidades possui o seu próprio ciclo. A terapeuta da fala Christy Ludlow verificou que o padrão vocal de cada personalidade de um múltiplo é diferente — uma alteração fisiológica tão profunda que nem o ator mais talentoso consegue modificar suficientemente a sua voz para mascarar o padrão vocal.⁴⁰ Uma mulher múltipla, internada por diabetes, deixou os médicos perplexos ao não apresentar quaisquer sintomas quando uma das suas personalidades não diabéticas estava no controlo.⁴¹ Existem relatos de epilepsia que surge e desaparece com as mudanças de personalidade e o psicólogo Robert A. Phillips Jr. refere mesmo casos em que tumores aparecem e desaparecem (embora não especifique que tipo de tumores).⁴²

Os múltiplos tendem também a curar-se mais rapidamente do que indivíduos comuns. Existem, por exemplo, vários casos registados de queimaduras de terceiro grau que cicatrizaram com uma rapidez extraordinária. O mais inquietante de tudo é que pelo menos uma investigadora — a Dra. Cornelia Wilbur, a terapeuta cujo tratamento pioneiro de Sybil Dorsett foi retratado no livro *Sybil* — está convencida de que os múltiplos não envelhecem tão rapidamente como outras pessoas.

Como é possível que tudo isto aconteça? Num simpósio recente sobre a síndrome da personalidade múltipla, uma múltipla chamada

Cassandra apresentou uma possível explicação. Cassandra atribui a sua própria capacidade de cicatrização acelerada tanto às técnicas de visualização que pratica como a algo a que chama *processamento paralelo*. Segundo explicou, mesmo quando as suas personalidades alternativas não estão no controlo do corpo, permanecem conscientes. Isto permite-lhe “pensar” em múltiplos canais simultaneamente: trabalhar em vários trabalhos académicos ao mesmo tempo ou até “dormir” enquanto outras personalidades lhe preparam o jantar e limpam a casa.

Assim, enquanto as pessoas comuns realizam exercícios de visualização para a cura duas ou três vezes por dia, Cassandra fá-los continuamente. Possui até uma subpersonalidade chamada Celese, com um conhecimento aprofundado de anatomia e fisiologia, cuja única função é passar vinte e quatro horas por dia a meditar e a visualizar o bem-estar do corpo. Segundo Cassandra, é esta atenção contínua à sua saúde que lhe confere uma vantagem em relação às pessoas normais. Outros múltiplos fizeram afirmações semelhantes.⁴³

Estamos profundamente ligados à ideia de que as coisas são inevitáveis. Se temos má visão, acreditamos que teremos má visão para toda a vida; se sofremos de diabetes, não nos passa pela cabeça que essa condição possa desaparecer com uma mudança de humor ou de pensamento. No entanto, o fenómeno da personalidade múltipla desafia frontalmente essa crença e oferece mais uma prova de até que ponto os nossos estados psicológicos podem afetar a biologia do corpo. Se a psique de um indivíduo com PPM for uma espécie de holograma de imagens múltiplas, tudo

indica que o corpo também o é — e que pode alternar entre diferentes estados biológicos com a mesma rapidez com que se folheia um baralho de cartas.

Os sistemas de controlo que teriam de existir para permitir capacidades deste tipo são verdadeiramente desconcertantes e fazem com que a nossa capacidade de “fazer desaparecer” uma verruga pareça algo insignificante. Uma reação alérgica a uma picada de vespa é um processo complexo e multifacetado: envolve a atividade coordenada de anticorpos, a produção de histamina, a dilatação e rutura de vasos sanguíneos, a libertação excessiva de substâncias do sistema imunitário, entre muitos outros fatores. Que vias de influência desconhecidas permitem à mente de um múltiplo congelar todos estes processos de forma instantânea? Ou suspender os efeitos do álcool e de outros fármacos no sangue? Ou ainda ligar e desligar a diabetes? Neste momento, não o sabemos. Resta-nos consolar com um facto simples: uma vez que um múltiplo tenha passado por terapia e, de algum modo, recupere a sua *totalidade*, continua a ser capaz de realizar estas mudanças de forma voluntária.⁴⁴ Isto sugere que, algures na nossa psique, todos nós possuímos a capacidade de controlar estes processos. E, ainda assim, isto não é tudo o que somos capazes de fazer.

7. Gravidez, Transplantes de Órgãos e o Acesso ao Nível Genético

Como vimos, crenças simples do quotidiano podem também exercer um efeito poderoso sobre o corpo. Naturalmente, a maioria

de nós não possui a disciplina mental necessária para controlar completamente as próprias crenças — razão pela qual os médicos recorrem aos placebos para nos “enganar” e assim aceder às forças de cura que existem em nós. Para recuperar esse controlo, é necessário compreender primeiro os diferentes tipos de crença que nos influenciam, pois cada um deles oferece uma perspetiva própria sobre a plasticidade da relação mente/corpo.

7.1 Crenças Culturais

Um tipo de crença é imposto pela sociedade em que vivemos. Por exemplo, os habitantes das Ilhas Trobriand envolvem-se livremente em relações sexuais antes do casamento, mas a gravidez pré-nupcial é fortemente desaprovada. Não utilizam qualquer forma de contraceção e raramente, ou nunca, recorrem ao aborto. Ainda assim, a gravidez antes do casamento é virtualmente inexistente. Isto sugere que, devido às suas crenças culturais, as mulheres solteiras estão inconscientemente a impedir-se de engravidar.⁴⁵ Há indícios de que algo semelhante possa estar a ocorrer também na nossa própria cultura. Quase toda a gente conhece um casal que tentou, sem sucesso, ter filhos durante anos. Acabam por adotar uma criança e, pouco tempo depois, a mulher engravida. Mais uma vez, isto sugere que o facto de finalmente terem um filho permitiu à mulher e/ou ao marido ultrapassar algum tipo de inibição que estava a bloquear a expressão da sua fertilidade.

Os medos que partilhamos com os outros membros da nossa cultura também nos podem afetar profundamente. No século XIX,

a tuberculose matou dezenas de milhares de pessoas, mas a partir da década de 1880 as taxas de mortalidade começaram a cair drasticamente. Porquê? Antes dessa década, ninguém sabia o que causava a tuberculose, o que lhe conferia uma aura de mistério aterrador. Em 1882, porém, o Dr. Robert Koch fez a descoberta decisiva de que a tuberculose era causada por uma bactéria. Assim que esse conhecimento chegou ao público em geral, as taxas de mortalidade caíram de 600 por 100 000 para 200 por 100 000, apesar de ainda faltarem quase cinquenta anos para que fosse descoberto um tratamento farmacológico eficaz.⁴⁶

O medo parece também ter sido um fator importante nas taxas de sucesso dos transplantes de órgãos. Na década de 1950, os transplantes renais eram apenas uma possibilidade tentadora. Depois, um médico em Chicago realizou o que parecia ser um transplante bem-sucedido. Publicou os seus resultados e, pouco depois, começaram a ocorrer outros transplantes bem-sucedidos em várias partes do mundo. Mais tarde, porém, o primeiro transplante falhou. Na verdade, o médico descobriu que o rim tinha sido rejeitado desde o início. Mas isso já não importava. Uma vez que os recetores de transplantes passaram a acreditar que podiam sobreviver, sobreviveram — e as taxas de sucesso ultrapassaram todas as expetativas.⁴⁷

7.2 As Crenças que Incorporamos nas Nossas Atitudes

Outra forma através da qual a crença se manifesta nas nossas vidas é por meio das atitudes. Estudos demonstraram que a atitude que uma mulher grávida tem em relação ao seu bebé, e à gravidez

em geral, está diretamente correlacionada com as complicações que irá experienciar durante o parto, bem como com os problemas médicos que o recém-nascido poderá apresentar após o nascimento.⁴⁸ De facto, na última década surgiu uma avalanche de estudos que demonstram o efeito que as nossas atitudes exercem sobre uma vasta gama de condições médicas. Pessoas que obtêm pontuações elevadas em testes concebidos para medir hostilidade e agressividade têm uma probabilidade sete vezes maior de morrer de problemas cardíacos do que aquelas que apresentam pontuações baixas.⁴⁹ Mulheres casadas têm sistemas imunitários mais fortes do que mulheres separadas ou divorciadas, e mulheres em casamentos felizes possuem sistemas imunitários ainda mais robustos.⁵⁰ Pessoas com SIDA que demonstram um espírito de luta vivem mais tempo do que indivíduos infetados com VIH que adotam uma atitude passiva.⁵¹ Pessoas com cancro também vivem mais tempo quando mantêm um espírito combativo.⁵² Pessimistas constipam-se mais frequentemente do que otimistas.⁵³ O stress reduz a resposta imunitária;⁵⁴ pessoas que acabaram de perder o cônjuge apresentam uma incidência acrescida de doença;⁵⁵ e assim sucessivamente.

7.3 As Crenças que Expressamos Através do Poder da Vontade

Os tipos de crença que examinámos até agora podem ser vistos, em grande medida, como crenças passivas — crenças que permitimos que a cultura ou o estado habitual dos nossos pensamentos nos imponham. No entanto, a crença consciente, na forma de uma vontade firme, resoluta e inabalável, também pode

ser usada para esculpir e controlar o corpo holográfico. Na década de 1970, Jack Schwarz, um autor e conferencista de origem holandesa, deixou investigadores estupefatos em laboratórios de todo os Estados Unidos com a sua capacidade de controlar voluntariamente os processos biológicos internos do próprio corpo.

Em estudos conduzidos na Menninger Foundation, no Langley Porter Neuropsychiatric Institute da Universidade da Califórnia, entre outros, Schwarz surpreendeu médicos ao espetar agulhas gigantes de seis polegadas, do tipo usado por veleiros, completamente através dos braços, sem sangrar, sem estremecer e sem produzir ondas cerebrais beta (o tipo de ondas cerebrais normalmente associadas à dor). Mesmo depois de as agulhas serem removidas, Schwarz continuava sem sangrar, e os orifícios fechavam-se firmemente. Para além disso, alterava os seus ritmos de ondas cerebrais à vontade, encostava cigarros acesos à pele sem se ferir e chegava mesmo a segurar carvões em brasa nas mãos. Afirma ter adquirido estas capacidades num campo de concentração nazi, onde teve de aprender a controlar a dor para suportar as brutais agressões a que foi sujeito. Schwarz acredita que qualquer pessoa pode aprender a controlar voluntariamente o próprio corpo e, assim, assumir responsabilidade pela sua própria saúde.⁵⁶

Curiosamente, em 1947, outro holandês demonstrou capacidades semelhantes. O seu nome era Mirin Dajo e, em atuações públicas no Teatro Corso, em Zurique, deixava as plateias atónitas. À vista de todos, Dajo permitia que um assistente lhe atravessasse o corpo com um florete de esgrima, perfurando claramente órgãos vitais, sem lhe causar qualquer dano ou dor. Tal

como Schwarz, quando o florete era retirado, Dajo não sangrava e apenas uma ténue linha avermelhada marcava os pontos de entrada e saída.

As atuações de Dajo eram tão perturbadoras para o público que, eventualmente, um espetador sofreu um ataque cardíaco, levando à proibição legal das suas exposições públicas. Contudo, um médico suíço chamado Hans Naegeli-Osjord tomou conhecimento das alegadas capacidades de Dajo e convidou-o a submeter-se a escrutínio científico. Dajo aceitou e, a 31 de maio de 1947, deu entrada no hospital cantonal de Zurique. Para além do Dr. Naegeli-Osjord, estavam presentes o Dr. Werner Brunner, chefe de cirurgia do hospital, bem como vários outros médicos, estudantes e jornalistas. Dajo despiu o tronco, concentrou-se e, diante de todos os presentes, deixou que o seu assistente lhe atravessasse o corpo com o florete.

Como sempre, não correu sangue e Dajo manteve-se completamente tranquilo. Foi o único a sorrir. O resto da assistência ficou petrificado. De acordo com todos os conhecimentos médicos, os seus órgãos vitais deveriam ter sido gravemente danificados, e a sua aparente boa saúde era quase insuportável para os médicos. Tomados pela incredulidade, pediram-lhe que se submetesse a uma radiografia. Dajo concordou e, sem qualquer esforço aparente, acompanhou-os escadas acima até à sala de raios X, com o florete ainda a atravessar-lhe o abdómen. A radiografia foi feita e o resultado era inequívoco: Dajo estava, de facto, empalado. Finalmente, vinte minutos após ter sido perfurado, o florete foi retirado, deixando apenas duas cicatrizes muito ténues. Mais tarde,

Dajo foi testado por cientistas em Basileia e permitiu mesmo que fossem os próprios médicos a atravessá-lo com o florete. O Dr. Naegeli-Osjord relatou posteriormente todo o caso ao físico alemão Alfred Stelter, que o descreve no seu livro *Psi-Healing*.⁵⁷

Feitos aparentemente sobre-humanos deste tipo não se limitam aos Países Baixos. Na década de 1960, Gilbert Grosvenor, então presidente da National Geographic Society, a sua esposa Donna e uma equipa de fotógrafos da *National Geographic* visitaram uma aldeia no Ceilão para testemunhar os alegados milagres de um taumaturgo local chamado Mohotty. Segundo se conta, quando era criança, Mohotty rezou a uma divindade cingalesa chamada Kataragama, prometendo que, se o deus ilibasse o seu pai de uma acusação de homicídio, ele, Mohotty, faria todos os anos penitência em honra de Kataragama. O pai foi ilibado e, fiel à sua promessa, Mohotty passou a cumprir a penitência anualmente. Essa penitência consistia em caminhar sobre fogo e carvões em brasa, perfurar as bochechas com espetos, introduzir espetos nos braços desde o ombro até ao pulso, cravar grandes ganchos profundamente nas costas e arrastar um enorme trenó pelo pátio, preso por cordas ligadas aos ganchos. Tal como os Grosvenor relataram posteriormente, os ganchos esticavam intensamente a carne das costas de Mohotty e, ainda assim, não havia qualquer sinal de sangue. Quando os ganchos eram retirados, não ficava sequer vestígio de feridas. A equipa da *National Geographic* fotografou este espetáculo perturbador e publicou as imagens e o relato no número de abril de 1966 da revista.⁵⁸

Em 1967, a *Scientific American* publicou um relatório sobre um ritual anual semelhante realizado na Índia. Nesse caso, a comunidade local escolhia uma pessoa diferente todos os anos e, após uma extensa cerimónia, dois ganchos suficientemente grandes para suspender um quarto de boi eram cravados nas costas da vítima. Cordas passadas pelos olhos dos ganchos eram atadas à lança de um carro de bois, e a vítima era então balançada em amplos arcos sobre os campos, como oferenda sacramental aos deuses da fertilidade. Quando os ganchos eram retirados, a pessoa encontrava-se completamente ilesa, sem sangue e literalmente sem qualquer sinal de perfuração na carne.⁵⁹

7.4 As Nossas Crenças Inconscientes

Como vimos, se não tivermos a fortuna de possuir o domínio de si de um Dajo ou de um Mohotty, existe ainda outra forma de aceder à força de cura que existe em nós: contornar a espessa armadura de dúvida e ceticismo que habita a mente consciente. Ser enganado por um placebo é uma maneira de o conseguir. A hipnose é outra. Tal como um cirurgião que intervém diretamente no estado de um órgão interno, um hipnoterapeuta competente consegue penetrar na psique e ajudar-nos a modificar o tipo mais importante de crença de todos — as crenças inconscientes.

Numerosos estudos demonstraram de forma inequívoca que, sob hipnose, uma pessoa pode influenciar processos normalmente considerados inconscientes. Por exemplo, à semelhança do que acontece em indivíduos com personalidade múltipla, pessoas profundamente hipnotizadas conseguem controlar reações

alérgicas, padrões de fluxo sanguíneo e a miopia. Para além disso, conseguem controlar o ritmo cardíaco, a dor, a temperatura corporal e até fazer desaparecer alguns tipos de marcas de nascença. A hipnose pode também ser usada para alcançar algo que, à sua maneira, é tão extraordinário quanto não sofrer qualquer lesão depois de um florete atravessar o abdómen.

Esse algo envolve uma condição hereditária terrivelmente desfigurante conhecida como doença de Brocq. As vítimas da doença de Brocq desenvolvem uma cobertura espessa e córnea sobre a pele, que se assemelha às escamas de um réptil. A pele pode tornar-se tão endurecida e rígida que o mais pequeno movimento provoca fissuras e sangramento. Muitas das chamadas “pessoas de pele de jacaré” exibidas em espetáculos de feira eram, na realidade, indivíduos com doença de Brocq e, devido ao risco de infeção, os doentes costumavam ter uma esperança de vida relativamente curta.

A doença de Brocq era considerada incurável até 1951, quando um rapaz de dezasseis anos com um caso avançado da afeção foi encaminhado, como último recurso, para um hipnoterapeuta chamado A. A. Mason, no Hospital Queen Victoria, em Londres. Mason descobriu que o rapaz era um bom sujeito hipnótico e podia ser facilmente colocado num estado profundo de transe. Enquanto o rapaz se encontrava em transe, Mason disse-lhe que a sua doença de Brocq estava a curar-se e que em breve desapareceria. Cinco dias depois, a camada escamosa que cobria o braço esquerdo do rapaz desprendeu-se, revelando por baixo pele macia e saudável. Ao fim de dez dias, o braço estava completamente normal. Mason

e o rapaz continuaram a trabalhar noutras áreas do corpo até que toda a pele escamosa tivesse desaparecido. O rapaz manteve-se sem sintomas durante pelo menos cinco anos, altura em que Mason perdeu contato com ele.⁶⁰

Este caso é extraordinário porque a doença de Brocq é uma condição genética, e eliminá-la implica muito mais do que controlar processos autónomos, como os padrões de circulação sanguínea ou diversas células do sistema imunitário. Implica aceder ao plano-mestre — à própria programação do ADN. Assim, tudo indica que, quando alcançamos os estratos adequados das nossas crenças, a mente é capaz de sobrepor-se até mesmo à nossa constituição genética.

7.5 As Crenças Incorporadas na Nossa Fé

Talvez os tipos de crença mais poderosos de todos sejam aqueles que expressamos através da fé espiritual. Em 1962, um homem chamado Vittorio Michelli foi internado no Hospital Militar de Verona, em Itália, com um grande tumor cancerígeno na anca esquerda (ver fig. 11). O seu prognóstico era tão grave que foi enviado para casa sem qualquer tratamento e, ao fim de dez meses, a anca tinha-se completamente desintegrado, deixando o osso da parte superior da perna a flutuar em pouco mais do que uma massa de tecido mole. Ele estava, de forma bastante literal, a desfazer-se.

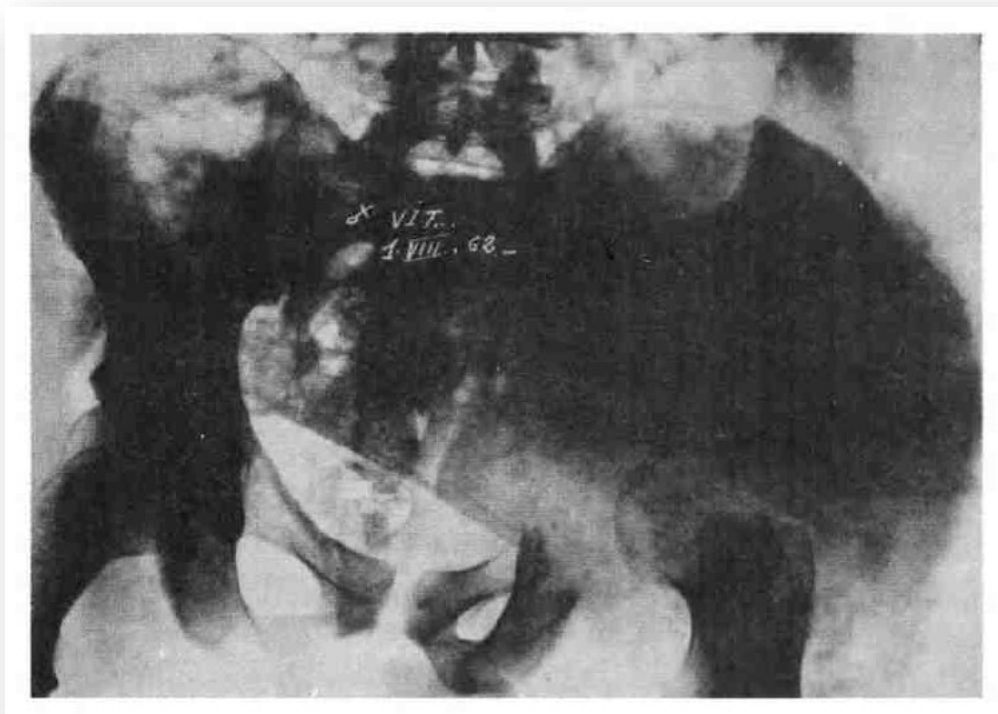


Figura 11. Radiografia de 1962 que mostra o grau de desintegração do osso da anca de Vittorio Michelli em consequência do seu sarcoma maligno. Restava tão pouco osso que a cabeça do fêmur estava solta numa massa de tecido mole, representada como uma névoa cinzenta na radiografia.

Como último recurso, deslocou-se a Lourdes e submeteu-se aos banhos na nascente (por essa altura encontrava-se engessado e os seus movimentos eram extremamente limitados). No momento em que entrou na água, sentiu imediatamente uma sensação de calor a percorrer-lhe o corpo. Após o banho, o apetite regressou e sentiu uma renovação da energia vital. Tomou ainda vários banhos adicionais e regressou então a casa.

Ao longo do mês seguinte, experimentou um aumento tão acentuado da sensação de bem-estar que insistiu para que os médicos lhe fizessem novas radiografias. Estas revelaram que o tumor tinha diminuído de tamanho. O caso despertou tal interesse

que os médicos passaram a documentar cuidadosamente cada etapa da recuperação. E ainda bem que o fizeram, pois depois de o tumor de Michelli ter desaparecido, o osso começou a regenerar-se — algo que a comunidade médica, em geral, considera impossível. No espaço de dois meses, Michelli voltou a andar e, ao longo dos anos seguintes, o osso reconstruiu-se completamente (ver fig. 12).

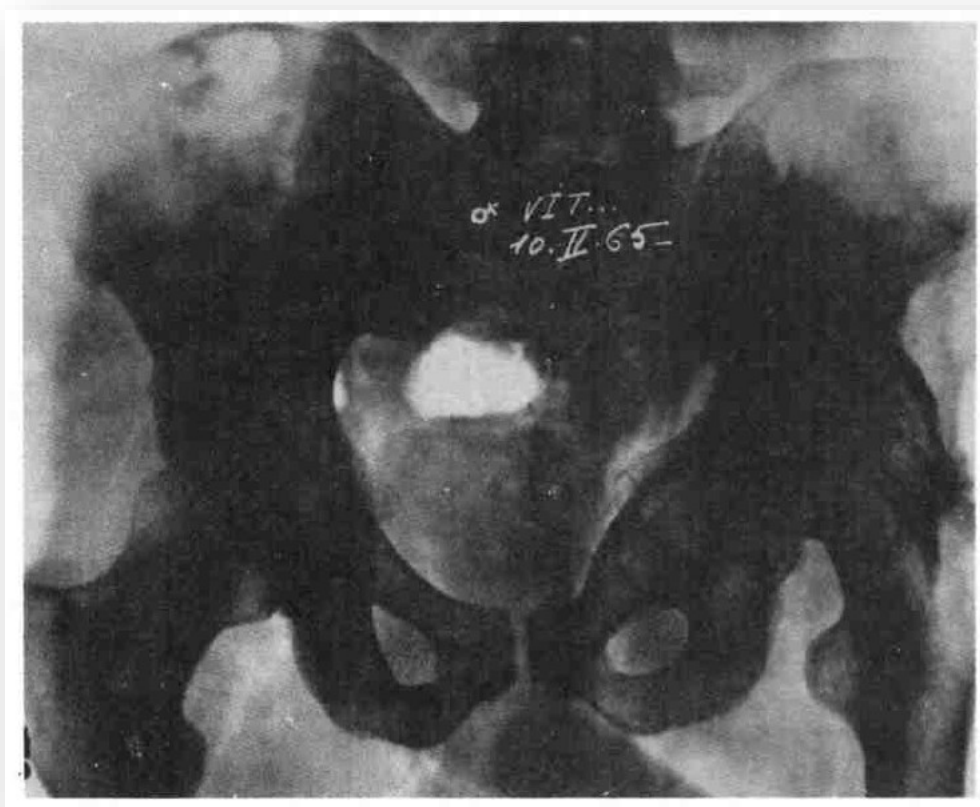


FIGURA 12. Após uma série de banhos na fonte termal de Lourdes, Michelli experimentou uma cura milagrosa. O seu osso da anca regenerou-se completamente ao longo de vários meses, um feito atualmente considerado impossível pela ciência médica. Esta radiografia de 1965 mostra a sua articulação da anca milagrosamente restaurada. [Fonte: Michel-Marie Salmon, *A Cura Extraordinária de Vittorio Michelli*. Utilizado com permissão]

Um dossiê com o caso de Michelli foi enviado à Comissão Médica do Vaticano, um painel internacional de médicos criado para investigar este tipo de ocorrências. Após analisar as provas, a comissão concluiu que Michelli tinha, de facto, vivido um milagre. Como declarou a comissão no seu relatório oficial:

Teve lugar uma reconstrução notável do osso ilíaco e da cavidade. As radiografias realizadas em 1964, 1965, 1968 e 1969 confirmam, de forma categórica e sem qualquer dúvida, que ocorreu uma reconstrução óssea imprevista e até avassaladora, de um tipo desconhecido nos anais da medicina mundial.* 61

A cura de Michelli foi um milagre no sentido de ter violado alguma das leis conhecidas da física? Embora o veredito permaneça em aberto, não parece existir nenhuma razão clara para acreditar que qualquer lei tenha sido violada. Em vez disso, a cura de Michelli pode simplesmente dever-se a processos naturais que ainda não compreendemos. Dado o impressionante espectro de capacidades de cura que analisámos até agora, torna-se evidente que existem muitos caminhos de interação entre a mente e o corpo que permanecem por esclarecer.

Se a cura de Michelli foi atribuível a um processo natural ainda desconhecido, talvez a pergunta mais adequada seja: por que razão a regeneração óssea é tão rara e o que a desencadeou no caso de

* Num exemplo verdadeiramente espantoso de sincronicidade, enquanto eu estava precisamente a meio da escrita destas mesmas palavras, chegou-me pelo correio uma carta a informar-me de que uma amiga que vive em Kauai, no Havai, e cuja anca se tinha desintegrado devido a cancro, também tinha vivido uma regeneração completa e “inexplicável” do osso. Os meios que utilizou para promover a sua recuperação foram quimioterapia, meditação intensiva e exercícios de imaginação guiada. A história da sua cura foi noticiada nos jornais havaianos.

Michelli? Pode ser que a regeneração do osso seja rara porque exige o acesso a níveis muito profundos da psique — níveis que, em regra, não são alcançados pelas atividades normais da consciência. Isto parece explicar por que razão é necessária a hipnose para provocar a remissão da doença de Brocq. Quanto ao que terá desencadeado a cura de Michelli, atendendo ao papel central que a crença desempenha em tantos exemplos de plasticidade mente/corpo, ela surge claramente como a principal suspeita. Será possível que, através da sua fé no poder curativo de Lourdes, Michelli tenha, de algum modo — consciente ou fortuitamente — operado a sua própria cura?

Existe forte evidência de que a crença, e não a intervenção divina, é o motor principal de pelo menos algumas ocorrências ditas milagrosas. Recorde-se que Mohotty alcançou o seu controlo supernormal através da oração a Kataragama e, a menos que estejamos dispostos a aceitar a existência literal de Kataragama, as capacidades de Mohotty parecem ser mais bem explicadas pela sua *crença* profunda e inabalável de que estava divinamente protegido. O mesmo parece aplicar-se a muitos dos milagres atribuídos a santos e taumaturgos cristãos.

Um milagre cristão que parece ser gerado pelo poder da mente é o fenómeno dos estigmas. A maioria dos estudiosos da Igreja concorda que São Francisco de Assis foi a primeira pessoa a manifestar espontaneamente as feridas da crucificação, mas desde a sua morte existiram literalmente centenas de outros estigmatizados. Embora não existam dois ascetas que apresentem os estigmas exatamente da mesma forma, todos partilham um

elemento comum: desde São Francisco, todos apresentaram feridas nas mãos e nos pés, correspondendo aos locais onde Cristo teria sido pregado à cruz. Isto não é o que seria de esperar se os estigmas fossem de origem divina. Como observa o parapsicólogo D. Scott Rogo, membro do corpo docente da John F. Kennedy University, em Orinda, Califórnia, o costume romano era colocar os cravos nos *pulsos*, e os restos esqueléticos da época de Cristo confirmam-no. Cravos cravados nas mãos não conseguiriam sustentar o peso de um corpo suspenso numa cruz.⁶²

Por que razão São Francisco e todos os estigmatizados que se lhe seguiram acreditaram que os cravos atravessavam as mãos? Porque foi assim que as feridas passaram a ser representadas pelos artistas desde o século VIII. Que a posição, bem como o tamanho e a forma dos estigmas, tenha sido influenciada pela arte torna-se particularmente evidente no caso de uma estigmatizada italiana chamada Gemma Galgani, que morreu em 1903. As feridas de Gemma reproduziam com exatidão os estigmas do seu crucifixo favorito.

Outro investigador que acreditava que os estigmas eram autoinduzidos foi Herbert Thurston, um sacerdote inglês que escreveu vários volumes sobre milagres. Na sua obra de referência *The Physical Phenomena of Mysticism*, publicada postumamente em 1952, apresentou várias razões para considerar os estigmas como produtos de autossugestão. O tamanho, a forma e a localização das feridas variam de estigmatizado para estigmatizado, uma inconsistência que indica que não derivam de uma fonte comum — isto é, das feridas históricas de Cristo. A comparação das visões

experimentadas por diferentes estigmatizados revela igualmente pouca consistência, sugerindo que não se trata de reencenações da crucificação histórica, mas antes de produtos da própria mente dos estigmatizados. E, talvez mais significativo ainda, uma percentagem surpreendentemente elevada de estigmatizados também sofria de histeria — um facto que Thurston interpretou como mais uma indicação de que os estigmas são um efeito colateral de uma psique volátil e emocionalmente anómala, e não necessariamente o produto de uma mente iluminada.⁶³ À luz de tais evidências, não é de admirar que até alguns dos membros mais liberais da liderança católica acreditem que os estigmas sejam o produto de “contemplação mística”, isto é, que sejam criados pela mente durante períodos de meditação intensa.

Se os estigmas são produtos de autossugestão, então o alcance do controlo que a mente exerce sobre o corpo holográfico deve ser ampliado ainda mais. Tal como as feridas de Mohotty, os estigmas podem cicatrizar com uma rapidez desconcertante. A plasticidade quase ilimitada do corpo é ainda evidenciada pela capacidade de alguns estigmatizados desenvolverem protuberâncias semelhantes a cravos no centro das suas feridas. Mais uma vez, São Francisco foi o primeiro a manifestar este fenómeno. Segundo Tomás de Celano, testemunha ocular dos estigmas de São Francisco e também seu biógrafo:

As suas mãos e os seus pés pareciam perfurados ao centro por cravos. Estas marcas eram redondas no lado interior das mãos e alongadas no lado exterior, e viam-se certos pequenos fragmentos de carne semelhantes às extremidades de cravos dobrados e cravados para trás, projetando-se do resto da carne.⁶⁴

Outro contemporâneo de São Francisco, São Boaventura, também testemunhou os estigmas do santo e afirmou que os cravos estavam tão nitidamente definidos que se podia introduzir um dedo por baixo deles e dentro das feridas. Embora os cravos de São Francisco parecessem ser constituídos por carne escurecida e endurecida, possuíam outra característica claramente semelhante à de um cravo. Segundo Tomás de Celano, se um cravo fosse pressionado de um lado, projetava-se instantaneamente do outro lado, exatamente como aconteceria se um cravo real estivesse a ser deslizado para a frente e para trás através do centro da mão.

Teresa Neumann, a conhecida estigmatizada bávara que morreu em 1962, também apresentava protuberâncias semelhantes a cravos. Tal como as de São Francisco, eram aparentemente formadas por pele endurecida. Foram examinadas minuciosamente por vários médicos e verificou-se que eram estruturas que atravessavam completamente as suas mãos e pés. Ao contrário das feridas de São Francisco, que permaneciam abertas de forma contínua, as de Neumann abriam-se apenas periodicamente e, quando deixavam de sangrar, um tecido mole, semelhante a uma membrana, crescia rapidamente sobre elas.

Outros estigmatizados exibiram alterações igualmente profundas nos seus corpos. Padre Pio, o célebre estigmatizado italiano que morreu em 1968, apresentava feridas dos estigmas que atravessavam completamente as suas mãos. Uma ferida no seu flanco era tão profunda que os médicos que a examinaram recearam medi-la, com medo de danificar os seus órgãos internos. A Venerável Giovanna Maria Solimani, uma estigmatizada italiana

do século XVIII, tinha feridas nas mãos suficientemente profundas para nelas se poder introduzir uma chave. Tal como acontecia com as feridas de todos os estigmatizados, as suas nunca apodreciam, infetavam ou sequer inflamavam. E outra estigmatizada do século XVIII, Santa Verónica Giuliani, abadessa de um convento em Città di Castello, na Úmbria, Itália, possuía uma grande ferida no flanco que se *abria e fechava sob comando*.

8. Imagens Projetadas para Fora do Cérebro

O modelo holográfico despertou o interesse de investigadores na União Soviética, e dois psicólogos soviéticos, Dr. Alexander P. Dubrov e Dr. Veniamin N. Pushkin, escreveram extensamente sobre esta ideia. Ambos consideram que as capacidades do cérebro para processar frequências, por si só, não provam a natureza holográfica das imagens e dos pensamentos na mente humana. No entanto, sugeriram o que poderia constituir tal prova. Dubrov e Pushkin acreditam que, se fosse encontrado um exemplo em que o cérebro projetasse uma imagem para fora de si próprio, a natureza holográfica da mente ficaria demonstrada de forma convincente. Ou, nas suas próprias palavras, “registos da ejeção de estruturas psicofísicas para fora do cérebro forneceria evidência direta de hologramas cerebrais.”⁶⁵

De facto, Santa Verónica Giuliani parece fornecer precisamente esse tipo de evidência. Durante os últimos anos da sua vida, tornou-se convencida de que as imagens da Paixão — uma coroa de espinhos, três cravos, uma cruz e uma espada — tinham ficado gravadas no seu coração. Ela desenhou essas imagens e chegou

mesmo a indicar a localização de cada uma. Após a sua morte, uma autópsia revelou que os símbolos estavam efetivamente impressos no seu coração exatamente tal como ela os tinha representado. Os dois médicos que realizaram a autópsia assinaram declarações juramentadas atestando essa descoberta.⁶⁶

Outros estigmatizados relataram experiências semelhantes. Santa Teresa de Ávila teve a visão de um anjo a perfurar-lhe o coração com uma espada e, após a sua morte, foi encontrada uma fissura profunda no seu coração. O seu coração, com a ferida milagrosa da espada ainda claramente visível, encontra-se hoje exposto como relíquia em Alba de Tormes, Espanha.⁶⁷ Uma estigmatizada francesa do século XIX, chamada Marie-Julie Jahenny, via repetidamente a imagem de uma flor na sua mente e, eventualmente, uma representação dessa flor apareceu no seu peito. Permaneceu ali durante vinte anos.⁶⁸ Estas capacidades não parecem, aliás, estar limitadas aos estigmatizados. Em 1913, uma rapariga de doze anos da aldeia de Bussus-Bus-Suel, perto de Abbeville, em França, fez manchetes quando se descobriu que conseguia comandar conscientemente imagens — como figuras de cães e cavalos — para aparecerem nos seus braços, pernas e ombros. Consequia também produzir palavras e, quando alguém lhe fazia uma pergunta, a resposta surgia instantaneamente na sua pele.⁶⁹

Certamente, demonstrações deste tipo constituem exemplos da ejeção de estruturas psicofísicas para fora do cérebro. De certo modo, os próprios estigmas — especialmente aqueles em que a carne se organiza em protuberâncias semelhantes a cravos — são

exemplos de o cérebro projetar imagens para fora de si e imprimi-las na argila maleável do corpo holográfico. O Dr. Michael Grosso, filósofo do Jersey City State College que escreveu extensamente sobre o tema dos milagres, chegou igualmente a esta conclusão. Grosso, que viajou até Itália para estudar diretamente os estigmas do Padre Pio, afirma: “Uma das categorias da minha tentativa de analisar o Padre Pio consiste em dizer que ele possuía a capacidade de transformar simbolicamente a realidade física. Por outras palavras, o nível de consciência em que operava permitia-lhe transformar a realidade física à luz de determinadas ideias simbólicas. Por exemplo, ele identificava-se com as feridas da crucificação e o seu corpo tornava-se permeável a esses símbolos psíquicos, assumindo gradualmente a sua forma.”⁷⁰

Assim, parece que, através do uso de imagens, o cérebro pode dizer ao corpo o que fazer — incluindo dizer-lhe para produzir mais imagens. Imagens a gerar imagens. Dois espelhos a refletirem-se mutuamente até ao infinito. Tal é a natureza da relação mente/corpo num universo holográfico.

9. Leis Conhecidas e Desconhecidas

No início deste capítulo, afirmei que, em vez de examinar os vários mecanismos através dos quais a mente controla o corpo, o capítulo seria dedicado sobretudo a explorar a extensão desse controlo. Ao fazê-lo, não pretendi negar nem diminuir a importância desses mecanismos. Eles são cruciais para a nossa compreensão da relação mente/corpo, e novas descobertas nesta área parecem surgir todos os dias.

Por exemplo, numa recente conferência sobre psiconeuroimunologia — uma nova ciência que estuda a forma como a mente (psico), o sistema nervoso (neuro) e o sistema imunitário (imunologia) interagem — Candace Pert, chefe de bioquímica cerebral no National Institute of Mental Health, anunciou que as células imunitárias possuem recetores de neuropéptidos. Os neuropéptidos são moléculas utilizadas pelo cérebro para comunicar — os “telegramas” do cérebro, por assim dizer. Houve um tempo em que se acreditava que os neuropéptidos existiam apenas no cérebro. Contudo, a presença de recetores (recetores de telegramas) nas células do sistema imunitário implica que este sistema não é separado do cérebro, mas antes uma extensão dele. Os neuropéptidos foram também encontrados em várias outras partes do corpo, levando Pert a admitir que já não consegue dizer onde termina o cérebro e onde começa o corpo.⁷¹

Excluí estes pormenores não só porque considerei mais relevante, para a discussão em causa, examinar a extensão com que a mente pode moldar e controlar o corpo, mas também porque os processos biológicos responsáveis pelas interações mente/corpo constituem um tema vasto demais para este livro. No início da secção sobre milagres, afirmei que não havia uma razão clara para acreditar que a regeneração óssea de Michelli não pudesse ser explicada pela nossa compreensão atual da física. Isso é menos verdadeiro no caso dos estigmas. E parece ser claramente falso no caso de vários fenómenos paranormais relatados por indivíduos credíveis ao longo da história e, em tempos mais recentes, por diversos biólogos, físicos e outros investigadores.

Neste capítulo, analisámos feitos extraordinários da mente que, embora ainda não sejam plenamente compreendidos, não parecem violar nenhuma das leis conhecidas da física. No próximo capítulo, examinaremos algumas das coisas que a mente é capaz de fazer e que não podem ser explicadas pelas nossas compreensões científicas atuais. Como veremos, a ideia holográfica poderá também lançar luz sobre esses domínios. Aventurar-nos nesses territórios implicará, por vezes, caminhar sobre um terreno que à primeira vista poderá parecer instável e examinar fenómenos ainda mais vertiginosos e incríveis do que as feridas de cicatrização rápida de Mohotty ou as imagens impressas no coração de Santa Verónica Giuliani. Mas, uma vez mais, verificaremos que, apesar da sua natureza desconcertante, a ciência começa também a abrir caminho nesses territórios.

10. Microsistemas de Acupunctura e o “Pequeno Homem na Orelha”

Antes de encerrar, merece ainda ser mencionado um último conjunto de evidências da natureza holográfica do corpo. A antiga arte chinesa da acupunctura baseia-se na ideia de que cada órgão e cada osso do corpo está ligado a pontos específicos na superfície corporal. Ao ativar esses pontos de acupunctura — seja através de agulhas ou de outras formas de estimulação — acredita-se que doenças e desequilíbrios que afetam as partes do corpo correspondentes possam ser aliviados e até curados. Existem mais de mil pontos de acupunctura, organizados em linhas imaginárias chamadas meridianos, distribuídas pela superfície do corpo. Embora ainda seja controversa, a acupunctura tem vindo a ganhar aceitação

na comunidade médica e chegou mesmo a ser utilizada com sucesso no tratamento de dores lombares crónicas em cavalos de corrida.

Em 1957, um médico e acupuntor francês chamado Paul Nogier publicou um livro intitulado *Tratado de Auriculoterapia*, no qual anunciou a sua descoberta de que, para além do sistema principal de acupuntura, existem dois sistemas de acupuntura mais pequenos localizados em cada uma das orelhas. Nogier chamou-lhes *microsistemas de acupuntura* e observou que, quando se ligavam esses pontos como num jogo de “liga-os-pontos”, eles formavam um mapa anatómico de um pequeno ser humano invertido, semelhante a um feto (ver fig. 13). Desconhecido para Nogier, os chineses já tinham descoberto o “pequeno homem na orelha” quase quatro mil anos antes, embora um mapa do sistema auricular chinês só tenha sido publicado depois de Nogier já ter reivindicado a ideia.

O pequeno homem na orelha não é apenas uma curiosidade histórica da acupuntura. O Dr. Terry Oleson, psicobiólogo da Clínica de Tratamento da Dor da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia em Los Angeles, descobriu que o microsistema auricular pode ser utilizado para diagnosticar com precisão o que se passa no corpo. Por exemplo, Oleson verificou que um aumento da atividade elétrica num determinado ponto de acupuntura da orelha indica, em geral, uma condição patológica (passada ou presente) na área correspondente do corpo. Num estudo, quarenta pacientes foram examinados para identificar as zonas do corpo onde sentiam dor crónica. Após o exame, cada paciente foi coberto com um lençol para ocultar quaisquer

problemas visíveis. Em seguida, um acupuntor, sem qualquer conhecimento prévio dos resultados, examinou apenas as orelhas dos pacientes. Quando os dados foram comparados, constatou-se que os exames auriculares coincidiam com os diagnósticos médicos estabelecidos em 75,2% dos casos.⁷²

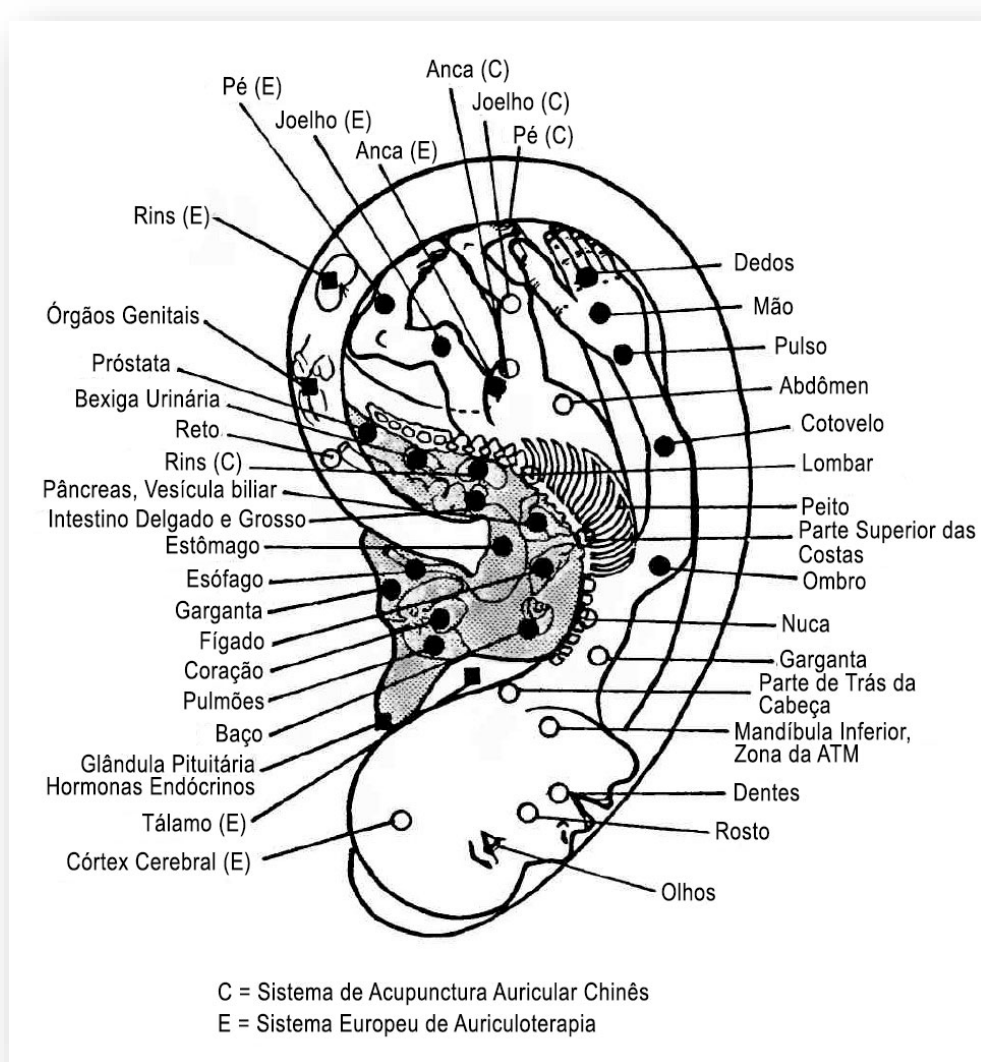


Figura 13. O Homenzinho na Orelha. Os acupuntores descobriram que os pontos de acupuntura na orelha formam o contorno de um ser humano em miniatura. O Dr. Terry Oleson, psicobiólogo da Escola de Medicina da UCLA, acredita

que isto acontece porque o corpo é um holograma e cada uma das suas partes contém uma imagem do todo. [Copyright Dr. Terry Oleson, UCLA School of Medicine. Utilizado com permissão]

Os exames da orelha também podem revelar problemas nos ossos e nos órgãos internos. Certa vez, quando Oleson estava a passear de barco com um conhecido, reparou numa área de pele anormalmente escamosa numa das orelhas do homem. Com base na sua investigação, Oleson sabia que esse ponto correspondia ao coração e sugeriu que o homem fizesse um exame cardíaco. No dia seguinte, o homem consultou o médico e descobriu que tinha um problema cardíaco que exigia cirurgia cardíaca imediata.⁷³

Oleson utiliza ainda a estimulação elétrica dos pontos de acupuntura da orelha para tratar dor crónica, problemas de peso, perda de audição e praticamente todo o tipo de dependências. Num estudo com catorze indivíduos dependentes de narcóticos, Oleson e os seus colegas usaram acupuntura auricular para eliminar a necessidade da droga em doze deles, num período médio de cinco dias e com apenas sintomas mínimos de abstinência.⁷⁴ De facto, a acupuntura auricular revelou-se tão eficaz na desintoxicação rápida de narcóticos que clínicas em Los Angeles e Nova Iorque utilizam atualmente esta técnica no tratamento de toxicodependentes.

Por que razão os pontos de acupuntura da orelha se alinham sob a forma de um ser humano em miniatura? Oleson acredita que isso se deve à natureza holográfica da mente e do corpo. Tal como cada porção de um holograma contém a imagem do todo, cada porção do corpo pode também conter a imagem do todo. «O holograma da

orelha está, logicamente, ligado ao holograma do cérebro, que por sua vez está ligado ao corpo inteiro», afirma. «A forma como utilizamos a orelha para influenciar o resto do corpo é através do holograma cerebral.»⁷⁵

Oleson considera provável que existam microssistemas de acupuntura noutras partes do corpo. O Dr. Ralph Alan Dale, diretor do Centro de Educação em Acupuntura de North Miami Beach, na Florida, concorda. Após passar as últimas duas décadas a recolher dados clínicos e de investigação provenientes da China, do Japão e da Alemanha, Dale reuniu evidências da existência de dezoito hologramas distintos de microacupuntura no corpo, incluindo sistemas localizados nas mãos, pés, braços, pescoço, língua e até nas gengivas. Tal como Oleson, Dale considera estes microssistemas «reiteraões holográficas da anatomia macroscópica» e acredita que ainda existem outros sistemas por descobrir. Num eco direto da afirmação de Bohm de que cada eletrão contém, de algum modo, o cosmos, Dale formula a hipótese de que cada dedo — e até cada célula — possa conter o seu próprio microssistema de acupuntura.⁷⁶

Richard Leviton, editor colaborador da revista *Hast West*, que escreveu sobre as implicações holográficas dos microssistemas de acupuntura, considera que técnicas médicas alternativas — como a reflexologia, um tipo de massagem terapêutica que envolve o acesso a todos os pontos do corpo através da estimulação dos pés, e a iridologia, uma técnica diagnóstica que consiste na observação da íris do olho para determinar o estado do corpo — podem também ser indícios da natureza holográfica do corpo. Leviton reconhece que

nenhuma destas áreas foi ainda validada experimentalmente (os estudos sobre iridologia, em particular, produziram resultados extremamente contraditórios), mas considera que a ideia holográfica oferece um enquadramento para as compreender, caso a sua legitimidade venha a ser estabelecida. Leviton pensa mesmo que poderá haver algo de válido na quiromancia. Com isto, não se refere ao tipo de leitura da mão praticado por adivinhos que se sentam em montras envidraçadas e chamam os transeuntes, mas sim à versão indiana desta ciência, com cerca de 4.500 anos de antiguidade. Baseia esta sugestão no seu próprio e profundo encontro com um leitor de mãos indiano a viver em Montreal, que possuía um doutoramento na matéria pela Universidade de Agra, na Índia. “O paradigma holográfico fornece às afirmações mais esotéricas e controversas da quiromancia um contexto para a sua validação”, afirma Leviton.⁷⁷

É difícil avaliar o tipo de quiromancia praticado pelo leitor de mãos indiano de Leviton na ausência de estudos duplamente cegos, mas a ciência começa a aceitar que pelo menos alguma informação sobre o nosso corpo está contida nas linhas e nos redemoinhos das nossas mãos. Herman Weinreb, neurologista da Universidade de Nova Iorque, descobriu que um padrão de impressão digital chamado laço ulnar ocorre com maior frequência em doentes com Alzheimer do que em indivíduos sem a doença (ver fig. 14). Num estudo com 50 doentes com Alzheimer e 50 indivíduos normais, 72% do grupo com Alzheimer apresentava este padrão em pelo menos 8 das pontas dos dedos, em comparação com apenas 26% no grupo de controlo. Entre os que apresentavam laços ulnar nos

10 dedos, 14 eram doentes com Alzheimer, enquanto apenas 4 pertenciam ao grupo de controlo.⁷⁸

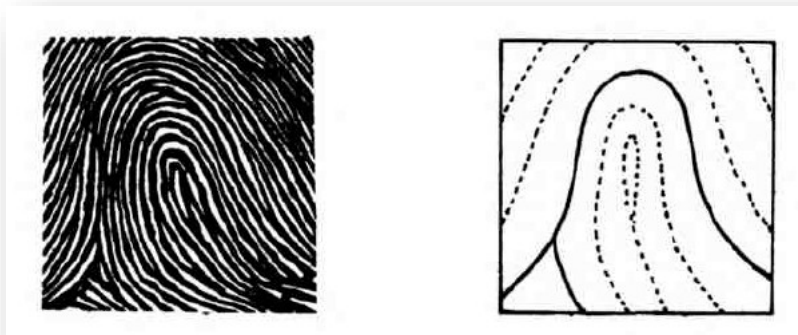


Figura 14. Os neurologistas descobriram que os doentes de Alzheimer têm uma probabilidade acima da média de apresentar um padrão de impressão digital característico, conhecido como laço ulnar. Pelo menos outras dez doenças genéticas comuns estão também associadas a diversos padrões na mão. Estas descobertas podem fornecer evidências para a afirmação do modelo holográfico de que cada parte do corpo contém informação sobre o todo. [Redesenhado pelo autor a partir da arte original da revista *Medicine*]

Sabe-se hoje que 10 deficiências genéticas comuns, incluindo a síndrome de Down, estão também associadas a vários padrões da mão. Médicos da Alemanha Ocidental estão atualmente a utilizar esta informação para analisar impressões das mãos dos pais e ajudar a determinar se mulheres grávidas devem submeter-se à amniocentese, um procedimento de rastreio genético potencialmente perigoso, no qual uma agulha é introduzida no útero para recolher líquido amniótico para análise laboratorial.

Investigadores do Instituto de Dermatoglifia da Alemanha Ocidental, em Hamburgo, desenvolveram mesmo um sistema

informático que utiliza um scanner optoelétrico para obter uma “fotografia” digitalizada da mão de um paciente. O sistema compara depois essa mão com outras 10.000 impressões armazenadas na sua memória, analisa-a em busca de cerca de 50 padrões distintivos atualmente conhecidos por estarem associados a várias deficiências hereditárias, e calcula rapidamente os fatores de risco do paciente.⁷⁹ Assim, talvez não devamos ser tão rápidos a descartar a quiromancia de forma leviana. As linhas e os redemoinhos das nossas palmas podem conter muito mais informação sobre o nosso todo do que geralmente supomos.

11. Mobilizar os Poderes do Cérebro Holográfico

Ao longo deste capítulo, duas mensagens gerais emergem de forma clara e inequívoca. Segundo o modelo holográfico, a mente/corpo é, em última análise, incapaz de distinguir entre os hologramas neuronais que o cérebro utiliza para experienciar a realidade e aqueles que ele próprio cria ao imaginar a realidade. Ambos exercem um efeito dramático sobre o organismo humano — um efeito tão poderoso que pode modular o sistema imunitário, duplicar e/ou anular os efeitos de fármacos potentes, curar feridas com rapidez surpreendente, fazer desaparecer tumores, sobrepor-se à nossa programação genética e remodelar a nossa carne viva de modos que quase desafiam a crença. Esta é, então, a primeira mensagem: cada um de nós possui a capacidade, pelo menos a algum nível, de influenciar a sua saúde e controlar a sua forma física de maneiras que são verdadeiramente deslumbrantes. Somos todos potenciais fazedores de milagres, yogis adormecidos, e é claro, a partir das provas apresentadas nas páginas anteriores, que nos

seria vantajoso, tanto enquanto indivíduos como enquanto espécie, dedicar muito mais esforço à exploração e mobilização destes talentos.

A segunda mensagem é que os elementos que entram na formação destes hologramas neuronais são numerosos e subtis. Incluem as imagens sobre as quais meditamos, as nossas esperanças e receios, as atitudes dos nossos médicos, os nossos preconceitos inconscientes, as nossas crenças individuais e culturais, e a nossa fé em coisas tanto espirituais como tecnológicas. Mais do que simples factos, estes elementos são pistas importantes, sinais que apontam para aquilo de que devemos tomar consciência e sobre o qual devemos adquirir domínio, se quisermos aprender a libertar e a manipular estas capacidades. Sem dúvida, existem outros fatores envolvidos, outras influências que moldam e delimitam estas aptidões, pois uma coisa deve agora ser evidente: num universo holográfico — um universo em que uma ligeira mudança de atitude pode significar a diferença entre a vida e a morte, em que as coisas estão de tal modo subtilmente interligadas que um sonho pode evocar o aparecimento inexplicável de um escaravelho, e os fatores responsáveis por uma doença podem também suscitar um determinado padrão nas linhas e nos redemoinhos da mão — temos razões para suspeitar que cada efeito possui múltiplas causas; cada ligação é o ponto de partida para uma dúzia de outras, pois, nas palavras de Walt Whitman, “uma vasta similitude interliga tudo”.

CAPÍTULO 5

Um Punhado de Milagres

Os milagres acontecem, não em oposição à Natureza,
mas em oposição àquilo que sabemos da Natureza.

— Santo Agostinho

Todos os anos, em Setembro e em Maio, uma multidão imensa reúne-se no *Duomo di San Gennaro*, a principal catedral de Nápoles, para assistir a um milagre. O milagre envolve um pequeno frasco que contém uma substância castanha e ressequida, alegadamente o sangue de São Januário, ou San Gennaro, decapitado pelo imperador romano Diocleciano no ano 305 d.C. Segundo a tradição, após o martírio do santo, uma criada recolheu parte do seu sangue como relíquia. Não se sabe ao certo o que aconteceu depois, exceto que o sangue só voltou a surgir no final do século XIII, quando foi colocado num relicário de prata na catedral.

O prodígio consiste no seguinte: duas vezes por ano, quando a multidão clama diante do frasco, a substância castanha transforma-se num líquido vermelho-vivo e borbulhante. Há poucos motivos para duvidar de que o líquido seja realmente sangue. Em 1902, um grupo de cientistas da Universidade de Nápoles realizou uma análise espectroscópica, fazendo passar um feixe de luz através do líquido,

e confirmou tratar-se de sangue. Contudo, como o relicário é extremamente antigo e frágil, a Igreja não permite que seja aberto para testes adicionais, pelo que o fenómeno nunca foi estudado de forma exaustiva.

Há ainda indícios de que a transformação ultrapassa o comum. Ao longo da história (o primeiro registo escrito da realização pública do milagre data de 1389), houve ocasiões em que o sangue se recusou a liquefazer-se. Embora raro, tal é considerado um presságio muito negativo pelos napolitanos. No passado, a falha do milagre precedeu diretamente a erupção do Vesúvio e a invasão napoleónica de Nápoles. Mais recentemente, em 1976 e 1978, antecedeu, respetivamente, o pior sismo da história italiana e a eleição de um governo municipal comunista em Nápoles.

Será a liquefação do sangue de São Januário um milagre? Parece sê-lo, pelo menos no sentido em que não encontra explicação nas leis científicas atualmente conhecidas. Será causada pelo próprio santo? A interpretação aqui proposta é que a causa mais provável reside na intensa devoção e crença coletiva dos fiéis presentes. Tal hipótese ganha força quando se observa que muitos dos milagres atribuídos a santos e taumaturgos das grandes religiões foram também replicados por médiuns e indivíduos com capacidades psíquicas. Isso sugere que, à semelhança dos estigmas, tais fenómenos possam emergir de forças profundas da mente humana — forças latentes em todos nós. O padre Herbert Thurston, autor de *The Physical Phenomena of Mysticism*, estava consciente dessa semelhança e mostrava-se reticente em atribuir milagres a causas estritamente sobrenaturais, preferindo considerá-los fenómenos

psíquicos ou paranormais. Outro dado que reforça esta perspectiva é que diversos estigmatizados, como Padre Pio e Therese Neumann, eram também reputados pelas suas alegadas capacidades psíquicas.

Uma dessas capacidades é a psicocinese (*PK - Psychokinesis*). Como o milagre de São Januário implica uma alteração física da matéria, a PK surge como hipótese plausível. D. Scott Rogo defendia que, embora seja biologicamente possível que pequenos vasos sanguíneos sob a pele se rompam e causem hemorragias superficiais, apenas a psicocinese poderia explicar o aparecimento súbito de feridas extensas.¹ Se tal é ou não o caso permanece em aberto, mas a PK parece estar envolvida em certos fenómenos associados aos estigmas. Quando o sangue fluía das feridas nos pés de Therese Neumann, corria sempre na direção dos dedos — exatamente como teria corrido das feridas de Cristo na cruz — independentemente da posição dos seus pés. Assim, mesmo quando estava sentada na cama, *o sangue fluía para cima, contrariando a gravidade*. Tal facto foi testemunhado por numerosas pessoas, incluindo militares norte-americanos estacionados na Alemanha após a guerra que a visitaram para observar as suas alegadas capacidades. Fluxos sanguíneos que desafiam a gravidade foram relatados noutros casos de estigmatização.²

Tais acontecimentos deixam-nos atónitos porque a nossa visão atual do mundo não nos fornece um contexto adequado para compreender a PK. Bohm considera que encarar o universo como um holomovimento fornece precisamente esse contexto. Para

explicar o que quer dizer, pede-nos que imaginemos a seguinte situação. Imagine que caminha por uma rua tarde da noite e, de repente, uma sombra surge inesperadamente. O seu primeiro pensamento pode ser que se trata de um agressor e que está em perigo. A informação contida nesse pensamento dará então origem a um conjunto de atividades imaginadas — fugir, ser ferido, lutar. A presença dessas atividades imaginadas na mente não é, contudo, um processo puramente “mental”, pois é inseparável de uma série de processos biológicos correlacionados: excitação nervosa, aceleração do ritmo cardíaco, libertação de adrenalina e outras hormonas, tensão muscular, e assim por diante. Pelo contrário, se o primeiro pensamento for que a sombra é apenas isso — uma sombra — seguir-se-á um conjunto diferente de respostas mentais e biológicas. Com um pouco de reflexão, torna-se evidente que reagimos tanto mental como biologicamente a tudo o que experienciamos.

Segundo Bohm, o ponto crucial a retirar daqui é que a consciência não é a única coisa capaz de responder ao significado. O corpo também responde, o que revela que o significado é simultaneamente de natureza mental e física. Isto é desconcertante, pois tendemos a pensar que o significado só pode ter efeito ativo na realidade subjetiva — nos pensamentos dentro da nossa cabeça — e não que possa gerar uma resposta no mundo físico das coisas e dos objetos. O significado “pode assim servir de elo ou ‘ponte’ entre estes dois lados da realidade”, afirma Bohm. “Esse elo é indivisível, no sentido em que a informação contida no pensamento, que sentimos estar do lado ‘mental’, é ao mesmo tempo uma atividade neurofisiológica, química e física, que

corresponde ao que se entende por esse pensamento no lado 'material'."3

Bohm considera que exemplos de significado objetivamente ativo podem ser encontrados noutros processos físicos. Um deles é o funcionamento de um chip informático. Um chip contém informação, e o significado dessa informação é ativo no sentido em que determina a forma como as correntes elétricas circulam no computador. Outro exemplo é o comportamento das partículas subatômicas. A visão ortodoxa em física sustenta que as ondas quânticas atuam mecanicamente sobre uma partícula, controlando o seu movimento de modo semelhante ao das ondas do oceano sobre uma bola de pingue-pongue à superfície. Bohm, porém, não considera que essa visão explique, por exemplo, a dança coordenada dos eletrões num plasma, tal como o movimento das ondas da água não explicaria um movimento igualmente coreografado de bolas de pingue-pongue, caso tal fenómeno fosse observado no oceano. Ele propõe que a relação entre partícula e onda quântica é mais semelhante à de um navio em piloto automático guiado por ondas de radar. A onda quântica não empurra o eletrão, tal como a onda de radar não empurra o navio; antes fornece-lhe *informação* acerca do seu ambiente, informação essa que o eletrão utiliza para se orientar.

Por outras palavras, Bohm sustenta que o eletrão não é apenas análogo à mente, mas uma entidade altamente complexa, muito distante da visão padrão que o descreve como um ponto simples e sem estrutura. O uso ativo de informação pelos eletrões — e, de facto, por todas as partículas subatômicas — indica que a

capacidade de responder ao significado é uma característica não apenas da consciência, mas de toda a matéria. É esta comunhão intrínseca, afirma Bohm, que oferece uma possível explicação para a PK. Como ele próprio escreve:

Com base nisto, a psicocinese poderia surgir se os processos mentais de uma ou mais pessoas estivessem focalizados em significados em harmonia com aqueles que orientam os processos básicos dos sistemas materiais nos quais essa psicocinese se pretende produzir.⁴

É importante sublinhar que este tipo de psicocinese não resultaria de um processo causal — isto é, de uma relação de causa e efeito envolvendo qualquer das forças conhecidas da física. Seria antes o resultado de uma espécie de “ressonância de significados” não local, ou de uma interação não local semelhante, embora distinta, da interconexão não local que permite a um par de fótons gêmeos manifestar o mesmo ângulo de polarização, como vimos no capítulo 2 (por razões técnicas, Bohm considera que a mera não localidade quântica não basta para explicar nem a PK nem a telepatia, sendo necessária uma forma mais profunda de não localidade, uma espécie de “super” não localidade).

1. O Duende na Máquina

Outro investigador cujas ideias acerca da PK são semelhantes às de Bohm, mas que as levou um passo mais longe, é Robert G. Jahn, professor de ciências aeroespaciais e antigo diretor da Escola de Engenharia e Ciências Aplicadas da Universidade de Princeton. O envolvimento de Jahn no estudo da PK aconteceu quase por acaso.

Antigo consultor da NASA e do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, o seu campo de interesse original era a propulsão no espaço profundo. É, aliás, autor de *Physics of Electric Propulsion*, obra de referência na área, e nem sequer acreditava no paranormal quando uma estudante lhe pediu que supervisionasse uma experiência de PK que pretendia realizar como projeto independente. Jahn aceitou com relutância, mas os resultados foram tão provocadores que o levaram a fundar, em 1979, o laboratório Princeton Engineering Anomalies Research (PEAR). Desde então, os investigadores do PEAR não só produziram evidência convincente da existência de PK, como reuniram mais dados sobre o assunto do que qualquer outro grupo no país.

Numa série de experiências, Jahn e a sua colaboradora, a psicóloga clínica Brenda Dunne, utilizaram um dispositivo chamado gerador de eventos aleatórios (REG - Random Event Generator). Baseando-se num processo natural imprevisível, como o decaimento radioativo, o REG produz sequências de números binários aleatórios. Uma sequência poderia ter o seguinte aspeto: 1, 2, 1, 2, 2, 1, 1, 2, 1, 1, 1, 2, 1. Trata-se, em essência, de um “lançador automático de moedas”, capaz de produzir um número enorme de lançamentos num intervalo muito curto. Como é sabido, se se lançar uma moeda perfeitamente equilibrada mil vezes, a probabilidade é que o resultado se aproxime de uma divisão 50/50 entre caras e coroas. Na prática, pode haver pequenas variações, mas quanto maior o número de lançamentos, mais a distribuição tenderá para o equilíbrio estatístico.

O que Jahn e Dunne fizeram foi pedir a voluntários que se sentassem diante do REG e se concentrassem em fazê-lo produzir um número anormalmente elevado de caras ou de coroas. Ao longo de literalmente centenas de milhares de ensaios, descobriram que, apenas através da concentração, os voluntários conseguiam exercer um efeito pequeno, mas estatisticamente significativo, sobre a saída do REG. Descobriram ainda duas coisas adicionais. A capacidade de produzir efeitos de PK não estava limitada a alguns indivíduos especialmente dotados, mas estava presente na maioria dos voluntários testados, o que sugere que quase todos nós possuímos algum grau dessa capacidade. Além disso, verificaram que diferentes voluntários produziam resultados distintos e consistentemente característicos — resultados tão idiossincráticos que Jahn e Dunne passaram a designá-los por “assinaturas”.⁵

Noutra série de experiências, utilizaram um dispositivo semelhante a uma máquina de pinball, que permite que 9.000 esferas de cerca de dois centímetros de diâmetro circulem por entre 330 pinos de nylon e se distribuam por 19 compartimentos de recolha na base. O aparelho está montado numa estrutura vertical com cerca de três metros de altura e quase dois de largura, com frente em vidro transparente para que os voluntários possam observar as esferas enquanto caem e se acumulam. Normalmente, mais esferas caem nos compartimentos centrais do que nos exteriores, formando uma distribuição em forma de curva de sino.

Tal como no caso do REG, os voluntários eram convidados a tentar, através da intenção, fazer com que mais esferas caíssem nos compartimentos exteriores do que nos centrais. Mais uma vez,

ao longo de numerosas repetições, conseguiram produzir um desvio pequeno, mas mensurável na distribuição. Se nas experiências com o REG o efeito incidia sobre processos microscópicos — o decaimento de uma substância radioativa —, as experiências com a máquina de esferas mostraram que os participantes podiam influenciar também objetos do mundo macroscópico. Mais ainda, as “assinaturas” observadas nas experiências com o REG reapareceram nas experiências com a máquina de esferas, sugerindo que as capacidades de PK de cada indivíduo se mantêm consistentes de experiência para experiência, embora variem de pessoa para pessoa, tal como acontece com outros talentos. Jahn e Dunne afirmam:

Embora segmentos isolados destes resultados possam ser considerados demasiado próximos do comportamento aleatório para justificar a revisão dos princípios científicos vigentes, considerados em conjunto, estabelecem uma anomalia incontornável e de proporções substanciais.⁶

Jahn e Dunne consideram que os seus resultados podem explicar a tendência que algumas pessoas parecem ter para “azarar” máquinas e provocar avarias inexplicáveis. Um exemplo célebre foi o físico Wolfgang Pauli, cujas capacidades neste domínio se tornaram tão lendárias que os físicos passaram a falar, em tom de brincadeira, do “efeito Pauli”. Conta-se que a simples presença de Pauli num laboratório fazia explodir aparelhos de vidro ou rachar instrumentos de medição sensíveis. Num episódio particularmente famoso, um físico escreveu-lhe a dizer que, pelo menos desta vez, não o podia responsabilizar pela misteriosa avaria de um equipamento, pois ele não estava presente — para depois descobrir

que Pauli passara de comboio junto ao laboratório no exato momento da ocorrência. Jahn e Dunne sugerem que o chamado “efeito gremlin” — a tendência de equipamentos cuidadosamente testados sofrerem avarias inexplicáveis nos momentos mais inoportunos, fenómeno frequentemente relatado por pilotos e operadores militares — pode também ser um exemplo de PK inconsciente.

Se a mente pode estender-se e alterar o movimento de uma cascata de esferas, que modelo físico poderia explicar tal capacidade? Jahn e Dunne propõem que, dado que todos os processos físicos conhecidos exibem uma dualidade onda/partícula, não é irrazoável supor que a consciência também possua tal dualidade. No seu aspeto “particular”, a consciência pareceria localizada no cérebro; no seu aspeto ondulatório, porém, poderia, como todos os fenómenos de onda, produzir efeitos de influência à distância. A PK seria um desses efeitos.

Mas não se ficam por aqui. Sustentam que a própria realidade resulta da interface entre os aspetos ondulatórios da consciência e os padrões ondulatórios da matéria. Contudo, tal como Bohm, não acreditam que a consciência ou o mundo material possam ser representados de forma produtiva em isolamento, nem que a PK deva ser entendida como a transmissão de uma força. “A mensagem pode ser mais subtil do que isso”, afirma Jahn. “Pode ser que tais conceitos sejam simplesmente inviáveis, que não possamos falar proveitosamente de um ambiente abstrato ou de uma consciência abstrata. A única coisa que podemos experienciar é a interpenetração de ambos de alguma forma.”⁷

Se a PK não é transmissão de força, que linguagem melhor descreve a interação entre mente e matéria? Em linha com uma perspectiva próxima da de Bohm, Jahn e Dunne propõem que a PK envolve uma troca de informação entre a consciência e a realidade física — uma troca que deve ser concebida menos como um fluxo entre o mental e o material e mais como uma ressonância entre ambos. A importância da ressonância foi, aliás, frequentemente referida pelos próprios voluntários das experiências: o fator mais mencionado associado a um desempenho bem-sucedido era a sensação de “ressonância” com a máquina. Um voluntário descreveu-a assim:

É um estado de imersão no processo que leva a uma perda de consciência de mim próprio. Não sinto qualquer controlo direto sobre o dispositivo, mais como uma influência marginal quando estou em ressonância com a máquina. É como estar numa canoa; quando ela vai para onde eu quero, eu fluo com ela. Quando não vai, tento interromper o fluxo e dar-lhe oportunidade de voltar a entrar em ressonância comigo.⁸

As ideias de Jahn e Dunne são semelhantes às de Bohm em vários aspetos fundamentais. Tal como Bohm, consideram que os conceitos que utilizamos para descrever a realidade — eletrão, comprimento de onda, consciência, tempo, frequência — são úteis apenas como “categorias organizadoras de informação” e não possuem estatuto independente. Acreditam também que todas as teorias, incluindo a sua própria, são apenas metáforas. Embora não se identifiquem explicitamente com o modelo holográfico (e a sua teoria difira, de facto, do pensamento de Bohm em vários pontos significativos), reconhecem a zona de interseção entre as duas abordagens. “Na medida em que estamos a falar de uma

dependência bastante fundamental do comportamento ondulatório mecânico, existe alguma afinidade entre o que postulamos e a ideia holográfica”, afirma Jahn. “Ela concede à consciência a capacidade de funcionar num sentido ondulatório e, desse modo, de se servir, de uma forma ou de outra, de todo o espaço e de todo o tempo.”⁹

Dunne concorda:

Em certo sentido, o modelo holográfico pode ser visto como abordando o mecanismo pelo qual a consciência interage com esse “muito” sensível, primordial e de natureza ondulatória, e de algum modo consegue convertê-lo em informação utilizável. Noutro sentido, se imaginarmos que a consciência individual possui os seus próprios padrões ondulatórios característicos, poderíamos vê-la — metaforicamente, claro — como um laser de determinada frequência que intersecta um padrão específico no holograma cósmico.¹⁰

Como seria de esperar, o trabalho de Jahn e Dunne foi recebido com considerável resistência pela ortodoxia científica, mas tem vindo a conquistar aceitação em certos círculos. Uma parte significativa do financiamento do PEAR provém da Fundação McDonnell, criada por James S. McDonnell III, da McDonnell Douglas Corporation, e a New York Times Magazine dedicou recentemente um artigo ao trabalho de Jahn e Dunne. Quanto a eles próprios, permanecem imperturbáveis perante o facto de estarem a dedicar tanto tempo e esforço à exploração dos parâmetros de um fenómeno considerado inexistente pela maioria dos outros cientistas. Como afirma Jahn:

A minha percepção da importância deste tema é muito superior à de qualquer outro assunto em que já trabalhei.¹¹

2. Psicocinese em Escala Mais Ampla

Até agora, os efeitos de psicocinese (PK) produzidos em laboratório têm-se limitado a objetos relativamente pequenos; contudo, as evidências sugerem que, pelo menos alguns indivíduos, podem utilizar a PK para provocar alterações muito mais significativas no mundo físico. O biólogo Lyall Watson, autor do bestseller *Supernature* e investigador de fenômenos paranormais em diversas regiões do mundo, encontrou um desses indivíduos durante uma visita às Filipinas. Tratava-se de um dos chamados curandeiros psíquicos filipinos, mas, em vez de tocar no paciente, limitava-se a manter a mão a cerca de vinte e cinco centímetros do corpo da pessoa, apontar para a pele e — instantaneamente — surgia uma incisão. Watson não só testemunhou várias demonstrações das capacidades cirúrgicas psicocinéticas do homem, como, numa ocasião, quando este fez um gesto mais amplo do que o habitual, Watson recebeu uma incisão nas costas da própria mão. Conserva a cicatriz até hoje.¹²

Há também indícios de que capacidades psicocinéticas possam estar envolvidas na cura de ossos fraturados. Vários exemplos desse tipo foram relatados pelo Dr. Rex Gardner, médico no Sunderland District General Hospital, em Inglaterra. Um aspeto interessante de um artigo publicado em 1983 no *British Medical Journal* é que Gardner, investigador atento de alegados milagres, apresenta curas contemporâneas lado a lado com exemplos praticamente idênticos recolhidos pelo historiador e teólogo inglês do século VII, o Venerável Beda.

A cura contemporânea envolveu um grupo de freiras luteranas em Darmstadt, na Alemanha. As religiosas estavam a construir uma capela quando uma das irmãs caiu através de um pavimento ainda fresco e embateu numa viga de madeira. Foi levada de urgência ao hospital, onde radiografias revelaram uma fratura pélvica exposta. Em vez de recorrerem apenas às técnicas médicas convencionais, as freiras organizaram uma vigília de oração durante toda a noite. Apesar da insistência dos médicos em que a irmã deveria permanecer várias semanas em tração, levaram-na para casa dois dias depois e continuaram a rezar e a praticar a imposição de mãos. Para surpresa geral, imediatamente após essa prática, a irmã levantou-se da cama, sem as dores lancinantes da fratura e, aparentemente, curada. Em apenas duas semanas recuperou totalmente e regressou ao hospital, apresentando-se ao seu médico, que ficou atónito.¹³

Embora Gardner não proponha explicação para esta nem para outras curas descritas no artigo, a PK surge como hipótese plausível. A consolidação natural de uma fratura é um processo demorado, e mesmo a regeneração pélvica de Michelli levou vários meses; assim, pode sugerir-se que as capacidades psicocinéticas inconscientes das freiras envolvidas na imposição de mãos tenham desempenhado um papel decisivo.

Gardner descreve ainda uma cura semelhante ocorrida no século VII, durante a construção da igreja de Hexham, em Inglaterra, envolvendo São Wilfrid, então bispo de Hexham. Um pedreiro chamado Bothelm caiu de grande altura, fraturando ambos os braços e ambas as pernas. Enquanto jazia em estado crítico, Wilfrid

rezou sobre ele e pediu aos restantes trabalhadores que se juntassem à oração. Assim que o fizeram, “o sopro de vida regressou” a Bothelm, que recuperou rapidamente. Dado que a cura só ocorreu após o pedido de Wilfrid para que todos participassem, coloca-se a questão: teria Wilfrid sido o catalisador, ou teria sido a PK inconsciente do grupo reunido?

O Dr. William Tufts Brigham, curador do Bishop Museum, em Honolulu, e botânico reputado que dedicou grande parte da sua vida privada ao estudo do paranormal, registou um episódio em que um osso fraturado foi curado instantaneamente por um xamã havaiano, ou kahuna. O incidente foi testemunhado por um amigo seu, J. A. K. Combs. A sogra de Combs era considerada uma das mais poderosas kahunas das ilhas e, numa festa realizada na sua casa, Combs observou as suas capacidades.

Nessa ocasião, um dos convidados escorregou na areia da praia e partiu a perna de tal modo que as extremidades do osso pressionavam visivelmente a pele. Perante a gravidade da lesão, Combs sugeriu que o homem fosse imediatamente levado ao hospital, mas a idosa kahuna recusou. Ajoelhando-se ao lado do ferido, endireitou-lhe a perna e pressionou a zona onde os ossos fraturados sobressaíam sob a pele. Após alguns minutos de oração e meditação, levantou-se e declarou que a cura estava concluída. O homem ergueu-se, incrédulo, deu um passo, depois outro. Estava completamente curado; não havia qualquer sinal da fratura.¹⁴

3. Psicocinese em Massa na França do Século XVIII

Apesar dos episódios anteriormente descritos, uma das manifestações mais assombrosas de psicocinese — e uma das mais extraordinárias exhibições de fenómenos ditos miraculosos alguma vez registadas — ocorreu em Paris, na primeira metade do século XVIII. Os acontecimentos giraram em torno de uma seita puritana de católicos de influência holandesa, conhecida como jansenistas, e foram precipitados pela morte de um diácono jansenista tido como santo e profundamente venerado, François de Paris. Embora hoje poucos tenham ouvido falar dos milagres jansenistas, durante quase um século foram dos eventos mais comentados na Europa.

Para compreender plenamente esses milagres, importa conhecer o contexto histórico que antecedeu a morte de François de Paris. O jansenismo surgiu no início do século XVII e, desde o começo, entrou em conflito tanto com a Igreja Católica Romana como com a monarquia francesa. Muitas das suas crenças divergiam de forma acentuada da doutrina oficial, mas o movimento era popular e rapidamente conquistou seguidores entre o povo francês. O mais comprometedor, porém, era ser visto pelo papado e pelo rei Luís XV — um católico devoto — como uma forma de protestantismo disfarçada de catolicismo. Consequentemente, tanto a Igreja como o rei procuravam constantemente minar a sua influência. Um dos obstáculos a essas manobras — e um dos fatores que contribuíam para a popularidade do movimento — era a reputação dos líderes jansenistas como particularmente hábeis na realização de curas milagrosas. Ainda assim, Igreja e monarquia perseveraram, alimentando debates acesos por toda a França. Foi nesse clima de

tensão, a 1 de maio de 1727, que François de Paris morreu e foi sepultado no cemitério paroquial de Saint-Médard, em Paris.

Dada a reputação de santidade do abade, fiéis começaram a reunir-se junto do seu túmulo e, desde o início, multiplicaram-se os relatos de curas milagrosas. Entre os males alegadamente curados encontravam-se tumores cancerígenos, paralisia, surdez, artrite, reumatismo, úlceras, febres persistentes, hemorragias prolongadas e cegueira. Mas não se ficou por aqui. Os enlutados começaram também a experimentar espasmos involuntários e convulsões, assumindo contorções extraordinárias dos membros. Essas crises revelaram-se contagiosas, espalhando-se como fogo em mato seco, até que as ruas se encheram de homens, mulheres e crianças, todos retorcendo-se como se apanhados num encantamento surreal.

Era nesse estado convulsivo e semelhante ao transe que os chamados *convulsionários* exibiam as suas capacidades mais fenomenais. Entre elas, a habilidade de suportar, sem dano, uma variedade quase inimaginável de torturas físicas: espancamentos severos, golpes com objetos pesados ou cortantes, estrangulamentos — *tudo sem qualquer sinal de lesão, nem a menor marca de ferida ou equimose.*

O que torna estes acontecimentos particularmente singulares é o facto de terem sido testemunhados por literalmente milhares de pessoas. As assembleias frenéticas em torno do túmulo do abade Paris não foram episódios passageiros. Durante anos, o cemitério e as ruas adjacentes permaneceram cheios dia e noite, e mesmo duas décadas depois continuavam a ser relatados milagres. Para se ter

ideia da dimensão do fenómeno, em 1733 registou-se oficialmente a necessidade de mais de 3.000 voluntários apenas para auxiliar os convulsionários e assegurar, por exemplo, que as participantes femininas não ficassem indevidamente expostas durante as crises. Assim, as capacidades extraordinárias dos convulsionários tornaram-se uma causa famosa internacional, atraindo visitantes de todas as classes sociais, bem como representantes de praticamente todas as instituições educativas, religiosas e governamentais. Numerosos relatos, oficiais e não oficiais, ficaram registados nos documentos da época.

Além disso, muitos dos observadores — como os investigadores enviados pela Igreja Católica Romana — tinham interesse direto em refutar os milagres jansenistas, mas ainda assim regressaram confirmando-os. Mais tarde, a Igreja procurou resolver o embaraço admitindo a realidade dos fenómenos, mas atribuindo-os à ação do demónio, o que, segundo essa interpretação, provaria a depravação dos jansenistas.

Um dos investigadores, membro do Parlamento de Paris, Louis-Basile Carré de Montgeron, testemunhou milagres suficientes para preencher quatro volumosos tomos, publicados em 1737 sob o título *La Vérité des Miracles*. Neles descreve numerosos exemplos da aparente invulnerabilidade dos convulsionários à tortura. Num caso, uma jovem de vinte anos chamada Jeanne Maulet encostou-se a um muro de pedra enquanto um voluntário da multidão — “um homem muito forte” — lhe desferia cem golpes no abdómen com um martelo de quinze quilos (os próprios convulsionários solicitavam as torturas, alegando que aliviavam as dores

lancinantes das convulsões). Para testar a força dos golpes, o próprio Montgeron pegou no martelo e experimentou-o no muro contra o qual a jovem se apoiara. Escreveu ele: “Ao vigésimo quinto golpe, a pedra sobre a qual bati, já abalada pelos esforços anteriores, soltou-se subitamente e caiu para o outro lado do muro, abrindo uma brecha com mais de meio pé de largura.”¹⁵

Montgeron descreve outro episódio em que uma convulsionária se arqueou para trás até formar um arco, apoiando a região lombar “na ponta afiada de uma estaca”. Em seguida, pediu que uma pedra de cerca de vinte e cinco quilos, presa a uma corda, fosse içada a “uma altura extrema” e deixada cair com todo o seu peso sobre o seu abdômen. A pedra foi elevada e largada repetidas vezes, mas a mulher parecia totalmente indiferente ao impacto. Manteve sem esforço a posição desconfortável, não sofreu dor nem qualquer dano, e afastou-se da provação sem sequer apresentar uma marca na pele das costas. Montgeron registra que, durante o suplício, ela exclamava repetidamente: “Mais forte, mais forte!”¹⁶

Na verdade, parecia que nada podia ferir os convulsionários. Não eram afetados por golpes com barras de metal, correntes ou vigas. Os homens mais fortes não conseguiam estrangulá-los. Alguns foram crucificados e, posteriormente, não apresentavam qualquer vestígio de feridas.¹⁷ O mais desconcertante de tudo é que nem sequer podiam ser cortados ou perfurados com facas, espadas ou machados. Montgeron relata um caso em que a ponta afiada de uma broca de ferro foi encostada ao abdômen de um convulsionário e, depois, golpeada com tal violência por um martelo que parecia “destinada a atravessar até à coluna e romper todas as entranhas”.

Mas tal não aconteceu; o convulsionário manteve uma “expressão de êxtase perfeito”, clamando: “Oh, isso faz-me bem! Coragem, irmão; bate com o dobro da força, se conseguires!”¹⁸

A invulnerabilidade não era o único talento exibido pelos jansenistas durante as crises. Alguns tornavam-se clarividentes, capazes de “discernir coisas ocultas”. Outros conseguiam ler com os olhos fechados e fortemente vendados, e houve relatos de levitação. Um dos levitantes, um abade chamado Bescherand, de Montpellier, era “erguido com tal força” durante as convulsões que, mesmo quando as testemunhas tentavam segurá-lo, não conseguiam impedir que se elevasse do solo.¹⁹

Embora hoje quase esquecidos, os milagres jansenistas não passaram despercebidos à intelectualidade da época. A sobrinha do matemático e filósofo Pascal viu desaparecer, em poucas horas, uma úlcera grave no olho em resultado de um milagre jansenista. Quando o rei Luís XV tentou, sem sucesso, pôr termo às convulsões encerrando o cemitério de Saint-Médard, Voltaire comentou com ironia: “Foi proibido a Deus, por ordem do Rei, realizar ali quaisquer milagres.” E, nos seus *Ensaaios Filosóficos*, o filósofo escocês David Hume escreveu:

Nunca, por certo, se atribuiu a uma só pessoa tão grande número de milagres como aqueles que recentemente se disse terem sido operados em França no túmulo do abade Paris. Muitos desses milagres foram imediatamente comprovados no local, perante juízes de crédito e distinção incontestáveis, numa época ilustrada e no mais eminente palco que hoje existe no mundo.

Como explicar os milagres produzidos pelos convulsionários? Embora Bohm admita a possibilidade da psicocinese (PK) e de outros fenômenos paranormais, prefere não especular sobre acontecimentos específicos como as capacidades extraordinárias dos jansenistas. Contudo, se levarmos a sério o testemunho de tantas testemunhas — e a menos que se admita que Deus favorecia os católicos jansenistas em detrimento dos romanos — a PK surge como explicação plausível. A presença de outras manifestações psíquicas, como a clarividência durante as crises, reforça a hipótese de algum tipo de funcionamento psíquico. Além disso, já foram considerados diversos exemplos em que fé intensa e estados de histeria ativaram forças profundas da mente — elementos que aqui estavam abundantemente presentes. É possível, inclusive, que os efeitos psicocinéticos não tenham sido produzidos por um único indivíduo, mas pelo fervor coletivo e pela crença partilhada de todos os presentes, o que poderia explicar a vigorosa intensidade das manifestações. Esta ideia não é nova. Na década de 1920, o psicólogo de Harvard William McDougall sugeriu que certos milagres religiosos poderiam resultar do poder psíquico coletivo de grandes grupos de fiéis.

A PK permitiria explicar muitas das aparentes invulnerabilidades dos convulsionários. No caso de Jeanne Maulet, poder-se-ia supor que, inconscientemente, utilizou PK para neutralizar o impacto dos golpes de martelo. Se os convulsionários estivessem, também inconscientemente, a exercer PK sobre correntes, vigas e lâminas, detendo-as no exato instante do impacto, compreender-se-ia por que razão esses objetos não deixavam marcas nem equimoses. Do mesmo modo, quando alguém tentava estrangulá-los, talvez as

mãos fossem mantidas imóveis por PK e, embora os agressores julgassem estar a apertar carne, estivessem apenas a contrair-se no vazio.

4. Reprogramar o Projetor Cósmico do Filme

A PK não explica, contudo, todos os aspetos da invulnerabilidade dos convulsionários. Há o problema da inércia — a tendência de um objeto em movimento para permanecer em movimento. Quando uma pedra de vinte e cinco quilos ou uma viga desaba com violência, transporta consigo uma quantidade considerável de energia; e, quando esse movimento é abruptamente interrompido, essa energia tem de ser dissipada em algum lugar. Se alguém envergando uma armadura for atingido por um martelo de quinze quilos, o metal pode desviar o golpe, mas a pessoa ainda assim sente o impacto. No caso de Jeanne Maulet, parece que a energia terá contornado o seu corpo e sido transferida para a parede atrás de si, pois, como observou Montgeron, a pedra foi “abalada pelos golpes”. Já no caso da mulher arqueada sobre a qual foi largada a pedra de vinte e cinco quilos, a questão é menos clara. Por que não foi cravada no chão como uma argola de croquet? Por que não eram os convulsionários projetados para trás quando atingidos por vigas? Para onde ia a energia desviada?

Mais uma vez, a perspetiva holográfica da realidade sugere uma possível resposta. Como foi visto, Bohm considera que consciência e matéria são apenas aspetos distintos de uma mesma realidade fundamental, com origem na ordem implícita. Alguns investigadores entendem que isso implica que a consciência poderá fazer muito

mais do que pequenas alterações psicocinéticas no mundo material. Grof, por exemplo, sustenta que, se as ordens implícita e explícita forem uma descrição adequada da realidade, “é concebível que certos estados invulgares de consciência possam mediar a experiência direta e a intervenção na ordem implícita. Assim, seria possível modificar fenômenos no mundo fenomenal influenciando a sua matriz geradora.”²⁰ Dito de outro modo, além de deslocar objetos por via psicocinética, a mente poderia alcançar o nível onde o próprio “filme” da realidade é projetado e reprogramar o projetor cósmico que os gerou. Nesse cenário, não apenas regras convencionais da natureza — como a inércia — poderiam ser contornadas, mas o mundo material poderia ser remodelado de forma ainda mais profunda do que a própria PK sugere.

Que algo deste gênero — ou outra explicação análoga — possa estar em causa é sugerido por outra capacidade extraordinária relatada ao longo da história: a invulnerabilidade ao fogo. No seu livro *The Physical Phenomena of Mysticism*, Thurston apresenta vários exemplos de santos que teriam manifestado tal faculdade, sendo um dos mais célebres São Francisco de Paula. Não só segurava brasas incandescentes nas mãos sem se queimar, como, no processo da sua canonização em 1519, oito testemunhas declararam tê-lo visto atravessar ileso as chamas intensas de uma fornalha para reparar uma parede danificada.

O relato evoca o episódio veterotestamentário de Sidrac, Misac e Abednego. Após conquistar Jerusalém, o rei Nabucodonosor ordenou que todos adorassem uma estátua sua. Como recusaram, foram lançados numa fornalha “sobremaneira aquecida”, cujas

chamas consumiram até os homens que os atiraram para dentro. No entanto, segundo a narrativa, sobreviveram incólumes: cabelos intactos, vestes sem dano e nem sequer odor a fumo. Desafios impostos à fé — como o que Luís XV tentou impor aos jansenistas — parecem ter desencadeado milagres em mais de uma ocasião.

Os kahunas do Havai não atravessavam fornalhas ardentes, mas há relatos de que caminhavam sobre lava incandescente sem sofrer danos. Brigham narrou ter conhecido três kahunas que se ofereceram para realizar tal proeza perante ele, conduzindo-o até um fluxo de lava próximo do vulcão Kilauea em erupção. Escolheram uma extensão de cerca de quarenta e cinco metros que já suportava peso, mas cuja superfície ainda exibia veios de incandescência.

Os kahunas retiraram as sandálias e começaram a recitar longas preces de proteção antes de avançarem sobre a rocha quase solidificada. Tinham dito a Brigham que poderiam estender-lhe essa imunidade ao fogo, e ele aceitara com coragem — até enfrentar o calor abrasador da lava, momento em que as dúvidas se multiplicaram. “O resultado foi que me mantive firme e recusei tirar as botas”, escreveu mais tarde. Terminadas as invocações, o mais velho dos kahunas atravessou os quarenta e cinco metros sem dano. Brigham, ainda hesitante, levantou-se para observar o seguinte — e foi empurrado, obrigando-o a correr para não cair de rosto na rocha incandescente.

Correu quanto pôde. Ao alcançar terreno seguro, percebeu que uma das botas se desintegrara e que as meias ardiam. Contudo, os

pés estavam milagrosamente intactos. Os kahunas também não apresentavam qualquer lesão e riam-se da sua expressão atônita. “Ri-me também”, escreveu Brigham. “Nunca na vida senti tanto alívio como ao verificar que estava a salvo. Pouco mais posso acrescentar sobre esta experiência. Senti um calor intenso no rosto e no corpo, mas quase nenhuma sensação nos pés.”²¹

Os convulsionários manifestavam também, ocasionalmente, imunidade total ao fogo. As duas mais célebres dessas “*salamandras humanas*” — recorde-se que, na Idade Média, o termo salamandra designava um lagarto mitológico que se acreditava viver no fogo — foram Marie Sonnet e Gabrielle Moler. Numa ocasião, perante numerosas testemunhas, incluindo Montgeron, Sonnet estendeu-se sobre duas cadeiras colocadas por cima de uma fogueira ardente e permaneceu ali durante meia hora. Nem ela nem as suas roupas sofreram qualquer dano. Noutra circunstância, sentou-se com os pés dentro de um braseiro repleto de carvões em brasa. Tal como acontecera com Brigham, os sapatos e as meias arderam, mas os pés permaneceram intactos.²²

Os feitos de Gabrielle Moler eram ainda mais desconcertantes. Para além de ser imune a estocadas de espada e a golpes desferidos com uma pá, podia introduzir a cabeça numa lareira em chamas e mantê-la ali sem sofrer qualquer lesão. Testemunhas afirmam que, depois disso, as suas roupas estavam tão quentes que mal podiam ser tocadas, mas o cabelo, as pestanas e as sobrancelhas nunca chegavam sequer a chamuscar.²³ Não há dúvida de que devia ser presença memorável em qualquer reunião social.

Na verdade, os jansenistas não foram o primeiro movimento convulsivo em França. No final do século XVII, quando Luís XIV tentou expurgar o país dos declaradamente protestantes huguenotes, um grupo de resistentes huguenotes no vale de Cévennes, conhecidos como os *camisards*, manifestou capacidades semelhantes. Num relatório oficial enviado a Roma, um dos seus perseguidores, o prior Abbé du Chayla, queixava-se de que, fizesse ele o que fizesse, não conseguia causar-lhes dano. Quando ordenava que fossem alvejados, as balas de mosquete eram encontradas achatadas entre as roupas e a pele. Quando lhes fechava as mãos sobre carvões em brasa, não sofriam qualquer lesão; e quando os envolvia da cabeça aos pés em algodão embebido em óleo e lhes ateava fogo, não ardiam.²⁴

Como se tal não bastasse, Claris, líder dos *camisards*, mandou erguer uma pira e subiu ao seu topo para proferir um discurso extático. Perante seiscentas testemunhas, ordenou que a pira fosse incendiada e continuou a discursar enquanto as chamas se elevavam acima da sua cabeça. Quando o fogo se consumiu por completo, Claris permanecia ileso, sem qualquer marca nas roupas ou no cabelo. O comandante das tropas francesas enviadas para subjugar os *camisards*, um coronel chamado Jean Cavalier, foi mais tarde exilado para Inglaterra, onde publicou, em 1707, um livro sobre o acontecimento intitulado *A Cry from the Desert*.²⁵ Quanto ao Abbé du Chayla, acabaria por ser morto pelos *camisards* numa incursão retaliatória. Ao contrário de alguns deles, não possuía qualquer invulnerabilidade especial.²⁶

Existem literalmente centenas de relatos credíveis de imunidade ao fogo. Diz-se que, quando Bernadette de Lourdes entrava em êxtase, também se tornava insensível às chamas. Segundo testemunhas, numa ocasião a sua mão ficou tão próxima de uma vela acesa, durante o transe, que as chamas envolveram-lhe os dedos. Entre os presentes encontrava-se o Dr. Dozous, médico municipal de Lourdes. De espírito atento, cronometrou o episódio e registou que passaram dez minutos completos antes de ela sair do transe e retirar a mão. Mais tarde escreveu:

Vi-o com os meus próprios olhos. Mas juro que, se alguém tivesse tentado fazer-me acreditar numa história destas, eu teria rido com desprezo.²⁷

Em 7 de setembro de 1871, o *New York Herald* noticiou que Nathan Coker, um ferreiro idoso afro-americano residente em Easton, Maryland, conseguia manusear metal em brasa sem sofrer dano. Perante uma comissão que incluía vários médicos, aqueceu uma pá de ferro até ficar incandescente e encostou-a às plantas dos pés até arrefecer. Também lambeu a lâmina da pá ao rubro e despejou chumbo derretido na boca, deixando-o escorrer sobre dentes e gengivas até solidificar. Após cada demonstração, os médicos examinaram-no e não encontraram qualquer sinal de lesão.²⁸

Durante uma caçada nas montanhas do Tennessee, em 1927, o médico nova-iorquino K. R. Wissen encontrou um rapaz de doze anos com capacidade semelhante. Wissen observou-o a retirar, sem qualquer dano, ferros incandescentes de uma lareira. O rapaz

contou-lhe que descobrira a sua aptidão por acaso, ao pegar numa ferradura em brasa na forja do tio.²⁹ A vala de brasas que os Grosvenor viram Mohotty atravessar tinha cerca de seis metros de comprimento e atingia 1328 graus Fahrenheit segundo os termómetros da equipa da *National Geographic*. No número de maio de 1959 da *Atlantic Monthly*, o Dr. Leonard Feinberg, da Universidade de Illinois, relata ter testemunhado outro ritual de caminhada sobre fogo no Ceilão, durante o qual os participantes transportavam recipientes de ferro incandescente sobre a cabeça sem sofrer dano. Num artigo publicado na *Psychiatric Quarterly*, o psiquiatra Berthold Schwarz descreve ter visto pentecostais dos Apalaches manterem as mãos numa chama de acetileno sem se queimarem.³⁰ E assim sucessivamente.

5. As Leis da Física como Hábitos e Realidades Tanto Potenciais Como Reais

Tal como é difícil imaginar para onde vai a energia desviada em alguns dos exemplos de psicocinese que analisámos, é igualmente difícil compreender para onde vai a energia de um pote de ferro em brasa quando este repousa, plano, sobre o cabelo e a carne do crânio de um nativo do Ceilão. Mas, se a consciência puder intermediar diretamente na ordem implicada, o problema torna-se mais tratável. Mais uma vez, em vez de se dever a alguma energia ou lei da física ainda desconhecida (como uma espécie de campo de força isolante) que opere no interior do próprio quadro da realidade, tal fenómeno resultaria de uma atividade a um nível ainda mais fundamental, envolvendo os próprios processos que criam tanto o universo físico como as leis da física desde a sua origem.

Visto de outro modo, a capacidade da consciência para transitar de uma realidade inteira para outra sugere que a regra geralmente inviolável segundo a qual o fogo queima a carne humana pode não passar de um programa no computador cósmico — um programa que foi repetido tantas vezes que se tornou um dos hábitos da natureza. Como já foi referido, segundo a ideia holográfica, a matéria é também uma espécie de hábito e nasce continuamente de novo a partir do implicado, tal como a forma de uma fonte é recriada a cada instante pelo fluxo constante de água que lhe dá forma. Peat refere-se com humor à natureza repetitiva deste processo como uma das neuroses do universo. “Quando se tem uma neurose, tende-se a repetir o mesmo padrão na vida, ou a executar a mesma ação, como se houvesse uma memória acumulada e a coisa ficasse presa a isso”, diz ele. “Tendo a pensar que coisas como cadeiras e mesas são assim também. São uma espécie de neurose material, uma repetição. Mas há algo mais subtil em curso, um constante envolvimento e desdobramento. Nesse sentido, cadeiras e mesas são apenas hábitos neste fluxo, mas o fluxo é a realidade, mesmo que nós tendamos a ver apenas o hábito.”³¹

De facto, se o próprio universo e as leis da física que o regem são igualmente produtos desse fluxo, então também eles devem ser vistos como hábitos. São claramente hábitos profundamente enraizados no holomovimento, mas talentos supernormais como a imunidade ao fogo indicam que, apesar da sua aparente constância, pelo menos algumas das regras que governam a realidade podem ser suspensas. Isto significa que as leis da física não estão gravadas em pedra, mas assemelham-se mais aos vórtices de Shainberg, redemoinhos dotados de um poder inercial tão vasto que se

encontram tão fixos no holomovimento quanto os nossos próprios hábitos e convicções profundamente arraigadas estão fixos nos nossos pensamentos.

A proposta de Grof, segundo a qual estados alterados de consciência podem ser necessários para operar tais mudanças na ordem implicada, é também corroborada pela frequência com que a imunidade ao fogo surge associada a fé intensa e fervor religioso. O padrão que começou a delinear-se no capítulo anterior prossegue, e a sua mensagem torna-se cada vez mais clara: quanto mais profundas e emocionalmente carregadas forem as nossas crenças, maiores serão as alterações que podemos produzir tanto no nosso corpo como na própria realidade.

Neste ponto, poderíamos perguntar: se a consciência pode realizar alterações tão extraordinárias em circunstâncias especiais, que papel desempenha na criação da nossa realidade quotidiana? As opiniões são extremamente variadas. Em conversa privada, Bohm admite acreditar que o universo é todo ele “pensamento” e que a realidade existe apenas naquilo que pensamos³², mas, mais uma vez, prefere não especular acerca de ocorrências miraculosas. Pribram é igualmente reservado quanto a comentar eventos específicos, mas acredita que existem várias realidades potenciais e que a consciência dispõe de certa margem de escolha quanto à que se manifesta. “Não acredito que tudo seja possível”, afirma, “mas há muitos mundos por aí que não compreendemos.”³³

Após anos de experiências diretas com o milagroso, Watson é mais audaz. “Não tenho qualquer dúvida de que a realidade é, em

grande medida, uma construção da imaginação. Não falo como físico de partículas, nem sequer como alguém plenamente a par do que se passa na fronteira dessa disciplina, mas penso que temos a capacidade de transformar o mundo à nossa volta de formas bastante fundamentais” (Watson, que em tempos foi entusiasta da ideia holográfica, já não está convencido de que qualquer teoria física atual consiga explicar adequadamente as capacidades supernormais da mente).³⁴

Gordon Globus, professor de psiquiatria e filosofia na Universidade da Califórnia em Irvine, sustenta uma posição diferente, mas análoga. Globus considera correta a teoria holográfica na sua afirmação de que a mente constrói a realidade concreta a partir da matéria-prima do implicado. Contudo, foi também profundamente influenciado pelas agora célebres experiências noutra dimensão relatadas pelo antropólogo Carlos Castaneda com o xamã yaqui Don Juan. Em nítido contraste com Pribram, acredita que a aparentemente inesgotável variedade de “realidades separadas” que Castaneda experienciou sob a orientação de Don Juan — e, na verdade, até mesmo a igualmente vasta multiplicidade de realidades que experienciamos nos sonhos comuns — indica que existe um número infinito de realidades potenciais envolvidas no implicado. Além disso, porque os mecanismos holográficos que o cérebro utiliza para construir a realidade quotidiana são os mesmos que utiliza para construir os sonhos e as realidades experienciadas em estados alterados de consciência à la Castaneda, considera que os três tipos de realidade são, no fundo, da mesma natureza.³⁵

6. A Consciência Cria as Partículas Subatômicas ou Não as Cria? Eis a Questão

Esta divergência de opiniões indica, uma vez mais, que a teoria holográfica continua a ser uma ideia em formação, não muito diferente de uma ilha recém-emergida no Pacífico cuja atividade vulcânica impede que tenha margens claramente definidas. Embora alguns possam utilizar esta falta de consenso como crítica, convém recordar que a teoria da evolução de Darwin — certamente uma das ideias mais potentes e bem-sucedidas alguma vez produzidas pela ciência — também permanece em constante reformulação, e os teóricos da evolução continuam a debater o seu alcance, a sua interpretação, os seus mecanismos reguladores e as suas implicações.

A divergência de opiniões revela igualmente quão complexo é o enigma dos milagres. Jahn e Dunne oferecem ainda outra perspetiva sobre o papel que a consciência desempenha na criação da realidade quotidiana e, embora essa perspetiva difira de uma das premissas fundamentais de Bohm, merece a nossa atenção pelo possível esclarecimento que oferece acerca do modo como os milagres poderiam ocorrer.

Ao contrário de Bohm, Jahn e Dunne sustentam que as partículas subatômicas não possuem uma realidade distinta até que a consciência entre em jogo. “Creio que já ultrapassámos, na física de altas energias, o ponto em que examinávamos a estrutura de um universo passivo”, afirma Jahn. “Entrámos no domínio em que

a interação da consciência com o ambiente ocorre numa escala tão primária que, por qualquer definição razoável do termo, estamos efetivamente a criar a realidade.”³⁶

Como já foi referido, esta é a posição assumida pela maioria dos físicos. Contudo, a posição de Jahn e Dunne difere da corrente dominante num aspeto crucial. A maior parte dos físicos rejeitaria a ideia de que a interação entre a consciência e o mundo subatômico pudesse, de algum modo, explicar a psicocinese — quanto mais os milagres. De facto, muitos físicos não apenas ignoram as implicações dessa interação, como agem como se ela simplesmente não existisse. “A maioria dos físicos desenvolve uma visão algo esquizofrénica”, diz o teórico quântico Fritz Rohrlich, da Universidade de Syracuse. “Por um lado, aceitam a interpretação padrão da teoria quântica. Por outro, insistem na realidade dos sistemas quânticos mesmo quando estes não são observados.”³⁷

Esta atitude peculiar — um “não vou pensar nisso mesmo sabendo que é verdade” — impede muitos físicos de considerarem sequer as implicações filosóficas das descobertas mais extraordinárias da física quântica. Como observa N. David Mermin, físico da Universidade de Cornell, os físicos dividem-se em três categorias: uma pequena minoria sente-se perturbada pelas implicações filosóficas; um segundo grupo apresenta razões elaboradas para não se sentir perturbado, mas as suas explicações tendem “a falhar completamente o ponto essencial”; e um terceiro grupo não apresenta explicações elaboradas, mas recusa igualmente dizer por que razão não se sente perturbado. “A sua posição é inatacável”, comenta Mermin.³⁸

Jahn e Dunne não são tão reservados. Sustentam que, em vez de descobrirem partículas, os físicos podem estar efetivamente a criá-las. Como indício, citam uma partícula subatômica recentemente descoberta chamada *anômalo*, cujas propriedades variam de laboratório para laboratório. Imagine possuir um automóvel cuja cor e características mudassem consoante a pessoa que o conduzisse! Tal situação é, no mínimo, intrigante e sugere que a realidade de um anômalo depende de quem o encontra — ou o cria.³⁹

Indícios semelhantes poderão também encontrar-se noutra partícula subatômica. Na década de 1930, Pauli propôs a existência de uma partícula sem massa — o *neutrino* — para resolver um problema pendente relacionado com a radioatividade. Durante anos, o neutrino foi apenas uma hipótese teórica; depois, em 1957, físicos encontraram evidências da sua existência. Contudo, em anos mais recentes, perceberam que, se o neutrino possuísse alguma massa, isso resolveria problemas ainda mais complexos do que aquele que motivara a proposta inicial de Pauli. E eis que, em 1980, começaram a surgir indícios de que o neutrino teria, afinal, uma pequena, mas mensurável massa. Mas não é tudo. Apenas laboratórios na União Soviética detetaram neutrinos com massa; laboratórios nos Estados Unidos não o fizeram. Esta discrepância manteve-se durante grande parte da década de 1980 e, embora outros laboratórios tenham, entretanto, replicado os resultados soviéticos, a situação permanece por esclarecer.⁴⁰

Será possível que as diferentes propriedades atribuídas aos neutrinos resultem, pelo menos em parte, das expectativas mutáveis

e dos diferentes enviesamentos culturais dos físicos que os procuram? Se assim for, coloca-se uma questão interessante: se os físicos não descobrem o mundo subatômico, mas o criam, por que razão algumas partículas, como os eletrões, parecem possuir uma realidade estável independentemente de quem as observa? Por outras palavras, por que motivo um estudante de física, mesmo sem conhecimento prévio aprofundado sobre o eletrão, descobre as mesmas características que um físico experiente?

Uma possível resposta é que as nossas perceções do mundo podem não se basear exclusivamente na informação que recebemos através dos cinco sentidos. Por mais fantástico que isto possa soar, pode construir-se um argumento muito sólido a favor dessa possibilidade. Antes de o explicar, gostaria de relatar um episódio a que assisti em meados da década de 1970. O meu pai contratara um hipnotizador profissional para entreter um grupo de amigos em sua casa e convidou-me para assistir. Depois de avaliar rapidamente a suscetibilidade hipnótica das várias pessoas presentes, o hipnotizador escolheu como sujeito um amigo do meu pai chamado Tom. Era a primeira vez que Tom conhecia o hipnotizador.

Tom revelou-se um excelente sujeito e, em poucos segundos, encontrava-se num transe profundo. Seguiram-se os truques habituais dos hipnotizadores de palco. Convenceu Tom de que havia uma girafa na sala, deixando-o boquiaberto de espanto. Disse-lhe que uma batata era, na verdade, uma maçã, e Tom comeu-a com entusiasmo. Mas o ponto alto da noite ocorreu quando o hipnotizador lhe disse que, ao sair do transe, a sua filha

adolescente, Laura, seria completamente invisível para ele. Colocou então Laura diretamente diante da cadeira onde Tom estava sentado, despertou-o e perguntou-lhe se a conseguia ver.

Tom olhou em redor e o seu olhar pareceu atravessar a filha, que se ria nervosamente. “Não”, respondeu. O hipnotizador insistiu, perguntando se tinha a certeza. Apesar das gargalhadas crescentes de Laura, Tom voltou a dizer que não. Em seguida, o hipnotizador colocou-se atrás de Laura, fora do campo de visão de Tom, retirou um objeto do bolso, ocultou-o cuidadosamente para que ninguém na sala o visse e encostou-o à parte inferior das costas de Laura. Pediu então a Tom que identificasse o objeto. Tom inclinou-se para a frente como se estivesse a olhar diretamente através do abdómen da filha e disse que era um relógio. O hipnotizador confirmou e perguntou se conseguia ler a inscrição. Tom semicerrou os olhos, como se se esforçasse por distinguir as letras, e recitou tanto o nome do proprietário do relógio — alguém desconhecido para todos nós — como a mensagem inscrita. O hipnotizador revelou então que se tratava efetivamente de um relógio e passou-o pela sala para que todos pudessem confirmar que Tom lera corretamente a inscrição.

Quando falei com Tom depois do espetáculo, disse-me que a filha estivera absolutamente invisível para ele. O que vira fora apenas o hipnotizador de pé, segurando o relógio na palma da mão. Se o hipnotizador o tivesse deixado ir embora sem lhe explicar o sucedido, nunca teria sabido que não estava a perceber a realidade consensual habitual.

É evidente que a percepção do relógio por Tom não se baseava em informação recebida através dos cinco sentidos. De onde vinha, então, essa informação? Uma explicação é que a obtinha telepaticamente da mente de outra pessoa, neste caso do próprio hipnotizador. A capacidade de indivíduos hipnotizados “acederem” aos sentidos de outras pessoas foi relatada por vários investigadores. O físico britânico Sir William Barrett encontrou evidência desse fenómeno numa série de experiências com uma jovem. Depois de a hipnotizar, disse-lhe que sentiria o sabor de tudo o que ele provasse. “Colocando-me atrás da rapariga, cujos olhos estavam firmemente vendados, levei sal à boca; instantaneamente ela fez uma careta e exclamou: ‘Por que está a pôr sal na minha boca?’ Depois experimentei açúcar; ela disse: ‘Isso é melhor’; perguntando-lhe como era, respondeu: ‘Doce.’ Em seguida, mostarda, pimenta, gengibre, etc.; cada substância era nomeada e aparentemente saboreada pela rapariga quando eu a colocava na minha própria boca.”⁴¹

No seu livro *Experiments in Distant Influence*, o fisiologista soviético Leonid Vasiliev cita um estudo alemão realizado na década de 1950 que produziu resultados semelhantes. Nesse estudo, a pessoa hipnotizada não apenas saboreava o que o hipnotizador saboreava, mas piscava os olhos quando uma luz era projetada nos olhos do hipnotizador, espirrava quando este cheirava amoníaco, ouvia o tique-taque de um relógio encostado ao ouvido do hipnotizador e sentia dor quando o hipnotizador se picava com uma agulha — tudo isto com salvaguardas que impediam a obtenção de informação por vias sensoriais normais.⁴²

A capacidade de aceder aos sentidos de outros não se limita ao estado hipnótico. Numa série de experiências hoje célebre, os físicos Harold Puthoff e Russell Targ, do Stanford Research Institute, na Califórnia, descobriram que praticamente todos os indivíduos testados possuíam uma capacidade que denominaram “visão remota”: a habilidade de descrever com precisão o que uma pessoa distante estava a ver. Verificaram que, simplesmente relaxando e descrevendo as imagens que surgiam na mente, os participantes conseguiam realizar essa tarefa.⁴³ Os resultados foram replicados por dezenas de laboratórios em todo o mundo, sugerindo que a visão remota poderá ser uma capacidade latente amplamente disseminada.

O laboratório Princeton Engineering Anomalies Research também corroborou esses achados. Num estudo, o próprio Jahn atuou como recetor e tentou perceber o que um colega observava em Paris, cidade que nunca visitara. Além de visualizar uma rua movimentada, surgiu-lhe na mente a imagem de um cavaleiro com armadura. Mais tarde verificou-se que o emissor estava diante de um edifício governamental ornamentado com estátuas de figuras militares históricas, incluindo um cavaleiro com armadura.⁴⁴

Tudo indica, portanto, que estamos profundamente interligados de mais de uma forma — algo que, num universo holográfico, não é propriamente surpreendente. Mais ainda: essas interligações manifestam-se mesmo quando não temos consciência delas. Estudos demonstraram que, quando uma pessoa numa sala recebe um choque elétrico, isso se regista nos traçados de polígrafos de outra pessoa noutra sala.⁴⁵ Um feixe de luz projetado nos olhos de

um sujeito pode produzir registos no EEG de outro sujeito isolado numa sala diferente.⁴⁶ Até o volume sanguíneo no dedo de um sujeito — medido por um pletismógrafo, instrumento sensível às variações do sistema nervoso autónomo — se altera quando um “emissor”, noutra sala, encontra o nome de alguém conhecido numa lista composta maioritariamente por nomes desconhecidos.⁴⁷

Tendo em conta tanto a nossa profunda interconetividade como a nossa capacidade de construir realidades inteiramente convincentes a partir da informação recebida através dessa interligação — tal como aconteceu com Tom — o que sucederia se duas ou mais pessoas hipnotizadas tentassem construir a mesma realidade imaginária? Curiosamente, essa questão foi explorada numa experiência conduzida por Charles Tart, professor de Psicologia no campus de Davis da Universidade da Califórnia. Tart encontrou dois estudantes de pós-graduação, Anne e Bill, capazes de entrar em transe profundo e também eles hipnotizadores competentes. Pediu a Anne que hipnotizasse Bill e, depois de ele estar hipnotizado, solicitou a Bill que hipnotizasse Anne em retorno. O raciocínio de Tart era que o já poderoso vínculo existente entre hipnotizador e sujeito seria intensificado por esse procedimento invulgar.

A estratégia resultou. Ao abrirem os olhos nesse estado mutuamente hipnotizado, tudo lhes parecia cinzento. Contudo, o cinzento deu rapidamente lugar a cores vivas e luzes cintilantes e, pouco depois, encontraram-se numa praia de beleza sobrenatural. A areia brilhava como diamantes, o mar estava repleto de enormes bolhas espumosas e reluzia como champanhe, e a linha de costa

era pontilhada por rochas cristalinas translúcidas que pulsavam com luz interior. Embora Tart não pudesse ver o que Anne e Bill viam, pelo modo como conversavam tornou-se evidente que *estavam a experienciar a mesma realidade alucinada*.

Claro que isso foi imediatamente evidente para Anne e Bill, e ambos começaram a explorar o mundo recém-descoberto — nadando no oceano e examinando as rochas cristalinas luminosas. Para infelicidade de Tart, também deixaram de falar — pelo menos do ponto de vista dele. Quando os questionou acerca do silêncio, disseram-lhe que, no mundo onírico partilhado, *estavam a conversar*; um fenómeno que Tart considerou implicar algum tipo de comunicação paranormal entre ambos.

Sessão após sessão, Anne e Bill continuaram a construir diferentes realidades, e todas eram tão reais, tão acessíveis aos cinco sentidos e tão plenamente tridimensionais como qualquer experiência do seu estado normal de vigília. De facto, Tart chegou à conclusão de que os mundos que visitavam eram, em certo sentido, *mais* reais do que a versão pálida e quase lunar da realidade com que a maioria de nós se contenta. Como ele próprio afirma, depois de terem conversado entre si durante algum tempo sobre as experiências partilhadas — e de terem verificado que discutiam pormenores para os quais não existiam estímulos verbais nas gravações — ficaram convencidos de que tinham realmente estado “nos” locais extramundanos que experienciaram.⁴⁸

O mundo oceânico de Anne e Bill é um exemplo perfeito de uma realidade holográfica — uma construção tridimensional gerada a

partir da interconetividade, sustentada pelo fluxo da consciência e, em última instância, tão plástica quanto os processos mentais que a engendraram. Essa plasticidade manifestava-se em vários aspetos. Embora tridimensional, o espaço era mais maleável do que o espaço da realidade quotidiana e, por vezes, assumia uma elasticidade para a qual Anne e Bill não encontravam palavras. Mais estranho ainda: apesar de demonstrarem grande destreza na escultura de um mundo partilhado fora de si próprios, esqueciam-se frequentemente de esculpir os próprios corpos e existiam, na maioria das vezes, como rostos ou cabeças flutuantes. Como relata Anne, numa ocasião em que Bill lhe pediu que lhe desse a mão, “tive de conjurar uma mão”.⁴⁹

Como terminou esta experiência de hipnose mútua? Infelizmente, a ideia de que aquelas visões espetaculares pudessem ser reais — talvez até mais reais do que a realidade quotidiana — acabou por assustar Anne e Bill. Tornaram-se progressivamente apreensivos em relação ao que estavam a fazer. Por fim, interromperam as explorações, e um deles, Bill, abandonou completamente a prática da hipnose.

A interconetividade extrassensorial que permitiu a Anne e Bill construir a sua realidade partilhada pode quase ser vista como um tipo de efeito de campo entre ambos — um “campo de realidade”, por assim dizer. Pergunta-se o que teria acontecido se o hipnotizador em casa do meu pai tivesse colocado todos nós em transe. À luz das evidências apresentadas, há razões para supor que, se o nosso grau de sintonia fosse suficientemente profundo, Laura se teria tornado invisível para todos nós. Teríamos construído

coletivamente um campo de realidade onde o relógio existiria, leríamos a sua inscrição e ficaríamos plenamente convencidos de que o que percebíamos era real.

Se a consciência desempenha um papel na criação das partículas subatômicas, será possível que as nossas observações do mundo subatômico também sejam, de certo modo, campos de realidade? Se Jahn pode perceber uma armadura através dos sentidos de um amigo em Paris, será assim tão inverosímil admitir que físicos espalhados pelo mundo estejam inconscientemente interligados e a utilizar uma forma de hipnose mútua, semelhante à utilizada pelos sujeitos de Tart, para criar as características consensuais que observam num eletrão? Esta possibilidade pode encontrar apoio noutra característica peculiar da hipnose. Ao contrário de outros estados alterados de consciência, a hipnose não está associada a padrões invulgares de EEG. Do ponto de vista fisiológico, o estado mental que mais se aproxima da hipnose é a própria consciência vígil normal. Significará isto que a consciência de vigília é, ela própria, uma espécie de hipnose e que estamos constantemente a aceder a campos de realidade?

O laureado com o Nobel Josephson sugeriu que algo deste género pode estar a acontecer. Tal como Globus, leva a sério a obra de Castaneda e tentou articulá-la com a física quântica. Propõe que a realidade objetiva é produzida a partir das memórias coletivas da humanidade, enquanto os acontecimentos anómalos — como os experienciados por Castaneda — seriam manifestações da vontade individual.⁵⁰

A consciência humana pode não ser a única entidade a participar na criação de campos de realidade. Experiências de visão remota mostraram que as pessoas conseguem descrever com precisão locais distantes mesmo quando não há observadores humanos presentes nesses locais.⁵¹ De modo semelhante, sujeitos conseguem identificar o conteúdo de uma caixa selada escolhida aleatoriamente entre várias caixas seladas, cujo conteúdo é totalmente desconhecido.⁵² Isto significa que podemos fazer mais do que apenas aceder aos sentidos de outras pessoas. Podemos também aceder à própria realidade para obter informação. Por mais estranho que isso possa soar, torna-se menos desconcertante quando se recorda que, num universo holográfico, a consciência permeia toda a matéria e o “significado” possui uma presença ativa tanto no domínio mental como no físico.

Bohm considera que a ubiquidade do significado oferece uma possível explicação tanto para a telepatia como para a visão remota. Para ele, ambas podem ser compreendidas como formas distintas de psicocinese. Tal como a PK é uma ressonância de significado transmitida de uma mente para um objeto, a telepatia pode ser vista como uma ressonância de significado transmitida de uma mente para outra. Do mesmo modo, a visão remota pode ser entendida como uma ressonância de significado transmitida de um objeto para uma mente. “Quando se estabelece uma harmonia ou ressonância de ‘significados’, a ação funciona em ambos os sentidos, de tal modo que os ‘significados’ do sistema distante poderiam atuar no observador e produzir uma espécie de psicocinese inversa que, na prática, lhe transmitiria uma imagem desse sistema”, afirma ele.⁵³

Jahn e Dunne partilham uma perspectiva semelhante. Embora defendam que a realidade só se estabelece na interação entre uma consciência e o seu ambiente, adotam uma definição muito ampla de consciência. Para eles, qualquer entidade capaz de gerar, receber ou utilizar informação pode qualificar-se como tal. Assim, animais, vírus, DNA, máquinas (inteligentes artificialmente ou não) e até objetos ditos inanimados podem possuir as propriedades necessárias para participar na criação da realidade.⁵⁴

Se tais afirmações forem verdadeiras — e se pudermos obter informação não apenas das mentes de outros seres humanos, mas do próprio holograma vivo da realidade — então a psicometria, a capacidade de aceder à história de um objeto simplesmente tocando-lhe, também encontraria explicação. Em vez de ser inanimado, o objeto estaria impregnado de uma forma própria de consciência. Em vez de ser uma “coisa” que existe separadamente do universo, faria parte da interconetividade de tudo o que existe — ligado aos pensamentos de cada pessoa que alguma vez entrou em contato com ele, ligado à consciência que permeia cada animal e objeto associado à sua existência, ligado, através da ordem implicada, ao seu próprio passado e ligado à mente do psicometrista que o segura.

7. Pode Obter-se Algo a Partir do Nada

Os físicos desempenham um papel na criação das partículas subatômicas? Para já, o enigma permanece em aberto. Contudo, a nossa capacidade de nos interligarmos uns com os outros e de conjurarmos realidades tão vívidas quanto a realidade quotidiana

não é o único indício de que tal possa acontecer. Na verdade, os relatos do miraculoso sugerem que mal começámos a sondar as nossas aptidões neste domínio. Considere-se o seguinte caso de cura extraordinária relatado por Gardner. Em 1982, uma médica inglesa chamada Ruth Coggin, a trabalhar no Paquistão, foi procurada por uma mulher paquistanesa de trinta e cinco anos, Kamro. Estava grávida de oito meses e, durante grande parte da gestação, sofrera hemorragias e dores abdominais intermitentes. Coggin recomendou internamento imediato, mas Kamro recusou. Dois dias depois, porém, a hemorragia tornou-se tão intensa que teve de ser admitida de urgência.

O exame revelou uma perda de sangue “muito abundante”, com edemas patológicos nos pés e no abdómen. No dia seguinte ocorreu “nova hemorragia intensa”, obrigando à realização de uma cesariana. Assim que o útero foi aberto, jorrou uma quantidade ainda maior de sangue escuro, que continuou a fluir de tal modo que se tornou evidente a quase ausência de capacidade de coagulação. Quando a bebé, saudável, foi retirada, “poças profundas de sangue não coagulado” enchiam já a cama e continuavam a escorrer pela incisão. Conseguiram-se duas unidades de sangue para transfusão, claramente insuficientes face à magnitude da perda. Sem alternativas terapêuticas, Coggin recorreu à oração. Escreve ela:

Rezámos com a doente, depois de lhe explicar sobre Jesus, em cujo nome já tínhamos rezado por ela antes da operação, e que é um grande curador. Disse-lhe também que não nos iríamos preocupar. Já tinha visto Jesus curar esta condição antes e estava certa de que Ele a iria curar.⁵⁵

Seguiu-se a espera.

Durante várias horas Kamro continuou a sangrar, mas, em vez de agravar, o seu estado geral estabilizou. Nessa noite voltou-se a rezar com ela. Apesar de a hemorragia “vigorosa” persistir, não parecia sofrer as consequências fisiológicas esperadas. Quarenta e oito horas após a cirurgia, o sangue começou finalmente a coagular e iniciou-se a recuperação. Dez dias depois teve alta, levando a filha consigo.

Coggin não pôde quantificar exatamente o volume perdido, mas não tinha dúvidas de que excedera o volume sanguíneo total do corpo humano. Gardner, após analisar a documentação clínica, concordou. Ora, o organismo não consegue produzir sangue novo com rapidez suficiente para compensar perdas dessa magnitude; se pudesse, muitas menos pessoas morreriam por hemorragia. A conclusão desconcertante é que o novo sangue de Kamro terá surgido “do nada”.

Criar uma ou duas partículas subatômicas empalidece perante a materialização das dez a doze unidades de sangue necessárias para reconstituir um adulto médio. E o sangue não é o único exemplo. Em junho de 1974, durante uma viagem a Timor Timur, no extremo oriental da Indonésia, Watson deparou-se com um episódio igualmente perturbador de materialização. Inicialmente pretendia visitar um *matan do’ok*, um curandeiro local alegadamente capaz de fazer chover sob comando. Contudo, foi desviado por relatos de um buan, um espírito maléfico, que estaria a provocar distúrbios numa casa de uma aldeia próxima.

A família era composta por um casal, dois filhos pequenos e a meia-irmã mais nova do marido, solteira. O casal e os filhos tinham a aparência indonésia típica — tez escura, cabelo encaracolado — mas a meia-irmã, Alin, tinha pele mais clara e traços quase chineses, o que, segundo se dizia, dificultava o seu casamento. Era tratada com indiferença, e a Watson pareceu-lhe desde logo que ela estava no centro da perturbação psíquica.

Nessa noite, durante o jantar na casa de teto de colmo, ocorreram vários fenómenos. Subitamente, o filho de oito anos gritou e largou a chávena quando o dorso da sua mão começou a sangrar sem causa aparente. Watson, sentado ao lado, observou um semicírculo de perfurações recentes, semelhante a uma dentada humana, mas com diâmetro superior ao da boca do rapaz. Alin encontrava-se do outro lado da divisão, junto ao lume.

Enquanto examinava as feridas, a chama da lamparina tornou-se azul e elevou-se abruptamente. Na luz intensificada, começou a cair sal sobre a comida — não como uma chuva repentina, mas num fluxo deliberado que durou o suficiente para Watson perceber que parecia originar-se no ar, cerca de um metro acima da mesa.

Levantou-se de imediato, mas o episódio não terminou ali. Uma série de pancadas ecoou na mesa, que começou a oscilar e, em seguida, a sacudir-se “como a tampa de uma caixa contendo um animal selvagem”, até tombar de lado. A família fugiu para o exterior; Watson seguiu-os, mas regressou pouco depois para inspecionar o interior em busca de qualquer indício de fraude. Nada encontrou.⁵⁶

Os acontecimentos ocorridos na pequena cabana indonésia são exemplos clássicos de um fenómeno poltergeist, um tipo de assombração caracterizado por ruídos inexplicáveis e atividade psicocinética, mais do que por aparições ou fantasmas. Como os poltergeists tendem a centrar-se em pessoas — neste caso, Alin — e não em lugares, muitos parapsicólogos defendem que são manifestações da capacidade psicocinética inconsciente do indivíduo em torno do qual os fenómenos se intensificam. Até a materialização tem uma longa e ilustre história nos registos deste tipo de ocorrências. Na sua obra clássica *Can We Explain the Poltergeist*, A. R. G. Owen, matemático e docente no Trinity College, Cambridge, apresenta numerosos exemplos de objetos que surgem do nada em casos documentados desde 580 d.C. até à Era moderna.⁵⁷ Pedrinhas, mais do que sal, são os objetos que mais frequentemente se materializam.

Na Introdução referi que tinha experienciado pessoalmente muitos dos fenómenos paranormais discutidos neste livro e que relataria alguns episódios próprios. É, pois, altura de admitir que compreendo como Watson se terá sentido naquela cabana indonésia, porque, quando era criança, a casa nova que os meus pais tinham acabado de construir tornou-se palco de uma atividade poltergeist intensa. Como o fenómeno deixou a casa da minha família e me acompanhou quando fui para a universidade — e como a sua atividade parecia claramente associada aos meus estados emocionais, tornando-se mais agressiva quando eu estava irritado ou em baixo, e mais travessa e lúdica quando o meu humor era leve — sempre aceitei a hipótese de que os poltergeists são

manifestações da psicocinese inconsciente da pessoa em torno da qual se manifestam.

Essa ligação às emoções revelava-se com frequência. Se eu estivesse bem-disposto, podia acordar e encontrar todas as minhas meias penduradas nas plantas da casa. Se estivesse mais sombrio, o fenómeno podia traduzir-se no arremesso de pequenos objetos ou, ocasionalmente, na quebra de algo. Ao longo dos anos, eu, familiares e amigos testemunhámos uma vasta gama de episódios psicocinéticos. A minha mãe conta que, ainda eu era bebé, panelas e frigideiras saltavam inexplicavelmente do centro da mesa da cozinha para o chão. Relatei alguns desses acontecimentos no meu livro *Beyond the Quantum*.

Não faço estas revelações de ânimo leve. Sei quão estranhos são tais relatos para a maioria das pessoas e compreendo o ceticismo que suscitam. Ainda assim, considero essencial tentar compreendê-los em vez de os relegar para o esquecimento.

Ainda assim, é com alguma apreensão que admito que o meu próprio poltergeist também ocasionalmente materializava objetos. As materializações começaram quando eu tinha seis anos, e inexplicáveis chuvas de gravilha caíam sobre o nosso telhado durante a noite. Mais tarde, passou a atingir-me dentro de casa com pequenas pedras polidas e fragmentos de vidro partido, com as arestas gastas como os pedaços de vidro rolado que se encontram na praia. Em ocasiões mais raras, materializou outros objetos, incluindo moedas, um colar e algumas bugigangas ainda mais estranhas. Infelizmente, na maioria das vezes não via a

materialização propriamente dita, mas apenas os seus efeitos imediatos — como quando um monte de esparguete (sem molho) me caiu sobre o peito, certo dia, enquanto dormia uma sesta no meu apartamento em Nova Iorque. Dado que eu estava sozinho num quarto sem janelas ou portas abertas, que não havia mais ninguém no apartamento e que não existia qualquer sinal de que alguém tivesse cozinhado esparguete ou arrombado a casa para me atirar, só posso concluir que, por razões desconhecidas, o punhado de esparguete frio que caiu do ar diretamente sobre o meu peito se materializou do nada.

No entanto, em algumas ocasiões, vi efetivamente objetos materializarem-se. Por exemplo, em 1976 eu estava a trabalhar no meu gabinete quando, por acaso, ergui os olhos e vi um pequeno objeto castanho surgir subitamente no ar, a poucos centímetros abaixo do teto. Assim que surgiu, desceu em ângulo acentuado e aterrou aos meus pés. Quando o apanhei, vi que era um fragmento de vidro rolado castanho que originalmente poderia ter sido usado no fabrico de garrafas de cerveja. Não foi tão espetacular como uma chuva de sal que durasse vários segundos, mas ensinou-me que tais coisas eram possíveis.

Talvez as materializações modernas mais famosas sejam as produzidas por Sathya Sai Baba, um homem santo indiano de sessenta e quatro anos que vivia numa região remota do estado de Andhra Pradesh, no sul da Índia. Segundo numerosos testemunhos oculares, Sai Baba é capaz de produzir muito mais do que sal e algumas pedras. Retira medalhões, anéis e jóias do ar e distribui-os como oferendas. Materializa também um fornecimento

inesgotável de iguarias e doces indianos e, das suas mãos, jorram quantidades abundantes de vibuti, ou cinza sagrada. Estes acontecimentos foram presenciados por literalmente milhares de pessoas, incluindo cientistas e ilusionistas, e ninguém alguma vez detetou qualquer indício de fraude. Uma das testemunhas é o psicólogo Erlendur Haraldsson, da University of Iceland.

Haraldsson passou mais de dez anos a estudar Sai Baba e publicou as suas conclusões num livro recente intitulado *Modern Miracles: An Investigative Report on Psychic Phenomena Associated with Sathya Sai Baba*. Embora Haraldsson admita que não pode provar de forma conclusiva que as produções de Sai Baba não sejam resultado de engano ou prestidigitação, apresenta um vasto conjunto de indícios que sugerem fortemente que algo de natureza supernormal está a ocorrer.

Para começar, Sai Baba consegue materializar objetos específicos a pedido. Certa vez, quando Haraldsson conversava com ele sobre questões espirituais e éticas, Sai Baba afirmou que a vida quotidiana e a vida espiritual deveriam “crescer juntas como uma *rudraksha dupla*”. Quando Haraldsson perguntou o que era uma *rudraksha dupla*, nem Sai Baba nem o intérprete conheciam o equivalente em inglês do termo. Sai Baba tentou prosseguir com a discussão, mas Haraldsson manteve-se insistente. “Então, de repente, com um sinal de impaciência, Sai Baba fechou o punho e agitou a mão durante um ou dois segundos. Ao abri-la, voltou-se para mim e disse: ‘É isto.’ Na sua palma estava um objeto semelhante a uma bolota. Tratava-se de duas *rudrakshas* unidas, como uma laranja gémea ou uma maçã gémea”, relata Haraldsson.

Quando Haraldsson indicou que gostaria de guardar a semente dupla como recordação, Sai Baba concordou, mas pediu primeiro para a ver novamente. “Encerrou a rudraksha entre ambas as mãos, soprou sobre ela e abriu-as na minha direção. A rudraksha dupla estava agora coberta, em cima e em baixo, por dois escudos dourados ligados por uma curta corrente de ouro. No topo havia uma cruz dourada com um pequeno rubi incrustado e uma diminuta abertura para poder ser usada ao pescoço, suspensa numa corrente.”⁵⁸ Haraldsson viria a descobrir mais tarde que as rudrakshas duplas eram anomalias botânicas extremamente raras. Vários botânicos indianos que consultou disseram nunca ter visto uma, e quando finalmente encontrou um pequeno exemplar deformado numa loja em Madras, o comerciante pediu o equivalente indiano a quase trezentos dólares. Um ourives londrino confirmou que o ouro da ornamentação tinha uma pureza de pelo menos vinte e dois quilates.

Tais oferendas não são raras. Sai Baba distribui frequentemente anéis valiosos, jóias e objetos de ouro às multidões que o visitam diariamente e que o veneram como santo. Materializa também grandes quantidades de alimentos, e quando as iguarias que produz caem das suas mãos, estão a ferver, tão quentes que por vezes as pessoas mal as conseguem segurar. Pode fazer escorrer xaropes doces e óleos perfumados das suas mãos (e até dos seus pés) e, quando termina, não fica qualquer vestígio da substância pegajosa na sua pele. Consegue produzir objetos exóticos como grãos de arroz com minúsculas imagens perfeitamente esculpidas de Krishna, frutos fora de época (quase impossíveis numa região do país sem eletricidade ou refrigeração) e frutos anómalos, como

maças que, ao serem descascadas, revelam ser maçã de um lado e outro fruto do outro.

Igualmente espantosas são as suas produções de cinza sagrada. Sempre que caminha entre as multidões que o visitam, quantidades prodigiosas dela jorram das suas mãos. Espalha-a por toda a parte, em recipientes que lhe são oferecidos e nas mãos estendidas, sobre cabeças e em longos rastos serpentinos no chão. Num único percurso pelos terrenos em torno do seu ashram pode produzir o suficiente para encher vários tambores. Numa das suas visitas, Haraldsson, juntamente com o Dr. Karlis Osis, diretor de investigação da American Society for Psychical Research, viu efetivamente parte da cinza no processo de materialização. Como relata Haraldsson: "A sua palma estava aberta e voltada para baixo, e ele agitava a mão em pequenos círculos rápidos. Ao fazê-lo, uma substância acinzentada surgiu no ar logo abaixo da sua palma. O Dr. Osis, que estava ligeiramente mais próximo, observou que esse material apareceu inicialmente sob a forma de grânulos (que se desfaziam em cinza quando tocados) e poderia ter-se desintegrado mais cedo se Sai Baba os tivesse produzido por meio de um truque de prestidigitação indetetável para nós."⁵⁹

Haraldsson observa que as manifestações de Sai Baba não resultam de hipnose coletiva, pois ele permite livremente que as suas demonstrações ao ar livre sejam filmadas, e tudo o que faz continua a aparecer nas gravações. Do mesmo modo, a produção de objetos específicos, a raridade de alguns deles, a elevada temperatura dos alimentos e o volume impressionante das materializações parecem afastar a hipótese de fraude. Haraldsson

salienta ainda que nunca surgiu qualquer prova credível de que Sai Baba estivesse a fingir as suas capacidades. Além disso, Sai Baba tem produzido um fluxo contínuo de objetos há meio século, desde os catorze anos de idade, facto que atesta tanto a abundância das materializações como a importância da sua reputação imaculada. Estará Sai Baba a produzir objetos a partir do nada? Por agora, o veredicto permanece em aberto, mas Haraldsson deixa clara a sua posição: acredita que as demonstrações de Sai Baba nos recordam os “enormes potenciais que poderão permanecer adormecidos algures em todos os seres humanos.”⁶⁰

Relatos de indivíduos capazes de materializar não são desconhecidos na Índia. No seu livro *Autobiography of a Yogi*, Paramahansa Yogananda (1893–1952), o primeiro homem santo indiano de renome a fixar residência permanente no Ocidente, descreve encontros com vários ascetas hindus que conseguiam materializar frutos fora de época, pratos de ouro e outros objetos. Curiosamente, Yogananda advertia que tais poderes, ou *siddhis*, nem sempre constituem prova de evolução espiritual em quem os possui. “O mundo [não é] senão um sonho objetivado”, afirma Yogananda, e “tudo aquilo em que a sua mente poderosa acredita com grande intensidade torna-se imediatamente realidade.”⁶¹ Terão tais indivíduos descoberto uma forma de aceder a uma pequena parcela do vasto oceano de energia cósmica que David Bohm afirma preencher cada centímetro cúbico do espaço vazio?

Uma notável série de materializações que recebeu confirmação ainda maior do que a concedida por Haraldsson a Sai Baba foi produzida por Therese Neumann. Para além dos seus estigmas,

Neumann manifestava também inédia, a capacidade supernormal de viver sem alimento. A sua inédia começou em 1928, quando “transferiu” para o próprio corpo a doença da garganta de um jovem sacerdote e subsistiu apenas com líquidos durante vários anos. Depois, em 1927, abandonou completamente tanto a comida como a água.

Quando o bispo local de Regensburg tomou conhecimento do jejum de Neumann, enviou uma comissão à sua casa para investigar. De 14 a 29 de Julho de 1927, sob a supervisão de um médico chamado Seidl, quatro irmãs franciscanas enfermeiras vigiaram todos os seus movimentos. Observaram-na dia e noite, e a água que utilizava para se lavar e bochechar era cuidadosamente medida e pesada. As irmãs descobriram vários aspetos invulgares. Ela nunca ia à casa de banho (mesmo após um período de seis semanas teve apenas uma evacuação, e o excremento, examinado por um Dr. Reismanns, continha apenas uma pequena quantidade de muco e biliar, mas nenhum vestígio de alimento). Também não apresentava sinais de desidratação, apesar de o ser humano médio expelir cerca de quatrocentos gramas de água por dia no ar expirado e quantidade semelhante através dos poros. E o seu peso mantinha-se constante; embora perdesse quase quatro quilos (em sangue) durante a abertura semanal dos estigmas, recuperava o peso normal um ou dois dias depois.

No final da investigação, o Dr. Seidl e as irmãs estavam completamente convencidos de que Neumann não tinha comido nem bebido absolutamente nada durante os catorze dias. O teste parece conclusivo, pois embora o corpo humano possa sobreviver

duas semanas sem alimento, raramente resiste metade desse tempo sem água. Contudo, isso não representava dificuldade para Neumann; *não comeu nem bebeu nada durante os trinta e cinco anos seguintes*. Assim, ao que parece, não apenas materializava a enorme quantidade de sangue necessária para sustentar os seus estigmas, como também materializava regularmente a água e os nutrientes de que necessitava para permanecer viva e saudável. A inédia não é exclusiva de Neumann. Em *The Physical Phenomena of Mysticism*, Herbert Thurston apresenta vários exemplos de estigmatizados que passaram anos sem comer ou beber.

A materialização poderá ser mais comum do que supomos. Relatos impressionantes de estátuas, pinturas, ícones e até rochas com significado histórico ou religioso que sangram abundam na literatura sobre o miraculoso. Existem igualmente dezenas de histórias de Madonas e outros ícones que vertem lágrimas. Uma verdadeira epidemia de “Madonas que choram” varreu a Itália em 1953.⁶² E na Índia, seguidores de Sai Baba mostraram a Haraldsson fotografias do asceta que exsudavam miraculosamente cinza sagrada.

8. Mudando Todo o Quadro

De certo modo, a materialização desafia sobretudo as nossas ideias convencionais acerca da realidade, pois embora possamos, com esforço, encaixar fenômenos como a PK na nossa visão atual do mundo, a criação de um objeto a partir do nada abala os próprios alicerces dessa visão. Ainda assim, não é tudo o que a mente pode fazer. Até agora analisámos milagres que envolvem apenas “partes”

da realidade — exemplos de pessoas que movem partes por psicocinese, que alteram partes (as leis da física) para se tornarem imunes ao fogo, e que materializam partes (sangue, sal, pedras, jóias, cinza, nutrientes e lágrimas). Mas se a realidade for verdadeiramente um todo indiviso, por que razão os milagres parecem envolver apenas partes?

Se os milagres são exemplos de capacidades latentes da própria mente, a resposta é, naturalmente, porque estamos profundamente programados para ver o mundo em termos de partes. Isto implica que, se não estivéssemos tão condicionados a pensar fragmentariamente, se víssemos o mundo de outro modo, os próprios milagres seriam diferentes. Em vez de encontrarmos tantos exemplos de milagres em que partes da realidade foram transformadas, encontraríamos mais casos em que a totalidade da realidade teria sido transformada. De facto, existem alguns exemplos desse género, mas são raros e colocam um desafio ainda mais grave às nossas concepções convencionais da realidade do que as materializações.

Watson oferece um desses exemplos. Enquanto esteve na Indonésia, encontrou também outra jovem dotada de poder. Chamava-se Tia, mas, ao contrário do poder de Alin, o dela não parecia ser expressão de um dom psíquico inconsciente. Era antes conscientemente controlado e resultava de uma ligação natural de Tia a forças que permanecem adormecidas na maioria de nós. Em suma, Tia era uma xamã em formação. Watson testemunhou muitos exemplos dos seus dons. Viu-a realizar curas milagrosas e, numa ocasião, quando estava envolvida numa disputa de poder

com o líder religioso muçulmano local, viu-a usar a força da mente para incendiar o minarete da mesquita da região.

Mas presenciou uma das demonstrações mais impressionantes de Tia quando, por acaso, a encontrou a conversar com uma menina num bosque sombrio de árvores kenari. Mesmo à distância, Watson percebeu pelos gestos de Tia que tentava comunicar algo importante à criança. Embora não pudesse ouvir a conversa, o ar de frustração indicava que não estava a conseguir. Finalmente, pareceu ter uma ideia e começou uma dança estranha. Fascinado, Watson continuou a observá-la enquanto gesticulava na direção das árvores e, embora quase não se movesse, havia algo de hipnótico nos seus movimentos subtis. Então fez algo que deixou Watson chocado e perturbado: fez com que todo o bosque se extinguisse subitamente da existência. Como Watson relata: “Num momento Tia dançava num bosque sombrio de kenari; no instante seguinte estava sozinha sob a luz dura e intensa do sol.”⁶³

Alguns segundos depois, fez o bosque reaparecer e, pela forma como a menina se levantou de um salto e correu a tocar nas árvores, Watson teve a certeza de que ela também partilhara a experiência. Mas Tia não tinha terminado. Fez o bosque surgir e desaparecer várias vezes enquanto ambas, de mãos dadas, dançavam e riam perante o assombro do acontecimento. Watson simplesmente afastou-se, atordoado.

Em 1975, quando eu estava no último ano da Michigan State University, vivi uma experiência igualmente profunda e desafiadora da realidade. Jantava com uma das minhas professoras num

restaurante local e discutíamos as implicações filosóficas das experiências de Carlos Castaneda. Em particular, a conversa centrou-se num episódio relatado por Castaneda em *Journey to Ixtlan*. Don Juan e Castaneda estão no deserto, à noite, à procura de um espírito, quando se deparam com uma criatura que parece um bezerro, mas tem orelhas de lobo e bico de ave. Está enroscada e grita como se agonizasse numa morte dolorosa.

Inicialmente, Castaneda fica aterrorizado, mas depois de dizer a si próprio que aquilo não pode ser real, a sua visão muda e percebe que o espírito moribundo é, afinal, um ramo caído a tremer ao vento. Orgulhosamente, aponta a verdadeira identidade da coisa, mas, como habitual, o velho xamã yaqui repreende-o. Diz-lhe que o ramo era um espírito moribundo enquanto estava vivo de poder, mas que se transformou num ramo quando Castaneda duvidou da sua existência. Contudo, sublinha que ambas as realidades eram igualmente reais.

Na conversa com a minha professora, confessei que me intrigava a afirmação de Don Juan de que duas realidades mutuamente exclusivas podiam ser ambas reais e senti que essa noção poderia explicar muitos fenómenos paranormais. Momentos depois de discutirmos o episódio, saímos do restaurante e, como era uma clara noite de Verão, decidimos passear. Enquanto continuávamos a conversar, reparei num pequeno grupo de pessoas a caminhar à nossa frente. Falavam uma língua estrangeira irreconhecível e, pelo comportamento ruidoso, pareciam embriagadas. Além disso, uma das mulheres transportava um guarda-chuva verde, o que era

estranho, pois o céu estava completamente limpo e não havia previsão de chuva.

Para evitar colidir com o grupo, abrandámos o passo e ficámos um pouco mais atrás. Foi então que a mulher começou subitamente a rodar o guarda-chuva de forma errática e descontrolada. Desenhava enormes arcos no ar e, por diversas vezes, ao girar, a ponta do guarda-chuva quase nos roçou. Reduzimos ainda mais o ritmo, mas tornou-se evidente que o seu desempenho visava captar a nossa atenção. Finalmente, quando já tinha o nosso olhar firmemente fixado, segurou o guarda-chuva com ambas as mãos acima da cabeça e atirou-o dramaticamente aos nossos pés.

Ficámos a olhar, perplexos, interrogando-nos sobre a razão de tal gesto, quando algo notável começou a acontecer. O guarda-chuva fez algo que só posso descrever como um “cintilar” semelhante à chama de uma lanterna prestes a extinguir-se. Emitiu um som estranho, crepitante, como o ruído de celofane a ser amarrotado, e, num deslumbrante jogo de luzes cintilantes e multicolores, as suas extremidades enrolaram-se, a cor alterou-se e a forma transformou-se num pau nodoso castanho-acinzentado. Fiquei tão atónito que permaneci em silêncio durante vários segundos. A minha professora falou primeiro e disse, numa voz baixa e chocada, que pensara tratar-se de um guarda-chuva. Perguntei-lhe se tinha visto algo extraordinário acontecer e ela acenou afirmativamente. Ambos escrevemos o que julgávamos ter ocorrido e os nossos relatos coincidiam exatamente. A única diferença vaga era que a minha professora disse que o guarda-

chuva “chispara” ao transformar-se em pau — um som não muito diferente do crepitar de celofane amarrotado.

9. O Que Significa Tudo Isto?

Este episódio levanta muitas questões para as quais não tenho respostas. Não sei quem eram as pessoas que atiraram o guarda-chuva aos nossos pés, nem sequer se tinham consciência da transformação mágica que ocorreu enquanto se afastavam, embora a atuação bizarra e aparentemente deliberada da mulher sugira que não eram totalmente alheias ao que sucedeu. Tanto eu como a minha professora ficámos tão hipnotizados pela metamorfose que, quando recuperámos presença de espírito para lhes fazer perguntas, já tinham desaparecido. Não sei por que razão o acontecimento ocorreu, exceto que parece evidente que estava de algum modo ligado à nossa conversa sobre Carlos Castaneda e a ocorrência semelhante que ele descreve.

Também não sei por que motivo tive o privilégio de vivenciar tantos acontecimentos paranormais, salvo que tal parece relacionar-se com o facto de ter nascido com uma considerável aptidão psíquica inata. Na adolescência comecei a ter sonhos vívidos e detalhados sobre eventos que mais tarde efetivamente aconteciam. Muitas vezes sabia coisas sobre pessoas que, racionalmente, não tinha forma de saber. Aos dezassete anos desenvolvi espontaneamente a capacidade de ver um campo de energia, ou “aura”, em torno dos seres vivos e, até hoje, consigo frequentemente discernir aspetos da saúde de alguém a partir do padrão e das cores da névoa luminosa que percebo ao seu redor.

Para além disso, só posso dizer que todos somos dotados de aptidões e qualidades distintas. Alguns são artistas naturais. Outros, dançarinos. Eu pareço ter nascido com a “química” necessária para desencadear mudanças na realidade — para catalisar, de algum modo, as forças requeridas para precipitar acontecimentos paranormais. Sou grato por essa capacidade, pois ensinou-me muito acerca do universo, mas ignoro a razão pela qual a possuo.

O que sei é que o “incidente do guarda-chuva”, como passei a designá-lo, implicou uma alteração radical do mundo. Neste capítulo examinámos milagres que envolveram deslocações cada vez mais amplas na estrutura da realidade. A PK é mais fácil de conceber do que a capacidade de retirar um objeto do ar; a materialização de um objeto é, para a maioria, mais aceitável do que o aparecimento e desaparecimento de um bosque inteiro ou a manifestação paranormal de um grupo de pessoas capaz de transmutar matéria de uma forma noutra. Progressivamente, estes episódios sugerem que a realidade é, num sentido muito concreto, holográfica — um constructo.

A questão torna-se então a seguinte: será este holograma relativamente estável durante longos períodos e apenas sujeito a alterações mínimas pela consciência, como sugere David Bohm? Ou será um holograma que apenas parece estável, mas que, em circunstâncias especiais, pode ser transformado e remodelado de modos virtualmente ilimitados, como indicam os indícios do miraculoso? Alguns investigadores que adotaram a hipótese holográfica inclinam-se para esta segunda possibilidade. Por

exemplo, Stanislav Grof não só leva a sério as materializações e outros fenômenos paranormais extremos, como considera que a realidade é, de facto, edificada como uma nuvem — plástica, maleável à autoridade subtil da consciência. “O mundo não é necessariamente tão sólido como o percebemos”, afirma.⁶⁴

O físico William Tiller, antigo director do Departamento de Ciência dos Materiais da Stanford University e outro defensor da concepção holográfica, concorda. Tiller compara a realidade ao “holodeck” da série televisiva *Star Trek: The Next Generation*. Na série, o holodeck é um ambiente onde os ocupantes podem convocar uma simulação holográfica de praticamente qualquer realidade desejada — uma floresta exuberante, uma cidade movimentada — e alterar essa simulação à vontade, fazendo surgir uma lâmpada ou desaparecer uma mesa indesejada. Tiller sugere que o universo é também uma espécie de holodeck criado pela “integração” de todos os seres vivos. “Criámo-lo como veículo de experiência e criámos as leis que o governam”, afirma. “E quando chegamos às fronteiras do nosso entendimento, podemos efetivamente deslocar as leis, criando a física à medida que avançamos.”⁶⁵

Se Tiller estiver correto e o universo for um imenso holodeck, então a capacidade de materializar um anel de ouro ou fazer um bosque de kenari alternar entre presença e ausência deixa de parecer tão estranha. Mesmo o incidente do guarda-chuva pode ser interpretado como uma breve anomalia na simulação holográfica que designamos por realidade ordinária. Embora eu e a minha professora desconhecêssemos possuir tal capacidade, é possível

que o fervor emocional da nossa discussão sobre Castaneda tenha levado as nossas mentes inconscientes a reconfigurar o holograma da realidade, tornando-o mais consonante com aquilo em que acreditávamos naquele momento. Dada a afirmação de Montague Ullman de que a psique procura constantemente ensinar-nos aquilo de que não estamos conscientes no estado de vigília, talvez o nosso inconsciente esteja mesmo programado para produzir ocasionalmente tais milagres — oferecendo-nos vislumbres da natureza holográfica do real e mostrando-nos que o mundo que criamos para nós próprios é, em última instância, tão criativamente infinito quanto a realidade dos nossos sonhos.

Afirmar que a realidade é criada pela integração de todos os seres vivos não difere substancialmente de dizer que o universo é composto por campos de realidade. Se assim for, isso pode explicar por que razão a realidade de certas partículas subatômicas, como os eletrões, parece relativamente fixa, enquanto a de outras, como os *anomalons*, se mostra mais plástica. Pode ser que os campos de realidade que hoje identificamos como eletrões tenham sido integrados no holograma cósmico há muito tempo — talvez antes mesmo de os seres humanos fazerem parte dessa integração universal — e, por isso, estejam tão profundamente inscritos na estrutura holográfica que se tornaram menos suscetíveis à influência da consciência humana. Já os *anomalons* poderiam variar de laboratório para laboratório por serem campos de realidade mais recentes, ainda incipientes, ainda em busca de identidade. Nesse sentido, assemelhar-se-iam à “praia de champanhe” percebida pelos sujeitos de Tart enquanto permanecia num estado cinzento, ainda não plenamente coalescida a partir da ordem implicada.

Isto pode igualmente explicar por que motivo a aspirina ajuda a prevenir ataques cardíacos nos americanos, mas não nos britânicos. Também ela poderá constituir um campo de realidade relativamente recente, ainda em formação. Há inclusive indícios de que a capacidade de materializar sangue seja um campo de realidade comparativamente recente. D. Scott Rogo observa que os relatos de milagres de sangue começaram com o milagre do século XIV associado a San Gennaro. O facto de não existirem relatos anteriores sugere que essa possibilidade emergiu nessa época. Uma vez estabelecida, tornou-se mais acessível a outros sintonizarem-se com esse campo de realidade, o que poderá explicar por que razão ocorreram numerosos milagres de sangue após San Gennaro, mas nenhum antes.

Se o universo for realmente um holodeck, então tudo o que parece estável e eterno — das leis da física à substância das galáxias — teria de ser compreendido como campos de realidade, fulgurações efémeras não mais nem menos reais do que os cenários de um sonho partilhado em larga escala. Toda a permanência teria de ser vista como ilusória, e apenas a consciência seria eterna — a consciência do universo vivo.

Naturalmente, existe ainda uma outra possibilidade. Pode ser que apenas os acontecimentos anómalos, como o incidente do guarda-chuva, constituam campos de realidade, e que o mundo em geral permaneça tão estável e tão independente da consciência quanto sempre nos ensinaram a acreditar. O problema desta suposição é que nunca poderá ser demonstrada. O único teste decisivo de que dispomos para determinar se algo é real — por

exemplo, um elefante púrpura que acabasse de entrar na nossa sala — é verificar se outras pessoas também o conseguem ver. Mas, no momento em que admitimos que duas ou mais pessoas podem criar uma realidade — seja um guarda-chuva em transformação ou um *bosque de kenari* que desaparece — deixamos de ter qualquer meio de provar que tudo o resto no mundo não é igualmente criado pela mente. No fim, tudo se reduz a uma questão de filosofia pessoal.

E as filosofias pessoais divergem. Robert G. Jahn prefere considerar que apenas a realidade criada pelas interações da consciência é real. “A questão de saber se existe um ‘lá fora’ é abstrata. Se não temos forma de verificar a abstração, não há proveito em tentar modelá-la”, afirma.⁶⁶ Gordon Globus, que admite de bom grado que a realidade é um constructo da consciência, prefere pensar que existe um mundo para além da bolha das nossas percepções. “Interesso-me por boas teorias”, diz, “e uma boa teoria postula existência.”⁶⁷ Contudo, reconhece que tal é apenas uma inclinação pessoal, pois não existe meio empírico de provar essa hipótese.

Quanto a mim, em resultado das minhas próprias experiências, concordo com Don Juan quando afirma: “Somos perceptores. Somos consciência; não somos objetos; não temos solidez. Somos ilimitados. O mundo dos objetos e da solidez é uma forma de tornar conveniente a nossa passagem pela Terra. É apenas uma descrição criada para nos ajudar. Nós — ou, mais precisamente, a nossa razão — esquecemo-nos de que a descrição não é a própria realidade, mas apenas um modelo que a representa; e, ao absolutizá-lo,

aprimosamos a totalidade do que somos num círculo interpretativo do qual raramente conseguimos emergir ao longo da vida.”⁶⁸

Dito de outro modo, não existe realidade para além daquela que é criada pela integração de todas as consciências, e o universo holográfico pode, em princípio, ser esculpido pela mente de formas virtualmente ilimitadas.

Se assim for, as leis da física e a substância das galáxias não são as únicas coisas que constituem campos de realidade. Até os nossos próprios corpos — veículos da consciência nesta vida — teriam de ser encarados como não mais nem menos reais do que *anomalons* e praias de champanhe. Ou, como afirma Keith Floyd, psicólogo do Virginia Intermont College e outro defensor da conceção holográfica:

Ao contrário do que todos sabem ser assim, pode não ser o cérebro a produzir a consciência, mas antes a consciência a criar a aparência do cérebro — matéria, espaço, tempo e tudo o mais que nos apraz interpretar como universo físico.⁶⁹

Talvez isto seja o mais perturbador de tudo, pois estamos tão profundamente convencidos de que os nossos corpos são sólidos e objetivamente reais que nos é difícil sequer admitir a ideia de que também nós possamos não passar de fulgurações efémeras. No entanto, existem indícios impressionantes de que assim poderá ser. Outro fenómeno frequentemente associado a santos é a bilocação — a capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Segundo Haraldsson, Sai Baba supera até a bilocação. Numerosas testemunhas relataram tê-lo visto estalar os dedos e desaparecer,

reaparecendo instantaneamente a cem ou mais metros de distância. Tais episódios sugerem fortemente que os nossos corpos não são objetos no sentido clássico, mas projeções holográficas que podem desligar-se num local e ligar-se noutro com a mesma facilidade com que uma imagem desaparece e reaparece num ecrã.

Um acontecimento que reforça ainda mais a natureza holográfica e imaterial do corpo encontra-se nos fenómenos produzidos por um médium islandês chamado Indridi Indridason. Em 1905, vários dos principais cientistas da Islândia decidiram investigar o paranormal e escolheram Indridason como um dos seus sujeitos. Na época, era apenas um camponês sem qualquer experiência prévia em assuntos psíquicos, mas revelou-se rapidamente um médium de talento extraordinário. Entrava em transe com facilidade e produzia demonstrações dramáticas de PK. O mais insólito, porém, era que, por vezes, enquanto se encontrava profundamente em transe, diferentes partes do seu corpo desmaterializavam-se completamente. Perante o olhar atónito dos cientistas, um braço ou uma mão desvanecia-se da existência, apenas para se rematerializar antes de ele despertar.⁷⁰

Tais acontecimentos oferecem-nos novamente um vislumbre tentador das enormes potencialidades que poderão permanecer adormecidas em todos nós. Como vimos, a compreensão científica atual do universo é totalmente incapaz de explicar os vários fenómenos examinados neste capítulo e, por isso, não tem outra alternativa senão ignorá-los. Contudo, se investigadores como Stanislav Grof e William Tiller estiverem corretos e a mente for capaz de intervir na ordem implicada — a “placa” holográfica que

dá origem ao holograma que chamamos universo — criando assim qualquer realidade ou leis da física que deseje, então não apenas tais fenómenos são possíveis, como praticamente tudo se torna possível.

Se assim for, a aparente solidez do mundo é apenas uma pequena parcela do que está disponível à nossa perceção. Embora a maioria de nós esteja de facto aprisionada na descrição atual do universo, alguns indivíduos possuem a capacidade de ver para além dessa solidez. No próximo capítulo, examinaremos alguns desses indivíduos e exploraremos aquilo que veem.

CAPÍTULO 6

Ver Holograficamente

Os seres humanos consideram-se feitos de “matéria sólida”. Na realidade, o corpo físico é, por assim dizer, o produto final de campos subtis de informação que moldam tanto o nosso corpo como toda a matéria física. Esses campos são hologramas que se transformam no tempo e se encontram fora do alcance dos nossos sentidos normais. É isto que os clarividentes percebem como halos coloridos em forma de ovo — ou auras — que envolvem o nosso corpo físico.

— Itzhak Bentov,
Stalking the Wild Pendulum

Há vários anos caminhava com uma amiga quando um sinal de trânsito me chamou a atenção. Era simplesmente um sinal de “Proibido Estacionar” e não parecia diferente dos muitos outros que pontuavam as ruas da cidade. Mas, por alguma razão, deixou-me completamente absorvido. Nem sequer tinha consciência de que o fitava até que a minha amiga exclamou subitamente: “O sinal está mal escrito!” A observação arrancou-me do meu devaneio e, enquanto olhava, o 7 na palavra Parking transformou-se rapidamente num e.

O que aconteceu foi que a minha mente estava tão habituada a ver o sinal corretamente escrito que o meu inconsciente suprimiu o que lá estava e fez-me ver o que esperava encontrar. Aconteceu que a minha amiga também tinha visto inicialmente o sinal escrito de forma correta, razão pela qual reagiu de forma tão enfática ao perceber o erro. Continuámos a caminhar, mas o incidente perturbou-me. Pela primeira vez compreendi que o sistema olho/cérebro não é uma câmara fiel, mas intervém ativamente no mundo antes de no-lo entregar.

Os neurofisiologistas conhecem este facto há muito tempo. Nos seus primeiros estudos sobre a visão, Karl Pribram descobriu que a informação visual que um macaco recebe através dos nervos ópticos não segue diretamente para o córtex visual, mas é primeiro filtrada por outras áreas do cérebro.¹ Numerosos estudos demonstraram que o mesmo acontece na visão humana. A informação visual que entra no nosso cérebro é editada e modificada pelos lobos temporais antes de ser encaminhada para o córtex visual. Alguns estudos sugerem que menos de 50% do que “vemos” se baseia efetivamente na informação que entra pelos olhos. Os restantes mais de 50% são construídos a partir das nossas expectativas sobre como o mundo deve parecer (e talvez de outras fontes, como campos de realidade). Os olhos podem ser órgãos visuais, mas é o cérebro que vê.

É por isso que nem sempre reparamos quando um amigo próximo rapa o bigode e por que razão a nossa casa parece estranhamente diferente quando regressamos de férias. Em ambos

os casos, estamos tão habituados a reagir ao que pensamos estar presente que nem sempre vemos o que realmente está lá.

Prova ainda mais impressionante do papel que a mente desempenha na criação do que vemos é fornecida pelo chamado “ponto cego” do olho. No centro da retina, precisamente onde o nervo óptico se liga ao globo ocular, existe uma zona desprovida de fotorreceptores — um verdadeiro vazio sensorial. Este fenómeno pode ser facilmente demonstrado com a ilustração apresentada na figura 15.

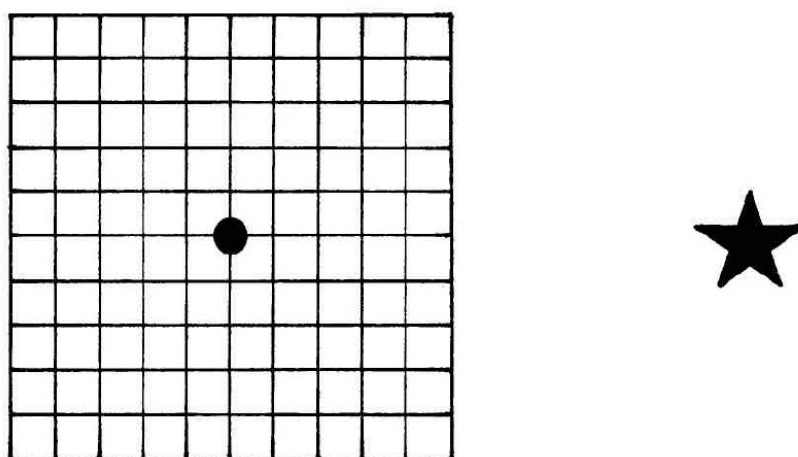


FIGURA 15. Para demonstrar como o nosso cérebro constrói aquilo que percebemos como realidade, segure a ilustração ao nível dos olhos, feche o olho esquerdo e fixe o olhar no círculo situado no centro da grelha com o olho direito. Desloque lentamente o livro para a frente e para trás ao longo da linha de visão até que a estrela desapareça (cerca de 25 a 38 centímetros). A estrela desaparece porque está a projetar-se sobre o seu ponto cego. Agora feche o olho direito e fixe o olhar na estrela. Mova novamente o livro para a frente e para trás até que o círculo no centro da grelha desapareça. Quando isso acontecer, repare que, embora o círculo desapareça, todas as linhas da grelha permanecem intactas. Isto acontece porque o seu cérebro preenche aquilo que supõe dever estar ali.

Mesmo quando olhamos para o mundo que nos rodeia, permanecemos completamente inconscientes de que existem lacunas evidentes na nossa visão. Não importa se estamos a contemplar uma folha de papel em branco ou um tapete persa ricamente ornamentado. O cérebro preenche habilmente essas falhas, como um alfaiate experiente que recompõe um rasgão no tecido. O mais extraordinário é que reconstitui a tapeçaria da nossa realidade visual com tal mestria que nem sequer nos apercebemos de que o está a fazer.

Isto conduz a uma questão inquietante. Se vemos menos de metade do que está “lá fora”, o que é que não estamos a ver? Que sinais mal escritos e que pontos cegos escapam completamente à nossa atenção? A nossa tecnologia oferece algumas respostas. Por exemplo, embora as teias de aranha nos pareçam baças e esbranquiçadas, sabemos hoje que, para os olhos sensíveis ao ultravioleta dos insetos para os quais foram concebidas, são intensamente coloridas e, portanto, atraentes. A tecnologia revela-nos também que as lâmpadas fluorescentes não emitem luz de forma contínua, mas cintilam a uma velocidade apenas ligeiramente superior ao limiar da nossa perceção. No entanto, esse efeito estroboscópico é claramente visível para as abelhas, que precisam de voar a grande velocidade sobre um prado e ainda assim distinguir cada flor que passa velozmente.

Mas existirão outros aspetos importantes da realidade que não estamos a ver — aspetos que ultrapassam até a nossa capacidade tecnológica? Segundo o modelo holográfico, a resposta é afirmativa. Recorde-se que, na perspetiva de Karl Pribram, a

realidade em sentido amplo é, na verdade, um domínio de frequências, e o cérebro funciona como uma espécie de lente que converte essas frequências no mundo objetivo das aparências. Embora Pribram tenha começado por estudar as frequências do nosso mundo sensorial normal — como as frequências do som e da luz — utiliza agora o termo *domínio de frequências* para designar os padrões de interferência que compõem a ordem implicada.

Pribram acredita que podem existir todo o tipo de realidades no domínio de frequências que não estamos a ver — aspetos que o nosso cérebro aprendeu sistematicamente a eliminar daquilo que experienciamos como realidade visual. Na sua perspetiva, quando os místicos têm experiências transcendentais, o que realmente ocorre é um vislumbre desse domínio de frequências. “A experiência mística torna-se inteligível quando se podem fornecer as fórmulas matemáticas que permitem transitar de um lado para o outro entre o mundo ordinário, ou domínio ‘imagem-objeto’, e o domínio de ‘frequência’”, afirma.²

1. O Campo Energético Humano

Um fenómeno místico que parece envolver a capacidade de perceber os aspetos frequenciais da realidade é a aura, ou campo energético humano. A ideia de que existe um campo subtil de energia em torno do corpo — uma espécie de invólucro luminoso semelhante a um halo, situado para além da perceção sensorial comum — encontra-se em muitas tradições antigas. Na Índia, textos sagrados com mais de cinco mil anos referem-se a essa energia vital como prana. Na China, desde o terceiro milénio a.C.,

é designada por *ch'í* (ou *qi*) e considera-se que flui através do sistema de meridianos da acupunctura. A Cabala, filosofia mística judaica surgida no século VI a.C., denomina esse princípio vital *nefish* e ensina que uma bolha iridescente em forma de ovo envolve cada ser humano. No livro *Future Science*, o escritor John White e o parapsicólogo Stanley Krippner enumeram 97 culturas diferentes que se referem à aura sob 97 designações distintas.

Muitas culturas acreditam que a aura de um indivíduo extremamente espiritual é tão intensa que se torna visível mesmo à percepção comum, razão pela qual numerosas tradições — incluindo a cristã, chinesa, japonesa, tibetana e egípcia — representam os santos com halos ou outros símbolos circulares em torno da cabeça. No seu livro sobre milagres, Herbert Thurston dedica um capítulo inteiro a relatos de fenómenos luminosos associados a santos católicos, e tanto Therese Neumann como Sathya Sai Baba são descritos como tendo, ocasionalmente, auras visíveis de luz ao seu redor. O grande místico sufista Hazrat Inayat Khan, falecido em 1927, diz-se que por vezes irradiava tanta luz que as pessoas conseguiam literalmente ler à sua claridade.³

Em circunstâncias normais, porém, o campo energético humano é visível apenas a indivíduos que possuem uma capacidade especialmente desenvolvida para o perceber. Por vezes, as pessoas nascem com essa aptidão. Noutras ocasiões, ela desenvolve-se espontaneamente num determinado momento da vida — como aconteceu comigo — e, noutros casos ainda, surge como resultado de alguma prática ou disciplina, frequentemente de natureza espiritual. A primeira vez que vi a névoa luminosa característica em

torno do meu braço pensei que fosse fumo e sacudi-o bruscamente para verificar se, de algum modo, a manga não teria começado a arder. Evidentemente que não, e depressa descobri que a luz envolvia todo o meu corpo e formava igualmente um nimbo em torno dos demais.

Segundo algumas correntes de pensamento, o campo energético humano possui várias camadas distintas. Eu não vejo camadas no campo e não tenho base pessoal para avaliar se tal é verdadeiro ou não. Afirma-se, contudo, que essas camadas são, na realidade, corpos energéticos tridimensionais que ocupam o mesmo espaço que o corpo físico, mas que possuem dimensões progressivamente maiores, de tal modo que apenas parecem camadas ou estratos à medida que se estendem para fora do corpo.

Muitos sensitivos afirmam que existem sete camadas principais, ou corpos subtis, cada um progressivamente menos denso do que o anterior e cada vez mais difícil de ver. Diferentes escolas utilizam designações distintas para esses corpos energéticos. Um sistema de nomenclatura comum refere-se aos quatro primeiros como o corpo etérico; o corpo astral, ou emocional; o corpo mental; e o corpo causal, ou intuitivo. Acredita-se geralmente que o corpo etérico, o mais próximo em dimensão do corpo físico, funciona como uma espécie de modelo energético e está envolvido na orientação e formação do crescimento do corpo físico. Como os próprios nomes indicam, os três corpos seguintes relacionam-se com processos emocionais, mentais e intuitivos. Quanto aos três restantes, quase ninguém concorda na designação, embora exista consenso em que dizem respeito à alma e a funções espirituais superiores.

Segundo a literatura iogue indiana — e também de acordo com muitos sensitivos — possuímos igualmente centros energéticos especiais no corpo. Esses focos de energia subtil estão ligados às glândulas endócrinas e aos principais centros nervosos do corpo físico, mas estendem-se também para cima e para dentro do campo energético. Como, quando observados frontalmente, se assemelham a vórtices giratórios de energia, a literatura iogue denomina-os chakras, do termo sânscrito que significa “roda”, designação que ainda hoje é utilizada.

O chakra coronário, um centro energético importante que tem origem na parte superior do cérebro e está associado ao despertar espiritual, é frequentemente descrito por clarividentes como um pequeno ciclone a girar no campo energético sobre o topo da cabeça, e é o único chakra que vejo com clareza. (As minhas próprias capacidades parecem demasiado rudimentares para me permitirem ver os restantes.) Pode variar de alguns centímetros até trinta centímetros ou mais de altura. Quando as pessoas se encontram num estado de alegria, esse redemoinho de energia torna-se mais alto e mais luminoso; e quando dançam, oscila e ondula como a chama de uma vela. Muitas vezes me interroguei se não seria isto que o apóstolo São Lucas estaria a descrever ao falar da “chama do Pentecostes”, as línguas de fogo que apareceram sobre as cabeças dos apóstolos quando o Espírito Santo desceu sobre eles.

O campo energético humano nem sempre é azul-esbranquiçado; pode apresentar diversas cores. Segundo sensitivos particularmente dotados, essas cores — bem como a sua tonalidade

mais turva ou mais intensa e a sua localização na aura — estão relacionadas com o estado mental da pessoa, o seu estado emocional, a atividade que desempenha, a sua saúde e outros fatores variados. Eu apenas consigo ver cores ocasionalmente e, por vezes, interpretar o seu significado, mas, uma vez mais, as minhas capacidades nesta área não são particularmente desenvolvidas.

Uma pessoa que possui capacidades avançadas é a terapeuta e curadora Barbara Brennan. Brennan iniciou a sua carreira como física de fenómenos atmosféricos a trabalhar para a NASA no Goddard Space Flight Center, e mais tarde deixou essa função para se tornar conselheira. O primeiro indício de que possuía capacidades psíquicas surgiu na infância, quando descobriu que conseguia caminhar vendada pela floresta e evitar as árvores simplesmente detetando os seus campos energéticos com as mãos. Vários anos depois de se tornar conselheira, começou a ver halos de luz colorida em torno das cabeças das pessoas. Após ultrapassar o choque e o ceticismo iniciais, dedicou-se a desenvolver essa aptidão e acabou por descobrir que possuía um talento natural extraordinário como curadora.

Brennan não só vê os chakras, as camadas e outras estruturas subtis do campo energético humano com excecional nitidez, como também consegue fazer diagnósticos médicos surpreendentemente precisos com base no que observa. Depois de examinar o campo energético de uma mulher, Brennan disse-lhe que havia algo de anormal no seu útero. A mulher respondeu que o seu médico tinha detetado o mesmo problema e que este já lhe provocara um aborto

espontâneo. De facto, vários médicos tinham recomendado uma histerectomia, razão pela qual procurara o aconselhamento de Brennan. Esta disse-lhe que, se tirasse um mês para descansar e cuidar de si, o problema desapareceria. O conselho revelou-se acertado e, um mês depois, o médico confirmou que o útero regressara ao normal. Um ano mais tarde, a mulher deu à luz um rapaz saudável.⁴

Noutro caso, Brennan conseguiu perceber que um homem tinha dificuldades de desempenho sexual porque partira o cóccix (osso coccígeo) aos doze anos de idade. O cóccix, que permanecia deslocado, exercia pressão excessiva sobre a coluna vertebral, e isso, por sua vez, provocava a disfunção sexual.⁵

Parece haver muito pouco que Brennan não consiga detetar ao observar o campo energético humano. Afirma que, nas fases iniciais, o cancro surge na aura com uma tonalidade azul-acinzentada e, à medida que progride, torna-se negro. Posteriormente, começam a aparecer manchas brancas no interior dessa zona escura e, se essas manchas cintilarem e parecerem irromper como lava de um vulcão, isso significa que o cancro metastizou. Substâncias como o álcool, a marijuana e a cocaína também prejudicam as cores brilhantes e saudáveis da aura, criando aquilo a que Brennan chama “muco etérico”. Num caso, conseguiu dizer a um cliente surpreendido qual a narina que ele usava habitualmente para inalar cocaína, porque o campo sobre esse lado do rosto apresentava-se sempre acinzentado, impregnado desse muco etérico pegajoso.

Os medicamentos prescritos não são exceção e frequentemente provocam o aparecimento de zonas escuras no campo energético sobre o fígado. Fármacos potentes, como a quimioterapia, “obstruem” todo o campo, e Brennan afirma ter observado vestígios áuricos até do supostamente inofensivo corante radiopaco utilizado no diagnóstico de lesões da coluna vertebral, dez anos após ter sido injetado na espinha de uma pessoa. Segundo Brennan, o estado psicológico de um indivíduo também se reflete no seu campo energético. Uma pessoa com tendências psicopáticas apresenta uma aura desproporcionadamente concentrada na parte superior. O campo energético de uma personalidade masoquista é grosseiro e denso, mais acinzentado do que azulado. Já o campo de alguém com uma postura rígida perante a vida é igualmente áspero e acinzentado, mas com a maior parte da energia concentrada na periferia da aura, e assim por diante.

Brennan sustenta que a doença pode, de facto, ser causada por ruturas, bloqueios e desequilíbrios na aura e que, ao manipular essas áreas disfuncionais com as mãos e com o seu próprio campo energético, consegue potenciar significativamente os processos naturais de cura da pessoa. Os seus talentos não passaram despercebidos. A psiquiatra e tanatóloga suíça Elisabeth Kubler-Ross considera Brennan “provavelmente uma das melhores curadoras espirituais do hemisfério ocidental.”⁶ Bernie Siegel é igualmente elogioso: “O trabalho de Barbara Brennan expande a mente. As suas concepções sobre o papel da doença e sobre como a cura é alcançada ajustam-se certamente à minha experiência.”⁷

Enquanto física, Brennan demonstra grande interesse em descrever o campo energético humano em termos científicos e considera que a afirmação de Karl Pribram, segundo a qual existe um domínio de frequências para além do nosso campo de percepção normal, constitui o melhor modelo científico atualmente disponível para compreender o fenómeno. “Do ponto de vista do universo holográfico, estes acontecimentos [a aura e as forças de cura necessárias para manipular as suas energias] emergem de frequências que transcendem o tempo e o espaço; não precisam de ser transmitidos. São potencialmente simultâneos e onnipresentes”, afirma.⁸

Que o campo energético humano exista de forma onnipresente e seja não local até ser “extraído” do domínio de frequências pela percepção humana é sugerido pela descoberta de Brennan de que consegue ler a aura de uma pessoa mesmo quando esta se encontra a muitos quilómetros de distância. A leitura de aura mais remota que realizou até hoje ocorreu durante uma conversa telefónica entre Nova Iorque e Itália. Brennan aborda este episódio, bem como muitos outros aspetos das suas notáveis capacidades, no seu recente e fascinante livro *Mãos de Luz*.

2. O Campo Energético da Psique Humana

Outra sensitiva dotada que consegue ver a aura com grande detalhe é a consultora do “campo energético humano” radicada em Los Angeles, Carol Dryer. Dryer afirma que vê auras desde que tem memória e, durante muito tempo, nem sequer percebeu que as outras pessoas não as viam. Essa ignorância causou-lhe

frequentemente problemas na infância, quando revelava aos pais detalhes íntimos sobre os seus amigos — informações que aparentemente não tinha forma de conhecer.

Dryer ganha a vida como sensitiva e, na última década e meia, atendeu mais de cinco mil clientes. Tornou-se conhecida nos meios de comunicação social porque a sua lista de clientes inclui celebridades como Tina Turner, Madonna, Rosanna Arquette, Judy Collins, Valerie Harper e Linda Gray. Contudo, o brilho mediático desses nomes não começa sequer a traduzir a verdadeira extensão do seu talento. A sua clientela inclui também físicos, jornalistas de renome, arqueólogos, advogados e políticos; utilizou as suas capacidades para auxiliar a polícia e realiza frequentemente trabalho de consultoria para psicólogos, psiquiatras e médicos.

Tal como Barbara Brennan, Dryer consegue efetuar leituras à distância, embora prefira estar na mesma sala que a pessoa. Consegue ver o campo energético tanto com os olhos fechados como abertos. De facto, mantém geralmente os olhos fechados durante uma sessão para se concentrar exclusivamente no campo energético. Isso não significa que veja a aura apenas na imaginação. “Está sempre diante de mim, como se estivesse a ver um filme ou uma peça de teatro”, afirma Dryer. “É tão real como a sala onde estou sentada. Na verdade, é mais real e mais intensamente colorido.”⁹

Contudo, não vê as camadas estratificadas descritas por outros clarividentes e, muitas vezes, nem sequer distingue o contorno do corpo físico. “O corpo físico pode entrar na percepção, mas

raramente, porque isso corresponde a ver o corpo etérico e não a aura ou o campo energético à volta da pessoa. Se estou a ver o etérico, é geralmente porque contém fugas ou rasgões que impedem a aura de se apresentar íntegra. Assim, não a consigo ver por completo. Apenas fragmentos. É como um cobertor rasgado ou uma cortina esgarçada. Os buracos no campo etérico resultam habitualmente de trauma, lesão, doença ou alguma outra experiência devastadora.”

Para além do etérico, Dryer afirma que, em vez de perceber as camadas da aura como andares de um bolo empilhados uns sobre os outros, *experimenta-as* como variações de textura e intensidade na sensação visual. Compara essa experiência a estar imersa no oceano e sentir correntes de água com diferentes temperaturas a passar pelo corpo. “Em vez de recorrer a conceitos rígidos como camadas, vejo o campo energético em termos de movimentos e ondas de energia”, explica. “É como se a minha visão atravessasse telescopicamente vários níveis e dimensões do campo energético, mas não o vejo organizado de forma ordenada em estratos distintos.”

Isto não significa que a perceção de Dryer seja menos detalhada do que a de Brennan. Ela percebe uma impressionante quantidade de padrões e estruturas — nuvens caleidoscópicas de cor atravessadas por luz, imagens complexas, formas cintilantes e névoas delicadas como gaze. No entanto, nem todos os campos energéticos são equivalentes. Segundo Dryer, pessoas superficiais têm auras superficiais e banais. Pelo contrário, quanto mais complexa a pessoa, mais complexo e interessante é o seu campo

energético. “O campo energético de uma pessoa é tão individual como a sua impressão digital. Nunca vi dois exatamente iguais”, afirma.

Tal como Brennan, Dryer consegue diagnosticar doenças observando a aura e, quando assim o deseja, pode ajustar a sua percepção para ver os chakras. Contudo, a sua aptidão distintiva é a capacidade de penetrar profundamente na psique de uma pessoa e fornecer um retrato surpreendentemente exato das suas fragilidades, forças, necessidades e do estado geral do seu ser emocional, psicológico e espiritual. Tão marcantes são os seus talentos nesta área que alguns compararam uma sessão com Dryer a seis meses de psicoterapia. Numerosos clientes creditam-lhe transformações profundas nas suas vidas, e os seus arquivos estão repletos de cartas de agradecimento entusiásticas.

Também eu posso testemunhar as capacidades de Dryer. Na minha primeira sessão com ela, e embora fôssemos praticamente estranhos, começou a descrever aspetos meus que nem os meus amigos mais próximos conhecem. Não eram generalidades vagas, mas avaliações específicas e detalhadas dos meus talentos, vulnerabilidades e dinâmicas de personalidade. Ao fim de duas horas, estava convencido de que Dryer não estava a observar a minha presença física, mas sim o constructo energético da minha própria psique. Tive ainda o privilégio de conversar e/ou ouvir gravações das sessões de mais de duas dezenas de seus clientes e constatei que, quase sem exceção, outros a consideraram tão precisa e perspicaz quanto eu.

3. Médicos que Veem o Campo Energético Humano

Embora a existência do campo energético humano não seja reconhecida pela comunidade médica ortodoxa, também não foi completamente ignorada por profissionais de saúde. Uma médica que leva o campo energético a sério é a neurologista e psiquiatra Shafica Karagulla. Karagulla obteve o grau de doutora em Medicina e Cirurgia na American University of Beirut e realizou formação em psiquiatria sob a orientação do conhecido psiquiatra David K. Henderson, no Royal Edinburgh Hospital for Mental and Nervous Disorders. Trabalhou ainda durante três anos e meio como investigadora associada de Wilder Penfield, o neurocirurgião canadiano cujos estudos pioneiros sobre a memória impulsionaram tanto Karl Lashley como Karl Pribram na sua busca.

Karagulla começou como cética, mas, após encontrar várias pessoas capazes de ver auras — e confirmar que conseguiam fazer diagnósticos médicos corretos com base no que viam — tornou-se crente. Designou essa capacidade por *Percepção Sensorial Superior*, ou PSS e, na década de 1960, decidiu investigar se existiam membros da profissão médica que também a possuísem. Fez sondagens discretas entre amigos e colegas, mas inicialmente os progressos foram lentos. Mesmo médicos reputados por ter essa aptidão mostravam-se relutantes em encontrá-la. Depois de sucessivos adiamentos por parte de um desses médicos, Karagulla marcou finalmente uma consulta com ele como se fosse paciente.

Entrou no consultório, mas, em vez de permitir que ele realizasse um exame físico convencional, desafiou-o a utilizar a sua percepção

sensorial superior. Percebendo que estava encurralado, ele cedeu. “Muito bem, fique onde está”, disse-lhe. “Não me diga nada.” Em seguida, examinou-a e apresentou-lhe um resumo do seu estado de saúde, incluindo a descrição de uma condição interna que viria a exigir cirurgia — condição que ela própria já havia diagnosticado secretamente. Estava “correto em todos os detalhes”, afirma Karagulla.¹⁰

À medida que a rede de contatos de Karagulla se expandia, foi conhecendo médico após médico com dons semelhantes, descrevendo esses encontros no seu livro *Breakthrough to Creativity*. A maioria desses clínicos desconhecia a existência de outros indivíduos com talentos idênticos e sentia-se isolada e peculiar a esse respeito. Ainda assim, descreviam invariavelmente o que viam como um “campo de energia” ou uma “teia móvel de frequências” em torno do corpo e interpenetrando-o. Alguns viam chakras, mas, por desconhecerem o termo, descreviam-nos como “vórtices de energia em determinados pontos ao longo da coluna, ligados ou influenciando o sistema endócrino”. E, quase sem exceção, mantinham as suas capacidades em segredo por receio de prejudicar a reputação profissional.

Por respeito à privacidade, Karagulla identifica-os no livro apenas pelo primeiro nome, mas afirma que entre eles se encontram cirurgiões de renome, professores de medicina da Cornell University, chefes de departamento em grandes hospitais e médicos da Mayo Clinic. “Fiquei continuamente surpreendida ao descobrir quantos membros da profissão médica possuíam capacidades de PSS”, escreve. “A maioria sentia algum desconforto em relação aos

seus dons, mas, considerando-os úteis no diagnóstico, utilizava-os. Vinham de várias regiões do país e, embora não se conhecessem entre si, relatavam experiências do mesmo tipo.” No final do seu relatório conclui: “Quando muitos indivíduos fiáveis relatam independentemente o mesmo tipo de fenómeno, é tempo de a ciência tomar conhecimento disso.”¹¹

Nem todos os profissionais de saúde se opõem a tornar públicas as suas capacidades. Uma dessas pessoas é a Dra. Dolores Krieger, professora de enfermagem na New York University. Krieger interessou-se pelo campo energético humano após participar num estudo sobre as capacidades de Oscar Estebany, um conhecido curador húngaro. Ao constatar que Estebany conseguia elevar os níveis de hemoglobina em pacientes doentes simplesmente manipulando os seus campos energéticos, decidiu aprofundar o estudo dessas energias misteriosas. Dedicou-se à investigação do *prana*, dos chakras e da aura, e acabou por se tornar aluna de Dora Kunz, outra clarividente de renome. Sob a orientação de Kunz, aprendeu a sentir bloqueios no campo energético humano e a promover a cura manipulando esse campo com as mãos.

Reconhecendo o enorme potencial médico das técnicas de Dora Kunz, Dolores Krieger decidiu ensinar a outros aquilo que aprendera. Sabendo que termos como aura e chakra teriam conotações negativas para muitos profissionais de saúde, optou por designar o seu método de cura como “toque terapêutico”. A primeira disciplina que lecionou sobre toque terapêutico foi um curso de mestrado em enfermagem na New York University intitulado “*Frontiers in Nursing: The Actualization of Potential for*

Therapeutic Field Interaction". Tanto o curso como a técnica revelaram-se tão bem-sucedidos que Krieger ensinou desde então o toque terapêutico a milhares de enfermeiros, sendo atualmente utilizado em hospitais de todo o mundo.

A eficácia do toque terapêutico foi também demonstrada em vários estudos. Por exemplo, a Dra. Janet Quinn, professora associada e diretora adjunta de investigação em enfermagem na University of South Carolina at Columbia, decidiu avaliar se o toque terapêutico poderia reduzir os níveis de ansiedade em doentes cardíacos. Para tal, concebeu um estudo duplamente cego no qual um grupo de enfermeiros treinados na técnica passava as mãos sobre o corpo de um grupo de doentes cardíacos. Um segundo grupo, sem formação, realizava o mesmo gesto sobre outro grupo de doentes, mas sem aplicar efetivamente a técnica. Quinn verificou que os níveis de ansiedade nos pacientes que receberam o tratamento genuíno diminuíram 17% após apenas cinco minutos de terapia, enquanto não houve qualquer alteração nos níveis de ansiedade dos pacientes submetidos ao tratamento "simulado". O estudo de Quinn foi tema principal da secção *Science Times* da edição de 26 de Março de 1985 do *The New York Times*.

Outro profissional de saúde que tem proferido numerosas conferências sobre o campo energético humano é o especialista em coração e pulmões da University of Southern California, W. Brugh Joy. Joy, formado tanto pela Johns Hopkins University como pela Mayo Clinic, descobriu o seu dom em 1972 ao examinar um paciente no consultório. Em vez de ver a aura, inicialmente apenas conseguiu sentir a sua presença com as mãos. "Estava a examinar

um homem saudável, na casa dos vinte anos”, relata. “Quando a minha mão passou sobre a região do plexo solar, senti algo semelhante a uma nuvem quente. Parecia irradiar-se três a quatro pés para fora do corpo, perpendicularmente à superfície, e tinha a forma de um cilindro com cerca de dez centímetros de diâmetro.”¹²

Joy viria a descobrir que todos os seus pacientes apresentavam radiações palpáveis em forma de cilindro, não apenas na zona do estômago, mas também em vários outros pontos do corpo. Só depois de ler um antigo texto hindu sobre o sistema energético humano percebeu que tinha descoberto — ou redescoberto — os chakras. Tal como Barbara Brennan, Joy considera que o modelo holográfico oferece a melhor explicação para compreender o campo energético humano. Acredita igualmente que a capacidade de ver auras é latente em todos nós. “Creio que alcançar estados ampliados de consciência é simplesmente afinar o nosso sistema nervoso central para estados percetivos que sempre existiram em nós, mas que foram bloqueados pelo nosso condicionamento mental exterior”, afirma Joy.¹³

Para demonstrar essa convicção, Joy dedica hoje grande parte do seu tempo a ensinar outros a sentir o campo energético humano. Um dos seus alunos é Michael Crichton, autor de bestsellers como *The Andromeda Strain* e *Sphere*, e realizador dos filmes *Coma* e *The First Great Train Robbery*. Na sua autobiografia de grande sucesso *Travels*, Crichton — que obteve o seu diploma médico na Harvard Medical School — descreve como aprendeu a sentir e, posteriormente, a ver o campo energético humano estudando com Joy e outros professores dotados. A experiência surpreendeu-o e

transformou-o. “Não há qualquer ilusão. É absolutamente claro que esta energia corporal é um fenómeno genuíno de algum tipo”, afirma.¹⁴

4. Padrões Holográficos do Caos

A crescente disposição de médicos para tornarem públicas tais capacidades não é a única mudança ocorrida desde as investigações de Shafica Karagulla. Ao longo dos últimos vinte anos, Valerie Hunt, fisioterapeuta e professora de cinesiologia na University of California Los Angeles, desenvolveu uma forma de confirmar experimentalmente a existência do campo energético humano. A medicina já reconhece há muito que o ser humano é um sistema eletromagnético. Os médicos utilizam rotineiramente eletrocardiógrafos para registrar eletrocardiogramas (ECG), isto é, a atividade elétrica do coração, e eletroencefalógrafos para registrar eletroencefalogramas (EEG) da atividade elétrica cerebral. Hunt descobriu que um eletromiógrafo — aparelho utilizado para medir a atividade elétrica dos músculos — pode também captar a presença elétrica do campo energético humano.

Embora a investigação inicial de Hunt se centrasse no estudo do movimento muscular humano, o seu interesse pelo campo energético surgiu após conhecer uma bailarina que afirmava utilizar o próprio campo energético para auxiliar a dança. Isso levou Hunt a realizar eletromiogramas (EMG) da atividade elétrica nos músculos da mulher enquanto esta dançava e a estudar igualmente o efeito que curadores exerciam sobre a atividade elétrica muscular de pessoas tratadas. A investigação expandiu-se gradualmente

para incluir indivíduos capazes de ver o campo energético humano — e foi nesse contexto que realizou algumas das suas descobertas mais significativas.

O intervalo normal de frequências da atividade elétrica cerebral situa-se entre 0 e 100 ciclos por segundo (cps), com a maior parte da atividade concentrada entre 0 e 30 cps. A frequência muscular pode atingir cerca de 225 cps e a cardíaca cerca de 250 cps, sendo este o limite habitual da atividade elétrica associada às funções biológicas. Para além desses valores, Hunt descobriu que os elétrodos do eletromiógrafo podiam captar outro campo energético irradiado pelo corpo — muito mais subtil e de menor amplitude do que as eletricidades corporais tradicionalmente reconhecidas — mas com frequências médias entre 100 e 1600 cps, podendo por vezes ser ainda superiores. Além disso, em vez de se originar no cérebro, no coração ou nos músculos, esse campo apresentava maior intensidade nas zonas associadas aos chakras. “Os resultados foram tão excitantes que não consegui dormir nessa noite”, relata Hunt. “O modelo científico ao qual tinha aderido durante toda a minha vida simplesmente não conseguia explicar estas descobertas.”¹⁵

Hunt verificou também que, quando um leitor de aura via determinada cor no campo energético de uma pessoa, o eletromiógrafo registava sempre um padrão específico de frequências que ela aprendeu a associar a essa cor. Consequia observar esse padrão num osciloscópio, dispositivo que converte ondas elétricas num padrão visual num ecrã monocromático. Por exemplo, quando um leitor de aura via azul no campo energético

de alguém, Hunt podia confirmar a presença dessa cor analisando o padrão exibido no osciloscópio. Num dos seus experimentos, chegou mesmo a testar simultaneamente oito leitores de aura para verificar se concordavam tanto entre si como com o osciloscópio. “Era consistente em toda a linha”, afirma Hunt.¹⁶

Após confirmar a existência do campo energético humano, Hunt também se convenceu de que o modelo holográfico oferece uma das melhores estruturas explicativas para o compreender. Para além do seu carácter frequencial, sublinha que o campo energético — e, de facto, todos os sistemas elétricos do corpo — é holográfico num outro sentido: tal como a informação num holograma, esses sistemas encontram-se distribuídos globalmente por todo o corpo. Por exemplo, embora a atividade elétrica registada por um eletroencefalógrafo seja mais intensa no cérebro, um EEG pode também ser obtido colocando um eletrodo no dedo do pé. De modo semelhante, um ECG pode ser registado no dedo mínimo. A intensidade é maior no coração, mas a frequência e o padrão mantêm-se idênticos em todo o organismo. Hunt considera este facto significativo. Embora cada porção do que denomina “realidade holográfica de campo” da aura contenha aspetos da totalidade do campo energético, as diferentes porções não são absolutamente idênticas. Essas variações de amplitude impedem que o campo energético seja um holograma estático e permitem-lhe ser dinâmico e fluido, afirma Hunt.

Uma das descobertas mais surpreendentes de Hunt é que certos talentos e capacidades parecem correlacionar-se com a presença de frequências específicas no campo energético de uma pessoa.

Verificou que, quando o foco principal da consciência de alguém está centrado no mundo material, as frequências do seu campo energético tendem a situar-se na faixa inferior, não muito afastadas dos 250 cps das frequências biológicas do corpo. Para além dessas, indivíduos com capacidades psíquicas ou de cura apresentam também frequências entre aproximadamente 400 e 800 cps. Já pessoas capazes de entrar em transe e aparentemente canalizar outras fontes de informação ignoram completamente essas frequências “psíquicas” e operam numa banda estreita entre 800 e 900 cps. “Não possuem qualquer amplitude psíquica”, afirma Hunt. “Estão lá em cima, no seu próprio campo. É estreito. Focalizado. E estão literalmente quase fora dele.”¹⁷

Pessoas com frequências acima dos 900 cps são aquilo que Hunt designa por personalidades místicas. Enquanto sensitivos e médiuns de transe funcionam muitas vezes apenas como condutas de informação, os místicos possuem a sabedoria para saber o que fazer com essa informação, afirma Hunt. Estão conscientes da inter-relação cósmica de todas as coisas e em contato com todos os níveis da experiência humana. Permanecem ancorados na realidade ordinária, mas frequentemente possuem tanto capacidades psíquicas como de transe. No entanto, as suas frequências estendem-se muito para além das bandas associadas a essas capacidades. Utilizando um eletromiógrafo modificado (que normalmente deteta frequências apenas até 20.000 cps), Hunt encontrou indivíduos com frequências tão elevadas quanto 200.000 cps no seu campo energético. Este dado é intrigante, pois as tradições místicas referem-se frequentemente a indivíduos altamente espirituais como possuidores de uma “vibração mais

elevada” do que a das pessoas comuns. Se as descobertas de Hunt estiverem corretas, parecem conferir algum fundamento a essa afirmação.

Outra das descobertas de Hunt relaciona-se com a nova ciência do caos. Como o próprio nome indica, o caos é o estudo de fenómenos caóticos, isto é, processos tão irregulares que parecem não obedecer a quaisquer leis. Por exemplo, quando o fumo sobe de uma vela acabada de apagar, ele eleva-se inicialmente num fio fino e estreito. Eventualmente, essa estrutura perde estabilidade e torna-se turbulenta. O fumo turbulento é considerado caótico porque o seu comportamento deixa de poder ser previsto pela ciência. Outros exemplos de fenómenos caóticos incluem a água ao embater na base de uma cascata, as flutuações elétricas aparentemente aleatórias que percorrem o cérebro de um epilético durante uma crise, e o estado atmosférico quando várias frentes de temperatura e pressão colidem.

Na última década, a ciência descobriu que muitos fenómenos caóticos não são tão desordenados quanto parecem e frequentemente contêm padrões e regularidades ocultas (recorde-se a afirmação de David Bohm de que não existe desordem, mas apenas ordens de grau indefinidamente elevado). Os cientistas descobriram também métodos matemáticos para revelar algumas das regularidades escondidas nos fenómenos caóticos. Um desses métodos envolve um tipo especial de análise matemática capaz de converter dados relativos a um fenómeno caótico numa forma visual exibida num ecrã de computador. Se os dados não contiverem padrões ocultos, a forma resultante será uma linha reta.

Mas, se o fenómeno caótico contiver regularidades escondidas, a imagem no ecrã assemelhar-se-á aos desenhos em espiral que as crianças criam ao enrolar fio colorido em torno de pregos dispostos numa tábua. Essas formas são designadas “padrões de caos” ou “atratores estranhos” (porque as linhas que compõem a figura parecem ser repetidamente “atraídas” para determinadas regiões do ecrã, tal como o fio parece ser sucessivamente atraído pelos pregos em torno dos quais é enrolado).

Quando Valerie Hunt observou os dados do campo energético no osciloscópio, notou que estes mudavam constantemente. Por vezes surgiam em grandes aglomerados; noutras ocasiões enfraqueciam e tornavam-se fragmentados, como se o próprio campo estivesse num estado incessante de flutuação. À primeira vista, essas variações pareciam aleatórias, mas Hunt teve a intuição de que possuíam alguma ordem subjacente. Percebendo que a análise do caos poderia revelar se essa intuição era correta, procurou um matemático. Começaram por introduzir no computador quatro segundos de dados de um ECG para ver o que acontecia: obtiveram uma linha reta. Depois analisaram a mesma quantidade de dados de um EEG e de um EMG. O EEG produziu uma linha reta e o EMG uma linha ligeiramente dilatada, mas ainda sem padrão caótico. Mesmo quando submeteram dados das frequências mais baixas do campo energético humano, o resultado foi novamente uma linha reta. Contudo, ao analisarem as frequências muito elevadas do campo, obtiveram finalmente sucesso. “Obtivemos o padrão de caos mais dinâmico que já vi”, afirma Hunt.¹⁸

Isto significava que, embora as mudanças caleidoscópicas no campo energético parecessem aleatórias, eram na realidade altamente ordenadas e ricas em estrutura. “O padrão nunca é repetível, mas é tão dinâmico e complexo que lhe chamo um padrão holográfico de caos”, declara Hunt.¹⁹

Hunt acredita que a sua descoberta constituiu o primeiro verdadeiro padrão de caos identificado num grande sistema eletrobiológico. Mais recentemente, investigadores detetaram padrões de caos em registos EEG do cérebro, mas necessitaram de muitos minutos de dados provenientes de numerosos elétrodos para obter tais padrões. Hunt conseguiu gerar um padrão de caos a partir de apenas três a quatro segundos de dados recolhidos por um único elétrodo, o que sugere que o campo energético humano é muito mais rico em informação e possui uma organização muito mais complexa e dinâmica do que até a própria atividade elétrica cerebral.

5. De Que É Feito o Campo Energético Humano?

Apesar dos aspetos elétricos do campo energético humano, Valerie Hunt não acredita que ele seja puramente eletromagnético por natureza. “Temos a sensação de que é muito mais complexo e, sem dúvida, composto por uma energia ainda não descoberta”, afirma.²⁰

Que energia desconhecida será essa? No momento presente, não o sabemos. A melhor pista provém do facto de que, quase sem

exceção, os sensitivos descrevem esse campo como possuindo uma frequência ou vibração mais elevada do que a matéria-energia comum. Dada a notável precisão com que sensitivos talentosos detetam doenças no campo energético, talvez devamos considerar seriamente esta observação. A universalidade dessa percepção — inclusive na literatura hindu antiga, que afirma que o corpo energético possui uma vibração mais elevada do que a matéria ordinária — pode indicar que tais indivíduos intuem um facto relevante acerca da natureza do campo.

A literatura hindu antiga descreve igualmente a matéria como composta por anu, ou “átomos”, e afirma que as energias vibratórias subtis do campo energético humano existem como paramanu, literalmente “para além do átomo”. Isto é particularmente interessante, pois David Bohm também sustenta que, a um nível subquântico além do átomo, existem muitas energias subtis ainda desconhecidas da ciência. Bohm admite não saber se o campo energético humano existe ou não, mas, ao comentar essa possibilidade, declara: “A ordem implicada possui muitos níveis de subtileza. Se a nossa atenção puder alcançar esses níveis de subtileza, então deveremos ser capazes de ver mais do que normalmente vemos.”²¹

Convém notar que, na realidade, não sabemos o que é um campo em sentido último. Como o próprio Bohm afirmou: “O que é um campo elétrico? Não sabemos.”²² Quando se descobre um novo tipo de campo, ele parece misterioso. Depois damos-lhe um nome, habituamo-nos a descrevê-lo e a trabalhar com as suas propriedades, e o mistério parece dissipar-se. Mas continuamos

sem saber o que é, em essência, um campo elétrico ou gravitacional. Como vimos anteriormente, nem sequer sabemos o que são os elétrons; apenas conseguimos descrever o seu comportamento. Isto sugere que o campo energético humano acabará igualmente por ser definido em termos do modo como se comporta — e que investigações como as de Hunt apenas aprofundarão a nossa compreensão.

6. Imagens Tridimensionais na Aura

Se estas energias extraordinariamente subtis são a substância de que é feito o campo energético humano, podemos assumir que possuem qualidades muito diferentes das formas de energia com que estamos habitualmente familiarizados. Uma dessas qualidades manifesta-se nas características não locais do campo energético humano. Outra — particularmente holográfica — é a capacidade da aura de se apresentar como um borrão amorfo de energia ou, ocasionalmente, de se organizar em imagens tridimensionais. Sensitivos talentosos relatam frequentemente ver tais “hologramas” a flutuar nas auras das pessoas. Essas imagens são, em regra, objetos ou ideias que ocupam um lugar proeminente nos pensamentos do indivíduo em cuja aura surgem. Algumas tradições ocultistas sustentam que tais imagens são produto da terceira camada, ou camada mental, da aura, mas, enquanto não dispusermos de meios para confirmar ou refutar essa afirmação, devemos limitar-nos aos testemunhos dos sensitivos que afirmam ver imagens na aura.

Uma dessas sensitivas é Beatrice Rich. Como sucede frequentemente, os seus poderes manifestaram-se cedo. Quando era criança, objetos na sua presença moviam-se ocasionalmente por si mesmos. Mais tarde, percebeu que sabia coisas sobre as pessoas que não tinha meios normais de conhecer. Embora tenha iniciado a carreira como artista, os seus talentos clarividentes revelaram-se tão impressionantes que decidiu dedicar-se profissionalmente à atividade psíquica. Atualmente realiza consultas para indivíduos de todas as esferas sociais — de donas de casa a diretores executivos — e artigos sobre o seu trabalho foram publicados em revistas como *New York Magazine*, *World Tennis* e *New York Woman*.

Rich vê frequentemente imagens a flutuar ou a pairar junto dos seus clientes. Numa ocasião, viu colheres de prata, pratos de prata e objetos semelhantes a circular em torno da cabeça de um homem. Como se encontrava ainda no início das suas explorações do fenómeno psíquico, a experiência surpreendeu-a. Inicialmente não compreendeu o que estava a ver. Contudo, acabou por mencionar o facto ao homem e descobriu que ele trabalhava no ramo da importação/exportação, comercializando precisamente os objetos que ela via girar em torno da sua cabeça. A experiência foi marcante e alterou para sempre a sua perceção.

Carol Dryer teve muitas experiências semelhantes. Numa leitura, viu um conjunto de batatas a rodopiar em torno da cabeça de uma mulher. Tal como Rich, ficou inicialmente perplexa, mas reuniu coragem e perguntou-lhe se as batatas tinham algum significado especial. A mulher riu-se e entregou-lhe o cartão de visita. “Ela era

do Idaho Potato Board, ou algo do gênero”, conta Dryer. “Sabe, o equivalente dos produtores de batata à American Dairy Association.”²³

Estas imagens não se limitam a pairar na aura; por vezes parecem extensões fantasmagóricas do próprio corpo. Numa ocasião, Dryer viu uma camada vaporosa e de aspeto holográfico de lama aderente às mãos e aos braços de uma mulher. Dado o aspeto impecavelmente cuidado da cliente e o seu vestuário dispendioso, Dryer não conseguia imaginar por que motivo pensamentos relacionados com mexer numa substância viscosa lhe ocupariam a mente. Perguntou-lhe se compreendia a imagem, e a mulher confirmou, explicando que era escultora e que, nessa manhã, experimentara um novo material que se colara aos seus braços e mãos exatamente como Dryer descrevera.

Também eu tive experiências semelhantes ao observar o campo energético. Numa ocasião, enquanto refletia profundamente sobre um romance que estava a escrever acerca de lobisomens (como alguns leitores sabem, tenho particular interesse por ficção de temática folclórica), reparei que a imagem fantasmagórica de um corpo de lobisomem se formara em torno do meu próprio corpo. Importa sublinhar que se tratou exclusivamente de um fenómeno visual; em momento algum senti que me tivesse tornado um lobisomem. Ainda assim, a imagem de natureza holográfica que envolvia o meu corpo era suficientemente real para que, ao levantar o braço, eu pudesse ver os pêlos individuais da pelagem e as unhas caninas que se projetavam da mão lupina que revestia a minha própria mão. Tudo nesses traços era absolutamente real, exceto o

facto de serem translúcidos, permitindo-me ver a minha mão de carne e osso por baixo. A experiência poderia ter sido assustadora, mas não o foi; senti apenas fascínio perante o que observava.

O aspeto significativo desta experiência é que Dryer era minha hóspede na altura e entrou na sala enquanto eu ainda estava envolvido por aquele corpo fantasmático de lobisomem. Reagiu de imediato e disse: “Meu Deus, deve estar a pensar no seu romance sobre lobisomens, porque tornou-se um lobisomem.” Comparámos as nossas observações e verificámos que víamos os mesmos traços. Continuámos a conversar e, à medida que os meus pensamentos se afastavam do romance, a imagem do lobisomem foi lentamente desvanecendo-se.

7. Filmes na Aura

As imagens que os sensitivos veem no campo energético nem sempre são estáticas. Beatrice Rich afirma que frequentemente observa algo semelhante a um pequeno filme transparente a decorrer em torno da cabeça do cliente: “Por vezes vejo uma pequena imagem da pessoa atrás da sua cabeça ou ombros, a fazer várias coisas que realiza na vida. Os meus clientes dizem-me que as minhas descrições são muito exatas e específicas. Consigo ver os seus escritórios e o aspeto dos seus chefes. Posso ver aquilo em que pensaram e o que lhes aconteceu nos últimos seis meses. Recentemente disse a uma cliente que via a sua casa e que tinha máscaras e flautas penduradas na parede. Ela respondeu: ‘Não, não, não.’ Eu insisti: sim, há instrumentos musicais pendurados na

parede, sobretudo flautas, e há máscaras. Então ela disse: 'Ah, essa é a minha casa de Verão.'"²⁴

Carol Dryer afirma também ver algo semelhante a filmes tridimensionais no campo energético de uma pessoa. "Normalmente são a cores, mas podem também surgir em tons castanhos ou com o aspeto de fotografias antigas. Frequentemente representam uma história sobre a pessoa, que pode levar entre cinco minutos e uma hora a desenrolar-se. As imagens são incrivelmente detalhadas. Quando vejo alguém sentado numa sala, posso dizer quantas plantas há na divisão, quantas folhas tem cada planta e quantos tijolos compõem a parede. Normalmente não entro em descrições tão minuciosas, a menos que seja pertinente."²⁵

Posso atestar a exatidão de Dryer. Sempre fui uma pessoa organizada e, quando era criança, era particularmente precoce nesse aspeto. Uma vez, aos cinco anos, passei várias horas a arrumar e organizar meticulosamente todos os meus brinquedos num armário. Quando terminei, mostrei o resultado à minha mãe e pedi-lhe, quase como uma advertência solene, que não tocasse em nada, pois não queria que desorganizasse os arranjos cuidadosamente estabelecidos. A minha mãe sempre contou este episódio com divertimento. Na minha primeira sessão com Dryer, ela descreveu esse incidente em detalhe — bem como muitos outros acontecimentos da minha vida — enquanto o via desenrolar-se como um filme no meu campo energético. Também ela sorriu ao relatá-lo.

Dryer compara as imagens que vê a hologramas e afirma que, quando escolhe uma e começa a observá-la, esta parece expandir-se até preencher toda a sala. “Se vejo algo relacionado com o ombro de uma pessoa, como uma lesão, de repente toda a cena se alarga. É aí que sinto que se trata de um holograma, porque às vezes tenho a sensação de que poderia entrar nele e fazer parte da cena. Não está a acontecer comigo, mas à minha volta. É quase como se estivesse dentro de um filme tridimensional, um filme holográfico, com a pessoa.”²⁶

A visão holográfica de Dryer não se limita a acontecimentos da vida de uma pessoa. Ela vê também representações visuais das operações da mente inconsciente. Como sabemos, o inconsciente fala numa linguagem de símbolos e metáforas. É por isso que os sonhos frequentemente parecem desconexos e enigmáticos. Contudo, quando se aprende a interpretar essa linguagem, o significado dos sonhos torna-se claro. E não são apenas os sonhos que são escritos nesse idioma. Quem está familiarizado com a linguagem da psique — aquilo a que o psicólogo Erich Fromm chamou a “linguagem esquecida”, porque a maioria de nós perdeu a capacidade de a interpretar — reconhece-a também em mitos, contos de fadas e visões religiosas.

Alguns dos filmes holográficos que Dryer vê no campo energético humano são igualmente escritos nessa linguagem e assemelham-se às mensagens metafóricas dos sonhos. Hoje sabemos que o inconsciente está ativo não apenas durante o sono, mas continuamente. Dryer consegue ultrapassar a camada da identidade vigil e contemplar diretamente o fluxo incessante de

imagens que atravessa o inconsciente. Tanto a prática como a sua intuição natural tornaram-na extremamente hábil na decifração dessa linguagem. “Os psicólogos junguianos adoram-me”, afirma Dryer.

Além disso, Dryer possui um critério particular para saber se interpretou corretamente uma imagem. “Se eu não a tiver explicado corretamente, ela não desaparece”, diz. “Permanece no campo energético. Mas, quando digo à pessoa tudo o que precisa de saber sobre determinada imagem, ela começa a dissolver-se e a desaparecer.”²⁷ Dryer acredita que é o próprio inconsciente do cliente que escolhe as imagens a mostrar-lhe. Tal como Montague Ullman, considera que a psique está constantemente a tentar ensinar ao eu consciente aquilo de que necessita para se tornar mais saudável, mais feliz e espiritualmente mais desenvolvido.

A capacidade de Dryer para observar e interpretar os mecanismos mais íntimos da psique é uma das razões pelas quais consegue provocar transformações tão profundas em muitos dos seus clientes. Quando, pela primeira vez, descreveu o fluxo de imagens que via desenrolar-se no meu próprio campo energético, tive a sensação estranha de que me estava a contar um sonho meu — com a diferença de que era um sonho que eu ainda não tinha sonhado. No início, a sequência de imagens parecia apenas misteriosamente familiar; mas, à medida que ela desvendava e explicava cada símbolo e cada metáfora, reconheci os movimentos do meu mundo interior — tanto os aspetos que aceitava como aqueles que relutava em integrar. De facto, o trabalho de sensitivos como Rich e Dryer sugere que o campo energético contém uma

quantidade imensa de informação. Talvez isso explique por que razão Valerie Hunt obteve um padrão de caos tão pronunciado ao analisar dados provenientes da aura.

A capacidade de ver imagens no campo energético humano não é recente. Há quase trezentos anos, o grande místico sueco Emanuel Swedenborg relatou que via uma “substância ondulatória” em torno das pessoas e que, nessa substância, os pensamentos se tornavam visíveis como imagens a que chamou “representações”. Comentando a incapacidade dos demais para ver essa substância ondulatória em torno do corpo, observou: “Eu podia ver conceitos sólidos de pensamento como se estivessem rodeados por uma espécie de onda. Mas nada chega à sensação [normal] humana exceto aquilo que está no centro e parece sólido.”²⁸ Swedenborg afirmava também ver representações no seu próprio campo energético: “Quando pensava em alguém que conhecia, a sua imagem aparecia tal como ele se apresentava quando era nomeado em presença humana; mas, em torno dela, como algo que fluía em ondas, estava tudo o que eu tinha conhecido e pensado sobre ele desde a infância.”²⁹

8. Avaliação Holográfica do Corpo

A frequência não é o único aspeto distribuído holograficamente por todo o campo. Os sensitivos relatam que a vasta quantidade de informação pessoal contida no campo pode igualmente ser encontrada em qualquer porção da aura corporal. Como afirma Barbara Brennan: “A aura não apenas representa, mas também contém, o todo.”³⁰ O psicólogo clínico californiano Ronald Wong Jue

concorda. Jue, antigo presidente da Association for Transpersonal Psychology e clarividente talentoso, constatou que a história de um indivíduo está igualmente contida nos “padrões energéticos” inerentes ao próprio corpo. “O corpo é uma espécie de microcosmo, um universo em si mesmo que reflete todos os diferentes fatores com que a pessoa está a lidar e a tentar integrar”, afirma Jue.

Tal como Dryer e Rich, Jue possui a capacidade psíquica de sintonizar filmes relativos às questões mais importantes da vida de uma pessoa, mas, em vez de os ver no campo energético, evoca-os na sua mente ao colocar as mãos sobre o indivíduo e literalmente psicometrizá-lo o seu corpo. Segundo Jue, essa técnica permite-lhe determinar rapidamente os guiões emocionais, os temas nucleares e os padrões relacionais mais marcantes na vida da pessoa, sendo frequentemente utilizada com os seus pacientes para facilitar o processo terapêutico. “A técnica foi-me ensinada por um colega psiquiatra chamado Ernest Pecci”, explica Jue. “Ele chamava-lhe ‘leitura do corpo’. Em vez de falar em corpo etérico e coisas desse género, optei por utilizar o modelo holográfico como forma de explicação e denominei-a Avaliação Holográfica do Corpo.”³¹ Para além de a aplicar na prática clínica, Jue ministra também seminários nos quais ensina outros a utilizar essa técnica.

9. Visão de Raios X

No capítulo anterior explorámos a possibilidade de o corpo não ser uma construção sólida, mas antes uma espécie de imagem holográfica. Outra faculdade possuída por muitos clarividentes parece reforçar essa noção: a capacidade de literalmente olhar para

o interior do corpo de uma pessoa. Indivíduos dotados para ver o campo energético conseguem, frequentemente, ajustar a sua visão e atravessar carne e ossos como se estes não passassem de camadas de névoa colorida.

No decurso da sua investigação, Shafica Karagulla encontrou várias pessoas, tanto dentro como fora da profissão médica, que possuíam essa visão de “raios X”. Uma delas, a quem chama Diane, era presidente de uma empresa. Pouco antes de a conhecer, Karagulla escreveu: “Para mim, como psiquiatra, encontrar alguém que supostamente conseguia ‘ver’ através de mim era uma inversão desconcertante dos meus procedimentos habituais.”³²

Karagulla submeteu Diane a uma série extensa de testes, apresentando-lhe pessoas e pedindo-lhe diagnósticos imediatos. Numa dessas ocasiões, Diane descreveu o campo energético de uma mulher como “murcho” e “fragmentado”, indicando um problema físico grave. Em seguida, olhou para o interior do corpo da mulher e afirmou existir uma obstrução intestinal próxima do baço. Tal surpreendeu Karagulla, pois a paciente não apresentava os sintomas típicos de uma condição tão séria. Ainda assim, a mulher consultou o médico, e as radiografias revelaram uma obstrução precisamente na área indicada por Diane. Três dias depois, foi submetida a cirurgia para remover a obstrução potencialmente fatal.

Noutra série de testes, Karagulla pediu a Diane que diagnosticasse pacientes escolhidos aleatoriamente na clínica externa de um grande hospital de Nova Iorque. Após cada

diagnóstico, Karagulla verificava a exatidão das observações consultando os registos médicos. Num caso, Diane afirmou que a hipófise da paciente (glândula situada profundamente no cérebro) estava ausente, que o pâncreas parecia não funcionar corretamente, que as mamas tinham sido afetadas e estavam agora ausentes, que havia insuficiente fluxo energético ao longo da coluna abaixo da cintura e que a paciente tinha problemas nas pernas. O relatório médico confirmava que a hipófise fora removida cirurgicamente, que a mulher tomava hormonas com impacto no pâncreas, que fora submetida a mastectomia bilateral devido a cancro, a uma cirurgia para descompressão da medula espinal e que sofrera danos nervosos que dificultavam o esvaziamento da bexiga.

Caso após caso, Diane demonstrou conseguir penetrar visualmente nas profundezas do corpo físico. Descrevia com detalhe o estado dos órgãos internos, observava a condição dos intestinos, a presença ou ausência de glândulas e até a densidade ou fragilidade dos ossos. Conclui Karagulla: “Embora eu não pudesse avaliar as suas observações sobre o corpo energético, as suas descrições das condições físicas correlacionavam-se com notável precisão com os diagnósticos médicos.”³³

Barbara Brennan também possui a capacidade de olhar para o interior do corpo humano, chamando-lhe “visão interna”. Com essa faculdade, diagnosticou com precisão fraturas ósseas, tumores fibroides e cancro. Afirma que consegue frequentemente avaliar o estado de um órgão pela sua cor: por exemplo, um fígado saudável apresenta-se vermelho-escuro; um fígado afetado por icterícia

surge num tom amarelo-acastanhado doentio; e o fígado de alguém em quimioterapia tende a apresentar-se verde-acastanhado. Tal como outros sensitivos com visão interna, Brennan consegue ajustar o foco e observar até estruturas microscópicas, como vírus e células sanguíneas individuais.

Também eu encontrei vários sensitivos com visão interna e posso corroborar a autenticidade dessa capacidade. Uma das pessoas que vi demonstrar tal aptidão foi Carol Dryer. Numa ocasião, não só diagnosticou corretamente um problema interno que eu tinha, como acrescentou uma informação surpreendente de outra natureza. Há alguns anos comecei a ter problemas no baço. Para tentar resolver a situação, iniciei exercícios diários de visualização, imaginando o meu baço num estado de integridade e saúde, banhado em luz curativa. Contudo, sendo impaciente, ao não obter resultados imediatos zanguei-me. Numa meditação seguinte, repreendi mentalmente o meu baço e exigi que começasse a funcionar como eu queria. O episódio ocorreu apenas no recato dos meus pensamentos e rapidamente o esqueci.

Dias depois, consultei Dryer e pedi-lhe que observasse o meu corpo para verificar se havia algo a considerar (não lhe mencionei o problema). De imediato descreveu o que se passava com o meu baço e depois fez uma pausa, franzindo o sobrolho. “O seu baço está muito aborrecido com alguma coisa”, murmurou. De repente perguntou: “Tem andado a ralhar com o seu baço?” Confessei, embaraçado. Dryer quase ergueu as mãos em protesto. “Não deve fazer isso. O seu baço adoeceu porque pensou que estava a fazer o que queria. Estava a receber instruções erradas de forma

inconsciente. Agora que o repreendeu, ficou ainda mais confuso.” Abanou a cabeça com preocupação. “Nunca, nunca se zangue com o seu corpo ou com os seus órgãos internos. Envie-lhes apenas mensagens positivas.”

O episódio não apenas evidenciou a habilidade de Dryer para olhar para o interior do corpo humano, como sugeriu que o meu baço possuía algum tipo de mentalidade ou consciência própria. Fez-me recordar a afirmação de Candace Pert de que já não sabe onde termina o cérebro e começa o corpo, e levou-me a questionar se talvez todos os subcomponentes corporais — glândulas, ossos, órgãos e células — possuam a sua própria forma de inteligência. Se o corpo for verdadeiramente holográfico, pode ser que a observação de Pert seja mais exata do que supomos, e que a consciência do todo esteja efetivamente contida em cada uma das suas partes.

10. Visão Interna e Xamanismo

Em algumas culturas xamânicas, a visão interna constitui um dos pré-requisitos para se tornar xamã. Entre os índios araucanos do Chile e das pampas argentinas, o xamã recém-iniciado é ensinado a rezar especificamente para obter essa faculdade. Isso deve-se ao facto de o papel principal do xamã na cultura araucana ser diagnosticar e curar doenças, tarefa para a qual a visão interna é considerada essencial.³⁴ Os xamãs australianos referem-se a essa capacidade como o “olho forte” ou “ver com o coração”.³⁵ Já os índios jívaro das encostas florestadas orientais dos Andes equatorianos adquirem-na ingerindo um extrato de uma liana da selva chamada *ayahuasca*, planta que contém uma substância

alucinogénica acreditada conferir capacidades psíquicas a quem a consome. Segundo Michael Harner, antropólogo da New School for Social Research especializado em estudos xamânicos, a *ayahuasca* permite ao xamã jívaro “ver para dentro do corpo do paciente como se fosse vidro.”³⁶

De facto, a capacidade de “ver” uma doença — quer isso implique literalmente olhar para o interior do corpo, quer signifique ver a enfermidade representada como uma espécie de holograma metafórico, como a imagem tridimensional de uma criatura demoníaca e repulsiva no interior ou nas proximidades do corpo — é universal nas tradições xamânicas. Contudo, seja qual for a cultura em que a visão interna é relatada, as suas implicações convergem: o corpo é uma construção energética e, em última instância, pode não ser mais substancial do que o próprio campo energético no qual está inserido.

11. O Campo Energético como Projeto Cósmico

A ideia de que o corpo físico é apenas mais um nível de densidade no campo energético humano — sendo ele próprio uma espécie de holograma que se coalesceu a partir dos padrões de interferência da aura — pode ajudar a explicar tanto os extraordinários poderes curativos da mente como o enorme controlo que esta exerce sobre o corpo em geral. Uma vez que uma doença pode surgir no campo energético semanas ou até meses antes de se manifestar no corpo físico, muitos sensitivos acreditam que a enfermidade tem origem no próprio campo. Isso sugere que o campo é, de algum modo, mais primário do que o corpo físico e funciona como um projeto ou

matriz a partir da qual o corpo recebe as suas instruções estruturais. Dito de outro modo, o campo energético pode constituir a versão corporal de uma ordem implicada.

Tal pode explicar as conclusões de Jeanne Achterberg e Bernie Siegel, segundo as quais os pacientes já estão a “imaginar” as suas doenças muitos meses antes de estas se manifestarem fisicamente. A medicina atual não consegue explicar como a imaginação mental poderia criar uma doença. Contudo, como vimos, as ideias que ocupam lugar central nos nossos pensamentos rapidamente se tornam imagens no campo energético. Se este campo funciona como matriz orientadora e modeladora do corpo, então ao imaginar uma doença — mesmo de forma inconsciente — e ao reforçar repetidamente a sua presença no campo, poderemos estar, de facto, a programar o corpo para a manifestar.

De forma análoga, esta ligação dinâmica entre imagens mentais, campo energético e corpo físico pode explicar por que razão a imaginação dirigida e a visualização também promovem a cura. Pode até ajudar a compreender como a fé e a meditação sobre imagens religiosas permitem a estigmatizados desenvolver protuberâncias carnosas semelhantes a pregos nas mãos. A ciência atual não dispõe de um modelo biológico que explique tal capacidade; mas a oração e a meditação constantes podem imprimir essas imagens de modo tão intenso no campo energético que a repetição persistente do padrão acaba por ganhar forma no corpo físico.

Um investigador que defende que é o campo energético que modela o corpo, e não o inverso, é Richard Gerber, médico de Detroit que dedicou mais de uma década ao estudo das implicações médicas dos campos energéticos subtis do corpo. “O corpo etérico é um modelo energético holográfico que orienta o crescimento e o desenvolvimento do corpo físico”, afirma Gerber.³⁷

Gerber sustenta ainda que as diferentes camadas da aura, tal como descritas por alguns sensitivos, desempenham um papel na relação dinâmica entre pensamento, campo energético e corpo físico. Assim como o corpo físico está subordinado ao corpo etérico, este encontra-se subordinado ao corpo astral/emocional; o astral/emocional ao mental; e assim sucessivamente, funcionando cada nível como matriz do anterior. Quanto mais subtil for a camada do campo energético onde uma imagem ou pensamento se manifesta, maior será o seu poder de cura e de reconfiguração corporal. “Porque o corpo mental alimenta o astral/emocional, que por sua vez canaliza energia para o etérico e o físico, curar ao nível mental é mais poderoso e produz resultados mais duradouros do que curar ao nível astral ou etérico”, afirma Gerber.³⁸

O físico William Tiller concorda. “Os pensamentos que se criam geram padrões ao nível mental da natureza. Assim, vemos que a doença acaba por se manifestar a partir de padrões mentais alterados, através de um efeito de catraca — primeiro ao nível etérico e, finalmente, ao nível físico, onde a vemos abertamente como doença.” Tiller acredita que muitas doenças recorrem porque a medicina trata apenas o nível físico. Se os médicos pudessem também tratar o campo energético, argumenta, obteriam curas

mais duradouras. Até lá, muitos tratamentos “não serão permanentes, porque não alterámos o holograma fundamental ao nível mental e espiritual”, sustenta.³⁹

Numa especulação mais ampla, Tiller sugere mesmo que o próprio universo pode ter começado como um campo energético subtil e gradualmente se tornado denso e material através de um processo semelhante de catraca. Segundo esta perspetiva, Deus teria criado o universo como um padrão ou ideia divina. Tal como a imagem que um sensitivo vê flutuar no campo energético humano, esse padrão funcionaria como matriz, influenciando e moldando níveis cada vez menos subtis do campo energético cósmico “ao longo da cadeia, através de uma série de hologramas”, até finalmente se coalescer num holograma de universo físico.⁴⁰

Se assim for, o corpo humano é holográfico num sentido adicional: cada um de nós seria verdadeiramente um universo em miniatura. Além disso, se os nossos pensamentos podem gerar imagens holográficas subtis não apenas no nosso campo energético, mas nos próprios níveis energéticos da realidade, isso pode ajudar a explicar como a mente humana consegue produzir alguns dos “milagres” analisados anteriormente. Pode igualmente lançar luz sobre as sincronicidades — a forma como processos e imagens oriundos das profundezas da psique conseguem tomar forma na realidade externa. Talvez os nossos pensamentos estejam continuamente a influenciar os níveis energéticos subtis do universo holográfico, mas apenas aqueles carregados de forte intensidade emocional — típicos de momentos de crise ou transformação —

possuam potência suficiente para se manifestar como cadeias de coincidências na realidade física.

12. Uma Realidade Participativa

Naturalmente, estes processos não dependem de os campos subtis de energia do universo estarem estratificados em camadas rigidamente definidas. Poderiam igualmente funcionar mesmo que esses campos subtis constituíssem um contínuo suave. De facto, tendo em conta a sensibilidade desses campos subtis aos nossos pensamentos, devemos ser extremamente cautelosos ao tentar formar ideias fixas acerca da sua organização e estrutura. Aquilo que acreditamos sobre eles pode, na verdade, ajudar a moldar e a criar a sua própria estrutura.

Talvez seja por isso que os psíquicos discordam quanto à existência de camadas no campo energético humano. Aqueles que acreditam em camadas claramente definidas podem, de facto, estar a provocar a organização do campo energético em camadas. O próprio indivíduo cujo campo energético está a ser observado pode igualmente participar nesse processo. Brennan é bastante franca a esse respeito e observa que, quanto mais um dos seus clientes compreende a diferença entre as camadas, mais nítidas e distintas se tornam as camadas do seu campo energético. Ela admite que a estrutura que vê no campo energético constitui apenas um sistema, tendo outros proposto sistemas diferentes. Por exemplo, os autores dos tantras — uma coletânea de textos iogues hindus redigidos entre os séculos IV e VI d.C. — percecionavam apenas três camadas no campo energético.

Há indícios de que as estruturas que os clarividentes inadvertidamente criam no campo energético podem ser extraordinariamente duradouras. Durante séculos, os antigos hindus acreditaram que cada chakra continha também uma letra sânscrita inscrita no seu centro. O investigador japonês Hiroshi Motoyama, psicólogo clínico que desenvolveu com sucesso uma técnica para medir a presença elétrica dos chakras, afirma que se interessou por estes porque a sua mãe — uma mulher simples dotada de capacidades naturais de clarividência — os via com clareza. No entanto, durante anos ela ficou perplexa, pois via algo semelhante a um barco à vela invertido no seu chakra cardíaco. Só quando Motoyama iniciou as suas próprias investigações descobriu que aquilo que a mãe via era, na realidade, a letra sânscrita yam, a mesma que os antigos hindus percebiam no chakra do coração.⁴¹ Alguns psíquicos, como Dryer, afirmam também ver letras sânscritas nos chakras; outros não. A única explicação plausível parece ser que os psíquicos que veem essas letras estão, na verdade, a sintonizar-se com estruturas holográficas há muito impostas ao campo energético pelas crenças dos antigos hindus.

À primeira vista, esta noção pode parecer estranha, mas possui um precedente. Como vimos, um dos princípios fundamentais da física quântica sustenta que não estamos simplesmente a descobrir a realidade, mas a participar na sua criação. Pode acontecer que, à medida que sondamos níveis da realidade para além do átomo — níveis onde as energias subtis da aura humana parecem situar-se —, a natureza participativa da realidade se torne ainda mais pronunciada. Assim, devemos ser extremamente prudentes ao afirmar que descobrimos uma determinada estrutura ou padrão no

campo energético humano, quando podemos ter, na verdade, criado aquilo que encontramos.

13. A Mente e o Campo Energético Humano

É significativo que um exame do campo energético humano conduza exatamente à mesma conclusão a que Pribram chegou ao descobrir que o cérebro converte a informação sensorial numa linguagem de frequências. Ou seja, que coexistem duas realidades: numa, os nossos corpos parecem ser concretos e possuir uma localização precisa no espaço e no tempo; noutra, o nosso próprio ser parece existir primordialmente como uma nuvem cintilante de energia, cuja localização última no espaço é algo ambígua. Esta constatação levanta questões profundas. Uma delas é: o que acontece à mente? Fomos ensinados a considerar a mente como produto do cérebro; mas, se o cérebro e o corpo físico são apenas hologramas — a parte mais densa de um contínuo cada vez mais subtil de campos energéticos — que implicações tem isso para a mente? A investigação sobre o campo energético humano sugere uma resposta.

Recentemente, uma descoberta dos neurofisiologistas Benjamin Libet e Bertram Feinstein, no Hospital Mount Zion, em São Francisco, provocou agitação na comunidade científica. Mediram o tempo que um estímulo táctil aplicado à pele de um paciente levava a alcançar o cérebro sob a forma de sinal elétrico. O paciente deveria também premir um botão quando se tornasse consciente do toque. Verificaram que o cérebro registava o estímulo 0,0001

segundo após a sua aplicação, e que o paciente premia o botão 0,1 segundo depois.

Contudo, de forma notável, o paciente só relatava estar conscientemente ciente do estímulo — e do ato de premir o botão — *quase 0,5 segundos depois*. Isto significava que a decisão de responder estava a ser tomada pela mente inconsciente. A consciência era o elemento mais lento na sequência. Mais perturbador ainda: nenhum dos pacientes testados tinha consciência de que a sua mente inconsciente já os levava a premir o botão antes de terem decidido conscientemente fazê-lo. O cérebro parecia criar a confortável ilusão de controlo consciente da ação, quando tal não ocorrera.⁴² Alguns investigadores começaram, por isso, a questionar se o livre-arbítrio não será uma ilusão. Estudos posteriores indicaram que, cerca de um segundo e meio antes de “decidirmos” mover um músculo — por exemplo, levantar um dedo — o cérebro já começou a gerar os sinais necessários para o movimento.⁴³ Quem decide, então? A mente consciente ou a inconsciente?

Hunt vai ainda mais longe. Descobriu que o campo energético humano responde a estímulos antes mesmo do cérebro. Registrando simultaneamente EMG (eletromiografia) do campo energético e EEG (eletroencefalografia) do cérebro, observou que, ao produzir um som alto ou um clarão intenso, o EMG do campo energético registava o estímulo antes de este surgir no EEG cerebral. O que significa isto? Segundo Hunt, talvez tenhamos sobrevalorizado o cérebro como elemento ativo na relação entre o ser humano e o mundo. O cérebro seria um excelente computador, mas os aspetos

da mente ligados à criatividade, imaginação e espiritualidade não se encontrariam nele. A mente, afirma, não está no cérebro, mas no campo.⁴⁴

Dryer também observou que o campo energético reage antes de a pessoa registrar conscientemente uma resposta. Por isso, em vez de avaliar as reações dos seus clientes através das expressões faciais, fecha os olhos e observa as alterações no campo energético. Afirma que consegue ver as cores mudarem enquanto fala, percebendo como o interlocutor se sente relativamente ao que está a ouvir. Se o campo se torna enevoado, interpreta isso como sinal de incompreensão.⁴⁵

Se a mente não estiver no cérebro, mas no campo energético que permeia tanto o cérebro como o corpo físico, isso pode explicar por que é que psíquicos como Dryer afirmam ver tanto conteúdo psíquico no campo. Poderá também esclarecer como um órgão como o baço — normalmente não associado ao pensamento — pôde manifestar uma forma rudimentar de inteligência. Se a mente reside no campo, então a nossa consciência — a dimensão pensante e senciante de nós próprios — poderá não estar confinada ao corpo físico. E, como veremos, existem indícios consideráveis que apoiam esta hipótese.

Importa agora considerar outra questão. Num universo holográfico, não é apenas a solidez do corpo que pode ser ilusória. Bohm sustenta que o próprio tempo não é absoluto, mas desdobra-se a partir da ordem implicada. Isto sugere que a divisão linear do tempo em passado, presente e futuro pode ser apenas mais uma

construção da mente. No capítulo seguinte serão examinadas as evidências que sustentam esta ideia, bem como as suas implicações para a nossa vida aqui e agora.

PARTE TRÊS

Espaço e Tempo

O xamanismo e outras áreas semelhantes de investigação, envoltas em mistério, ganharam relevância por postularem novas concepções acerca da mente e do espírito. Falam de realidades como a expansão vasta do domínio da consciência... da crença, do conhecimento e até da experiência de que o nosso mundo físico, apreendido pelos sentidos, é apenas uma ilusão, um mundo de sombras; e de que o instrumento tridimensional a que chamamos corpo serve apenas como recipiente ou morada de Algo infinitamente maior e mais abrangente do que esse corpo — Algo que constitui a matriz da vida real.

— Holger Kalweit

Tempo do Sonho e Espaço Interior

CAPÍTULO 7

Tempo Fora da Mente

O “lar” da mente, como de todas as coisas, é a ordem implicada. Nesse nível — que constitui o plenum fundamental de todo o universo manifesto — não existe tempo linear. O domínio implicado é atemporal; os momentos não se encadeiam em série como contas enfiadas num fio.

— Larry Dossey
Recuperar a Alma

Enquanto o homem fitava o vazio, a sala em que se encontrava tornou-se fantasmagórica e transparente, e no seu lugar materializou-se uma cena de um passado distante. Subitamente, encontrava-se no pátio de um palácio e, diante dele, estava uma jovem de pele oliva, muito bela. Via-lhe as jóias de ouro ao pescoço, nos pulsos e nos tornozelos, o vestido branco e translúcido, e o cabelo negro entrançado, reunido com dignidade sob uma tiara alta de forma quadrada. Ao observá-la, informações sobre a sua vida inundaram-lhe a mente. Sabia que era egípcia, filha de um príncipe — mas não de um faraó. Era casada. O marido era esguio e usava o cabelo em numerosas pequenas tranças que lhe caíam de ambos os lados do rosto.

O homem podia também acelerar a cena, percorrendo os acontecimentos da vida da mulher como se não fossem mais do que um filme. Viu que ela morreu durante o parto. Observou os longos e intrincados procedimentos do embalsamamento, a procissão fúnebre, os rituais que acompanharam a deposição no sarcófago e, quando terminou, as imagens esvaneceram-se e a sala voltou a tornar-se visível.

O nome do homem era Stefan Ossowiecki, polaco nascido na Rússia e um dos mais dotados clarividentes do século, e a data era 14 de Fevereiro de 1935. A sua visão do passado fora evocada quando manuseou um fragmento petrificado de um pé humano.

Ossowiecki revelou-se tão hábil na psicometria de artefatos que acabou por chamar a atenção de Stanislaw Poniowski, professor da Universidade de Varsóvia e o etnólogo mais eminente da Polónia na época. Poniowski testou-o com diversos sílex e outras ferramentas de pedra provenientes de sítios arqueológicos de várias partes do mundo. A maioria desses objetos líticos, como são designados, era tão discreta que apenas um olhar treinado poderia reconhecer neles o trabalho de mãos humanas. Tinham também sido previamente certificados por especialistas, de modo que Poniowski conhecia as suas idades e origens históricas — informações que manteve cuidadosamente ocultas de Ossowiecki.

Isso, contudo, não fez diferença. Repetidamente, Ossowiecki identificava corretamente os objetos, descrevendo a sua antiguidade, a cultura que os produzira e os locais geográficos onde haviam sido encontrados. Em várias ocasiões, os locais indicados

por Ossowiecki divergiam das anotações de Poniatowski, mas este descobriu que eram sempre as suas notas que estavam erradas, e não as informações do clarividente.

Ossowiecki trabalhava sempre do mesmo modo. Tomava o objeto nas mãos e concentrava-se até que a sala diante dele — e até o seu próprio corpo — se tornassem sombrios e quase inexistentes. Após essa transição, encontrava-se a observar um filme tridimensional do passado. Podia então deslocar-se livremente na cena e ver o que desejasse. Enquanto contemplava o passado, movia inclusive os olhos de um lado para o outro, como se aquilo que descrevia tivesse presença física real diante de si.

Via a vegetação, as pessoas e as habitações em que viviam. Numa ocasião, após manusear um instrumento de pedra da cultura magdaleniana — um povo do Paleolítico Superior que floresceu em França entre cerca de 15.000 e 10.000 a.C. — Ossowiecki disse a Poniatowski que as mulheres magdalenianas possuíam penteados muito complexos. À época, tal afirmação pareceu absurda, mas descobertas posteriores de estatuetas de mulheres magdalenianas com elaboradas coiffures (*penteados elaborados*) provaram que estava correto.

Ao longo das experiências, Ossowiecki forneceu mais de uma centena de informações deste tipo — detalhes sobre o passado que inicialmente pareceram imprecisos, mas que mais tarde se revelaram exatos. Afirmou que os povos da Idade da Pedra utilizavam lamparinas a óleo, e foi confirmado quando escavações na Dordogne, em França, trouxeram à luz lamparinas com

exatamente o tamanho e o estilo que descrevera. Produziu desenhos detalhados dos animais que diversos povos caçavam, do estilo das cabanas em que habitavam e dos seus costumes funerários — afirmações que foram posteriormente corroboradas por descobertas arqueológicas.¹

O trabalho de Poniatowski com Ossowiecki não é um caso isolado. Norman Emerson, professor de Antropologia na Universidade de Toronto e vice-presidente fundador da Associação Arqueológica Canadiana, também investigou a utilização de clarividentes em trabalho arqueológico. A investigação de Emerson centrou-se num motorista de camião chamado George McMullen. Tal como Ossowiecki, McMullen possui a capacidade de psicometrizar objetos e utilizá-los para sintonizar cenas do passado. Pode também aceder ao passado simplesmente visitando um sítio arqueológico. Uma vez no local, caminha de um lado para o outro até se orientar. Depois começa a descrever as pessoas e a cultura que outrora floresceram ali. Numa dessas ocasiões, Emerson observou McMullen a percorrer a passos largos uma faixa de terreno nu, marcando o que afirmava ser a localização de uma casa comunal iroquesa. Emerson assinalou a área com estacas de levantamento topográfico e, seis meses depois, desenterrou a estrutura antiga exatamente onde McMullen indicara.²

Embora Emerson tenha começado como cético, o seu trabalho com McMullen transformou-o num crente. Em 1973, numa conferência anual dos principais arqueólogos do Canadá, declarou: “Estou convicto de que recebi conhecimento acerca de artefatos e sítios arqueológicos através de um informador psíquico que me

transmite essa informação sem qualquer evidência do uso consciente do raciocínio.” Concluiu afirmando que as demonstrações de McMullen abriam “uma perspectiva inteiramente nova” na arqueologia, e que a investigação sobre a utilização adicional de psíquicos em estudos arqueológicos deveria receber “prioridade máxima”.³

De facto, a *retrocognição* — ou seja, a capacidade de certos indivíduos deslocarem o foco da sua atenção e literalmente contemplarem o passado — foi confirmada repetidamente por investigadores. Numa série de experiências realizadas na década de 1960, W. H. C. Tenhaeff, diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade Estatal de Utrecht, e Marius Valkhoff, decano da Faculdade de Artes da Universidade de Witwatersrand, em Joanesburgo, África do Sul, verificaram que o célebre médium neerlandês Gerard Croiset conseguia psicometrizar até o mais pequeno fragmento de osso e descrever com precisão o seu passado.⁴ O Dr. Lawrence LeShan, psicólogo clínico de Nova Iorque e outro cético convertido, conduziu experiências semelhantes com a conhecida médium americana Eileen Garrett.⁵ Na reunião anual de 1961 da Associação Americana de Antropologia, o arqueólogo Clarence W. Weiant revelou que não teria feito a sua famosa descoberta em Tres Zapotes — considerada universalmente uma das mais importantes descobertas arqueológicas da Mesoamérica — sem a assistência de um psíquico.⁶

Stephan A. Schwartz, antigo membro da equipa editorial da *National Geographic* e participante no Grupo de Discussão do Secretário da Defesa do MIT sobre Inovação, Tecnologia e

Sociedade, acredita que a retrocognição não é apenas real, mas que acabará por precipitar uma mudança na realidade científica tão profunda como as que se seguiram às descobertas de Copérnico e Darwin. Schwartz sustenta esta posição com tal convicção que escreveu uma história abrangente da parceria entre clarividentes e arqueólogos intitulada *The Secret Vaults of Time*. “Durante três quartos de século, a arqueologia psíquica tem sido uma realidade”, afirma. “Esta nova abordagem tem demonstrado amplamente que o quadro espaço-temporal, tão crucial para a grande visão materialista do mundo, está longe de ser um constructo tão absoluto quanto a maioria dos cientistas acredita.”⁷

1. O Passado como Holograma

Tais capacidades sugerem que o passado não está perdido, mas continua a existir sob alguma forma acessível à percepção humana. A nossa visão habitual do universo não contempla tal possibilidade, mas o modelo holográfico admite-a. A noção de Bohm de que o fluxo do tempo é produto de uma série constante de desdobramentos e re-envolvimentos sugere que, à medida que o presente se envolve e se torna parte do passado, não deixa de existir; simplesmente regressa ao armazém cósmico da ordem implicada. Ou, como Bohm afirma: “O passado está ativo no presente como uma espécie de ordem implicada.”⁸

Se, como Bohm propõe, a consciência também tem a sua origem na ordem implicada, então a mente humana e o registo holográfico do passado já existem no mesmo domínio; são, por assim dizer, vizinhos. Assim, uma simples deslocação do foco da atenção poderá

ser suficiente para aceder ao passado. Clarividentes como McMullen e Ossowiecki podem ser apenas indivíduos que possuem uma aptidão inata para efetuar essa mudança; mas, tal como sucede com tantas outras capacidades humanas extraordinárias que temos considerado, a hipótese holográfica sugere que esse talento está latente em todos nós.

Uma metáfora para o modo como o passado é armazenado na ordem implicada pode igualmente ser encontrada no holograma. Se cada fase de uma atividade — por exemplo, uma mulher a soprar uma bolha de sabão — for registada como uma série de imagens sucessivas num holograma de imagens múltiplas, cada imagem torna-se semelhante a um fotograma de um filme. Se o holograma for um “holograma de luz branca” — isto é, um pedaço de película holográfica cuja imagem pode ser vista a olho nu e não necessita de luz laser para se tornar visível — quando um observador passa diante da película e altera o ângulo da sua perceção, verá algo equivalente a um filme tridimensional da mulher a soprar a bolha de sabão. Ou seja, à medida que as diferentes imagens se desdobram e re-envolvem, parecem fluir umas nas outras e apresentar a ilusão de movimento.

Alguém não familiarizado com hologramas poderia supor erroneamente que as várias etapas do soprar da bolha são transitórias e, uma vez percebidas, não podem voltar a ser vistas. Mas não é assim. Toda a atividade permanece sempre registada no holograma; é a mudança de perspetiva do observador que cria a ilusão de que o processo se desenrola no tempo. A teoria holográfica sugere que o mesmo sucede com o nosso próprio passado. Em vez

de se dissipar no nada, também ele permanece registado no holograma cósmico e pode sempre ser novamente acedido.

Outra característica sugestivamente holográfica da experiência retrocognitiva é a tridimensionalidade das cenas a que se acede. Por exemplo, a médium Rich, que também psicometriza objetos, afirma compreender o que Ossowiecki queria dizer ao declarar que as imagens que via eram tão tridimensionais e reais — ou até mais reais — do que a sala onde estava sentado. “É como se a cena assumisse o controlo”, diz Rich. “Torna-se dominante e, quando começa a desenrolar-se, eu passo efetivamente a fazer parte dela. É como estar em dois lugares ao mesmo tempo. Tenho consciência de que estou sentada numa sala, mas também estou na cena.”⁹

Igualmente holográfica é a natureza não-local dessa capacidade. Os psíquicos conseguem aceder ao passado de um determinado sítio arqueológico tanto quando se encontram no local como quando estão a muitos quilómetros de distância. Por outras palavras, o registo do passado não parece estar armazenado num único ponto, mas, tal como a informação num holograma, é não-local e pode ser acedido a partir de qualquer ponto da estrutura espaço-temporal. O carácter não-local do fenómeno é ainda sublinhado pelo facto de alguns psíquicos nem sequer necessitarem de recorrer à psicometria para sintonizar o passado. O célebre clarividente do Kentucky, Edgar Cayce, conseguia aceder ao passado simplesmente deitando-se num sofá em sua casa e entrando num estado semelhante ao sono. Ditou volumes sobre a história da humanidade e foi frequentemente surpreendentemente exato. Por exemplo, indicou a localização e descreveu o papel histórico da comunidade

essência em Qumran onze anos antes de a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto — nas grutas acima de Qumran — confirmar as suas declarações.¹⁰

É interessante notar que muitos indivíduos retrocognitivos também conseguem ver o campo energético humano. Quando era criança, a mãe de Ossowiecki administrava-lhe gotas nos olhos na tentativa de eliminar as faixas coloridas que ele dizia ver à volta das pessoas; e McMullen também consegue diagnosticar o estado de saúde de alguém observando o seu campo. Isto sugere que a retrocognição pode estar ligada à capacidade de perceber os aspetos mais subtis e vibratórios da realidade. Dito de outro modo, o passado pode ser apenas mais um dos elementos codificados no domínio das frequências de Pribram — uma porção dos padrões de interferência cósmicos que a maioria de nós elimina percetivamente, e que apenas alguns conseguem sintonizar e converter em imagens de tipo holográfico. “Talvez, no estado holográfico — no domínio das frequências — quatro mil anos atrás seja amanhã”, afirma Pribram.¹¹

2. Fantasmas do Passado

A ideia de que o passado está holograficamente registado nas “ondas cósmicas” e pode ocasionalmente ser captado pela mente humana e convertido em hologramas pode também explicar, pelo menos em parte, certos fenómenos de assombração. Muitas aparições fantasmagóricas parecem ser pouco mais do que hologramas — registos tridimensionais de alguma pessoa ou cena do passado. Uma teoria sustenta que os fantasmas são a alma ou

o espírito de indivíduos falecidos; contudo, nem todas as aparições são humanas. Existem numerosos casos documentados de pessoas que viram fantasmas de objetos inanimados, o que põe em causa a ideia de que as aparições sejam almas desencarnadas. *Phantasms of the Living*, uma obra monumental em dois volumes contendo relatos bem documentados de assombrações e outros fenómenos paranormais, compilada pela Society for Psychical Research, em Londres, apresenta muitos exemplos desse género. Num caso, por exemplo, um oficial militar britânico e a sua família observaram uma carruagem espectral puxada por cavalos entrar no relvado da sua propriedade e deter-se. A carruagem parecia tão real que o filho do oficial se aproximou e viu o que lhe pareceu ser uma figura feminina no interior. A imagem desapareceu antes que pudesse observá-la melhor, e não deixou quaisquer marcas de cascos ou rodas.¹²

Quão comuns são tais experiências? Não sabemos com exatidão. Contudo, estudos realizados nos Estados Unidos e em Inglaterra indicam que entre 10% e 17% da população geral afirmam ter visto uma aparição, o que sugere que esses fenómenos podem ser muito mais frequentes do que geralmente se supõe.¹³

A noção de que certos acontecimentos deixam impressões mais fortes no registo holográfico do que outros é igualmente sustentada pela tendência de as assombrações ocorrerem em locais onde se verificaram atos violentos ou acontecimentos emocionalmente intensos. A literatura está repleta de relatos de aparições em cenários de homicídios, batalhas militares e outras formas de devastação. Isto sugere que, além de imagens e sons, também as emoções vividas durante um evento ficam registadas no holograma

cósmico. Mais uma vez, parece ser a intensidade emocional desses acontecimentos que os torna mais proeminentes no registo holográfico, permitindo que indivíduos comuns lhes acedam inadvertidamente.

E, novamente, muitas dessas assombrações parecem ser menos o produto de espíritos infelizes presos à Terra e mais vislumbres acidentais do registo holográfico do passado. A própria literatura sobre o tema apoia esta interpretação. Em 1907, e a instâncias do poeta William Butler Yeats, o antropólogo e estudioso das religiões W. Y. Evans-Wentz iniciou uma viagem de dois anos pela Irlanda, Escócia, País de Gales, Cornualha e Bretanha para entrevistar pessoas que alegadamente haviam encontrado fadas e outros seres sobrenaturais. Empreendeu o projeto porque Yeats lhe dissera que, à medida que os valores do século XX substituíam as antigas crenças, os encontros com fadas se tornavam menos frequentes e precisavam de ser documentados antes que a tradição desaparecesse por completo.

À medida que Evans-Wentz percorria aldeias entrevistando os geralmente idosos defensores da fé tradicional, descobriu que nem todas as fadas encontradas em vales e prados iluminados pela lua eram pequenas. Algumas eram altas e semelhantes a seres humanos comuns, exceto pelo facto de serem luminosas e translúcidas e apresentarem o curioso hábito de usar vestuário de épocas históricas anteriores.

Além disso, essas “fadas” apareciam frequentemente em ou junto de ruínas arqueológicas — túmulos, menires, fortalezas do

século VI em ruínas, entre outros — e envolviam-se em atividades associadas a tempos passados. Evans-Wentz entrevistou testemunhas que afirmavam ter visto fadas vestidas à moda elisabetana participando em caçadas, fadas que marchavam em procissões espectrais de e para os restos de antigos fortes, e fadas que tocavam sinos nas ruínas de igrejas antigas. Uma atividade de que pareciam particularmente apreciar era a guerra. No seu livro *The Fairy-Faith in Celtic Countries*, Evans-Wentz apresenta o testemunho de dezenas de pessoas que alegavam ter visto esses conflitos espectrais: prados iluminados pela lua repletos de homens combatendo com armaduras medievais, ou charnecas desertas cobertas de soldados com uniformes coloridos. Por vezes, esses confrontos eram estranhamente silenciosos; noutras ocasiões, produziam um estrondo ensurdecedor; e, talvez de forma mais inquietante, por vezes eram audíveis, mas invisíveis.

A partir destes relatos, Evans-Wentz concluiu que pelo menos alguns dos fenómenos interpretados como fadas eram, na verdade, uma espécie de pós-imagem de acontecimentos ocorridos no passado. “A própria Natureza possui memória”, teorizou. “Existe algum elemento psíquico indefinível na atmosfera da Terra sobre o qual todas as ações ou fenómenos humanos e físicos são fotografados ou impressos. Em determinadas condições inexplicáveis, pessoas normais que não são videntes podem observar os registos mentais da Natureza como imagens projetadas num ecrã — frequentemente como imagens em movimento.”¹⁴

Quanto à razão pela qual os encontros com fadas se tornavam menos frequentes, uma observação feita por um dos entrevistados

de Evans-Wentz oferece uma pista. O entrevistado, um idoso chamado John Davies, residente na Ilha de Man, após descrever numerosos avistamentos do “povo bom”, declarou: “Antes de a educação chegar à ilha, mais pessoas conseguiam ver as fadas; agora muito poucas conseguem.”¹⁵ Se a “educação” incluía, sem dúvida, a desaprovação da crença em fadas, a observação de Davies sugere que foi uma mudança de atitude que levou ao atrofiamento das amplas capacidades retrocognitivas do povo manês. Mais uma vez, sublinha-se o enorme poder das nossas crenças na determinação das potencialidades extraordinárias que manifestamos — e das que deixamos por manifestar.

Mas quer as nossas crenças nos permitam ver esses filmes do passado semelhantes a hologramas, quer levem o cérebro a eliminá-los da percepção, as evidências sugerem que eles existem de qualquer modo. E tais experiências não se limitam aos países celtas. Há relatos de testemunhas que viram soldados fantasmas trajando antigos trajes hindus na Índia.¹⁶ No Havai, essas manifestações espectrais são bem conhecidas, e livros sobre as ilhas estão repletos de relatos de pessoas que afirmam ter visto procissões fantasmagóricas de guerreiros havaianos, envergando capas de penas e marchando com maças de guerra e tochas.¹⁷ Avistamentos de exércitos espectrais travando batalhas igualmente fantasmagóricas são mesmo mencionados em textos assírios antigos.¹⁸

Ocasionalmente, os historiadores conseguem reconhecer o acontecimento que está a ser “reproduzido”. Às quatro da manhã de 4 de Agosto de 1951, duas mulheres inglesas que passavam

férias na aldeia costeira de Puys, em França, foram despertadas pelo som de tiros. Correram para a janela, mas ficaram chocadas ao constatar que a aldeia e o mar além estavam tranquilos e desprovidos de qualquer atividade que pudesse justificar o que ouviam. A Sociedade Britânica de Investigação Psíquica investigou o caso e descobriu que a cronologia dos acontecimentos descrita pelas mulheres correspondia exatamente aos registos militares de um ataque que os Aliados haviam realizado contra os alemães em Puys, a 19 de Agosto de 1942. Ao que parece, as mulheres tinham ouvido o eco de um massacre ocorrido nove anos antes.¹⁹

Embora a intensidade sombria de tais acontecimentos lhes confira maior destaque na paisagem holográfica, não devemos esquecer que, contidas no cintilante registo holográfico do passado, se encontram também todas as alegrias da humanidade. Trata-se, em essência, de uma biblioteca de tudo o que alguma vez existiu; e aprender a aceder a esse tesouro deslumbrante e infinito, de forma mais ampla e sistemática, poderá expandir o nosso conhecimento tanto de nós próprios como do universo em modos que ainda não ousámos imaginar. Poderá chegar o dia em que consigamos manipular a realidade como o cristal na analogia de Bohm, fazendo com que o real e o invisível se desloquem caleidoscopicamente, evocando imagens do passado com a mesma facilidade com que hoje abrimos um programa no computador. Mas nem mesmo isso esgota o que uma compreensão mais holográfica do tempo poderá oferecer.

3. O Futuro Holográfico

Por mais desconcertante que seja ter acesso a todo o passado, essa ideia empalidece perante a noção de que o futuro também pode estar acessível no holograma cósmico. No entanto, existe um vastíssimo corpo de evidências que indica que, pelo menos alguns acontecimentos futuros, são tão acessíveis quanto os passados. Isto foi amplamente demonstrado em centenas de estudos. Na década de 1930, J. B. e Louisa Rhine descobriram que voluntários conseguiam adivinhar quais as cartas que seriam retiradas aleatoriamente de um baralho com uma taxa de sucesso superior ao acaso, numa proporção de três milhões para um.²⁰ Na década de 1970, Helmut Schmidt, físico da Boeing Aircraft em Seattle, Washington, desenvolveu um dispositivo que lhe permitiu testar se as pessoas conseguiam prever eventos subatômicos aleatórios. Em testes repetidos com três voluntários, ao longo de mais de sessenta mil ensaios, obteve resultados cuja probabilidade contra o acaso era da ordem de mil milhões para um.²¹

No seu trabalho no Laboratório do Sono do Maimonides Medical Center, Montague Ullman, juntamente com o psicólogo Stanley Krippner e o investigador Charles Honorton, produziu evidências convincentes de que informações precognitivas exatas também podem ser obtidas em sonhos. No estudo, os voluntários passavam oito noites consecutivas no laboratório do sono, e em cada noite era-lhes pedido que tentassem sonhar com uma imagem que seria escolhida aleatoriamente no dia seguinte e então mostrada aos próprios. Ullman e os seus colegas esperavam obter um acerto em

oito tentativas, mas verificaram que alguns participantes conseguiam até cinco “acertos” em oito.

Por exemplo, após despertar, um voluntário relatou ter sonhado com “um grande edifício de betão” do qual um “paciente” tentava escapar. O paciente usava uma bata branca, semelhante à de um médico, e tinha conseguido avançar apenas “até ao arco”. No dia seguinte, a pintura escolhida aleatoriamente revelou-se ser *Hospital Corridor at St. Rémy*, de Van Gogh — uma aguarela que representa um paciente solitário no fundo de um corredor vasto e sombrio, saindo rapidamente por uma porta situada sob um arco.²²

Nos seus experimentos de visão remota no Stanford Research Institute, Puthoff e Targ descobriram que, além de descreverem psiquicamente locais remotos que os experimentadores estavam a visitar no presente, os participantes também conseguiam descrever locais que os experimentadores visitariam no futuro — antes mesmo de esses locais terem sido decididos. Num caso, por exemplo, uma participante particularmente talentosa chamada Hella Hammid, fotógrafa de profissão, foi convidada a descrever o local que Puthoff visitaria dali a meia hora. Concentrou-se e disse que o via entrar num “triângulo de ferro preto”. O triângulo era “maior do que um homem” e, embora não soubesse exatamente o que era, conseguia ouvir um som rítmico, semelhante a um chiar, ocorrendo “cerca de uma vez por segundo”.

Dez minutos antes de Hammid realizar essa descrição, Puthoff tinha partido para um percurso de meia hora pelas zonas de Menlo Park e Palo Alto. No final da meia hora — e já depois de Hammid

ter registado a sua percepção do triângulo de ferro preto — Puthoff retirou dez envelopes selados contendo dez locais-alvo diferentes. Utilizando um gerador de números aleatórios, escolheu um ao acaso. No interior encontrava-se a morada de um pequeno parque situado a cerca de seis milhas do laboratório. Dirigiu-se até lá e, ao chegar, encontrou um baloiço infantil — o triângulo de ferro preto — e entrou no seu interior. Quando se sentou, o baloiço rangia ritmicamente enquanto oscilava para trás e para a frente.²³

As conclusões precognitivas de visão remota de Puthoff e Targ foram replicadas por numerosos laboratórios em todo o mundo, incluindo a instalação de investigação de Jahn e Dunne em Princeton. De facto, em 334 ensaios formais, Jahn e Dunne verificaram que os voluntários conseguiam obter informação precognitiva exata em 62% dos casos.²⁴

Ainda mais impressionantes são os resultados dos chamados “testes da cadeira”, uma célebre série de experiências concebida por Croiset. Primeiro, o experimentador seleccionava aleatoriamente uma cadeira a partir do plano de lugares de um evento público futuro num grande salão ou auditório. O local podia situar-se em qualquer cidade do mundo, e apenas eventos sem lugares reservados eram elegíveis. Em seguida, sem revelar a Croiset o nome ou a localização do recinto, nem a natureza do evento, o experimentador pedia ao médium neerlandês que descrevesse quem estaria sentado naquela cadeira na noite em questão.

Ao longo de um período de vinte e cinco anos, numerosos investigadores na Europa e na América submeteram Croiset ao rigor

deste teste e constataram que ele era quase sempre capaz de fornecer uma descrição exata e detalhada da pessoa que ocuparia a cadeira — incluindo o gênero, traços faciais, vestuário, profissão e até episódios do seu passado.

Por exemplo, a 6 de Janeiro de 1969, num estudo conduzido pelo Dr. Jule Eisenbud, professor clínico de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade do Colorado, foi dito a Croiset que uma cadeira tinha sido escolhida para um evento que ocorreria a 28 de Janeiro de 1969. Croiset, que se encontrava em Utrecht, na Holanda, afirmou que a pessoa que se sentaria na cadeira seria um homem com cerca de um metro e setenta e cinco de altura, que penteava o cabelo preto para trás, possuía um dente de ouro na mandíbula inferior, uma cicatriz no dedo grande do pé, trabalhava tanto na ciência como na indústria e, por vezes, manchava a bata de laboratório com uma substância química esverdeada. A 23 de Janeiro de 1969, o homem que se sentou na cadeira — situada num auditório em Denver, Colorado — correspondia à descrição de Croiset em todos os aspetos, exceto num: não media um metro e setenta e cinco, mas um metro e setenta e cinco e quase dois centímetros.²⁵

E a lista continua indefinidamente.

Qual é a explicação para tais resultados? Krippner acredita que a afirmação de Bohm, segundo a qual a mente pode aceder à ordem implicada, constitui uma possível explicação.²⁶ Tanto Puthoff como Targ consideram que a interconetividade quântica não-local desempenha um papel na precognição, e Targ afirmou que, durante

uma experiência de visão remota, a mente parece conseguir aceder a uma espécie de “sopa holográfica”, ou domínio, no qual todos os pontos estão infinitamente interligados não apenas no espaço, mas também no tempo.²⁷

O Dr. David Loye, psicólogo clínico e antigo membro do corpo docente das faculdades de Medicina de Princeton e da UCLA, concorda. “Para aqueles que ponderam o enigma da precognição, a teoria da mente holográfica de Pribram-Bohm parece oferecer a maior esperança até agora de progresso rumo à solução procurada”, afirma. Loye, atualmente codiretor do Institute for Future Forecasting, no norte da Califórnia, sabe do que fala. Passou as últimas duas décadas a investigar a precognição e a arte da previsão em geral, desenvolvendo técnicas destinadas a ajudar as pessoas a entrarem em contato com a sua própria percepção intuitiva do futuro.²⁸

A natureza semelhante a um holograma de muitas experiências precognitivas fornece mais indícios de que a capacidade de antever o futuro é um fenómeno holográfico. Tal como na retrocognição, os psíquicos relatam que a informação precognitiva lhes surge frequentemente sob a forma de imagens tridimensionais. O médium cubano Tony Cordero afirma que, quando vê o futuro, é como se estivesse a assistir a um filme na sua mente. Cordero teve uma dessas primeiras “projeções” quando era criança e teve uma visão da tomada comunista de Cuba. “Disse à minha família que via bandeiras vermelhas por toda Cuba e que teriam de deixar o país, e que muitos membros da família seriam fuzilados”, relata. “Vi realmente familiares a serem abatidos. Conseguia sentir o cheiro

do fumo e ouvir o som dos tiros. Sinto-me dentro da situação. Ouço as pessoas a falar, mas elas não me conseguem ouvir nem ver. É como viajar no tempo ou algo do género.”²⁹

As palavras que os psíquicos utilizam para descrever as suas experiências são também semelhantes às de Bohm. Garrett descreveu a clarividência como “uma percepção intensamente aguda de certos aspetos da vida em funcionamento, e como, nos níveis clarividentes, o tempo é *indiviso e inteiro* [itálico acrescentado], muitas vezes percebe-se o objeto ou acontecimento nas suas fases passada, presente e/ou futura em sucessões abruptamente rápidas”.³⁰

4. Somos Todos Precognitivos

A afirmação de Bohm de que toda a consciência humana tem a sua origem na ordem implicada implica que todos possuímos a capacidade de aceder ao futuro — e as evidências também sustentam essa ideia. A descoberta de Jahn e Dunne de que mesmo indivíduos comuns apresentam bons resultados em testes de visão remota precognitiva é um indício da natureza disseminada dessa aptidão. Numerosos outros dados, tanto experimentais como anedóticos, reforçam essa conclusão. Numa emissão da BBC (British Broadcasting Corporation — Corporação Britânica de Radiodifusão), em 1934, Dame Edith Lyttelton, membro da influente família Balfour em Inglaterra e presidente da SPR (Society for Psychical Research — Sociedade para a Investigação Psíquica), convidou os ouvintes a enviarem relatos das suas próprias experiências precognitivas. Foi inundada de correspondência e,

mesmo após eliminar os casos sem confirmação independente, ainda dispunha de material suficiente para preencher um volume sobre o tema.³¹ De modo semelhante, inquéritos conduzidos por Louisa Rhine revelaram que as precognições ocorrem com maior frequência do que qualquer outro tipo de experiência psíquica.³²

Os estudos mostram também que as visões precognitivas tendem a incidir sobre tragédias, sendo as premonições de acontecimentos infelizes quatro vezes mais numerosas do que as de acontecimentos felizes. As premonições de morte predominam, seguidas de acidentes e, em terceiro lugar, de doenças.³³ A razão parece evidente. Estamos tão profundamente condicionados a acreditar que não é possível perceber o futuro que as nossas capacidades precognitivas naturais se tornaram dormentes. Tal como as forças sobre-humanas que algumas pessoas manifestam em situações de perigo de vida, essas capacidades apenas irrompem na consciência em momentos de crise — quando alguém próximo está prestes a morrer; quando os nossos filhos ou outro ente querido correm perigo; e assim por diante. Que a nossa compreensão “sofisticada” da realidade é responsável pela incapacidade de apreender e utilizar a verdadeira natureza da nossa relação com o tempo torna-se claro pelo facto de culturas consideradas primitivas obterem quase sempre melhores resultados em testes de PES (Percepção Extrassensorial) do que as chamadas culturas civilizadas.³⁴

Mais evidências de que relegámos as nossas capacidades precognitivas inatas para as regiões periféricas do inconsciente encontram-se na estreita associação entre premonições e sonhos.

Estudos indicam que entre 60% e 68% de todas as precognições ocorrem durante o sono.³⁵ Podemos ter banido da mente consciente a capacidade de ver o futuro, mas ela continua muito ativa nas camadas mais profundas da psique.

As culturas tribais estão bem cientes desse facto, e as tradições xamânicas sublinham quase universalmente a importância do sonho na arte de adivinhar o futuro. Mesmo os nossos escritos mais antigos prestam homenagem ao poder premonitório dos sonhos, como ilustra o relato bíblico do sonho do faraó com sete vacas gordas e sete vacas magras. A antiguidade dessas tradições indica que a tendência das premonições para ocorrerem em sonhos se deve a algo mais do que à atitude cética contemporânea face à precognição. A proximidade da mente inconsciente ao domínio atemporal da ordem implicada poderá igualmente desempenhar um papel. Porque o eu onírico se encontra mais profundamente enraizado na psique do que o eu consciente — e, portanto, mais próximo do oceano primordial onde passado, presente e futuro se fundem — poderá ser-lhe mais fácil aceder a informação sobre o que ainda não ocorreu.

Seja qual for a razão, não é surpreendente que outros métodos de acesso ao inconsciente também possam produzir informação precognitiva. Por exemplo, na década de 1960, Karlis Osis e o hipnotizador J. Fahler verificaram que sujeitos hipnotizados obtinham resultados significativamente superiores em testes de precognição do que sujeitos não hipnotizados.³⁶ Outros estudos confirmaram igualmente os efeitos potenciadores da PES associados à hipnose.³⁷ Contudo, nenhuma estatística árida tem o

impacto de um exemplo da vida real. No seu livro *The Future Is Now: The Significance of Precognition*, Arthur Osborn relata os resultados de uma experiência de hipnose-precognição envolvendo a atriz francesa Irene Muza. Após ser hipnotizada e questionada sobre se conseguia ver o seu futuro, Muza respondeu: “A minha carreira será curta; não me atrevo a dizer qual será o meu fim: será terrível.”

Surpreendidos, os investigadores decidiram não revelar a Muza o que ela havia dito e deram-lhe uma sugestão pós-hipnótica para que esquecesse tudo o que tinha relatado. Ao despertar do transe, não conservava qualquer memória da sua própria previsão. Mesmo que a tivesse conhecido, não teria sido isso que provocou o tipo de morte que sofreu. Alguns meses depois, o seu cabeleireiro derramou acidentalmente essência mineral sobre um fogão aceso, incendiando o cabelo e as roupas da atriz. Em poucos segundos ficou envolvida em chamas e morreu num hospital algumas horas mais tarde.³⁸

5. Saltos Holográficos de Fé

Os acontecimentos que envolveram Irene Muza levantam uma questão fundamental. Se ela tivesse sabido do destino que previra para si própria, teria conseguido evitá-lo? Dito de outro modo: estará o futuro congelado e completamente predeterminado, ou poderá ser alterado? À primeira vista, a existência de fenómenos precognitivos parece indicar a primeira hipótese — mas isso configuraria uma situação profundamente perturbadora. Se o futuro for um holograma cujos detalhes já estão fixados, então não

possuímos livre-arbítrio. Seríamos apenas marionetas do destino, avançando maquinalmente por um guião já escrito.

Felizmente, as evidências indicam de forma esmagadora que não é esse o caso. A literatura está repleta de exemplos de pessoas que utilizaram vislumbres precognitivos para evitar desastres — indivíduos que previram corretamente a queda de um avião e escaparam à morte ao não embarcarem; ou que tiveram uma visão dos filhos a afogarem-se numa inundação e os retiraram do perigo no último instante. Existem dezanove casos documentados de pessoas que tiveram premonições do afundamento do Titanic: algumas eram passageiros que deram atenção às suas intuições e sobreviveram; outras eram passageiros que ignoraram os seus pressentimentos e morreram; e outras ainda eram indivíduos que não pertenciam a nenhuma dessas categorias.³⁹

Incidentes como estes sugerem fortemente que o futuro não está fixo, mas é plástico e suscetível de alteração. Contudo, esta perspetiva levanta um problema: se o futuro ainda se encontra em fluxo, o que é que Croiset está a captar quando descreve a pessoa que se sentará numa determinada cadeira dezassete dias depois? Como pode o futuro simultaneamente existir e não existir?

Loye propõe uma possível resposta. Segundo ele, a realidade é um gigantesco holograma, no qual passado, presente e futuro estão, até certo ponto, fixados. O ponto crucial é que esse não é o único holograma. Existem muitos desses “entes holográficos” a flutuar nas águas intemporais e não-espaciais da ordem implicada, agitando-se e interagindo como amebas. “Essas entidades

holográficas podem também ser visualizadas como mundos paralelos, universos paralelos”, afirma Loye.

Assim, o futuro de um dado universo holográfico está predeterminado, e quando alguém tem um vislumbre precognitivo está apenas a sintonizar o futuro desse holograma específico. Contudo, tal como as amebas, esses hologramas por vezes englobam-se e fundem-se, bifurcando-se e recombinando-se como massas protoplasmáticas de energia. Quando agimos com base numa premonição e aparentemente alteramos o futuro, o que realmente fazemos é saltar de um holograma para outro. Loye designa esses saltos intraholográficos por saltos holográficos e considera que são eles que nos conferem a verdadeira capacidade de discernimento e liberdade.⁴⁰

Bohm descreve a mesma situação sob outra formulação:

Quando as pessoas sonham corretamente com acidentes e não tomam o avião ou o navio, não estavam a ver o futuro real. Estavam a captar algo que, no presente, está implicado e a mover-se na direção desse futuro. O futuro que viram diferiu do futuro efetivo porque o alteraram. É mais plausível dizer que, se tais fenómenos existem, há uma antecipação do futuro na ordem implicada do presente. Como se dizia antigamente, os acontecimentos vindouros projetam as suas sombras no presente. Essas sombras são projetadas profundamente na ordem implicada.⁴¹

As descrições de Bohm e de Loye parecem duas tentativas diferentes de expressar a mesma ideia: uma visão do futuro como holograma suficientemente consistente para ser percecionado, mas suficientemente maleável para poder ser modificado. Outros

utilizaram ainda diferentes metáforas. Cordero descreve o futuro como um furacão em formação, ganhando momento e tornando-se mais concreto e inevitável à medida que se aproxima.⁴² Ingo Swann, médium dotado que obteve resultados impressionantes em diversos estudos, incluindo os de visão remota de Puthoff e Targ, fala do futuro como composto por “possibilidades em cristalização”.⁴³ Os kahunas havaianos, amplamente reconhecidos pelas suas capacidades precognitivas, descrevem igualmente o futuro como fluido, mas em processo de “cristalização”, acreditando que grandes acontecimentos mundiais se cristalizam com maior antecedência — tal como os eventos mais significativos na vida de uma pessoa, como casamento, acidentes e morte.⁴⁴

As numerosas premonições que precederam tanto o assassinato de Kennedy como a Guerra Civil Americana — incluindo uma visão precognitiva atribuída a George Washington envolvendo “África”, a ideia de que todos os homens são “irmãos” e a palavra “União”⁴⁵ — parecem corroborar essa crença kahuna.

A noção de Loye de que existem múltiplos futuros holográficos distintos, e de que escolhemos quais se manifestam saltando de um para outro, implica algo ainda mais profundo. Escolher um futuro holográfico em detrimento de outro equivale, essencialmente, a criar o futuro. Se, como vimos, há evidências de que a consciência desempenha um papel significativo na criação do aqui e agora, então, se a mente pode por vezes aventurar-se para além do presente e percorrer a paisagem nebulosa do futuro, será que também participa na criação dos acontecimentos futuros? Dito de outro modo: serão as contingências da vida verdadeiramente

aleatórias, ou participamos ativamente na escultura do nosso próprio destino? Notavelmente, existem indícios intrigantes de que a segunda hipótese pode ser verdadeira.

6. A Matéria Sombria da Alma

O Dr. Joel Whitton, professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Toronto, também utilizou a hipnose para estudar aquilo que as pessoas sabem inconscientemente sobre si próprias. Contudo, em vez de lhes perguntar sobre o futuro, Whitton — especialista em hipnose clínica e detentor de formação em neurobiologia — questionava-as sobre o passado. O passado distante, para ser mais preciso. Durante as últimas décadas, Whitton tem reunido discretamente, e sem sensacionalismo, indícios sugestivos da possibilidade de reencarnação.

A reencarnação é um tema difícil, pois foi envolvido por tantas interpretações frívolas que muitos o descartam à partida. Poucos se apercebem de que, para além — e até apesar — das alegações sensacionalistas de celebridades e das histórias mediáticas de Cleópatras reencarnadas, existe um conjunto significativo de investigação séria sobre o assunto. Nas últimas décadas, um pequeno, mas crescente número de investigadores altamente credenciados compilou um corpo impressionante de dados. Whitton é um deles.

Esses dados não provam que a reencarnação exista, nem é objetivo desta obra sustentar tal tese. De facto, é difícil imaginar o

que constituiria uma prova absolutamente conclusiva de reencarnação. O que aqui se apresenta são apenas possibilidades intrigantes, relevantes para a discussão em curso. Como tal, merecem uma consideração aberta e ponderada.

O núcleo da investigação hipnótica de Whitton baseia-se num facto simples e surpreendente: quando hipnotizadas, muitas pessoas recordam aquilo que parecem ser memórias de existências anteriores. Estudos indicam que mais de 90% dos indivíduos suscetíveis de hipnose conseguem evocar tais recordações.⁴⁶ O fenómeno é amplamente reconhecido, inclusive por céticos. O manual de Psiquiatria *Trauma, Trance and Transformation* alerta jovens hipnoterapeutas para não se surpreenderem se tais memórias emergirem espontaneamente nos pacientes hipnotizados. O autor rejeita a ideia de renascimento, mas admite que essas memórias podem ter, ainda assim, um notável potencial terapêutico.⁴⁷

Naturalmente, o significado do fenómeno é intensamente debatido. Muitos investigadores defendem que tais memórias são fantasias ou construções do inconsciente — e não há dúvida de que, por vezes, assim sucede, especialmente quando a sessão de regressão é conduzida por um hipnotizador inexperiente que desconhece as técnicas adequadas para evitar a indução de fantasias. Contudo, existem também numerosos casos documentados em que, sob orientação de profissionais qualificados, indivíduos produziram recordações que não parecem ser meras ficções. As evidências reunidas por Whitton inserem-se nesta categoria.

Para conduzir a sua investigação, Whitton reuniu um grupo central de cerca de trinta pessoas, provenientes de contextos variados — desde motoristas de caminhão a cientistas informáticos — alguns crentes na reencarnação, outros não. Hipnotizou-os individualmente e passou literalmente milhares de horas a registar tudo o que relatavam acerca das suas alegadas existências anteriores.

Mesmo numa perspetiva geral, as informações recolhidas eram fascinantes. Um aspeto marcante foi o grau de concordância entre as experiências dos participantes. Todos relataram múltiplas vidas passadas — alguns até vinte ou vinte e cinco — embora se atingisse um limite prático quando Whitton os regressava ao que designava por “existências cavernícolas”, momento em que uma vida se tornava indistinguível da seguinte.⁴⁸ Todos afirmaram que o género não é específico da alma, e muitos relataram ter vivido pelo menos uma existência como pessoa do sexo oposto. E todos indicaram que o propósito da vida é evoluir e aprender, sendo as múltiplas existências um meio facilitador desse processo.

Whitton encontrou ainda elementos que sugeriam fortemente que as experiências poderiam corresponder a vidas passadas reais. Uma característica invulgar era a capacidade dessas memórias para explicar uma vasta gama de eventos aparentemente desconexos na vida atual dos participantes. Por exemplo, um homem — psicólogo nascido e criado no Canadá — apresentara na infância um inexplicável sotaque britânico. Tinha também um medo irracional de partir a perna, fobia de viajar de avião, o hábito compulsivo de roer as unhas, uma obsessão por temas de tortura e, na

adolescência, experimentara uma breve e enigmática visão de si próprio numa sala com um oficial nazi, logo após ter utilizado os pedais de um automóvel num exame de condução. Sob hipnose, recordou ter sido piloto britânico durante a Segunda Guerra Mundial. Numa missão sobre a Alemanha, o seu avião fora atingido por uma rajada de balas, uma das quais atravessara a fuselagem e lhe partira a perna. Isso levou-o a perder o controlo dos pedais da aeronave, forçando-o a efetuar uma aterragem de emergência. Foi capturado pelos nazis, torturado — arrancaram-lhe as unhas para obter informações — e morreu pouco tempo depois.⁴⁹

Muitos dos participantes relataram ainda profundas curas psicológicas e físicas após reviverem memórias traumáticas de vidas passadas, além de fornecerem detalhes históricos surpreendentemente exatos sobre as épocas em que teriam vivido. Alguns chegaram mesmo a falar línguas que desconheciam. Ao reviver uma suposta existência como viking, um homem — cientista comportamental de trinta e sete anos — gritou palavras que especialistas identificaram como pertencentes ao nórdico antigo.⁵⁰ Depois de regressado a uma vida na antiga Pérsia, o mesmo homem começou a escrever numa grafia fina, de estilo árabe, que um perito em línguas do Próximo Oriente reconheceu como uma representação autêntica do Pahlavi Sassânida, uma língua mesopotâmica extinta que floresceu entre 226 e 651 d.C.⁵¹

Contudo, a descoberta mais notável de Whitton ocorreu quando regrediu os participantes ao intervalo entre vidas — um domínio deslumbrante, preenchido de luz, onde “não existe tempo nem espaço como os conhecemos”.⁵² Segundo os relatos, parte da

finalidade desse estado era permitir-lhes *planear a vida seguinte, delineando literalmente os acontecimentos e circunstâncias importantes que os aguardariam*. Esse processo não era uma fantasia de realização de desejos. Whitton observou que, nesse estado intermédio, os participantes entravam numa condição de consciência invulgar, caracterizada por intensa autoconsciência e por um sentido moral e ético ampliado. Além disso, perdiam a capacidade de racionalizar as próprias falhas e erros, vendo-se com total honestidade. Para distingui-la da consciência quotidiana, Whitton designou essa condição como “metaconsciência”.

Assim, ao planear a vida seguinte, os participantes faziam-no com um sentido de responsabilidade moral. Escolhiam renascer junto de pessoas a quem haviam prejudicado, para poderem reparar os danos. Planeavam reencontros agradáveis com “almas gémeas” — indivíduos com quem haviam construído relações amorosas e mutuamente benéficas ao longo de múltiplas existências — e programavam acontecimentos “acidentais” destinados a cumprir outras lições e propósitos. Um dos participantes afirmou que, ao planear a nova vida, visualizara “uma espécie de mecanismo de relojoaria no qual se podiam inserir determinadas peças para que certas consequências se seguissem”.⁵³

Nem todas essas consequências eram agradáveis. Uma mulher que fora violada aos trinta e sete anos revelou, após regressão à metaconsciência, que tinha planeado o acontecimento antes de nascer. Segundo explicou, a tragédia era necessária para forçar uma transformação da sua “compleição anímica”, permitindo-lhe

aceder a uma compreensão mais profunda e positiva do significado da vida.⁵⁴ Outro participante, um homem afetado por uma grave doença renal potencialmente fatal, declarou ter escolhido a enfermidade como forma de expiar uma transgressão de vida passada. Contudo, afirmou que morrer da doença não fazia parte do plano e que, antes de nascer, havia previsto encontrar alguém ou algo que o ajudasse a recordar esse facto, permitindo-lhe curar tanto a culpa como o corpo. Após iniciar as sessões com Whitton, experimentou uma recuperação quase miraculosa.⁵⁵

Nem todos os participantes estavam dispostos a conhecer o futuro que a sua metaconsciência traçara. Alguns censuraram as próprias memórias e pediram a Whitton que lhes desse instruções pós-hipnóticas para esquecerem tudo o que tinham dito em transe. Segundo explicaram, não queriam ser tentados a interferir com o guião que a sua metaconsciência escrevera.⁵⁶

Trata-se de uma ideia assombrosa. Será possível que a mente inconsciente não apenas conheça o esboço geral do nosso destino, mas nos conduza ativamente ao seu cumprimento? A investigação de Whitton não é o único indício nesse sentido. Num estudo estatístico de 28 acidentes ferroviários graves nos Estados Unidos, o parapsicólogo William Cox verificou que, nos dias dos acidentes, significativamente menos pessoas tomaram o comboio do que no mesmo dia das semanas anteriores.⁵⁷

Este resultado sugere que poderemos estar constantemente a precognizar o futuro de forma inconsciente e a tomar decisões com base nessa informação: alguns de nós evitando infortúnios, outros

— como a mulher que escolheu viver uma tragédia pessoal ou o homem que optou por suportar uma doença renal — talvez escolhendo experiências negativas para cumprir desígnios inconscientes mais amplos. “Cuidadosamente ou ao acaso, escolhemos as nossas circunstâncias terrenas”, afirma Whitton. “A mensagem da metaconsciência é que a situação de vida de cada ser humano não é nem aleatória nem inadequada. Vista objetivamente a partir do intervalo entre vidas, cada experiência humana é simplesmente mais uma lição na sala de aula cósmica.”⁵⁸

É importante notar que a existência de tais agendas inconscientes não implica que as nossas vidas estejam rigidamente predestinadas ou que todos os destinos sejam inevitáveis. O facto de muitos dos participantes de Whitton terem pedido para não se recordarem do que disseram sob hipnose sugere, uma vez mais, que o futuro está apenas esboçado de forma geral e permanece suscetível de alteração.

Whitton não é o único investigador da reencarnação que encontrou indícios de que o inconsciente desempenha um papel mais vasto na nossa vida do que supomos. Outro exemplo é o Dr. Ian Stevenson, professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia. Em vez de recorrer à hipnose, Stevenson entrevista crianças pequenas que recordam espontaneamente aparentes existências anteriores. Dedicou mais de trinta anos a esta investigação e reuniu e analisou milhares de casos em todo o mundo.

Segundo Stevenson, a recordação espontânea de vidas passadas é relativamente comum em crianças — tão comum que os casos potencialmente relevantes excedem largamente a capacidade da sua equipa para os investigar. Em geral, as crianças têm entre dois e quatro anos quando começam a falar da sua “outra vida”, e frequentemente recordam dezenas de pormenores: o seu nome, nomes de familiares e amigos, onde viveram, como era a casa, a profissão que exerciam, como morreram e até informações obscuras, como o local onde esconderam dinheiro antes de falecer ou, em casos de homicídio, quem os matou.⁵⁹

Muitas vezes, as memórias são tão detalhadas que Stevenson consegue identificar a personalidade anterior e verificar praticamente tudo o que foi relatado. Chegou mesmo a levar crianças às localidades onde a suposta encarnação anterior vivera e observou-as a deslocarem-se com naturalidade por bairros desconhecidos, identificando corretamente a antiga casa, pertences e familiares da vida anterior.

Tal como Whitton, Stevenson reuniu uma vasta quantidade de dados sugestivos de reencarnação e publicou, até ao momento, seis volumes com os seus resultados.⁶⁰ E, como Whitton, encontrou evidências de que o inconsciente exerce uma influência muito mais profunda na nossa constituição e destino do que tradicionalmente se admite.

Stevenson corroborou a observação de que frequentemente renascemos com pessoas conhecidas de existências anteriores, sendo o afeto, a culpa ou o sentimento de dívida forças orientadoras

dessas escolhas.⁶¹ Concorda que é a responsabilidade pessoal, e não o acaso, que arbitra o nosso destino. Verificou que, embora as condições materiais possam variar consideravelmente de uma vida para outra, a conduta moral, os interesses, aptidões e atitudes tendem a manter-se. Indivíduos que foram criminosos numa existência anterior inclinam-se novamente para comportamentos criminosos; pessoas generosas e bondosas permanecem generosas e bondosas. A partir disto, Stevenson conclui que não são os aspetos externos da vida que mais importam, mas os internos — as alegrias, as dores e os “crescimentos interiores” da personalidade.

Talvez o mais significativo seja o facto de não ter encontrado provas convincentes de “carma retributivo”, nem indícios de punição cósmica pelos pecados cometidos. “Não existe — a julgar pela evidência dos casos — qualquer juiz externo da nossa conduta, nem qualquer entidade que nos desloque de vida em vida segundo os nossos méritos. Se este mundo é (na expressão de Keats) ‘um vale de formação da alma’, então somos nós próprios os artífices da nossa alma”, afirma Stevenson.⁶²

Stevenson identificou ainda um fenómeno que não surgiu no estudo de Whitton, oferecendo indícios ainda mais dramáticos do poder do inconsciente em moldar as circunstâncias da vida. Descobriu que uma encarnação anterior pode aparentemente influenciar a própria forma e estrutura do corpo físico atual. Por exemplo, crianças birmanesas que recordam vidas passadas como pilotos britânicos ou norte-americanos abatidos sobre a Birmânia durante a Segunda Guerra Mundial apresentam frequentemente cabelo e tez mais claros do que os seus irmãos.⁶³

Encontrou também casos em que traços faciais distintivos, deformidades nos pés e outras características transitaram de uma vida para a seguinte.⁶⁴ Entre os exemplos mais numerosos estão marcas físicas que correspondem a ferimentos anteriores, manifestando-se como cicatrizes ou marcas de nascença. Num caso, um rapaz que recordava ter sido assassinado por degolamento apresentava uma marca avermelhada longa no pescoço, semelhante a uma cicatriz.⁶⁵ Noutro, um rapaz que afirmava ter cometido suicídio com um tiro na cabeça possuía duas marcas de nascença alinhadas com a trajetória da bala — uma no ponto de entrada e outra no de saída.⁶⁶ Em outro caso ainda, um rapaz apresentava uma marca de nascença semelhante a uma cicatriz cirúrgica, com pequenos pontos avermelhados lembrando suturas, exatamente no local onde a personalidade anterior fora operada.⁶⁷

Stevenson reuniu centenas de casos deste tipo e encontra-se a compilar um estudo em quatro volumes sobre o fenómeno. Em alguns casos, conseguiu obter relatórios hospitalares e/ou autópsias da personalidade falecida, demonstrando que os ferimentos ocorreram efetivamente e coincidiam com a localização exata da marca de nascença ou deformidade atual. Segundo ele, tais marcas não apenas constituem algumas das evidências mais fortes a favor da reencarnação, como também sugerem a existência de algum tipo de corpo intermédio não físico que transporta esses atributos entre vidas. Como afirma:

Parece-me que a impressão dos ferimentos na personalidade anterior deve ser transportada entre vidas por meio de algum tipo

de corpo expandido, que por sua vez atua como modelo para a formação, no novo corpo físico, de marcas de nascença e deformidades correspondentes aos ferimentos do corpo da personalidade anterior.⁶⁸

O “corpo-modelo” teorizado por Stevenson ecoa a afirmação de Tiller de que o campo energético humano constitui um modelo holográfico que orienta a forma e a estrutura do corpo físico. Dito de outro modo, trata-se de uma espécie de planta tridimensional em torno da qual o corpo físico se organiza. Do mesmo modo, as suas conclusões acerca das marcas de nascença reforçam a ideia de que, no âmago, somos imagens — constructos holográficos — moldados pelo pensamento.

Stevenson observou ainda que, embora a sua investigação sugira que somos criadores da nossa própria vida e, até certo ponto, do nosso próprio corpo, a nossa participação nesse processo é tão passiva que se aproxima do involuntário. Camadas profundas da psique parecem estar envolvidas nessas escolhas — camadas muito mais sintonizadas com a ordem implicada. Como o próprio Stevenson afirma:

Níveis de atividade mental muito mais profundos do que aqueles que regulam a digestão do jantar no estômago [e] a respiração ordinária devem governar estes processos.⁶⁹

Por mais heterodoxas que algumas das conclusões de Stevenson possam parecer, a sua reputação como investigador metódico e rigoroso granjeou-lhe respeito em meios inesperados. Os seus resultados foram publicados em periódicos científicos de prestígio,

como o *American Journal of Psychiatry*, o *Journal of Nervous and Mental Disease* e o *International Journal of Comparative Sociology*. Numa recensão a uma das suas obras, o *Journal of the American Medical Association* declarou que Stevenson “reuniu, de forma meticulosa e desapaixonada, uma série detalhada de casos nos quais a evidência a favor da reencarnação é difícil de compreender por outros meios... Colocou em registo uma vasta quantidade de dados que não podem ser ignorados.”⁷⁰

7. O Pensamento Como Construtor

Tal como sucede com muitas das “descobertas” que temos vindo a examinar, a ideia de que uma parte profundamente inconsciente — e até espiritual — de nós próprios pode transcender as fronteiras do tempo e participar ativamente na determinação do nosso destino encontra-se igualmente em diversas tradições xamânicas e noutras fontes. Segundo o povo Batak da Indonésia, tudo o que uma pessoa experimenta é determinado pela sua alma, ou *tondi*, que reencarna de um corpo para outro e constitui um meio capaz de reproduzir não apenas o comportamento, mas também os atributos físicos da identidade anterior.⁷¹ Os índios Ojibway acreditavam igualmente que a vida de uma pessoa é delineada por um espírito invisível ou alma, estruturada de modo a promover crescimento e desenvolvimento. Se alguém morre antes de completar todas as lições necessárias, o seu corpo espiritual regressa e renasce noutra corpo físico.⁷²

Os kahunas designavam esse aspeto invisível por *aumakua*, ou “eu superior”. À semelhança da metac consciência descrita por

Whitton, trata-se da dimensão inconsciente capaz de perceber as partes do futuro que já se encontram cristalizadas, ou “definidas”. É também essa parte que participa na criação do destino — mas não o faz isoladamente. Tal como vários investigadores mencionados nesta obra, os kahunas sustentavam que os pensamentos são entidades reais, compostas por uma substância energética subtil que chamavam *kino mea*, ou “matéria sombria do corpo”. Assim, esperanças, medos, planos, preocupações, culpas, sonhos e imaginações não se dissipam após abandonarem a mente; transformam-se em formas-pensamento, que passam a integrar os fios a partir dos quais o “eu superior” tece o futuro.

A maioria das pessoas, segundo os kahunas, não governa os próprios pensamentos e bombardeia constantemente o seu eu superior com uma mistura desordenada e contraditória de desejos, planos e receios. Isso gera confusão e explica por que razão tantas vidas parecem caóticas e descontroladas. Kahunas poderosos, em comunicação consciente com o seu eu superior, seriam capazes de ajudar alguém a reformular o futuro. Por essa razão, considerava-se essencial que cada pessoa reservasse momentos regulares para refletir sobre a própria vida e visualizar de modo concreto aquilo que desejava que acontecesse. Ao fazê-lo, afirmavam, seria possível exercer maior controlo consciente sobre os acontecimentos e moldar o próprio futuro.⁷³

Numa conceção que evoca as ideias de Tiller e Stevenson acerca de um corpo intermédio subtil, os kahunas acreditavam que essa “matéria sombria” também constitui um modelo sobre o qual o corpo físico é moldado. Kahunas com extraordinária sintonia com o

seu eu superior seriam capazes de esculpir e reformar essa substância sutil — e, conseqüentemente, o corpo físico de outra pessoa — explicando assim curas consideradas milagrosas.⁷⁴ Esta perspectiva estabelece um interessante paralelismo com as nossas próprias conclusões sobre o impacto dos pensamentos e imagens na saúde.

Os místicos tântricos do Tibete designavam a “substância” dos pensamentos por *tsal*, sustentando que cada ato mental produz ondas dessa energia misteriosa. Acreditavam que o universo inteiro é produto da mente, criado e animado pelo *tsal* coletivo de todos os seres. Segundo os tantristas, a maioria das pessoas ignora possuir tal poder porque a mente comum funciona “como uma pequena poça isolada do grande oceano”. Apenas grandes yogues, capazes de contatar os níveis mais profundos da mente, poderiam utilizar conscientemente essas forças. Para isso, praticavam repetidamente a visualização da criação desejada. Os textos tântricos tibetanos estão repletos de exercícios de visualização, ou *sadhanas*, concebidos para esse fim; monges de certas escolas, como a Kargyupa, passavam até sete anos em completo isolamento — numa gruta ou sala selada — a aperfeiçoar essa capacidade.⁷⁵

Os sufis persas do século XII também enfatizavam a importância da visualização na transformação do destino, chamando à matéria sutil do pensamento *alam almithal*. Tal como muitos clarividentes, acreditavam que o ser humano possui um corpo sutil governado por centros energéticos semelhantes a chakras. Sustentavam ainda que a realidade se divide em planos de existência progressivamente subteis, ou *Hadarat*, sendo o plano imediatamente adjacente ao

nosso uma espécie de realidade-modelo onde o *alam almithal* dos pensamentos se condensa em imagens-ideia que, por sua vez, determinam o curso da vida. Acrescentavam que o centro cardíaco — o *himma* — era o agente responsável por esse processo, sendo o seu controlo condição prévia para dominar o próprio destino.⁷⁶

Edgar Cayce também descrevia os pensamentos como entidades tangíveis — uma forma mais subtil de matéria — e, em transe, repetia aos seus consulentes que os seus pensamentos criavam o destino, afirmando que “o pensamento é o construtor”. Para Cayce, o processo de pensar assemelha-se a uma aranha que tece incessantemente a sua teia. A cada instante, criamos as imagens e padrões que conferem energia e forma ao futuro.⁷⁷

Paramahansa Yogananda aconselhava a visualização do futuro desejado, carregando-o com a “energia da concentração”. Como afirmava: “A visualização adequada, através do exercício da concentração e da força de vontade, permite-nos materializar pensamentos, não apenas como sonhos ou visões no plano mental, mas também como experiências no plano material.”⁷⁸

Ideias semelhantes surgem numa ampla variedade de tradições. “Somos aquilo que pensamos”, declarou o Buda. “Tudo o que somos surge com os nossos pensamentos. Com os nossos pensamentos fazemos o mundo.”⁷⁹ “Como o homem age, assim se torna. Como é o seu desejo, assim é o seu destino”, afirma o Brihadaranyaka Upanishad hindu, anterior à Era cristã.⁸⁰ “Todas as coisas no mundo da Natureza não são governadas pelo Destino, pois a alma possui um princípio próprio”, disse o filósofo grego Iâmblico no século IV.⁸¹

“Pedi, e dar-se-vos-á... Se tiverdes fé, nada vos será impossível”, afirma a Bíblia.⁸² E “o destino de uma pessoa está ligado às coisas que ela própria cria e realiza”, escreveu o rabino Steinsaltz na obra cabalística *The Thirteen-Petaled Rose*.⁸³

8. Um Indício de Algo Mais Profundo

Ainda hoje, a ideia de que os nossos pensamentos moldam o destino permanece fortemente presente na cultura contemporânea. É o tema central de obras de grande sucesso na área do desenvolvimento pessoal, como *Creative Visualization*, de Shakti Gawain, e *You Can Heal Your Life*, de Louise L. Hay. Hay — que afirmava ter curado um cancro ao alterar os seus padrões mentais — conduziu seminários extremamente populares baseados nas suas técnicas. A mesma filosofia atravessa numerosas obras “canalizadas”, como *A Course in Miracles* e os livros de Seth, de Jane Roberts.

Esta visão tem sido igualmente adotada por alguns psicólogos de relevo. Jean Houston, antiga presidente da Association for Humanistic Psychology e atual diretora da Foundation for Mind Research, em Pomona, Nova Iorque, explora extensamente essa ideia na obra *The Possible Human*. No livro, apresenta diversos exercícios de visualização, incluindo um intitulado “Orquestrar o Cérebro e Entrar no Holoverso”.⁸⁴

Outro livro que recorre amplamente ao modelo holográfico para sustentar a possibilidade de utilizar a visualização na transformação

do futuro é *Changing Your Destiny*, de Mary Orser e Richard A. Zarro. Zarro é também fundador da Futureshaping Technologies, empresa que realiza seminários sobre técnicas de “modelação do futuro” dirigidos a organizações empresariais, tendo entre os seus clientes a Panasonic e a International Banking and Credit Association.⁸⁵

O antigo astronauta Edgar Mitchell — o sexto homem a caminhar na Lua e explorador de longa data tanto do espaço exterior como do espaço interior — seguiu uma linha semelhante. Em 1973 fundou o Institute of Noetic Sciences, organização sediada na Califórnia dedicada à investigação dos poderes da mente. O instituto mantém-se ativo e desenvolve projetos como um amplo estudo sobre o papel da mente em curas consideradas milagrosas e remissões espontâneas, bem como investigações sobre a influência da consciência na construção de um futuro global positivo. “Criamos a nossa própria realidade porque a nossa realidade emocional interior — o nosso subconsciente — conduz-nos às situações a partir das quais aprendemos”, afirma Mitchell. “Vivemos isso como acontecimentos estranhos que nos sucedem [e] encontramos as pessoas de que necessitamos para aprender. Assim, criamos essas circunstâncias a um nível metafísico e subconsciente muito profundo.”⁸⁶

Será a atual popularidade da ideia de que criamos o nosso próprio destino apenas uma moda passageira? Ou será que a sua presença recorrente em culturas e épocas distintas indica algo mais profundo — um saber intuitivo partilhado pela humanidade? Por agora, a questão permanece em aberto. Contudo, num universo

holográfico — onde a mente participa ativamente na realidade e onde o substrato íntimo da psique pode manifestar-se como sincronicidades no mundo objetivo — a noção de que somos também escultores do nosso destino deixa de parecer fantasiosa. Pelo contrário, começa a revelar-se plausível — talvez até provável.

9. Três Últimos Elementos de Evidência

Antes de concluir, vale a pena examinar três últimos elementos de evidência. Embora não sejam conclusivos, cada um deles oferece um vislumbre de outras possíveis capacidades da consciência para transcender o tempo num universo holográfico.

9.1 Sonhos Colectivos do Futuro

Outra investigadora de vidas passadas que encontrou indícios de que a mente participa na criação do destino foi a psicóloga Helen Wambach, sediada em São Francisco. A sua abordagem consistia em hipnotizar grupos de pessoas em pequenos workshops, regressá-las a períodos históricos específicos e fazer-lhes uma lista predeterminada de perguntas sobre sexo, vestuário, ocupação, utensílios usados nas refeições, entre outros aspetos. Ao longo de vinte e nove anos de investigação sobre o fenómeno das vidas passadas, hipnotizou literalmente milhares de indivíduos, reunindo dados impressionantes.

Uma crítica frequente à reencarnação sustenta que as pessoas apenas recordam vidas como figuras famosas ou personagens

históricas. Wambach, porém, verificou que mais de 90% dos participantes recordavam existências como camponeses, trabalhadores, agricultores ou recoletores primitivos. Menos de 10% mencionaram encarnações aristocráticas, e nenhum afirmou ter sido uma figura célebre — resultado que contraria a ideia de que tais memórias sejam fantasias egocêntricas.⁸⁷ Os participantes mostraram ainda notável precisão em pormenores históricos, inclusive obscuros. Por exemplo, quando recordavam vidas no século XVIII, descreviam a utilização de garfos de três dentes nas refeições; após 1790, referiam predominantemente garfos de quatro dentes — observação que corresponde à evolução histórica real desse utensílio. Também se mostraram exatos na descrição de vestuário, calçado e tipos de alimentos consumidos.⁸⁸

Wambach descobriu igualmente que podia *projetar* as pessoas para vidas futuras. As descrições dos séculos vindouros revelaram-se tão fascinantes que iniciou um grande projeto de progressão a vidas futuras em França e nos Estados Unidos. Infelizmente, faleceu antes de concluir o estudo. O psicólogo Chet Snow, antigo colaborador, deu continuidade ao trabalho e publicou os resultados na obra *Mass Dreams of the Future*.

Quando os relatos das 2.500 pessoas envolvidas foram analisados, emergiram vários padrões interessantes. Em primeiro lugar, quase todos concordavam que a população da Terra diminuiria drasticamente. Muitos nem sequer se viam em corpos físicos nos períodos futuros especificados; os que se viam notavam uma população significativamente menor do que a atual.

Além disso, os relatos dividiram-se nitidamente em quatro categorias, cada qual descrevendo um futuro distinto:

Grupo 1: um futuro estéril e desprovido de alegria, onde a maioria das pessoas vive em estações espaciais, usa fatos prateados e consome alimentos sintéticos.

Grupo 2 — “Nova Era”: vidas mais felizes e naturais, em ambientes harmoniosos, dedicadas ao aprendizado e ao desenvolvimento espiritual.

Grupo 3 — “Urbanitas de alta tecnologia”: um futuro mecanizado e sombrio, com cidades subterrâneas ou encerradas em cúpulas e bolhas.

Grupo 4 — “Sobreviventes pós-desastre”: um mundo devastado por uma catástrofe global, possivelmente nuclear, onde as pessoas vivem entre ruínas urbanas, grutas ou quintas isoladas, vestem roupas simples cosidas à mão (muitas vezes de pele) e obtêm grande parte do alimento pela caça.

Qual a explicação? Snow recorre ao modelo holográfico. À semelhança de Loye, propõe que tais dados sugerem a existência de vários futuros potenciais — ou holoversos — a formar-se nas brumas do destino. Contudo, tal como outros investigadores de vidas passadas, acredita que criamos coletivamente o nosso destino; assim, os quatro cenários seriam vislumbres das possibilidades que a humanidade está a construir em conjunto.

Consequentemente, Snow recomenda que, em vez de construir abrigos antinucleares ou procurar refúgios geográficos face às “mudanças terrestres” anunciadas por certos médiuns, deveríamos

investir tempo em acreditar e visualizar um futuro positivo. Cita a Planetary Commission — um movimento informal de milhões de pessoas que dedicam a hora entre as 12:00 e as 13:00 (tempo médio de Greenwich), a cada 31 de Dezembro, à oração e meditação pela paz e cura do mundo — como um passo na direção adequada. Se estamos continuamente a moldar a realidade física futura através dos pensamentos e ações coletivas de hoje, então o momento de despertar para a alternativa que criámos é agora”, afirma Snow. “As escolhas entre os tipos de Terra representados por cada um dos cenários são claras. Qual queremos para os nossos netos? Qual talvez desejamos regressar a viver nós próprios um dia?”⁸⁹

9.2 Alterar o Passado

O futuro pode não ser a única dimensão moldável pelo pensamento humano. No Congresso Anual de 1988 da Parapsychological Association, Helmut Schmidt e Marilyn Schlitz anunciaram resultados experimentais sugerindo que a mente poderá também influenciar o passado. Num dos estudos, utilizaram um processo informatizado de randomização para gerar e registar 1.000 sequências sonoras distintas. Cada sequência continha 100 tons de duração variável — alguns agradáveis ao ouvido, outros meros ruídos abruptos. Como a seleção era aleatória, as leis da probabilidade indicavam que cada sequência deveria conter aproximadamente 50% de sons agradáveis e 50% de ruído.

As sequências foram gravadas em cassetes e enviadas a voluntários. Ao escutarem as gravações — já previamente

registradas — os participantes eram instruídos a tentar, psicocineticamente, aumentar a duração dos sons agradáveis e diminuir a duração dos ruídos. Após concluírem a tarefa, informavam o laboratório, e Schmidt e Schlitz analisavam então as sequências originais. Verificaram que as gravações continham, de forma estatisticamente significativa, períodos mais longos de sons agradáveis do que de ruído. Ou seja, parecia que os participantes tinham exercido um efeito de PK (Psychokinesis — Psicocinese) retroativo, influenciando o processo aleatório que dera origem às cassetes antes mesmo de as ouvirem.

Num segundo estudo, o computador foi programado para gerar sequências aleatórias de 100 tons compostas por quatro notas distintas. Os participantes deviam tentar provocar psicocineticamente uma maior ocorrência de notas agudas em detrimento das graves. Novamente foi detetado um efeito de PK retroativo. Schmidt e Schlitz observaram ainda que voluntários com prática regular de meditação exibiam um efeito psicocinético mais acentuado do que os não meditadores — sugerindo, mais uma vez, que o contato com níveis profundos do inconsciente poderá ser a chave para aceder às camadas estruturantes da realidade na psique.⁹⁰

A ideia de que podemos alterar psicocineticamente acontecimentos já ocorridos é profundamente desconcertante. Estamos tão condicionados a conceber o passado como algo fixo — como uma borboleta presa sob vidro — que nos custa imaginar o contrário. Contudo, num universo holográfico — onde o tempo é uma ilusão e a realidade não passa de uma imagem cocriada pela

mente — tal possibilidade pode ser menos absurda do que parece. Talvez seja uma hipótese à qual teremos gradualmente de nos habituar.

9.3 Um Passeio Pelo Jardim do Tempo

Por mais extraordinárias que sejam as duas hipóteses anteriores, tornam-se quase triviais perante a última categoria de anomalia temporal que merece a nossa atenção. A 10 de Agosto de 1901, duas professoras de Oxford — Anne Moberly, diretora do St. Hugh's College, e Eleanor Jourdain, vice-diretora — passeavam pelos jardins do Petit Trianon, em Versalhes, quando observaram um efeito cintilante atravessar a paisagem diante delas, semelhante à transição entre cenas num filme. Após esse fenómeno, notaram que o cenário se alterara: as pessoas em redor vestiam trajes e perucas do século XVIII e comportavam-se de modo inquieto. Enquanto permaneciam perplexas, um homem de aspeto desagradável, com o rosto marcado por bexigas, aproximou-se e instou-as a mudar de direção. Seguiram-no para além de uma fileira de árvores até um jardim onde ouviram música ao longe e viram uma dama aristocrática a pintar uma aguarela.

Eventualmente, a visão dissipou-se e o cenário regressou ao normal. Contudo, a transformação fora tão marcante que, ao olharem para trás, perceberam que o caminho por onde tinham acabado de passar estava agora bloqueado por um antigo muro de pedra. De regresso a Inglaterra, consultaram registos históricos e concluíram que teriam sido transportadas para o dia do assalto às Tulherias e do massacre da Guarda Suíça — o que explicaria a

agitação observada — e que a mulher que pintava seria Maria Antonieta. A experiência foi tão vívida que redigiram um manuscrito em forma de livro e apresentaram-no à SPR (Society for Psychical Research — Sociedade para a Investigação Psíquica).⁹¹

O que torna o episódio particularmente significativo é que não se tratou apenas de uma visão retrocognitiva do passado, mas da sensação de terem caminhado efetivamente dentro dele, interagindo com pessoas e percorrendo o jardim das Tulherias como existia mais de um século antes. Embora o relato seja difícil de aceitar, não lhes trouxe qualquer benefício evidente e, pelo contrário, expôs as suas reputações académicas a sério risco — o que torna improvável que tenha sido uma invenção deliberada.

E não é o único episódio semelhante registado naquele local. Em Maio de 1955, um advogado londrino e a sua esposa relataram ter encontrado figuras do século XVIII no jardim. Noutra ocasião, funcionários de uma embaixada com vista sobre Versalhes afirmaram ter observado o jardim regressar a um período histórico anterior.⁹² Nos Estados Unidos, o parapsicólogo Gardner Murphy — antigo presidente da APA (American Psychological Association — Associação Americana de Psicologia) e da ASPR (American Society for Psychical Research — Sociedade Americana para a Investigação Psíquica) — investigou um caso em que uma mulher, identificada como Buterbaugh, afirmou ter visto, da janela do seu gabinete na Nebraska Wesleyan University, o campus tal como existira cinquenta anos antes: em vez de ruas movimentadas e residências estudantis, um campo aberto salpicado de árvores, com folhas agitadas por uma brisa de um verão distante.⁹³



Será a fronteira entre presente e passado tão ténue que, em determinadas circunstâncias, possamos atravessá-la com a mesma naturalidade com que atravessamos um jardim? Não sabemos. Contudo, num mundo composto menos por objetos sólidos a deslocarem-se no espaço-tempo e mais por hologramas energéticos sustentados por processos parcialmente ligados à consciência humana, tais ocorrências podem não ser tão impossíveis quanto aparentam.

E se essa ideia perturba — a noção de que mente e corpo estão menos sujeitos às restrições do tempo do que imaginávamos — recordemos que também a ideia de uma Terra esférica foi, em tempos, inquietante para uma humanidade convencida de que ela era plana. As evidências aqui apresentadas sugerem que ainda somos crianças no que respeita à compreensão da verdadeira natureza do tempo. E, como todas as crianças à beira da maturidade, talvez devamos abandonar os receios e confrontar a realidade tal como ela é. Num universo holográfico — onde todas as coisas são cintilações espectrais de energia — não é apenas a nossa conceção do tempo que terá de mudar. Ainda há outras cintilações a atravessar a paisagem da nossa compreensão, e profundezas mais vastas por explorar.

CAPÍTULO 8

Viajar no Super-Holograma

O acesso à realidade holográfica torna-se experiencialmente disponível quando a consciência se liberta da sua dependência do corpo físico. Enquanto permanecermos vinculados ao corpo e às suas modalidades sensoriais, a realidade holográfica poderá, na melhor das hipóteses, ser apenas um constructo intelectual. Quando alguém se liberta [do corpo], experiencia-a diretamente. É por isso que os místicos falam das suas visões com tal certeza e convicção, enquanto aqueles que não experimentaram esse domínio permanecem céticos ou até indiferentes.

— Kenneth Ring, Ph.D.
Life at Death

O tempo não é a única ilusão num universo holográfico. O espaço também deve ser entendido como produto do nosso modo de percepção. Esta ideia é ainda mais difícil de apreender do que a noção de que o tempo é um constructo, pois, quando tentamos conceber a “ausência de espaço”, não dispomos de analogias simples — nem universos ameboides nem futuros em cristalização que nos sirvam de apoio imaginativo. Estamos tão condicionados a considerar o espaço como absoluto que mal conseguimos imaginar o que seria

existir num domínio onde ele não existisse. Contudo, existem indícios de que, em última instância, não estamos mais presos ao espaço do que ao tempo.

Um forte indício nesse sentido encontra-se nos fenômenos fora-do-corpo — experiências nas quais a consciência parece desprender-se do corpo físico e deslocar-se para outro local. As Experiências Fora-do-Corpo, ou EFC, foram relatadas ao longo da história por indivíduos de todos os estratos sociais. Aldous Huxley, Goethe, D. H. Lawrence, August Strindberg e Jack London afirmaram tê-las vivido. Eram conhecidas entre os egípcios, os povos indígenas da América do Norte, os chineses, os filósofos gregos, os alquimistas medievais, os povos da Oceânia, os hindus, os hebreus e os muçulmanos. Num estudo intercultural de 44 sociedades não ocidentais, Dean Shiels verificou que apenas três *não* possuíam crenças relativas a EFC.¹ Num estudo semelhante, a antropóloga Erika Bourguignon analisou 488 sociedades — cerca de 57% das conhecidas — e constatou que 437, ou 89%, mantinham alguma tradição relacionada com tais experiências.²

Mesmo atualmente, os estudos indicam que as EFC continuam amplamente difundidas. O falecido Dr. Robert Crookall, geólogo da Universidade de Aberdeen e parapsicólogo amador, investigou casos suficientes para preencher nove livros sobre o tema. Na década de 1960, Celia Green, diretora do Institute of Psychophysical Research, em Oxford, inquiriu 115 estudantes da Universidade de Southampton e verificou que 19% admitiam ter tido uma EFC. Entre 380 estudantes de Oxford, 34% responderam afirmativamente.³ Num inquérito a 902 adultos, Haraldsson concluiu que 8% tinham

experimentado estar fora do corpo pelo menos uma vez na vida.⁴ E um estudo de 1980 conduzido por Harvey Irwin, na University of New England, na Austrália, revelou que 20% de 177 estudantes tinham vivido tal experiência.⁵ Em média, estes números sugerem que aproximadamente uma em cada cinco pessoas terá uma EFC ao longo da vida. Outros estudos apontam para uma incidência mais próxima de uma em cada dez. Seja como for, as EFC são muito mais comuns do que geralmente se imagina.

A experiência típica é espontânea e ocorre com maior frequência durante o sono, meditação, anestesia, doença ou situações de dor traumática — embora possa surgir noutras circunstâncias. Subitamente, a pessoa sente que a mente se separou do corpo. Muitas vezes percebe-se a flutuar sobre ele e descobre que pode deslocar-se ou voar para outros locais. Como é olhar para o próprio corpo, de cima, livre da matéria? Num estudo de 1980 envolvendo 339 casos de viagem fora-do-corpo, o Dr. Glen Gabbard, da Menninger Foundation, o Dr. Stuart Twemlow, do Topeka Veterans' Administration Medical Center, e o Dr. Fowler Jones, da University of Kansas Medical Center, verificaram que 85% dos participantes descreveram a experiência como agradável, e mais de metade como jubilosa.⁶

Sei como é essa sensação. Tive uma experiência fora do corpo espontânea na adolescência e, depois de recuperar do choque de me ver a flutuar sobre o meu corpo adormecido, vivi um momento indescritivelmente exaltante ao atravessar paredes e planar sobre as copas das árvores. Durante essa viagem sem corpo, deparei-me com um livro da biblioteca que uma vizinha tinha perdido e, no dia

seguinte, pude dizer-lhe onde se encontrava. Descrevo esta experiência em detalhe em *Para Além do Quântico*.

É igualmente relevante que Gabbard, Twemlow e Jones tenham analisado o perfil psicológico dos experienciadores e concluído que eram, em geral, psicologicamente equilibrados e bem-adaptados. Na reunião de 1980 da APA (American Psychiatric Association — Associação Americana de Psiquiatria), apresentaram as suas conclusões e sugeriram que tranquilizar os pacientes quanto à normalidade das EFC e encaminhá-los para leitura adequada poderia ser “mais terapêutico” do que tratamento psiquiátrico convencional. Chegaram mesmo a insinuar que alguns pacientes poderiam beneficiar mais conversando com um yogue do que com um psiquiatra!⁷

Ainda assim, nenhuma estatística é tão convincente quanto um relato concreto. Kimberly Clark, assistente social hospitalar em Seattle, não levava as EFC a sério até conhecer uma paciente cardíaca chamada Maria. Alguns dias após a admissão hospitalar, Maria sofreu uma paragem cardíaca e foi rapidamente reanimada. Clark visitou-a nessa tarde, esperando encontrá-la ansiosa pelo facto de o coração ter parado. Maria estava, de facto, agitada — mas não pela razão que Clark antecipara.

Maria contou a Clark que vivera algo extremamente estranho. Depois de o seu coração ter parado, encontrou-se subitamente a olhar de cima, junto ao teto, observando médicos e enfermeiros a trabalhar sobre o seu corpo. Em seguida, algo na área exterior junto à entrada das urgências chamou a sua atenção e, assim que

“pensou em si própria” nesse local, estava lá. Depois, “pensou-se” até ao terceiro piso do edifício e encontrou-se “olhos nos olhos com um sapato”, frente a frente com um ténis pousado numa saliência. Era um sapato velho. Reparou que o dedo mínimo tinha desgastado um buraco no tecido e notou outros pormenores — como o facto de o atacador estar preso sob o calcanhar. Depois de terminar o relato, implorou a Clark que fosse verificar se o sapato realmente estava na saliência, para poder confirmar se a experiência fora real ou não.

Cética, mas intrigada, Clark saiu para o exterior e olhou para a saliência, mas não viu nada. Subiu então ao terceiro piso e começou a entrar e sair dos quartos dos doentes, tentando espreitar pelas janelas estreitas — tão estreitas que tinha de encostar o rosto ao vidro para conseguir ver a saliência. Finalmente, encontrou um quarto de onde conseguiu vislumbrar o ténis. Mesmo assim, daquele ângulo não conseguia confirmar se o dedo mínimo tinha realmente feito um buraco no tecido, nem verificar os outros detalhes descritos por Maria. Só depois de recuperar o sapato pôde confirmar a exatidão das observações. “A única forma de ela ter tido aquela perspetiva seria se estivesse a flutuar mesmo do lado de fora e muito próxima do ténis”, afirmou Clark, que desde então passou a acreditar nas EFC (Experiências Fora do Corpo). “Para mim, foi uma prova muito concreta.”⁸

Vivenciar uma EFC durante uma paragem cardíaca é relativamente comum — tão comum que Michael B. Sabom, cardiologista e professor de Medicina na Emory University, bem como médico do Atlanta Veterans’ Administration Medical Center, cansou-se de ouvir os seus pacientes relatarem tais “fantasias” e

decidiu investigar a questão de forma sistemática. Sabom selecionou dois grupos: um composto por 32 pacientes cardíacos experientes que afirmavam ter tido EFC durante os ataques cardíacos, e outro com 25 pacientes igualmente experientes que nunca tinham vivido tal fenómeno. Entrevistou-os, pedindo aos que relataram EFC que descrevessem o processo de reanimação tal como o teriam observado fora do corpo, e solicitando aos restantes que descrevessem o que imaginavam ter acontecido durante a sua reanimação.

Entre os que não tinham tido EFC, vinte cometeram erros graves ao descrever as suas reanimações; três deram descrições corretas, mas genéricas; e dois não faziam a mínima ideia do que tinha ocorrido. Entre os que afirmavam ter tido EFC, vinte e seis deram descrições corretas, ainda que gerais; seis forneceram relatos altamente detalhados e exatos do seu próprio processo de reanimação; e um apresentou um relato minucioso, passo a passo, de tal modo preciso que deixou Sabom estupefacto. Os resultados levaram-no a aprofundar ainda mais a investigação do fenómeno e, tal como Clark, tornou-se um defensor convicto da realidade das EFC, proferindo palestras sobre o tema. “Não parece existir qualquer explicação plausível, com base nos sentidos físicos habituais, para a exatidão destas observações”, afirmou. “A hipótese da experiência fora do corpo é simplesmente a que melhor se ajusta aos dados disponíveis.”⁹

Embora as EFC vividas por tais pacientes ocorram de forma espontânea, algumas pessoas aprenderam a dominar suficientemente o processo para sair do corpo voluntariamente. Um

dos casos mais conhecidos é o de Robert Monroe, antigo executivo de rádio e televisão. Quando Monroe teve a sua primeira EFC, no final da década de 1950, pensou que estivesse a enlouquecer e procurou imediatamente ajuda médica. Os médicos não encontraram qualquer anomalia, mas as experiências continuaram e perturbavam-no profundamente. Só depois de um amigo psicólogo lhe ter dito que iogues indianos relatavam deixar o corpo com frequência é que começou a aceitar o seu talento involuntário. “Tinha duas opções”, recorda Monroe. “Uma era viver sedado para o resto da vida; a outra era aprender algo sobre este estado para o poder controlar.”¹⁰

A partir desse momento, Monroe passou a manter um diário detalhado das suas experiências, registando cuidadosamente tudo o que descobria sobre o estado fora do corpo. Verificou que podia atravessar objetos sólidos e percorrer grandes distâncias num instante, bastando “pensar-se” no local desejado. Descobriu que as outras pessoas raramente tinham consciência da sua presença — embora os amigos que visitava nesse “segundo estado” se tornassem rapidamente crentes quando ele descrevia com exatidão o que vestiam e o que estavam a fazer no momento da sua visita extracorporal. Constatou ainda que não estava sozinho nessa exploração e que, ocasionalmente, encontrava outros “viajantes” desencarnados. Até ao momento, reuniu as suas experiências em dois livros: *Journeys Out of the Body* e *Far Journeys*.

As EFC também foram estudadas em laboratório. Num experimento, o parapsicólogo Charles Tart conseguiu que uma praticante experiente, identificada apenas como Miss Z,

identificasse corretamente um número de cinco dígitos escrito num papel colocado num local que só poderia ser visto se estivesse a flutuar fora do corpo.¹¹ Numa série de experiências conduzidas na American Society for Psychical Research, em Nova Iorque, Karlis Osis e a psicóloga Janet Lee Mitchell encontraram vários sujeitos dotados que conseguiram “voar” desde diferentes pontos do país e descrever corretamente diversos alvos experimentais — incluindo objetos colocados sobre uma mesa, padrões geométricos coloridos situados numa prateleira suspensa perto do teto e ilusões ópticas que só podiam ser vistas através de uma pequena abertura num dispositivo especial.¹² O Dr. Robert Morris, diretor de investigação na Psychical Research Foundation, em Durham, Carolina do Norte, chegou mesmo a utilizar animais para detetar visitas fora do corpo. Num dos experimentos, verificou que um gatinho pertencente a um sujeito talentoso, Keith Harary, deixava sistematicamente de miar e começava a ronronar sempre que Harary estava invisivelmente presente.¹³

1. As EFC Como Fenómeno Holográfico

Consideradas no seu conjunto, as evidências parecem inequívocas. Somos ensinados a acreditar que “pensamos” com o cérebro, mas isso nem sempre é verdade. Em determinadas circunstâncias, a nossa consciência — a parte pensante e percetiva de nós — pode desprender-se do corpo físico e existir praticamente onde quiser. O entendimento científico atual não consegue explicar satisfatoriamente este fenómeno, mas ele torna-se muito mais inteligível à luz da ideia holográfica.

Lembre-se que num universo holográfico, a própria localização é uma ilusão. Tal como a imagem de uma maçã não possui uma posição específica num fragmento de filme holográfico, também num universo organizado holograficamente os objetos não têm localização definida; tudo é, em última instância, não local — incluindo a consciência. Assim, embora a consciência pareça estar localizada na nossa cabeça, sob certas condições pode igualmente parecer situada no canto superior de uma sala, a pairar sobre um relvado, ou “olhos nos olhos” com um ténis pousado numa saliência do terceiro piso de um edifício.

Se a ideia de uma consciência não local parece difícil de apreender, um paralelo útil encontra-se no sonho. Imagine que sonha que está numa exposição de arte cheia de gente. À medida que percorre o espaço e observa as obras, a sua consciência parece localizada na cabeça da personagem que é no sonho. Mas onde está realmente a sua consciência? Uma análise simples revela que ela está em tudo no sonho: nas outras pessoas presentes, nas obras de arte, até no próprio espaço onírico. No sonho, a localização é também uma ilusão, porque tudo — pessoas, objetos, espaço, consciência — emerge de uma realidade mais profunda e fundamental: o sonhador.

Outro traço notavelmente holográfico das EFC é a plasticidade da forma que a pessoa assume após se desprender do corpo físico. Depois da separação, alguns experienciadores encontram-se num corpo fantasmático que é uma réplica exata do corpo biológico. Este facto levou alguns investigadores a postular a existência de um “duplo fantasma”, semelhante ao *doppelganger* da literatura.

Contudo, investigações posteriores revelaram problemas nessa hipótese. Alguns relatam esse duplo nu; outros percebem-se plenamente vestidos. Isto sugere que o “duplo” não é uma réplica energética permanente do corpo biológico, mas antes um holograma capaz de assumir múltiplas formas. Há numerosos relatos de pessoas que, durante a EFC, se percebem como esferas luminosas, nuvens informes de energia, ou mesmo sem qualquer forma discernível.

Existem ainda indícios de que a forma assumida durante a EFC é consequência direta das crenças e expectativas do indivíduo. No seu livro *The Mystical Life* (1961), o matemático J. H. M. Whiteman revelou ter vivido pelo menos duas EFC por mês durante grande parte da sua vida adulta, tendo registado mais de duas mil ocorrências. Declarou que sempre se sentira como uma mulher aprisionada num corpo masculino e que, durante a separação, isso por vezes resultava em experimentar-se sob forma feminina. Noutras ocasiões, assumiu formas diversas, incluindo corpos infantis, concluindo que as crenças — conscientes e inconscientes — determinavam a forma adotada por esse segundo corpo.¹⁴

Monroe concorda, afirmando que são os nossos “hábitos de pensamento” que criam a forma extracorporal. Porque estamos profundamente habituados a existir num corpo, tendemos a reproduzir essa forma no estado fora do corpo. Do mesmo modo, acredita que o desconforto que a maioria das pessoas sente ao estar nua leva os experienciadores a “esculpir” inconscientemente vestuário quando assumem forma humana. “Suspeito que seja

possível modificar o Segundo Corpo para qualquer forma desejada”, afirma Monroe.¹⁵

Qual é, afinal, a nossa verdadeira forma — se é que existe uma — quando estamos no estado desencarnado? Monroe afirma que, quando abandonamos todos esses disfarces, somos, no fundo, um “padrão vibratório [composto] por múltiplas frequências interagentes e ressonantes.”¹⁶ Esta descrição é profundamente sugestiva de algo holográfico em ação e reforça a ideia de que nós — tal como tudo num universo holográfico — somos, em última instância, um fenómeno de frequência que a mente converte em diversas formas holográficas. Acrescenta ainda peso à conclusão de Hunt de que a consciência não está contida no cérebro, mas num campo energético plasmático e holográfico que permeia e envolve o corpo físico.

A forma que assumimos no estado de EFC não é o único aspeto que revela essa plasticidade holográfica. Apesar da exatidão de muitas observações feitas por viajantes extracorporais talentosos, os investigadores há muito se debatem com discrepâncias evidentes que também surgem. Por exemplo, durante a minha própria EFC, o título do livro de biblioteca que encontrei parecia verde-vivo. Contudo, quando regressei ao corpo físico e fui recuperar o livro, verifiquei que as letras eram, na verdade, pretas. A literatura está repleta de relatos semelhantes: descrições corretas de uma sala distante cheia de pessoas, mas com um indivíduo extra acrescentado; ou a percepção de um sofá onde existia, na realidade, uma mesa.

À luz da hipótese holográfica, uma explicação possível é que tais viajantes ainda não tenham desenvolvido plenamente a capacidade de converter as frequências percebidas no estado desencarnado numa representação holográfica totalmente precisa da realidade consensual. Ou seja, se os experienciadores parecem recorrer a um conjunto inteiramente novo de sentidos, esses sentidos poderão ainda estar “instáveis”, não totalmente proficientes na arte de traduzir o domínio da frequência numa construção aparentemente objetiva da realidade.

Esses sentidos não físicos são ainda condicionados pelas limitações impostas pelas próprias crenças. Diversos viajantes experientes relataram que, ao tornarem-se mais familiarizados com o seu “segundo corpo”, descobriram que podiam “ver” em todas as direções simultaneamente, sem virar a cabeça. A visão a 360 graus parece ser natural no estado extracorporal, mas o hábito profundamente enraizado de acreditar que só vemos através dos olhos — mesmo quando estamos num holograma não físico do corpo — impedia inicialmente essa percepção.

Existem indícios de que até os nossos sentidos físicos possam ter sido vítimas desse tipo de censura. Apesar da convicção de que vemos exclusivamente com os olhos, persistem relatos de indivíduos com “visão sem olhos”, isto é, a capacidade de ver através de outras partes do corpo. David Eisenberg, médico e investigador clínico na Harvard Medical School, publicou o relato de duas irmãs chinesas, em Pequim, capazes de “ver” com a pele das axilas ao ponto de ler bilhetes e identificar cores.¹⁷ Em Itália, o neurologista Cesare Lombroso estudou uma jovem cega que

conseguia ver com a ponta do nariz e com o lóbulo da orelha esquerda.¹⁸ Na década de 1960, a Academia Soviética de Ciências investigou Rosa Kuleshova, uma camponesa russa que conseguia ler fotografias e jornais com as pontas dos dedos, concluindo que as suas capacidades eram genuínas. Excluiu-se a hipótese de ela detetar diferenças térmicas entre cores — Kuleshova conseguia ler um jornal a preto e branco *mesmo quando coberto por uma placa de vidro aquecido*.¹⁹ Tornou-se tão conhecida que a revista *Life* lhe dedicou um artigo.²⁰

Em suma, existem indícios de que não estamos limitados a ver apenas através dos olhos físicos. Esta é também a implicação da capacidade do amigo do meu pai, Tom, de ler a inscrição num relógio mesmo quando este estava oculto pelo abdómen da filha, bem como do fenómeno da visualização remota. Não será a “visão sem olhos” mais uma indicação de que a realidade é *maya* — uma ilusão — e que o corpo físico, com toda a aparente solidez da sua fisiologia, é tão holograficamente construído pela perceção quanto o nosso segundo corpo? Talvez estejamos tão condicionados a acreditar que vemos apenas com os olhos que até no plano físico nos fechámos ao espectro completo das nossas capacidades percetivas.

Outro aspeto holográfico das EFC é o esbatimento da fronteira entre passado e futuro que por vezes ocorre. Osis e Mitchell observaram que, quando o Dr. Alex Tanous — médium reconhecido e experiente viajante extracorporal do Maine — tentava descrever objetos colocados numa mesa de teste, por vezes descrevia itens que só seriam ali colocados *dias depois*.²¹ Isto sugere que o domínio

a que se acede durante o estado extracorporal corresponde a um dos níveis mais subtis da realidade de que Bohm fala — uma região mais próxima da ordem implicada, onde a divisão entre passado, presente e futuro deixa de ter sentido. Por outras palavras, em vez de sintonizar as frequências que codificam o presente, a mente de Tanous parece ter captado inadvertidamente frequências contendo informação sobre o futuro, convertendo-as num holograma de realidade.

O facto de a percepção de Tanous da sala ter sido um fenómeno holográfico — e não apenas uma visão precognitiva ocorrida exclusivamente na sua mente — é reforçado por outro dado. No dia agendado para Tanous produzir uma EFC, Osis pediu à sensitiva nova-iorquina Christine Whiting que permanecesse na sala e tentasse descrever qualquer “projektor” que pudesse ali “ver”. Sem saber quem iria “voar” até ali nem quando, Whiting relatou que, no momento da visita extracorporal de Tanous, viu claramente a sua aparição e descreveu-o como vestindo calças de bombazina castanhas e uma camisa branca de algodão — exatamente a roupa que Tanous usava no Maine no momento da tentativa.²²

Keith Harary também realizou ocasionalmente viagens extracorporais ao futuro e afirma que essas experiências diferem qualitativamente de outros episódios precognitivos. “As EFC para o futuro no tempo e no espaço diferem dos sonhos precognitivos normais porque estou claramente ‘fora’ e a mover-me através de uma área escura, negra, que termina numa cena futura iluminada”, afirma. Por vezes, nessas incursões, viu até a silhueta do seu “eu futuro” na cena observada. E mais: quando os acontecimentos

testemunhados se concretizavam, *relatava sentir a presença do seu próprio "eu extracorporal viajante no tempo" na cena real*. Descreve essa sensação inquietante como "encontrar-me 'atrás' de mim próprio, como se fosse dois seres", uma experiência que ultrapassa largamente o *déjà vu* comum.²³

Existem igualmente registros de viagens extracorporais ao passado. O dramaturgo sueco August Strindberg, ele próprio viajante frequente fora do corpo, descreve uma dessas ocorrências em *Legends*. O episódio deu-se enquanto estava numa taberna a tentar persuadir um jovem amigo a não abandonar a carreira militar. Para reforçar o argumento, evocou um incidente passado que ambos tinham vivido numa outra estalagem. À medida que descrevia o evento, "perdeu a consciência" e encontrou-se subitamente na taberna em causa, a reviver a ocorrência. A experiência durou apenas alguns instantes, após os quais regressou abruptamente ao corpo e ao presente.²⁴ Pode igualmente sustentar-se que as visões retrocognitivas analisadas anteriormente — nas quais clarividentes relatavam estar presentes ou até "a flutuar" sobre as cenas históricas descritas — constituem uma forma de projeção extracorporal para o passado.

Ao percorrer a vasta literatura sobre EFC, é notável a convergência entre as descrições dos viajantes extracorporais e as características que associamos a um universo holográfico. Para além de referirem o estado extracorporal como um domínio onde tempo e espaço deixam de existir adequadamente, onde o pensamento pode transformar-se em formas semelhantes a hologramas e onde a consciência é, em essência, um padrão

vibratório de frequências, Monroe observa que a percepção durante a EFC parece basear-se menos numa “reflexão de ondas luminosas” e mais numa “impressão de radiação”. Tal observação sugere, uma vez mais, que o acesso ao estado extracorporal implica uma aproximação ao domínio de frequências descrito por Pribram.²⁵ Outros viajantes referem igualmente a qualidade “frequencial” do Segundo Estado. Marcel Louis Forhan, que escreveu sob o pseudónimo “Yram”, dedica grande parte de *Practical Astral Projection* a descrever as qualidades ondulatórias e aparentemente eletromagnéticas desse domínio. Outros ainda relatam uma intensa sensação de unidade cósmica, resumida em expressões como “tudo é tudo” e “eu sou isso”.²⁶

Contudo, por mais holográfica que seja a EFC, ela constitui apenas a ponta do icebergue no que toca à experiência direta dos aspetos frequenciais da realidade. Embora as EFC ocorram apenas numa parte da população, existe outra circunstância em que todos nós entramos mais profundamente em contato com o domínio das frequências: quando viajamos para essa terra desconhecida de onde, segundo Shakespeare, nenhum viajante regressa. O problema — com o devido respeito ao dramaturgo — é que alguns regressam. E os relatos que trazem estão repletos de elementos que, uma vez mais, evocam o carácter holográfico da realidade.

2. A Experiência de Quase-Morte

A esta altura, quase todos já ouviram falar das EQM (Experiências de Quase-Morte) — episódios em que indivíduos são declarados clinicamente “mortos”, são reanimados e relatam que,

durante esse período, deixaram o corpo físico e visitaram aquilo que parecia ser o domínio da vida após a morte. Na cultura ocidental contemporânea, as EQM ganharam notoriedade em 1975, quando Raymond A. Moody, Jr., psiquiatra e doutorado em Filosofia, publicou o seu best-seller *Life after Life*. Pouco depois, Elisabeth Kübler-Ross revelou ter conduzido investigação semelhante, chegando a conclusões idênticas. À medida que mais investigadores começaram a documentar o fenómeno, tornou-se claro que as EQM não só eram extraordinariamente difundidas — uma sondagem Gallup de 1981 indicou que cerca de oito milhões de adultos americanos, aproximadamente um em cada vinte, tinham vivido uma EQM — como também forneciam algumas das evidências mais sugestivas de sobrevivência após a morte.

Tal como as EFC (Experiências Fora do Corpo), as EQM parecem ser universais. São descritas extensamente tanto *no Livro Tibetano dos Mortos* (século VIII) como no *Livro Egípcio dos Mortos* (com cerca de 2.500 anos). No Livro X de *A República*, Platão narra o caso de um soldado grego chamado Er, que voltou à vida instantes antes de a pira funerária ser acesa e afirmou ter deixado o corpo e atravessado uma “passagem” até à terra dos mortos. O Venerável Beda relata um episódio semelhante na sua obra do século VIII *A História da Igreja e do Povo Inglês*. De facto, como observa Carol Zaleski, investigadora da Universidade de Harvard, a literatura medieval está repleta de descrições de experiências deste género.

As EQM não apresentam um perfil demográfico específico. Estudos demonstram que não existe correlação significativa com idade, sexo, estado civil, raça, crença religiosa ou espiritual, classe

social, nível de instrução, rendimento, frequência de prática religiosa, dimensão da comunidade de residência ou localização geográfica. Tal como um relâmpago, uma EQM pode atingir qualquer pessoa, a qualquer momento. Os profundamente religiosos não são mais propensos a vivê-la do que os não crentes.

Um dos aspetos mais intrigantes do fenómeno é a consistência dos relatos. Uma descrição típica inclui os seguintes elementos:

Um indivíduo em processo de morte subitamente encontra-se a flutuar acima do corpo, observando o que se passa. Em seguida, desloca-se a grande velocidade através de uma escuridão ou de um túnel. Entra num domínio de luz intensa e é recebido calorosamente por amigos e familiares já falecidos. Frequentemente ouve música de beleza indescritível e contempla paisagens — prados ondulantes, vales floridos, rios cintilantes — mais belas do que qualquer coisa vista na Terra. Nesse mundo luminoso, não sente dor nem medo; é envolvido por uma sensação avassaladora de alegria, amor e paz. Encontra um “ser (ou seres) de luz” que irradia profunda compaixão e é convidado a experimentar uma “revisão de vida” — uma recapitulação panorâmica da sua existência. Encantado por essa realidade mais ampla, deseja permanecer ali. Contudo, é informado de que ainda não chegou o seu momento e é persuadido a regressar à vida terrena e a reentrar no corpo físico.

Esta é apenas uma síntese geral. Nem todas as EQM contêm todos estes elementos; algumas omitem certos aspetos, outras acrescentam novos. As formas simbólicas também variam culturalmente. Enquanto no Ocidente é comum a passagem por um túnel, noutras culturas o acesso ao além pode ocorrer por uma estrada ou atravessando um corpo de água.

Apesar dessas variações, a convergência intercultural é impressionante. A revisão de vida, por exemplo, surge repetidamente em relatos modernos e também no *Livro Tibetano dos Mortos*, no *Livro Egípcio dos Mortos*, na narrativa de Er em Platão e nos escritos do sábio indiano Patanjali. Num estudo formal de 1977, Osis e Haraldsson analisaram cerca de novecentas visões de leito de morte relatadas por pacientes na Índia e nos Estados Unidos. Embora houvesse diferenças culturais — americanos tendiam a interpretar o “ser de luz” como uma figura cristã, enquanto indianos o viam como uma entidade hindu — o núcleo da experiência era substancialmente idêntico e coincidia com os relatos descritos por Moody e Kübler-Ross.²⁷

A interpretação ortodoxa sustenta que as EQM são meras alucinações. Contudo, existem dados que desafiam essa explicação. Tal como nas EFC, muitos experienciadores relatam pormenores que não poderiam conhecer pelos meios sensoriais normais. Moody descreve o caso de uma mulher que, durante uma cirurgia, saiu do corpo, flutuou até à sala de espera e viu a filha vestida com padrões aos quadrados desencontrados. A empregada, que a vestira apressadamente, não notara o erro e ficou atónita quando a mãe — que não vira fisicamente a filha nesse dia — comentou o facto.²⁸ Noutro caso, uma mulher que teve uma EQM relatou ter ido ao átrio do hospital e ouvido o cunhado dizer a um amigo que provavelmente teria de cancelar uma viagem de negócios para servir de carregador no seu funeral. Depois de recuperar, confrontou-o com a observação, deixando-o profundamente surpreendido.²⁹ Se tais experiências fossem meramente produtos internos de um cérebro em colapso, seria difícil explicar como

poderiam incluir informação verificável e externa. Num modelo estritamente materialista, este ponto permanece problemático. Num universo holográfico, porém — onde consciência e realidade se interpenetram e onde espaço e tempo não são absolutos — a questão assume contornos diferentes.

E estes nem sequer são os exemplos mais extraordinários de percepção sensorial no estado extracorporal da EQM. Investigadores constataram que mesmo pacientes cegos — alguns sem qualquer percepção luminosa há anos — conseguem ver e descrever com exatidão o que se passa à sua volta quando deixam o corpo durante uma EQM. Elisabeth Kübler-Ross entrevistou vários desses indivíduos e testou cuidadosamente a precisão dos seus relatos. “Para nosso espanto, conseguiam descrever as cores e os desenhos das roupas e das jóias usadas pelas pessoas presentes”, afirma.³⁰

Ainda mais impressionantes são os casos de EQM e visões de leito de morte envolvendo duas ou mais pessoas. Num episódio, quando uma mulher atravessava o túnel em direção ao domínio de luz, viu um amigo a regressar! Ao cruzarem-se, ele comunicou-lhe telepaticamente que tinha morrido, mas que estava a ser “enviado de volta”. Ela própria acabaria por regressar e, após recuperar, soube que o amigo sofrera uma paragem cardíaca aproximadamente no mesmo momento da sua experiência.³¹

Existem numerosos registos de pessoas em processo de morte que sabiam quem as aguardava no “além” antes de a notícia do falecimento chegar pelos meios normais.³²

E se ainda subsistir dúvida, há um argumento adicional contra a hipótese de que as EQM sejam alucinações: a sua ocorrência em pacientes com EEG plano. Em circunstâncias normais, sempre que alguém fala, pensa, imagina ou sonha, o EEG (Eletroencefalograma) regista intensa atividade elétrica cerebral. Até as alucinações produzem registos detetáveis. Contudo, há diversos casos de pessoas com EEG plano — isto é, sem atividade elétrica mensurável — que relataram EQM. Se estas fossem meras alucinações, teriam produzido registo no EEG.

Considerando em conjunto todos estes dados — a ampla difusão das EQM, a ausência de perfil demográfico específico, a universalidade do núcleo da experiência, a capacidade de perceber e conhecer informações inacessíveis pelos sentidos normais, e a ocorrência de EQM em pacientes com EEG plano — a conclusão parece inevitável: os indivíduos que vivenciam EQM não estão a sofrer de alucinações ou fantasias delirantes, *mas parecem estar a aceder a um nível de realidade distinto*. Se tais experiências fossem apenas produtos de um cérebro em colapso, seria difícil explicar como poderiam incluir informação verificável e externamente confirmada — especialmente em situações em que não existe atividade elétrica cerebral detetável. Num enquadramento estritamente materialista, este ponto permanece problemático. Num modelo holográfico, onde a consciência não está rigidamente confinada ao cérebro e onde espaço e tempo não são absolutos, essa dificuldade atenua-se consideravelmente.

Esta é também a conclusão de vários investigadores das EQM. Um deles é o Dr. Melvin Morse, pediatra em Seattle. O seu interesse

surgiu após tratar uma menina de sete anos que quase morreu afogada. Quando foi reanimada, encontrava-se em coma profundo, com pupilas fixas e dilatadas, ausência de reflexos musculares e ausência de resposta corneana — correspondendo a uma pontuação de três na Escala de Coma de Glasgow, indicando probabilidade mínima de recuperação. Contra todas as expectativas, recuperou completamente. Quando Morse a visitou pela primeira vez após recobrar a consciência, ela reconheceu-o e disse-lhe que o observara enquanto trabalhava sobre o seu corpo comatoso. Explicou que deixara o corpo, atravessara um túnel e chegara ao céu, onde encontrara o “Pai Celestial”. Este disse-lhe que ainda não era o seu momento e perguntou-lhe se desejava permanecer ou regressar. Inicialmente quis ficar, mas ao perceber que isso significaria não voltar a ver a mãe, decidiu regressar.

Morse permaneceu cético, mas profundamente intrigado. Trabalhando num serviço de transporte aéreo de pacientes no Idaho, teve oportunidade de falar com numerosas crianças reanimadas após paragem cardíaca. Durante dez anos entrevistou todas as crianças sobreviventes desse hospital e, repetidamente, ouviu o mesmo relato: inconsciência seguida de saída do corpo, observação dos médicos, passagem por um túnel e encontro com seres luminosos reconfortantes.

Determinado a encontrar uma explicação convencional, Morse estudou minuciosamente os efeitos secundários dos medicamentos administrados, explorou hipóteses psicológicas e neurofisiológicas — mas nenhuma se ajustava aos factos. “Um dia li um longo artigo numa revista médica que tentava explicar as EQM como truques do

cérebro”, relata Morse. “Nessa altura eu já tinha estudado extensivamente o fenômeno, e nenhuma das explicações apresentadas fazia sentido. Tornou-se claro para mim que o autor tinha ignorado a hipótese mais óbvia de todas — que as EQM são reais. Ignorara a possibilidade de que a alma realmente viaje.”³³

Raymond Moody partilha da mesma convicção e afirma que vinte anos de investigação o persuadiram de que os experienciadores de EQM (Experiências de Quase-Morte) realmente acedem a um outro nível de realidade. Segundo ele, a maioria dos investigadores na área sente o mesmo.

Falei com praticamente todos os investigadores de EQM no mundo sobre o seu trabalho. Sei que muitos deles acreditam, no íntimo, que as EQM são um vislumbre de uma vida para além da vida. Mas, enquanto cientistas e profissionais de medicina, ainda não encontraram uma “prova científica” de que uma parte de nós continue a viver depois da morte do corpo físico. Essa ausência de prova impede-os de tornar públicas as suas verdadeiras convicções.”³⁴

Na sequência do inquérito conduzido em 1981, até George Gallup, Jr., presidente do Gallup Poll, manifestou posição semelhante:

Um número crescente de investigadores tem vindo a recolher e a analisar relatos de pessoas que passaram por estranhas experiências de quase-morte. Os resultados preliminares têm sido altamente sugestivos de algum tipo de encontro com um domínio extradimensional da realidade. O nosso próprio inquérito extensivo é o mais recente desses estudos e está igualmente a revelar

tendências que apontam para uma espécie de universo paralelo superior.³⁵

O que começa aqui a emergir não é apenas uma hipótese sobre a sobrevivência da consciência, mas uma tensão metodológica. A experiência acumulada dos investigadores inclina-os para uma conclusão ontológica — a existência de um domínio real além do físico — enquanto o paradigma científico vigente exige critérios de prova que talvez não sejam adequados para fenómenos que transcendem o espaço-tempo convencional. Num modelo holográfico, essa tensão torna-se compreensível: se a realidade possui níveis implicados e não locais, exigir provas estritamente locais e materialmente mensuráveis pode ser metodologicamente insuficiente.

3. Explicação Holográfica da Experiência de Quase-Morte

Estas afirmações são extraordinárias. Mais extraordinário ainda é o facto de o Establishment científico (meio científico dominante) ter, em grande medida, ignorado tanto as conclusões destes investigadores como o vasto conjunto de evidências que os leva a tais declarações. As razões são complexas. Uma delas é que, atualmente, não é “moda” na ciência considerar seriamente fenómenos que pareçam apoiar a ideia de uma realidade espiritual — e, como referido no início deste livro, as crenças comportam-se como vícios: não abandonam facilmente o seu domínio. Outra razão, como Moody observa, é o preconceito generalizado de que apenas têm valor as ideias que podem ser demonstradas num

sentido estritamente científico. E há ainda um terceiro factor: a incapacidade do modelo científico atual para explicar as EQM, caso estas sejam efetivamente reais.

Contudo, este último obstáculo pode não ser tão problemático quanto parece. Vários investigadores das EQM salientaram que o modelo holográfico oferece um enquadramento conceptual capaz de acomodar tais experiências. Um deles é o Dr. Kenneth Ring, professor de Psicologia na University of Connecticut e um dos primeiros investigadores a aplicar análise estatística e técnicas padronizadas de entrevista ao estudo das EQM. No seu livro *Life at Death* (1980), Ring argumenta extensamente a favor de uma explicação holográfica. Em termos diretos, sustenta que as EQM constituem incursões nos aspetos mais “frequenciais” da realidade.

Ring fundamenta a sua conclusão nos múltiplos elementos sugestivamente holográficos das EQM. Um deles é a tendência dos experienciadores para descrever o “além” como um domínio composto de “luz”, “vibrações superiores” ou “frequências”. Alguns referem mesmo que a música celestial que frequentemente acompanha a experiência se assemelha mais a uma “combinação de vibrações” do que a sons propriamente ditos. Para Ring, estas descrições sugerem que o ato de morrer envolve uma deslocação da consciência para além do mundo das aparências, em direção a uma realidade mais pura, de natureza frequencial. Muitos relatam igualmente uma luz de intensidade incomparável — mais brilhante do que qualquer outra conhecida — que, apesar disso, não fere os olhos. Para Ring, este paradoxo é mais um indício de que se trata

de uma experiência situada num domínio diferente do físico convencional.

Outro aspeto que Ring considera inequivocamente holográfico é a forma como tempo e espaço são descritos nesse domínio. Uma das características mais frequentemente relatadas é precisamente a dissolução dessas categorias. Encontrei-me num espaço, num período de tempo, diria, onde todo o espaço e tempo estavam anulados”, afirma um experienciador.³⁶ “Tem de estar fora do tempo e do espaço. Tem de estar, porque... não pode ser colocado numa moldura temporal”, diz outro.³⁷ Se, como propõe o modelo holográfico, o domínio da frequência implica colapso da noção de localização e dissolução da linearidade temporal, então é exatamente isto que se esperaria encontrar caso as EQM ocorram num estado de consciência holográfico, argumenta Ring.

Mas se o domínio da quase-morte é ainda mais frequencial do que o nosso nível de realidade, por que razão apresenta qualquer estrutura? Se tanto as EFC (Experiências Fora do Corpo) como as EQM (Experiência Quase-Morte) sugerem que a mente pode existir independentemente do cérebro, Ring considera plausível que a própria mente funcione holograficamente. Assim, quando a consciência opera nas “frequências superiores” do domínio de quase-morte, continua a fazer aquilo que lhe é característico: traduz frequências num mundo de aparências.

Creio que este é um domínio criado por estruturas de pensamento em interação. Estas estruturas, ou “formas-pensamento”, combinam-se para formar padrões, tal como ondas de interferência

formam padrões numa placa holográfica. E tal como a imagem holográfica parece plenamente real quando iluminada por um feixe laser, também as imagens produzidas por formas-pensamento em interação parecem reais.³⁸

Ring não está só nesta hipótese. No discurso principal do encontro de 1989 da IANDS (International Association for Near-Death Studies — Associação Internacional para Estudos de Quase-Morte), a Dra. Elizabeth W. Fenske, psicóloga clínica em Filadélfia, declarou partilhar a mesma perspetiva: as EQM seriam jornadas num domínio holográfico de frequências superiores. Concorda com Ring na ideia de que as paisagens, flores, estruturas e demais elementos do “além” são moldados por padrões de pensamento em interação — ou interferência. “Creio que chegámos a um ponto na investigação das EQM em que é difícil distinguir entre pensamento e luz. Na experiência de quase-morte, o pensamento parece ser luz”, observa.³⁹ Se a mente opera como um sistema holográfico — traduzindo frequências em imagens experienciadas como realidade — então o domínio de quase-morte não precisa de ser concebido como um “lugar” no sentido espacial tradicional. Pode antes ser entendido como um nível de organização frequencial no qual consciência e estrutura são inseparáveis. Nesse enquadramento, a experiência do além não seria uma viagem num espaço físico, mas uma mudança de regime ontológico — uma transição de modo de processamento da realidade.

4. Céu Como Holograma

Para além dos aspetos já referidos por Ring e Fenske, a EQM (Experiência de Quase-Morte) apresenta numerosas características

marcadamente holográficas. Tal como acontece com os viajantes da EFC (Experiência Fora do Corpo), após se desprenderem do físico, os experienciadores da EQM encontram-se numa de duas formas: ou como uma nuvem de energia sem corpo definido, ou como um corpo de natureza hologramática, esculpido pelo próprio pensamento. Quando ocorre esta última situação, o carácter mentalmente criado desse corpo torna-se, muitas vezes, surpreendentemente evidente para o próprio experienciador. Por exemplo, um sobrevivente de uma quase-morte relata que, ao emergir do corpo, tinha a aparência de “algo semelhante a uma medusa” e desceu suavemente até ao chão como uma bolha de sabão. Em seguida, expandiu-se rapidamente numa imagem tridimensional etérea de um homem nu. Contudo, a presença de duas mulheres na sala causou-lhe embaraço e, para sua surpresa, esse sentimento levou-o imediatamente a surgir vestido (as mulheres, no entanto, nunca deram qualquer indicação de que tivessem visto o que quer que fosse).⁴⁰

Que os sentimentos e desejos mais íntimos são responsáveis pela forma assumida na dimensão pós-vida torna-se claro noutras EQM. Pessoas confinadas a cadeiras de rodas encontram-se em corpos saudáveis, capazes de correr e dançar. Amputados recuperam invariavelmente os membros. Idosos habitam corpos jovens. E, de modo ainda mais intrigante, crianças veem-se frequentemente como adultos — o que pode refletir a fantasia infantil de crescer, ou, mais profundamente, indicar simbolicamente que, ao nível da alma, alguns de nós são muito mais antigos do que supomos.

Estes corpos de natureza hologramática podem apresentar um nível de detalhe notável. No caso do homem envergonhado pela própria nudez, por exemplo, a roupa que materializou era tão minuciosamente formada que ele conseguia distinguir até as costuras do tecido.⁴¹ De igual modo, outro homem que examinou as suas mãos durante o estado de quase-morte descreveu-as como “compostas de luz com pequenas estruturas no seu interior” e afirmou que, ao observá-las atentamente, conseguia ver “os delicados redemoinhos das impressões digitais e tubos de luz ao longo dos braços.”⁴²

Parte da investigação de Whitton é igualmente relevante neste contexto. De forma surpreendente, quando Whitton hipnotizava os seus pacientes e os regressava ao estado intermédio entre vidas, estes relatavam todas as características clássicas da EQM: passagem por um túnel, encontros com familiares falecidos e/ou “guias”, entrada num reino esplendoroso saturado de luz onde tempo e espaço deixavam de existir, encontros com seres luminosos e uma revisão panorâmica da vida. De acordo com os seus sujeitos, o propósito principal dessa revisão era reavivar a memória para que pudessem planear com maior consciência a próxima existência, processo em que os seres de luz auxiliavam de forma suave e não coerciva.

Tal como Ring, após analisar os testemunhos recolhidos, Whitton concluiu que as formas e estruturas percecionadas na dimensão pós-vida são formas-pensamento criadas pela mente. “O famoso *dictum* de René Descartes, ‘Penso, logo existo’, nunca é mais

pertinente do que no estado entre vidas”, afirma Whitton. “Não há experiência de existência sem pensamento.”⁴³

Esta afirmação aplica-se de modo particular à forma assumida nesse estado intermédio. Vários sujeitos referiram que nem sequer possuíam corpo se não estivessem a pensar. “Um homem descreveu a situação dizendo que, se parasse de pensar, era apenas uma nuvem numa nuvem interminável, indiferenciada”, observa Whitton. “Mas assim que começava a pensar, tornava-se ele próprio.”⁴⁴ (Situação curiosamente semelhante à dos sujeitos na experiência de hipnose mútua de Tart, que descobriram não ter mãos a menos que as pensassem para a existência.) Inicialmente, os corpos assumidos assemelhavam-se à identidade da última vida. Porém, à medida que a permanência nesse estado se prolongava, tornavam-se uma espécie de composição hologramática de todas as vidas anteriores.⁴⁵ Essa identidade composta possuía inclusive um nome próprio, distinto dos nomes usados nas encarnações físicas, embora nenhum dos sujeitos conseguisse pronunciá-lo através das cordas vocais físicas.⁴⁶

E quando não constroem um corpo hologramático? Muitos relatam não ter forma definida alguma, sendo apenas “eles próprios” ou “a sua mente”. Outros descrevem-se como “uma nuvem de cores”, “uma névoa”, “um padrão de energia” ou “um campo energético” — expressões que voltam a sugerir que, no fundo, somos fenómenos de frequência, padrões de uma energia vibratória ainda desconhecida, desdobrados na matriz mais vasta do domínio das frequências. Alguns experienciadores afirmam que, para além de constituídos por frequências luminosas coloridas,

somos também formados por som. “Percebi que cada pessoa e cada coisa tem a sua própria gama tonal musical, assim como a sua própria gama de cores”, relata uma dona de casa do Arizona que viveu uma EQM durante o parto. “Se conseguir imaginar-se a mover-se sem esforço entre raios prismáticos de luz e a ouvir as notas musicais de cada pessoa a unirem-se e harmonizarem-se com as suas quando lhes toca ou passa por elas, terá uma ideia do mundo invisível.” A mulher, que encontrou diversas entidades manifestando-se apenas como nuvens de cor e som, acredita que os tons melódiosos emitidos por cada alma são aquilo que muitos descrevem como a bela música ouvida na dimensão de quase-morte.⁴⁷

Tal como Monroe, alguns experienciadores relatam a capacidade de ver em todas as direções simultaneamente enquanto se encontram no estado desencarnado. Um homem, ao perguntar-se como seria a sua própria aparência, disse ter-se encontrado subitamente a observar as próprias costas.⁴⁸ Robert Sullivan, investigador amador da EQM especializado em relatos de soldados em combate, entrevistou um veterano da Segunda Guerra Mundial que manteve temporariamente essa capacidade mesmo após regressar ao corpo físico. “Ele experimentou visão de trezentos e sessenta graus enquanto fugia de um ninho de metralhadoras alemão”, relata Sullivan. “Não só conseguia ver para a frente enquanto corria, como também via os atiradores a tentar apontar-lhe a arma por trás.”⁴⁹

Se a forma, a identidade, o vestuário, a idade e até o modo de perceber podem emergir como configurações moldadas pelo

pensamento, então aquilo a que chamamos “corpo” deixa de poder ser entendido como uma entidade fixa e passa a revelar-se como uma organização dinâmica de informação. Num universo de natureza holográfica, esta hipótese não é mera metáfora poética, mas uma consequência coerente do próprio modelo.

5. Conhecimento Instantâneo

Outro elemento da EQM que apresenta múltiplas características holográficas é a revisão da vida. Ring refere-se-lhe como “um fenómeno holográfico por excelência”. Grof e Joan Halifax, antropóloga médica de Harvard e coautora (com Grof) de *The Human Encounter with Death*, também comentaram os seus aspetos holográficos. Segundo vários investigadores da EQM, incluindo Moody, muitos experienciadores utilizam espontaneamente o termo “holográfico” para descrever a experiência.⁵⁰

A razão desta caracterização torna-se evidente assim que se começam a ler os relatos. Repetidamente, os experienciadores recorrem aos mesmos adjetivos, descrevendo-a como uma reprodução incrivelmente vívida, envolvente e tridimensional de toda a sua vida. “É como entrar dentro de um filme da própria vida”, afirma um deles. “Cada momento de cada ano da sua vida é reproduzido com todos os detalhes sensoriais. Recordação total, absoluta. E tudo acontece num instante.”⁵¹ Outro acrescenta: “Foi algo muito estranho. Eu estava lá; estava realmente a ver esses regressos; estava realmente a atravessá-los, e era tão rápido. No

entanto, era suficientemente lento para que eu pudesse apreender tudo.”⁵²

Durante esta recordação instantânea e panorâmica, os experienciadores revivem todas as emoções — alegrias e tristezas — que acompanharam os acontecimentos da sua vida. Mais ainda: sentem também as emoções das pessoas com quem interagiram. Sentem a felicidade daqueles a quem foram bondosos. Se cometeram um ato prejudicial, tornam-se intensamente conscientes da dor infligida. Nenhum episódio parece demasiado trivial para ficar de fora. Ao reviver um momento da infância, uma mulher experimentou subitamente toda a sensação de perda e impotência que a irmã sentira quando ela, então criança, lhe arrancara um brinquedo das mãos.

Whitton descobriu que não são apenas os atos impensados que geram remorso durante a revisão da vida. Sob hipnose, os seus sujeitos relataram que sonhos e aspirações não concretizados — aquilo que esperavam realizar, mas não realizaram — também provocavam uma profunda sensação de pesar.

Também os pensamentos são reproduzidos com exatidão rigorosa. Devaneios, rostos vistos uma única vez, mas lembrados durante anos, situações que provocaram riso, a alegria sentida ao contemplar uma pintura específica, preocupações infantis, sonhos diurnos há muito esquecidos — tudo atravessa a mente num segundo. Como resume um experienciador: “Nem sequer os seus pensamentos se perdem... Cada pensamento estava lá.”⁵³

Assim, a revisão da vida é holográfica não apenas pela sua tridimensionalidade, mas também pela extraordinária capacidade de armazenamento de informação que revela. É holográfica ainda num terceiro sentido. Tal como o “*aleph*” cabalístico — ponto mítico do espaço-tempo que contém todos os outros pontos — é um instante que contém todos os instantes. Até a própria faculdade de perceber parece holográfica, pois permite experimentar algo que é paradoxalmente simultâneo e detalhado, rapidíssimo e, ainda assim, suficientemente lento para ser observado em pormenor. Como afirmou um experienciador em 1821, trata-se da capacidade de “compreender simultaneamente o todo e cada uma das partes.”⁵⁴ Se toda a vida pode manifestar-se como um único bloco de experiência total, onde cada parte contém o todo e o todo contém cada parte, então a consciência parece operar segundo princípios muito próximos dos que estruturam um holograma. A memória deixa de ser uma sequência linear de registos armazenados e passa a assemelhar-se a um campo de informação integral, acessível de forma não sequencial. Num tal enquadramento, o “instante” deixa de ser um ponto mínimo no tempo e torna-se uma janela aberta sobre a totalidade.

De facto, a revisão da vida apresenta uma notável semelhança com as cenas de julgamento pós-morte descritas nos textos sagrados de muitas das grandes religiões do mundo, do Egipto antigo à tradição judaico-cristã — mas com uma diferença crucial. Tal como os sujeitos de Whitton, os experienciadores de EQM relatam unanimemente que *nunca são julgados pelos seres de luz*; sentem apenas amor e aceitação na sua presença. *O único julgamento que ocorre é o autojulgamento, emergindo*

exclusivamente dos próprios sentimentos de culpa e arrependimento do experienciador. Ocasionalmente, os seres intervêm, mas não de forma autoritária; atuam como guias e conselheiros cujo propósito é ensinar.

Esta ausência total de julgamento cósmico e de qualquer sistema divino de punição ou recompensa tem sido — e continua a ser — um dos aspetos mais controversos da EQM entre grupos religiosos. No entanto, é também uma das características mais consistentemente relatadas. Qual a explicação? Moody acredita que é tão simples quanto polémica: vivemos num universo muito mais benevolente do que imaginamos.

Isto não significa que “vale tudo” durante a revisão da vida. Tal como os sujeitos hipnotizados por Whitton, os experienciadores parecem entrar, ao chegar ao reino de luz, num estado de consciência intensificada — uma metaconsciência — caracterizada por honestidade lúcida na autoavaliação.

Também não significa que os seres de luz não transmitam valores. Pelo contrário, em relato após relato, sublinham dois princípios fundamentais. O primeiro é o amor. Repetidamente insistem que devemos aprender a substituir a raiva pelo amor, aprender a amar mais, a perdoar, a amar incondicionalmente, e a reconhecer que também somos amados. Este parece ser o único critério moral utilizado. Até a atividade sexual perde o estigma moral que os humanos tendem a associar-lhe. Um dos sujeitos de Whitton relatou que, após várias encarnações retraídas e depressivas, foi encorajado a planear uma vida como mulher

amorosa e sexualmente ativa para equilibrar o desenvolvimento global da sua alma.⁵⁵ Tudo indica que, para os seres de luz, a compaixão é a medida da graça. E, quando os experienciadores questionam se determinado ato foi certo ou errado, a resposta surge sob a forma de outra pergunta: Foi feito por amor? A motivação era amor?

É por isso que estamos aqui, afirmam os seres — para aprender que o amor é a chave. Reconhecem que é uma tarefa difícil, mas sugerem que é crucial para a nossa existência biológica e espiritual de modos que talvez ainda nem começámos a compreender. Até crianças regressam da experiência de quase-morte com esta mensagem profundamente gravada. Disse um rapaz que, após ser atropelado, foi guiado ao além por duas figuras de vestes “muito brancas”: “O que aprendi lá é que a coisa mais importante é amar enquanto se está vivo.”⁵⁶

O segundo aspeto enfatizado pelos seres é o conhecimento. Frequentemente, os experienciadores referem que os seres pareciam satisfeitos quando, durante a revisão da vida, surgiam episódios relacionados com aprendizagem ou aquisição de saber. Alguns são aconselhados explicitamente a procurar conhecimento ao regressarem ao corpo físico, sobretudo aquele que favorece o crescimento interior ou aumenta a capacidade de ajudar os outros. Outros escutam afirmações como: “A aprendizagem é um processo contínuo e continua mesmo após a morte” ou “O conhecimento é uma das poucas coisas que poderá levar consigo depois de morrer.”

A primazia do conhecimento na dimensão pós-vida manifesta-se ainda de outra forma. Alguns experienciadores descobriram que, na presença da luz, tinham acesso direto a todo o conhecimento. Esse acesso assumia diversas modalidades. Por vezes surgia em resposta a perguntas. Um homem relatou que bastava formular uma questão — por exemplo, como seria ser um inseto — para que a experiência lhe fosse imediatamente concedida.⁵⁷ Outro descreveu: “Pode pensar numa pergunta... e imediatamente saber a resposta. Simples assim. Pode ser qualquer pergunta. Pode ser sobre um tema que desconhece totalmente, que nem sequer está em posição de compreender, e a luz dará a resposta correta de imediato e fará com que a compreenda.”⁵⁸

Alguns experienciadores referem que nem sequer era necessário formular perguntas. Após a revisão da vida, simplesmente sabiam tudo — todo o conhecimento existente desde o princípio até ao fim do tempo. Outros relataram que esse acesso ocorreu após um gesto específico do ser de luz, como um movimento da mão. Há ainda quem afirme que, em vez de adquirir conhecimento, o *recordava* — embora esquecesse a maior parte ao regressar ao corpo físico (uma espécie de amnésia que parece comum nestes casos).⁵⁹ Seja como for, tudo indica que, na dimensão além, já não é necessário entrar num estado alterado de consciência para aceder ao domínio transpessoal e infinitamente interligado de informação descrito pelos pacientes de Grof. Se o conhecimento se apresenta não como algo a adquirir gradualmente, mas como um campo total imediatamente acessível, então a mente parece deixar de operar por acumulação linear e passar a funcionar por sintonia direta com um domínio informacional integral. Num modelo holográfico, isto

equivaleria a aceder ao padrão completo em vez de percorrer sequencialmente as suas partes — como se cada ponto contivesse virtualmente a totalidade.

Para além de ser holográfica em todos os aspetos já mencionados, esta visão de conhecimento total apresenta ainda outra característica holográfica. Os experienciadores de EQM afirmam frequentemente que, durante essa visão, a informação chega em “blocos” que se registam instantaneamente no pensamento. Em vez de se desenrolar de modo linear — como palavras numa frase ou cenas num filme — todos os factos, detalhes, imagens e conteúdos irrompem na consciência num único instante. Um experienciador referiu-se a esses influxos como “pacotes de pensamento”.⁶⁰ Monroe, que também vivenciou explosões instantâneas de informação durante o estado de EFC, chamou-lhes “bolas de pensamento”.⁶¹

De facto, qualquer pessoa dotada de alguma sensibilidade psíquica reconhecerá este fenómeno, pois é assim que a informação psíquica tende a manifestar-se. Por exemplo, por vezes, quando conheço um estranho — e ocasionalmente até quando apenas ouço o nome de alguém — uma “bola de pensamento” com informação sobre essa pessoa surge de imediato na minha consciência. Esse bloco pode incluir dados relevantes sobre a sua estrutura emocional e psicológica, o seu estado de saúde e até cenas do seu passado. Verifiquei que isso acontece com maior frequência quando a pessoa atravessa algum tipo de crise. Recentemente, por exemplo, conheci uma mulher e soube instantaneamente que estava a considerar o suicídio. Também percebi algumas das razões. Como faço sempre

nestas situações, iniciei conversa e conduzi-a cautelosamente para temas psíquicos. Ao confirmar que era recetiva, confrontei-a com aquilo que percecionara e consegui que falasse dos seus problemas. Levei-a a prometer procurar apoio profissional em vez de optar pelo desfecho mais sombrio que ponderava.

Receber informação desta forma assemelha-se ao modo como se acede a conhecimento durante os sonhos. Praticamente todos já sonhámos estar numa situação e, sem que ninguém nos explique nada, saber de imediato múltiplos aspetos sobre ela. Pode sonhar que está numa festa e, assim que lá se encontra, sabe quem é o homenageado e porquê. Do mesmo modo, quase todos já experimentaram uma ideia ou inspiração complexa que surge de repente, como um clarão. São versões atenuadas do efeito “bola de pensamento”.

Curiosamente, porque estes blocos de informação psíquica chegam de modo não linear, por vezes preciso de alguns instantes para os traduzir em palavras. Tal como as *gestalt* psicológicas descritas em experiências transpessoais, são holográficas no sentido em que constituem totalidades instantâneas — “inteiros” que a mente orientada para o tempo precisa de decompor momentaneamente para converter numa sequência ordenada de partes.

Que forma assume o conhecimento contido nas “bolas de pensamento” durante as EQM? Segundo os experienciadores, todas as modalidades comunicativas parecem estar envolvidas: sons, imagens móveis de natureza hologramática, e até telepatia — o

que, para Ring, constitui mais uma indicação de que o além é “um mundo de existência onde o pensamento é soberano.”⁶²

O leitor atento poderá perguntar-se de imediato: se após a morte temos acesso a todo o conhecimento, por que razão é tão importante a busca de aprendizagem durante a vida? Quando confrontados com esta questão, os experienciadores admitem não ter uma resposta definitiva, mas afirmam sentir intensamente que tal está ligado ao propósito da vida e à capacidade de cada indivíduo se expandir e ajudar os outros. Se o conhecimento não é adquirido por acumulação progressiva, mas revelado como totalidade instantânea, então aprender durante a vida pode não ter como finalidade “armazenar dados”, mas desenvolver a capacidade de integrar, discernir e utilizar esse campo informacional. Num modelo holográfico, não se trata de aumentar a quantidade de informação, mas de refinar a qualidade da sintonia com o todo.

6. Planos de Vida e Linhas Temporais Paralelas

Tal como Whitton, investigadores da EQM encontraram igualmente indícios de que as nossas vidas são, pelo menos em certa medida, planeadas antecipadamente — e de que cada um de nós participa na elaboração desse plano. Isto torna-se evidente em vários aspetos da experiência. Frequentemente, após chegarem ao mundo de luz, os experienciadores são informados de que “ainda não é o seu tempo”. Como observa Ring, esta afirmação implica claramente a existência de algum tipo de “plano de vida”.⁶³ Também é evidente que os próprios experienciadores desempenham um papel na formulação desses destinos, pois

muitas vezes lhes é dada a escolha de regressar ou permanecer. Existem até casos em que lhes é dito que chegou o seu momento — e, ainda assim, lhes é permitido voltar. Moody relata o caso de um homem que começou a chorar ao perceber que tinha morrido, temendo que a esposa não conseguisse criar o sobrinho sem ele. Ao ouvir isso, o ser de luz respondeu que, dado que o pedido não era egoísta, poderia regressar.⁶⁴ Noutro episódio, uma mulher argumentou que ainda não tinha dançado o suficiente. A observação provocou uma gargalhada franca do ser luminoso — e também ela recebeu permissão para voltar à vida física.⁶⁵

Que o futuro está, pelo menos parcialmente, delineado, torna-se também claro num fenómeno que Ring denomina “antevisão pessoal”. Ocasionalmente, durante a visão de conhecimento, os experienciadores recebem vislumbres do próprio futuro. Num caso particularmente marcante, uma criança foi informada de pormenores específicos da sua vida futura, incluindo que se casaria aos vinte e oito anos e teria dois filhos. Foi-lhe ainda mostrado o seu “eu” adulto e os filhos sentados numa divisão da casa onde viria a viver. Enquanto observava a cena, notou um objeto estranho na parede, algo que a sua mente infantil não conseguia compreender. Décadas mais tarde — após cada uma das previsões se ter concretizado — encontrou-se exatamente na cena que tinha visto e percebeu que o objeto misterioso era um “aquecedor de ar forçado”, um tipo de aquecimento que ainda não existia na época da sua EQM.⁶⁶

Num outro relato pessoal igualmente surpreendente, uma mulher que vivenciou uma EQM viu uma fotografia de Moody, ouviu

o seu nome completo e foi informada de que, quando chegasse o momento certo, lhe contaria a sua experiência. Corria o ano de 1971 e Moody ainda não tinha publicado *Life after Life*, pelo que o nome e a imagem nada significavam para ela. Contudo, quatro anos depois, o momento tornou-se “adequado”: Moody e a família mudaram-se, sem o saber, para a mesma rua onde a mulher vivia. No Halloween desse ano, o filho de Moody bateu à porta dela para pedir doces. Ao ouvir o apelido do rapaz, a mulher pediu-lhe que dissesse ao pai que precisava de falar com ele. Quando Moody a procurou, ela relatou-lhe a sua notável história.⁶⁷

Algumas EQM parecem até apoiar a proposta de Loye de que existem múltiplos universos holográficos paralelos, ou linhas temporais. Por vezes, os experienciadores são informados de que o futuro que lhes foi mostrado se concretizará apenas se continuarem no trajeto atual. Num caso singular, uma mulher afirmou ter visto uma história alternativa da Terra — um desenvolvimento que teria ocorrido se “certos acontecimentos” não tivessem tido lugar na época de Pitágoras, há cerca de três mil anos. Segundo a visão, se tais eventos — cuja natureza ela não revelou — não tivessem ocorrido, viveríamos hoje num mundo de paz e harmonia, marcado “pela ausência de guerras religiosas e de uma figura de Cristo.”⁶⁸ Experiências como esta sugerem que as leis do tempo e do espaço num universo holográfico podem ser extraordinariamente distintas das que habitualmente supomos.

Mesmo os experienciadores que não recebem evidência direta do seu papel na construção do próprio destino regressam frequentemente com uma compreensão profunda da

interconetividade holográfica de todas as coisas. Como afirmou um empresário de sessenta e dois anos após uma paragem cardíaca: “Uma coisa que aprendi foi que todos fazemos parte de um grande universo vivo. Se pensamos que podemos magoar outra pessoa ou qualquer ser vivo sem nos magoarmos a nós próprios, estamos profundamente enganados. Quando olho agora para uma floresta, uma flor ou um pássaro, digo: ‘Isso sou eu, parte de mim.’ Estamos ligados a tudo e, se enviarmos amor ao longo dessas ligações, somos felizes.”⁶⁹ Se múltiplos futuros podem coexistir como potencialidades e a consciência participa na seleção do trajeto que se concretiza, então o tempo deixa de ser uma linha rígida e transforma-se num campo de possibilidades. Num enquadramento holográfico, cada “linha temporal” pode ser entendida como um padrão coerente dentro de um domínio mais vasto de informação, e a escolha — consciente ou profunda — funciona como mecanismo de sintonia com um desses padrões.

7. Pode Comer, Mas Não é Necessário

Os aspetos holográficos e mentalmente criados da dimensão de quase-morte tornam-se evidentes de inúmeras outras formas. Ao descrever o além, uma criança afirmou que a comida surgia sempre que a desejava, mas que não havia necessidade de a ingerir — observação que sublinha, uma vez mais, o carácter ilusório e hologramático dessa realidade.⁷⁰ Até a linguagem simbólica da psique adquire forma “objetiva”. Por exemplo, um dos sujeitos de Whitton relatou que, ao ser apresentado a uma mulher que teria um papel central na sua próxima vida, ela não surgiu com forma humana, mas como uma figura metade rosa, metade cobra. Ao ser

encorajado a interpretar o simbolismo, compreendeu que ambos tinham sido amantes em duas existências anteriores, mas que ela também fora responsável pela sua morte em ambas. Assim, em vez de aparecer como pessoa, os aspetos amorosos e perigosos da sua natureza manifestaram-se numa forma hologramática que simbolizava essas qualidades opostas.⁷¹

Este tipo de experiência não é isolado. Hazrat Inayat Khan relatou que, ao entrar em estados místicos e viajar para “realidades divinas”, os seres que encontrava surgiam por vezes em formas híbridas, metade humanas, metade animais. Tal como no caso anterior, Khan entendeu essas transfigurações como simbólicas: quando um ser apresentava traços animais, era porque o animal representava uma qualidade específica que ele possuía. Um ser de grande força podia manifestar-se com cabeça de leão; um ser astuto e sagaz podia exhibir traços de raposa. Khan sugeriu que esta poderia ser a razão pela qual culturas antigas, como a egípcia, representavam as divindades do além com cabeças de animais.⁷²

A propensão da realidade de quase-morte para se moldar em formas hologramáticas que refletem pensamentos, desejos e símbolos interiores explica por que razão os ocidentais tendem a identificar os seres de luz com figuras cristãs, enquanto indianos os percebem como santos ou divindades hindus. A plasticidade do domínio de quase-morte sugere que essas aparências exteriores podem não ser mais “reais” do que a comida desejada pela criança, a mulher que se manifestou como mistura de rosa e cobra, ou as roupas etéreas materializadas pelo experienciador envergonhado. A mesma plasticidade explica diferenças culturais adicionais: alguns

atravessam um túnel, outros cruzam uma ponte, passam sobre um rio ou simplesmente caminham por uma estrada. Tudo indica que, numa realidade formada por estruturas de pensamento em interação, até a própria paisagem é esculpida pelas ideias e expectativas do experienciador.

Neste ponto, convém sublinhar algo essencial. Por mais surpreendente que pareça o domínio de quase-morte, as evidências analisadas ao longo desta obra sugerem que o nosso próprio nível de existência pode não ser fundamentalmente distinto. Também nós podemos aceder à informação total — embora com maior dificuldade. Também nós podemos experimentar anteverões pessoais e confrontar-nos com a natureza fantasmática do tempo e do espaço. Também nós podemos moldar e transformar o corpo — e, por vezes, a própria realidade — segundo as nossas crenças, ainda que tal exija mais tempo e esforço. As capacidades atribuídas a Sathya Sai Baba sugerem inclusive a possibilidade de materialização de alimento pelo simples ato de desejar, enquanto o caso de Therese Neumann, associada ao fenómeno da inédia (sobrevivência sem ingestão alimentar), levanta a hipótese de que comer possa não ser, em última instância, tão indispensável quanto supomos.

Em suma, tudo indica que esta realidade e a próxima diferem em grau, mas não em natureza. Ambas parecem ser construções hologramáticas, estabelecidas — como afirmam Jahn e Dunne — pela interação entre consciência e ambiente. Dito de outro modo, a nossa realidade pode ser entendida como uma versão mais “congelada” da dimensão pós-vida. Aqui, as crenças demoram mais

tempo a esculpir o corpo sob a forma de estigmas físicos ou a manifestar-se exteriormente como sincronicidades. Mas manifestam-se. Num fluxo lento e persistente — um rio contínuo que nos recorda que habitamos um universo cuja verdadeira estrutura estamos apenas a começar a entrever. Se a diferença entre esta realidade e a dimensão pós-morte é apenas uma questão de grau de plasticidade, então aquilo que consideramos “mundo físico” pode ser apenas uma região mais estável do mesmo campo holográfico de informação. A solidez seria, assim, uma desaceleração da maleabilidade — não uma mudança de substância, mas de dinâmica.

8. Informações Sobre o Reino de Quase-Morte a Partir de Outras Fontes

Não é necessário estar numa situação de risco de vida para visitar a dimensão do além. Existem indícios de que o domínio de quase-morte pode também ser alcançado durante EFC (Experiências Fora do Corpo). Nos seus escritos, Monroe descreve várias visitas a níveis de realidade onde encontrou amigos já falecidos.⁷³ Um visitante ainda mais notável dessas regiões foi o místico sueco Emanuel Swedenborg. Nascido em 1688, Swedenborg foi uma figura extraordinária do seu tempo — uma espécie de Leonardo da Vinci nórdico. Nos primeiros anos dedicou-se à ciência: foi o principal matemático da Suécia, falava nove línguas, era gravador, político, astrónomo e empresário; construía relógios e microscópios como passatempo; escreveu obras sobre metalurgia, teoria das cores, comércio, economia, física, química,

mineração e anatomia; e chegou mesmo a conceber protótipos de avião e submarino.

Paralelamente, mantinha uma prática regular de meditação. Na meia-idade, desenvolveu a capacidade de entrar em estados de transe profundo durante os quais afirmava deixar o corpo e visitar aquilo que lhe parecia ser o céu, conversando com “anjos” e “espíritos”. Que vivenciava algo de profundo parece inegável. Tornou-se tão conhecido por essa capacidade que a rainha da Suécia lhe pediu que descobrisse por que razão o seu irmão falecido não respondera a uma carta enviada antes da morte. Swedenborg prometeu consultar o defunto e regressou no dia seguinte com uma mensagem cujo conteúdo, segundo a rainha, apenas ela e o irmão conheciam. Prestou serviços semelhantes a outras pessoas e, noutra ocasião, indicou a uma viúva a existência de um compartimento secreto na secretária do marido falecido, onde foram encontrados documentos urgentes. Este episódio tornou-se tão célebre que levou Immanuel Kant a escrever uma obra intitulada *Dreams of a Spirit-Seer*.

O mais impressionante, porém, é a notável correspondência entre as descrições de Swedenborg e os relatos modernos de EQM. Ele fala da passagem por um túnel escuro, do encontro com espíritos acolhedores, de paisagens mais belas do que quaisquer vistas na Terra, de um domínio onde tempo e espaço deixam de existir, de uma luz deslumbrante impregnada de amor, da presença de seres luminosos e de uma paz envolvente.⁷⁴ Afirma ainda ter observado a chegada de recém-falecidos ao céu e assistido ao processo de revisão da vida, que designava como “a abertura do

Livro das Vidas”. Segundo ele, a pessoa revivia “tudo o que alguma vez fora ou fizera”, mas acrescentava um detalhe singular: essa informação encontrava-se registada no sistema nervoso do corpo espiritual. Para evocar a revisão, um “anjo” examinaria todo o corpo do indivíduo, começando pelos dedos e percorrendo-o integralmente.⁷⁵

Swedenborg refere igualmente as “bolas de pensamento” holográficas usadas pelos anjos para comunicar, comparando-as às representações visíveis numa “substância ondulatória” que rodearia cada pessoa. Tal como muitos experienciadores modernos, descreve essas transmissões telepáticas como uma linguagem imagética de densidade extrema, em que cada imagem contém mil ideias. Uma sequência dessas representações poderia prolongar-se durante horas, numa organização tão elaborada que suscita assombro.⁷⁶

Acrescenta ainda que, para além dessas representações, os anjos utilizariam uma forma de comunicação cujos conceitos ultrapassam a compreensão humana. As imagens seriam, assim, uma espécie de tradução simplificada das suas ideias, o único meio de tornar inteligível uma fração do seu pensamento.⁷⁷

Swedenborg confirma também elementos menos comuns nas EQM modernas. Afirmava que, no mundo espiritual, não é necessário comer; a informação substitui o alimento como fonte de nutrição.⁷⁸ Relatava que, quando espíritos e anjos conversavam, os seus pensamentos se condensavam espontaneamente em imagens tridimensionais simbólicas, frequentemente sob a forma de

animais. Quando falavam de amor e afeição, surgiam “belos animais, como cordeiros”; quando tratavam de afetos negativos, apareciam criaturas ferozes e desagradáveis, como tigres, ursos, lobos, escorpiões ou serpentes.⁷⁹ Num detalhe ainda mais surpreendente para a época, Swedenborg afirmou ter encontrado no céu espíritos provenientes de outros planetas — declaração extraordinária para alguém nascido há mais de três séculos.⁸⁰

Particularmente sugestivas são as suas observações que evocam qualidades holográficas da realidade. Apesar de parecerem separados, os seres humanos estariam ligados numa unidade cósmica. Cada pessoa seria um céu em miniatura; cada indivíduo — e mesmo o universo físico — um microcosmo da realidade divina maior. Sustentava também que por detrás da realidade visível existiria uma “substância ondulatória”.

Diversos estudiosos notaram paralelos entre as ideias de Swedenborg e a teoria de Bohm e Pribram. Um deles é George F. Dole, professor de teologia na Swedenborg School of Religion. Dole observa que, para Swedenborg, o universo é constantemente criado e sustentado por dois fluxos ondulatórios: um proveniente do céu e outro oriundo da própria alma humana. “Se reunirmos estas imagens, a semelhança com o holograma é impressionante”, afirma Dole. “Somos constituídos pela interseção de dois fluxos — um direto, do divino, e outro indireto, do divino através do ambiente. Podemos ver-nos como padrões de interferência, pois o influxo é um fenómeno ondulatório e nós somos o ponto onde as ondas se encontram.”⁸¹

Swedenborg considerava ainda que, apesar da sua natureza etérea, o céu é um nível de realidade mais fundamental do que o mundo físico. Seria a fonte arquetípica de todas as formas terrestres, para onde todas regressam — ideia que lembra a distinção de Bohm entre ordem implicada e ordem explicada. Também defendia que o domínio pós-vida e o mundo material diferem em grau, não em natureza, sendo o mundo físico uma versão mais “congelada” da realidade construída pelo pensamento no céu. A matéria que constitui ambos “flui por estágios” a partir do Divino e, a cada novo estágio, torna-se mais geral, mais grosseira, mais lenta, mais viscosa e mais fria.⁸²

Swedenborg registou as suas experiências em quase vinte volumes. No leito de morte, foi-lhe perguntado se desejava retratar-se de algo. Respondeu com convicção: “Tudo o que escrevi é tão verdadeiro quanto agora me vê. Poderia ter dito muito mais se me tivesse sido permitido. Após a morte verá tudo, e então teremos muito a conversar sobre o assunto.”⁸³ Se descrições separadas por séculos convergem em elementos estruturais — túnel, luz, revisão da vida, comunicação por blocos de informação, realidade moldada por pensamento — então o fenómeno pode não ser meramente cultural, mas refletir um padrão subjacente da consciência. Num modelo holográfico, tais recorrências sugerem que diferentes mentes, em épocas distintas, podem estar a aceder ao mesmo domínio informacional, traduzindo-o segundo as linguagens simbólicas disponíveis em cada contexto histórico.

9. A Terra do Não-Lugar

Swedenborg não foi o único a afirmar possuir a capacidade de realizar viagens fora do corpo para níveis mais subtis da realidade. Os sufis persas do século XII recorriam igualmente a estados meditativos profundos, semelhantes a transe, para visitar a “terra onde habitam os espíritos”. E, mais uma vez, os paralelos com os dados acumulados ao longo deste capítulo são impressionantes. Sustentavam que, nesse outro domínio, o indivíduo possui um “corpo subtil” e utiliza sentidos que nem sempre estão associados a “órgãos específicos” desse corpo. Afirmavam tratar-se de uma dimensão povoada por mestres espirituais — ou imãs — e chamavam-lhe por vezes “o país do Imã oculto”.

Consideravam que esse mundo era criado exclusivamente a partir da matéria subtil do *alam al-mithal*, isto é, do pensamento. O próprio espaço — incluindo “proximidade”, “distância” e “lonjura” — seria gerado pelo pensamento. Mas isso não significava que o país do Imã oculto fosse irreal, um domínio feito de nada. Nem tampouco era uma paisagem criada por uma única mente. Era antes um plano de existência formado pela imaginação de muitos, mas que possuía ainda assim corporalidade e dimensão próprias, com florestas, montanhas e cidades. Os sufis dedicaram largas passagens dos seus escritos a clarificar este ponto. Tão estranha é esta ideia para muitos pensadores ocidentais que o falecido Henry Corbin, professor de Religião Islâmica na Sorbonne, cunhou o termo *imaginal* para a descrever — um mundo criado pela imaginação, mas ontologicamente tão real quanto o físico. “A razão pela qual tive absolutamente de encontrar outra expressão foi que, durante

muitos anos, a minha profissão exigiu-me interpretar textos árabes e persas cujo sentido teria traído se me tivesse limitado ao termo ‘imaginário’”, afirmou Corbin.⁸⁴

Dada a natureza imaginal do além, os sufis concluíram que *a imaginação é uma faculdade de percepção*. Esta ideia lança nova luz sobre o facto de o paciente de Whitton materializar uma mão apenas quando começou a pensar nela, e sobre o poder que a visualização exerce na saúde e estrutura física do corpo. Contribuiu também para a crença sufi de que, através da visualização — a que chamavam “oração criativa” — se pode alterar e remodelar a própria tessitura do destino.

Num paralelismo com as ordens implicada e explicada de Bohm, os sufis defendiam que, apesar do seu carácter etéreo, o domínio do além constitui a matriz geradora de todo o universo físico. Todas as coisas da realidade material emergiriam dessa realidade espiritual. Contudo, até os mais eruditos entre eles reconheciam o paradoxo: ao meditar e penetrar profundamente na psique, chegava-se a um mundo interior que “acaba por envolver, rodear ou conter aquilo que inicialmente era exterior e visível”.⁸⁵

Esta constatação remete, evidentemente, para as qualidades não-locais e holográficas da realidade. Cada um de nós conteria o céu inteiro. Mais ainda: cada um de nós conteria a localização do céu. Ou, como diziam os sufis, em vez de procurar a realidade espiritual “no onde”, o “onde” está em nós. Ao refletir sobre estes aspetos não-locais, o místico persa do século XII Suhrawardi

sugeriu que o país do Imã oculto poderia chamar-se mais adequadamente *Na-Koja-Abad*, “a terra do não-lugar”.⁸⁶

Reconheça-se que a ideia não é inteiramente nova. É o mesmo sentimento expresso na afirmação de que “o reino dos céus está dentro”. O que surge aqui com nova tonalidade é a sugestão de que tais expressões apontam, afinal, para os aspetos não-locais dos níveis mais subtis da realidade. Mais uma vez se insinua que, quando alguém vive uma EFC, pode não estar verdadeiramente a deslocar-se para parte alguma. Poderá simplesmente estar a reconfigurar o holograma — sempre ilusório — da realidade, de modo a experienciar deslocação. Num universo holográfico, a consciência não está apenas em toda a parte; está também em parte nenhuma. Se o “onde” é produzido pela própria estrutura percetiva, então deslocar-se pode significar apenas alterar o padrão de organização da experiência. Neste enquadramento, viagem deixa de implicar movimento através de um espaço pré-existente e passa a significar mudança de estado dentro de um campo informacional não-local.

Alguns experienciadores de quase-morte aludiram explicitamente a esta interioridade radical do além. Como afirmou um rapaz de sete anos: “Morrer é como entrar na própria mente.”⁸⁷ O próprio David Bohm oferece uma visão semelhante do que ocorre na transição entre esta vida e a próxima:

No presente, todo o nosso processo de pensamento diz-nos que devemos manter a atenção aqui. Não se pode atravessar a rua, por exemplo, se não o fizer. Mas a consciência está sempre na

profundidade ilimitada que está para além do espaço e do tempo, nos níveis mais subtis da ordem implicada. Portanto, se penetrar suficientemente no presente real, talvez não haja diferença entre este momento e o seguinte. A ideia seria que, na experiência da morte, se entra nisso. O contato com a eternidade está no momento presente, mas é mediado pelo pensamento. É uma questão de atenção.⁸⁸

10. Imagens de Luz Inteligentes e Coordenadas

A ideia de que os níveis mais subtis da realidade podem ser acedidos apenas através de uma mudança de estado de consciência constitui também um dos pressupostos centrais da tradição ióguica. Muitas práticas do ioga foram concebidas precisamente para ensinar o praticante a realizar tais jornadas. E, uma vez mais, aqueles que afirmam ter êxito nessas incursões descrevem uma paisagem que já se tornou familiar. Um desses indivíduos foi Sri Yukteswar Giri, um mestre hindu pouco conhecido do grande público, mas amplamente respeitado, que faleceu em Puri, na Índia, em 1936. W. Y. Evans-Wentz, que o conheceu na década de 1920, descreveu-o como um homem de “presença agradável e carácter elevado”, plenamente “digno da veneração que os seus discípulos lhe tributavam.”⁸⁹

Sri Yukteswar parecia particularmente dotado para transitar entre este mundo e o seguinte. Descreveu a dimensão pós-vida como um domínio composto por “vibrações subtis de luz e cor” e “centenas de vezes maior do que o cosmos material”. Afirmava ser infinitamente mais belo do que o nosso plano de existência, abundando em “lagos opalinos, mares brilhantes e rios arco-íris”.

Por estar mais “vibrante com a luz criadora de Deus”, o clima seria sempre ameno, manifestando-se apenas sob a forma de ocasionais quedas de “neve branca luminosa e chuva de luzes multicoloridas”.

Os seres que habitam esse domínio poderiam materializar qualquer corpo que desejassem e “ver” com qualquer parte do corpo que escolhessem. Poderiam igualmente materializar frutos ou outros alimentos à vontade, embora estivessem “quase libertos da necessidade de comer” e se alimentassem sobretudo do “néctar de um conhecimento eternamente renovado”.

A comunicação ocorreria através de uma sequência telepática de “imagens luminosas”. Ali celebrar-se-ia “a imortalidade da amizade”, reconhecer-se-ia “a indestrutibilidade do amor”, e sentir-se-ia dor aguda “sempre que ocorresse algum erro de conduta ou de percepção da verdade”. Confrontados com a multiplicidade de parentes, pais, mães, esposas, maridos e amigos adquiridos ao longo das “diversas encarnações na Terra”, os indivíduos perceberiam a impossibilidade de amar apenas alguns, aprendendo assim a oferecer “um amor divino e igual a todos”.

E qual seria, em última análise, a natureza essencial da nossa realidade quando passamos a habitar essa terra luminosa? A resposta de Sri Yukteswar foi simultaneamente simples e profundamente consonante com a metáfora holográfica. Nesse domínio onde comer e até respirar são desnecessários, onde um único pensamento pode materializar “um jardim inteiro de flores perfumadas” e qualquer lesão corporal é “instantaneamente curada pelo simples ato de querer”, nós somos, muito simplesmente,

“imagens de luz inteligentes e coordenadas.”⁹⁰ Se a identidade última é descrita como padrão organizado de luz — isto é, como estrutura coerente de vibração — então a matéria deixa de ser fundamento e passa a ser expressão. Num enquadramento holográfico, “imagem de luz” não é poesia: é a tradução fenomenológica de um padrão de frequências que a consciência organiza e experiencia como forma.

11. Mais Referência à Luz

Sri Yukteswar não foi o único mestre ióguico a recorrer a termos de tonalidade holográfica ao descrever os níveis mais subtis da realidade. Outro foi Sri Aurobindo — pensador, ativista político e místico que muitos indianos reverenciam ao lado de Mahatma Gandhi. Nascido em 1872 numa família indiana abastada, Sri Aurobindo foi educado em Inglaterra, onde rapidamente ganhou reputação de prodígio. Era fluente em inglês, hindi, russo, alemão e francês, bem como em sânscrito antigo. Conseguia ler uma caixa inteira de livros por dia e repetir palavra por palavra o que lera. Os seus poderes de concentração tornaram-se lendários; dizia-se que podia estudar toda a noite na mesma postura, indiferente até às picadas incessantes dos mosquitos.

Tal como Gandhi, participou ativamente no movimento nacionalista indiano e chegou a ser preso por sedição. Contudo, apesar do seu vigor intelectual e humanitário, manteve-se ateu até testemunhar um iogue errante curar instantaneamente o seu irmão de uma doença potencialmente fatal. A partir desse momento, dedicou-se inteiramente às disciplinas ióguicas e, através da

meditação, tornou-se — nas suas próprias palavras — “um explorador dos planos de consciência”.

A tarefa não foi simples. Um dos obstáculos mais difíceis foi aprender a silenciar o fluxo incessante de palavras e pensamentos que atravessam a mente humana comum. Qualquer pessoa que já tenha tentado esvaziar a mente por alguns instantes conhece a dificuldade. Contudo, os textos ióguicos são claros: para penetrar nas regiões mais subteis e implicadas da psique, é necessária uma mudança radical de atenção — algo que recorda a inflexão proposta por Bohm. Ou, como dizia Sri Aurobindo, para descobrir o “novo país dentro de nós”, é preciso primeiro “abandonar o antigo”.

Após anos de prática, quando finalmente conseguiu silenciar a mente e viajar interiormente, encontrou o mesmo vasto território descrito por outros exploradores do espírito: um domínio para além do espaço e do tempo, composto por uma “infinidade multicolorida de vibrações” e habitado por seres não físicos cuja consciência ultrapassaria largamente a humana. Esses seres poderiam assumir qualquer forma à vontade — aparecendo a um cristão como santo cristão e a um hindu como figura da sua tradição — não para enganar, mas para se tornarem acessíveis “a uma consciência particular”.

Na sua forma mais autêntica, afirmava Sri Aurobindo, esses seres são “pura vibração”. Na obra *On Yoga*, compara mesmo a sua capacidade de se manifestarem como forma ou vibração à dualidade onda-partícula descoberta pela ciência moderna. Observava ainda que, nesse domínio luminoso, a informação não é

apreendida ponto a ponto, mas absorvida “em grandes massas”, podendo-se, num único relance, abarcar extensões vastíssimas de espaço e tempo.

Muitas das suas afirmações ecoam de modo surpreendente as conclusões de Bohm e Pribram. Defendia que os seres humanos possuem um “ecrã mental” que nos impede de ver para além do “véu da matéria”, mas que, ao atravessá-lo, descobre-se que tudo é constituído por “diferentes intensidades de vibrações luminosas”. A consciência também seria composta por vibrações distintas, e toda a matéria possuiria algum grau de consciência. À semelhança de Bohm, sustentava que a psicocinese resulta precisamente desse facto: se a matéria não fosse, de algum modo, consciente, não haveria qualquer possibilidade de contato entre o iogue e o objeto.

Talvez o aspeto mais marcadamente “bohmano” do seu pensamento seja a reflexão sobre totalidade e fragmentação. Segundo Sri Aurobindo, uma das grandes revelações dos “reinos luminosos do Espírito” é que toda a separação é ilusória; tudo está intrinsecamente interligado. À medida que se desce dos níveis vibracionais mais elevados para os mais densos, instala-se uma “lei progressiva de fragmentação”. Fragmentamos porque operamos numa frequência mais baixa de consciência — e essa tendência impede-nos de experienciar a intensidade de consciência, alegria e amor que caracterizam os planos superiores.

Tal como Bohm afirmava que num universo verdadeiramente indiviso não pode existir desordem absoluta, Sri Aurobindo aplicava o mesmo princípio à consciência. Se um único ponto do universo

fosse totalmente inconsciente, então todo o universo o seria. Quando percebemos uma pedra ou um grão de areia como inertes, essa percepção é ilusória — fruto da nossa habituação sonâmbula à fragmentação.

Esta compreensão epifânica da totalidade levou-o também a reconhecer a relatividade última de todas as verdades e a arbitrariedade de dividir o movimento indiviso do real em “coisas”. Considerava que qualquer tentativa de reduzir o universo a factos absolutos ou doutrinas imutáveis conduz à distorção. Por isso, manteve sempre uma postura crítica face à institucionalização da espiritualidade, insistindo que a verdadeira dimensão espiritual não provém de organizações ou sacerdócios, mas do universo interior.

Devemos não só cortar a armadilha da mente e dos sentidos, mas fugir também da armadilha do pensador, do teólogo e do construtor de igrejas; das malhas da Palavra e da escravidão da Ideia. Tudo isto está dentro de nós, pronto para cercar o espírito com formas; mas devemos ir sempre além, renunciar ao menor pelo maior, ao finito pelo Infinito; devemos estar preparados para avançar de iluminação em iluminação, de experiência em experiência, de estado de alma em estado de alma. (...) Nem nos devemos apegar às verdades que julgamos mais seguras, pois são apenas formas e expressões do Inefável que se recusa a limitar-se a qualquer forma ou expressão.⁹¹

Mas se o cosmos é, em última análise, inefável — um entrelaçado de vibrações multicoloridas — então o que são todas as formas que percebemos? O que é a realidade física? Para Sri Aurobindo, é simplesmente “uma massa de luz estável.”⁹² Se a matéria é descrita como “luz estabilizada”, então o sólido deixa de ser o fundamento e passa a ser a condensação de um processo vibratório. Num

enquadramento holográfico, forma é frequência organizada; estabilidade é apenas coerência persistente dentro de um campo dinâmico de energia e informação.

12. Sobrevivência na Infinitude

O quadro da realidade descrito pelos experienciadores de quase-morte revela uma coerência interna notável e encontra eco no testemunho de muitos dos mais dotados místicos da história. Mais surpreendente ainda é o facto de esses níveis subtis — que para as culturas ditas “avançadas” parecem extraordinários e exóticos — constituírem territórios familiares e quotidianos para povos tradicionalmente classificados como “primitivos”.

Por exemplo, o Dr. E. Nandisvara Nayake Thero, antropólogo que viveu e estudou uma comunidade aborígene australiana, observa que o conceito aborígene de *dreamtime* (*Tempo do Sonho*) — domínio visitado pelos xamãs através de transe profundo — é quase idêntico aos planos pós-vida descritos em fontes ocidentais. Trata-se do reino para onde os espíritos humanos se dirigem após a morte; ali, o xamã pode dialogar com os mortos e aceder instantaneamente a todo o conhecimento. É também uma dimensão onde tempo, espaço e as fronteiras da vida terrena deixam de existir, obrigando o indivíduo a confrontar-se com a infinitude. Por isso, os xamãs australianos referem-se frequentemente ao além como “sobrevivência na infinitude”.⁹³

O etnopsicólogo alemão Holger Kalweit, especialista em xamanismo e investigador de experiências de quase-morte, vai ainda mais longe. Segundo ele, praticamente todas as tradições xamânicas do mundo contêm descrições desse vasto domínio extradimensional — incluindo referências à revisão da vida, a seres espirituais superiores que ensinam e orientam, a alimento materializado pelo pensamento e a paisagens de beleza indescritível. Mais ainda: a capacidade de viajar para o reino do além constitui talvez o requisito mais universal para ser xamã, e muitas vezes é uma experiência de quase-morte que precipita essa vocação. Oglala Sioux, Seneca, Yakut da Sibéria, Guajiro da América do Sul, Zulu, Kikuyu do Quênia, Mu-dang coreanos, habitantes das ilhas Mentawai na Indonésia e esquimós Caribou — todos possuem tradições de indivíduos que se tornaram xamãs após uma doença grave os ter projetado para o domínio do além.

Contudo, ao contrário dos ocidentais para quem tais experiências são desconcertantes e inéditas, os exploradores xamânicos parecem possuir um conhecimento muito mais detalhado da “geografia” desses planos e regressar a eles repetidamente. Porquê? Kalweit sugere que, nessas culturas, tais experiências fazem parte do tecido quotidiano da vida. Enquanto a sociedade moderna tende a suprimir qualquer referência à morte e a restringir a realidade ao domínio material, os povos tribais mantêm contato diário com a dimensão psíquica do real. Assim, compreendem melhor as “regras” que regem esses mundos interiores e navegam-nos com maior destreza.⁹⁴

A familiaridade desses territórios torna-se evidente num episódio vivido pelo antropólogo Michael Harner entre os índios Conibo da Amazônia peruana. Em 1960, enviado pelo American Museum of Natural History para estudar esse povo, Harner manifestou interesse nas suas crenças religiosas. Os Conibo disseram-lhe que, se desejava compreender verdadeiramente, teria de ingerir a bebida sagrada xamânica feita a partir de uma planta alucinógena chamada *ayahuasca* — a “videira da alma”. Após beber a infusão amarga, Harner viveu uma experiência fora do corpo e viajou para um plano povoado por entidades que lembravam os deuses e demónios da mitologia Conibo. Viu demónios com cabeças de crocodilo sorridentes, observou uma “essência-energia” elevar-se do seu peito em direção a uma embarcação com cabeça de dragão tripulada por figuras de estilo egípcio com cabeças de gaio-azul, e sentiu aquilo que interpretou como o avanço lento da própria morte.

O episódio mais dramático ocorreu quando seres alados, semelhantes a dragões, emergiram da sua coluna vertebral. Depois de saírem do seu corpo, “projetaram” diante dele uma cena visual que afirmavam representar a “verdadeira” história da Terra. Através de uma espécie de “linguagem de pensamento”, declararam ser responsáveis pela origem e evolução de toda a vida no planeta. Habitariam não apenas os seres humanos, mas todas as formas vivas, tendo criado a diversidade biológica como esconderijo contra um inimigo cósmico não identificado. (Harner observa que, em 1961, desconhecia completamente a existência do ADN.)

Após essa sequência de visões, Harner procurou um xamã Conibo cego, reputado pelos seus dons paranormais. O ancião escutou com serenidade a narrativa, acenando ocasionalmente. Quando Harner descreveu os seres dracônicos e a sua pretensão de serem os verdadeiros senhores da Terra, o xamã sorriu: “Ah, eles dizem sempre isso. Mas são apenas os Senhores da Escuridão Exterior.”

“Fiquei atônito”, relata Harner. “Aquilo que eu tinha experienciado era já familiar para aquele xamã cego e descalço — conhecido das suas próprias incursões no mesmo mundo oculto.” O espanto aumentou quando relatou o sucedido a dois missionários cristãos locais. Para sua surpresa, reconheceram paralelos entre a sua descrição e certas passagens do Livro do Apocalipse, que Harner — ateu — nunca lera.⁹⁵ Assim, é possível que não apenas o xamã Conibo tenha percorrido esse território, mas também alguns profetas do Antigo e Novo Testamento, nas suas “viagens ao céu”.

Poderá aquilo que classificámos como folclore ingênuo ou mitologia encantadora constituir, afinal, uma cartografia sofisticada dos níveis subtis da realidade? Para Kalweit, a resposta é inequivocamente afirmativa. “À luz das descobertas revolucionárias da investigação recente sobre a natureza da morte e do morrer, já não podemos encarar as religiões tribais e as suas ideias sobre o Mundo dos Mortos como concepções limitadas”, afirma. “[Pelo contrário,] o xamã deve ser considerado um psicólogo profundamente atualizado e conhecedor.”⁹⁶ Quando descrições oriundas de contextos culturais radicalmente distintos convergem em estruturas semelhantes — revisão da vida, acesso instantâneo

a conhecimento, domínio não-local onde pensamento molda forma — a hipótese de mera coincidência cultural enfraquece. Num enquadramento holográfico, tais tradições podem ser vistas como mapas simbólicos de um mesmo domínio informacional, traduzido segundo linguagens próprias, mas ancorado numa estrutura comum da consciência.

13. Uma Radiância Espiritual Inegável

Um último elemento a favor da realidade da experiência de quase-morte reside no efeito transformador que ela exerce sobre quem a vive. Os investigadores constataram que os experienciadores regressam quase sempre profundamente alterados. Tornam-se mais felizes, otimistas, serenos e menos centrados em bens materiais. O traço mais impressionante é a expansão da capacidade de amar. Maridos distantes tornam-se afetuosos, trabalhadores compulsivos passam a dedicar tempo à família, introvertidos tornam-se expansivos. As mudanças podem ser tão marcantes que familiares e amigos afirmam estar perante uma pessoa inteiramente diferente. Há mesmo registos de criminosos que reformaram completamente a sua vida e de pregadores centrados na condenação que passaram a proclamar amor incondicional e compaixão.

Os experienciadores tornam-se também muito mais orientados para a dimensão espiritual. Regressam convictos da imortalidade da alma e com a percepção íntima de que o universo é compassivo e inteligente — e que essa presença amorosa os acompanha constantemente. Contudo, tal não implica necessariamente maior

religiosidade institucional. Tal como Sri Aurobindo, muitos sublinham a diferença entre religião e espiritualidade, afirmando que foi esta última que floresceu nas suas vidas. Estudos indicam ainda maior abertura a ideias exteriores à sua tradição religiosa, como a reencarnação ou as religiões orientais.⁹⁷

Essa ampliação de interesses estende-se frequentemente a outros domínios. Muitos desenvolvem fascínio por fenómenos psíquicos e pela nova física. Um caso estudado por Ring envolve um operador de maquinaria pesada que, antes da sua experiência, não demonstrava qualquer interesse por livros ou estudos académicos. Durante a sua EQM teve uma visão de conhecimento total. Após recuperar, não recordava o conteúdo específico, mas termos da física começaram a surgir-lhe espontaneamente na mente. Um dia pronunciou a palavra “*quântico*”. Mais tarde afirmou enigmaticamente: “Max Planck — ainda se vai ouvir falar muito dele”, e começaram a emergir fragmentos de equações e símbolos matemáticos.

Nem ele nem a esposa sabiam o que significava “*quântico*” ou quem era Max Planck — amplamente considerado o fundador da física quântica — até consultarem uma biblioteca. Ao constatar que não falava incoerências, passou a ler intensamente obras de física, parapsicologia, metafísica e consciência superior, chegando mesmo a inscrever-se num curso universitário de física. A esposa escreveu a Ring descrevendo a transformação do marido:

muitas vezes ele pronunciava palavras desconhecidas, por vezes estrangeiras, relacionadas com a “teoria da luz”; falava de

fenômenos mais rápidos do que a velocidade da luz; ao pegar num livro de física parecia já saber as respostas e “sentir” mais do que compreender intelectualmente.⁹⁸

Após a experiência, começou igualmente a manifestar capacidades psíquicas — fenômeno não raro entre experienciadores. Em 1982, Bruce Greyson aplicou um questionário a sessenta e nove indivíduos e verificou aumento significativo em quase todos os fenômenos psíquicos avaliados.⁹⁹ P. M. H. Atwater, que iniciou investigação após a sua própria EQM, encontrou resultados semelhantes. “Telepatia e dons de cura são comuns”, afirma. “Também é frequente ‘recordar’ o futuro. O tempo e o espaço cessam, e vive-se uma sequência futura em detalhe; quando o acontecimento ocorre, reconhece-se.”¹⁰⁰

Raymond Moody considera que estas transformações positivas constituem a evidência mais convincente de que as EQM são autênticas incursões num nível espiritual da realidade. Kenneth Ring concorda:

No cerne da EQM encontramos uma radiância espiritual absoluta e inegável. Esse núcleo é tão avassalador que a pessoa é para sempre projetada num modo inteiramente novo de ser.¹⁰¹

Não são apenas investigadores de EQM que admitem a possibilidade dessa dimensão. O laureado com o Nobel Brian Josephson, praticante de meditação, sustenta que existem níveis mais subtis da realidade acessíveis pela consciência e possivelmente relevantes para o destino pós-morte.¹⁰²

Num simpósio realizado em 1985 na Universidade de Georgetown sobre a possibilidade de vida para além da morte biológica, convocado pelo senador norte-americano Claiborne Pell, o físico Paul Davies manifestou abertura semelhante:

Concordamos que a mente encontra expressão através da matéria — especificamente do cérebro. A lição da física quântica é que a matéria só adquire existência concreta em conjunção com a mente. Se a mente é padrão e não substância, então pode admitir múltiplas representações.¹⁰³

A psiconeuroimunologista Candace Pert partilhou posição afim:

A informação é armazenada no cérebro, e é concebível que possa transformar-se noutro domínio. Para onde vai a informação quando as moléculas que a compõem são destruídas? A matéria não pode ser criada nem destruída; talvez o fluxo de informação biológica também não desapareça com a morte, mas se transforme.¹⁰⁴

Poderá o nível implicado de realidade descrito por David Bohm corresponder ao domínio do espírito — fonte da radiância que transfigurou místicos ao longo dos séculos? O próprio Bohm não descarta essa hipótese. O domínio implicado “poderia igualmente chamar-se Idealismo, Espírito, Consciência”, afirmou com sobriedade. “A separação entre matéria e espírito é uma abstração. O fundamento é sempre um.”¹⁰⁵ Se as experiências produzem transformações duradouras, coerentes e orientadas para maior integração, compaixão e ampliação cognitiva, então não se trata apenas de episódios subjetivos efémeros. Num enquadramento holográfico, tal mudança pode indicar que a consciência, ao contatar um nível mais profundo de organização do real, regressa

reconfigurada — como um padrão que, ao tocar uma ordem mais implicada, se reorganiza segundo uma coerência mais ampla.

14. Quem São os Seres de Luz?

Como muitas das observações anteriores foram formuladas por físicos e não por teólogos, impõe-se uma pergunta inevitável. Se, como sugere David Bohm, a física começa a penetrar territórios outrora exclusivos do místico, será possível que tal aproximação já tenha sido antecipada pelos próprios seres que habitam o domínio de quase-morte? Estará a fome insaciável de conhecimento — frequentemente relatada pelos experienciadores — a preparar a humanidade para uma convergência futura entre ciência e espiritualidade?

Esta hipótese será examinada adiante. Antes, porém, importa formular outra questão. Se a existência dessa dimensão superior já não está verdadeiramente em causa, quais são os seus contornos? Quem são os seres que a habitam? E como é a sua sociedade — ousar-se-á dizer, a sua civilização?

São perguntas difíceis. Quando Joel Whitton tentou identificar os seres que orientavam os indivíduos no estado intermédio entre vidas, encontrou respostas vagas. A impressão recolhida dos seus sujeitos era a de que se trataria de entidades que completaram o seu ciclo de encarnações na Terra.¹⁰⁶

Após centenas de incursões no domínio interior e entrevistas com numerosos praticantes experientes de EFC, Robert Monroe chegou igualmente a um impasse. “Seja o que forem, possuem a capacidade de irradiar uma cordialidade que inspira total confiança”, observa. “Percebem os nossos pensamentos com extrema facilidade.” E “toda a história da humanidade e da Terra está disponível para eles nos mais ínfimos detalhes”. Contudo, também Monroe admite ignorar a identidade última dessas entidades, exceto no que parece ser a sua função primordial: uma solicitude constante pelo bem-estar dos seres humanos com quem interagem.¹⁰⁷

Quanto à civilização desses planos subtis, *pouco mais* se pode afirmar além do testemunho consistente de que ali existem vastas cidades de beleza celeste. Experienciadores de quase-morte, adeptos do ioga e xamãs utilizadores de *ayahuasca* descrevem-nas com notável concordância. Os sufis do século XII estavam tão familiarizados com essas metrópoles que chegaram a atribuir nomes a algumas delas.

A característica mais marcante dessas cidades é a sua luminosidade intensa. São frequentemente descritas como arquitetonicamente estranhas e de beleza tão sublime que as palavras se revelam insuficientes. Ao descrever uma delas, Emanuel Swedenborg afirmou tratar-se de um lugar “de concepção arquitetónica assombrosa, tão belo que se diria ser o lar e a própria fonte da arte.”¹⁰⁸

Muitos visitantes relatam ainda a abundância de escolas e edifícios dedicados ao saber. Diversos sujeitos de Whitton recordaram ter passado períodos em vastas salas de estudo, equipadas com bibliotecas e espaços de seminário.¹⁰⁹ Experienciadores modernos falam igualmente de “escolas”, “bibliotecas” e “instituições de ensino superior” visitadas durante a experiência.¹¹⁰ Textos tibetanos do século XI referem cidades dedicadas ao conhecimento, acessíveis apenas penetrando “as profundezas ocultas da mente”. Edwin Bernbaum sugere que o romance *Lost Horizon*, de James Hilton, e a sua mítica *Shangri-La* terão sido inspirados por essas tradições.*¹¹¹

Contudo, num domínio imaginal, tais descrições são ambíguas. Não é possível determinar se essas estruturas são realidades objetivas ou formas alegóricas. Moody e Ring relatam casos em que os edifícios de ensino não eram apenas dedicados ao conhecimento, mas literalmente construídos de conhecimento.¹¹² Tal expressão pode indicar que aquilo que é percebido como biblioteca ou escola seja, na verdade, algo tão além da concepção humana — talvez uma nuvem viva e dinâmica de puro conhecimento, ou aquilo em que a informação se torna, como Pert coloca, depois de ter sido

* Ao longo dos meus anos de liceu e universidade tive sonhos vívidos e recorrentes em que frequentava aulas sobre temas espirituais numa universidade de beleza estranha, situada num lugar sublime e de outro mundo. Não eram sonhos de ansiedade escolar, mas sonhos de voo extraordinariamente agradáveis, nos quais eu flutuava, sem peso, até às palestras sobre o campo energético humano e a reencarnação. Durante esses sonhos encontrava por vezes pessoas que conhecera nesta vida e que já tinham falecido, bem como indivíduos que se identificavam como almas prestes a renascer. Curiosamente, conheci várias outras pessoas — geralmente indivíduos com capacidades psíquicas acima da média — que também tiveram sonhos semelhantes (um deles, um clarividente texano talentoso chamado Jim Gordon, ficava tão perplexo com a experiência que perguntava repetidamente à mãe, igualmente perplexa, por que tinha de ir à escola duas vezes: uma durante o dia, com as outras crianças, e outra à noite, enquanto dormia). É pertinente referir que Robert Monroe e muitos outros investigadores das experiências fora do corpo acreditam que os sonhos de voo são, na realidade, EFCs mal recordadas. Isto leva-me a perguntar se, pelo menos alguns de nós, não estaremos efetivamente a visitar essas escolas incorpóreas enquanto ainda estamos vivos. Se algum leitor deste livro tiver tido experiências semelhantes, ficaria muito interessado em ouvir o seu relato.

transformada noutro reino — que traduzi-la num holograma de um edifício ou biblioteca seja a única forma pela qual a mente humana consegue processá-la.

O mesmo se aplica aos seres que encontramos nas dimensões mais subtis. Nunca podemos saber apenas pela sua aparência o que realmente são. Por exemplo, George Russell, um conhecido vidente irlandês do início do século XX e um fora-do-corpo extraordinariamente talentoso, encontrou muitos “seres de luz” durante aquilo a que chamou as suas viagens ao “mundo interior”. Quando lhe perguntaram, certa vez, durante uma entrevista, como eram estes seres, afirmou:

A primeira destas visões que vi, lembro-me muito claramente, assim como a forma como apareceu: primeiro houve um brilho ofuscante, e depois vi que emanava do coração de uma figura alta, com um corpo aparentemente moldado a partir de ar semitransparente ou opalescente, e por todo o corpo corria um fogo radiante e elétrico, cujo centro parecia ser o coração. Em redor da cabeça deste ser e através dos seus cabelos luminosos ondulantes, que se espalhavam pelo corpo como fios de ouro vivos, surgiam auras flamejantes em forma de asas. Do próprio ser, a luz parecia jorrar em todas as direções; e o efeito que ficou em mim após a visão foi de uma extraordinária leveza, alegria ou êxtase.¹¹³

Por outro lado, Monroe afirmava que, após algum tempo na presença dessas entidades, a forma desaparecia e restava apenas a “radiação que é a entidade”.¹¹⁴ Novamente, surge a questão: quando um viajante às dimensões internas encontra um ser de luz, será esse ser uma realidade ou apenas uma fantasia alegórica? A resposta é, naturalmente, que é um pouco de ambos, pois num universo holográfico *todas* as aparências são ilusões, imagens

holográficas construídas pela interação da consciência presente, mas ilusões baseadas, como diz Pribram, em *algo* que está lá. Tais são os dilemas que enfrentamos num universo que nos surge de forma explícita, mas que tem sempre a sua origem em algo inefável, no implícito.

Podemos consolar-nos com o facto de que as imagens hologramáticas que as nossas mentes constroem no reino da vida após a morte parecem ter, pelo menos, alguma relação com algo que aí existe. Quando encontramos uma nuvem incorpórea de conhecimento puro, transformamo-la numa escola ou biblioteca. Quando alguém que teve uma EQM encontra uma mulher com quem teve uma relação de amor e ódio, vê-a como metade cor-de-rosa, metade cobra, um símbolo que ainda assim transmite a quinta-essência do seu carácter; e quando os viajantes nos reinos mais subtis encontram consciências não físicas e prestáveis, veem-nas como seres luminosos e angelicais.

Quanto à identidade última desses seres, apenas se pode inferir que são mais antigos, mais sábios e profundamente ligados à humanidade. Serão deuses? Anjos? Almas humanas libertas do ciclo reencarnatório? Ou algo que transcende qualquer categoria humana? Especular além disto seria temerário — não apenas por a questão permanecer irresolvida ao longo de milénios, mas também por recordar o aviso de Sri Aurobindo contra a transformação da compreensão espiritual em dogma religioso. À medida que a investigação científica progride, talvez a resposta se torne mais clara. Até lá, a identidade dos seres de luz permanece uma interrogação aberta. Num enquadramento holográfico, a forma

visível pode ser entendida como interface simbólica entre dois níveis de realidade — o implicado e o explicado. O ser luminoso pode não ser apenas “uma entidade”, mas a tradução percetiva de uma estrutura de consciência mais vasta, tal como um holograma visível traduz um padrão invisível de interferência.

15. O Universo Omnijetivo

O além não é o único domínio onde podemos encontrar aparições de natureza holográfica, esculpidas pelas nossas crenças. Por vezes, tais experiências parecem ocorrer também no nosso próprio nível de existência. O filósofo Michael Grosso, por exemplo, sustenta que certas aparições milagrosas da Virgem Maria poderão ser projeções holográficas geradas pelas crenças coletivas da humanidade. Uma visão “mariana” particularmente sugestiva ocorreu em Knock, na Irlanda, em 1879. Nessa ocasião, catorze pessoas afirmaram ter visto três figuras luminosas e estranhamente imóveis — Maria, José e São João Evangelista (identificado pela semelhança com uma estátua existente numa aldeia próxima) — de pé num prado junto à igreja local. As figuras eram tão vívidas que as testemunhas conseguiam ler as letras no livro que São João segurava. Contudo, quando uma mulher tentou abraçar a Virgem, os seus braços envolveram apenas o vazio. “As figuras pareciam tão plenas e vivas que não consegui compreender por que razão as minhas mãos não sentiam aquilo que os meus olhos viam com tanta clareza”, escreveu mais tarde.¹¹⁵

Outro episódio igualmente marcante deu-se em Zeitoun, no Egipto. As aparições começaram em 1968, quando dois mecânicos

muçulmanos viram uma figura luminosa de Maria sobre a cúpula central de uma igreja copta num bairro pobre do Cairo. Durante três anos, imagens tridimensionais brilhantes de Maria, José e o Menino Cristo surgiram semanalmente sobre a igreja, por vezes permanecendo suspensas no ar até seis horas.

Ao contrário das figuras de Knock, as de Zeitoun moviam-se e acenavam às multidões. Ainda assim, apresentavam traços notavelmente holográficos: surgiam precedidas por um clarão intenso; começavam amorfas e iam gradualmente assumindo forma humana, como um holograma que se condensa a partir do seu domínio de frequência; eram acompanhadas por pombas “feitas de pura luz” que voavam longas distâncias sem bater as asas. Com o tempo, à medida que o interesse diminuía, as figuras tornaram-se progressivamente mais difusas, até se reduzirem a névoas luminosas. No auge, contudo, foram vistas por centenas de milhares de pessoas e amplamente fotografadas. “Quando se ouvem estas testemunhas, é difícil não ter a sensação de que descrevem uma projeção holográfica”, afirma Grosso.¹¹⁶

No seu instigante livro *The Final Choice*, Grosso afirma que, depois de estudar as evidências, está convicto de que tais visões não são aparições da Maria histórica, mas antes projeções holográficas psíquicas criadas pelo inconsciente coletivo. Curiosamente, nem todas as aparições marianas são silenciosas. Algumas, como as manifestações em Fátima e em Lourdes, falam, e quando o fazem, a sua mensagem é invariavelmente um aviso de um apocalipse iminente caso nós, mortais, não mudemos os nossos hábitos. Grosso interpreta isto como uma evidência de que o

inconsciente coletivo humano está profundamente perturbado pelo impacto violento que a ciência moderna teve na vida humana e na ecologia da Terra. Os nossos sonhos coletivos são, na sua essência, um alerta para a possibilidade da nossa própria autodestruição.

Outros concordaram também que a crença em Maria é a força motivadora que faz com que estas projeções se concretizem. Por exemplo, Rogo salienta que, em 1925, enquanto a igreja copta que se tornou o local das manifestações de Zeitoun estava a ser construída, o filantropo responsável pela sua construção teve um sonho em que a Virgem lhe disse que apareceria na igreja assim que esta estivesse concluída. Ela não apareceu no momento previsto, mas a profecia era bem conhecida na comunidade. Assim, *“existia uma tradição de quarenta anos de que uma visitaçāo mariana acabaria por ocorrer na igreja”*, diz Rogo. “Estas preocupações podem ter construído gradualmente um ‘modelo’ psíquico da Virgem dentro da própria igreja, ou seja, uma reserva cada vez maior de energia psíquica criada pelos pensamentos dos habitantes de Zeitoun, que em 1968 se tornou tão intensa que uma imagem da Virgem Maria irrompeu na realidade física!”¹¹⁷ Em escritos anteriores, também ofereci uma explicação semelhante para as visões marianas.¹¹⁸

Existem evidências de que alguns OVNIIs podem ser algum tipo de fenómeno holográfico. Quando as primeiras pessoas começaram a relatar avistamentos do que pareciam ser naves espaciais de outros planetas no final da década de 1940, os investigadores que se aprofundaram o suficiente nos relatos para perceber que pelo menos alguns deles deviam ser levados a sério presumiram que

eram exatamente o que pareciam ser: vislumbres de naves guiadas de forma inteligente por civilizações mais avançadas e provavelmente extraterrestres. No entanto, à medida que os encontros com OVNIIs se tornam mais frequentes — especialmente aqueles que envolvem o contato com ocupantes de OVNIIs — e os dados acumulam-se, torna-se cada vez mais evidente para muitos investigadores que estas supostas naves espaciais não são de origem extraterrestre.

Algumas das características do fenómeno que indicam que não se trata de extraterrestres incluem o seguinte: Em primeiro lugar, há muitos avistamentos; foram documentados literalmente milhares de encontros com OVNIIs e os seus ocupantes, tantos que é difícil acreditar que todos possam ser visitas reais de outros planetas. Em segundo lugar, os ocupantes de OVNIIs frequentemente não possuem características que se esperaria numa forma de vida verdadeiramente extraterrestre; muitos deles são descritos como seres humanoides que respiram o nosso ar, não demonstram medo de contrair vírus terrestres, estão bem adaptados à gravidade da Terra e às emissões eletromagnéticas do Sol, exibem emoções reconhecíveis nos seus rostos e falam a nossa língua — características possíveis, mas improváveis, em visitantes verdadeiramente extraterrestres.

Em terceiro lugar, eles não se comportam como visitantes extraterrestres. Em vez de realizarem a proverbial aterragem no relvado da Casa Branca, surgem diante de agricultores e automobilistas encalhados. Perseguem aviões a jato, mas não atacam. Movem-se rapidamente pelo céu, permitindo que dezenas

e por vezes centenas de testemunhas os observem, mas não demonstram qualquer interesse em estabelecer um contato formal. E, frequentemente, quando contatam indivíduos, o seu comportamento continua a parecer ilógico. Por exemplo, um dos tipos de contato mais frequentemente relatados envolve algum tipo de exame médico. No entanto, é plausível argumentar que uma civilização com capacidade tecnológica para percorrer extensões quase incompreensíveis do espaço exterior possuiria seguramente os meios científicos necessários para obter tal informação sem qualquer contato físico ou, pelo menos, sem necessidade de raptar as numerosas pessoas que parecem ser vítimas legítimas deste fenómeno misterioso.

Finalmente, e talvez o mais curioso de tudo, os OVNIIs nem sequer se comportam como objetos físicos. Foram observados em ecrãs de radar a realizar curvas instantâneas de noventa graus enquanto se deslocavam a velocidades enormes — uma manobra que despedaçaria qualquer objeto físico. Conseguem alterar o seu tamanho, desaparecer instantaneamente no nada, surgir do nada, mudar de cor e até mudar de forma (características que também são exibidas pelos seus ocupantes). Em suma, o seu comportamento não corresponde minimamente ao que se esperaria de um objeto físico, mas antes ao de algo bastante diferente — algo com que, ao longo deste livro, nos tornámos mais do que razoavelmente familiarizados. Como afirmou recentemente o astrofísico Dr. Jacques Vallée, um dos mais respeitados investigadores de OVNIIs no mundo e modelo para a personagem LaCombe no filme *Close Encounters of the Third Kind*, “É o

comportamento de uma imagem, ou de uma projeção holográfica.”¹¹⁹

À medida que as qualidades não físicas e de natureza holográfica dos OVNIIs se tornam cada vez mais evidentes para os investigadores, alguns concluíram que, em vez de provirem de outros sistemas estelares, os OVNIIs são, na verdade, visitantes de outras dimensões, ou níveis de realidade (é importante notar que nem todos os investigadores concordam com este ponto de vista, e alguns permanecem convencidos de que os OVNIIs têm origem extraterrestre). Contudo, esta explicação continua a não esclarecer adequadamente muitos dos outros aspetos bizarros do fenómeno, como o facto de os OVNIIs não estabelecerem contato formal, de se comportarem de forma tão absurda, e assim por diante.

Com efeito, a insuficiência da explicação extradimensional, pelo menos nos termos em que foi inicialmente formulada, torna-se ainda mais evidente à medida que outros aspetos invulgares do fenómeno OVNI entram em foco. Um dos mais desconcertantes é o crescente conjunto de indícios de que os encontros com OVNIIs são menos uma experiência objetiva e mais uma experiência subjetiva, ou psicológica. Por exemplo, a conhecida “viagem interrompida” de Betty e Barney Hill, um dos casos de alegada abdução por OVNIIs mais minuciosamente documentados de que há registo, parece corresponder, em quase todos os aspetos, a um contato alienígena real — exceto num ponto: o comandante do OVNI estava vestido com um uniforme nazi, facto que não faz sentido se os alegados raptos dos Hill fossem realmente visitantes de uma civilização alienígena, mas que se torna compreensível se o acontecimento

tiver sido de natureza psicológica, mais próximo de um sonho ou de uma alucinação, experiências que frequentemente contêm símbolos evidentes e falhas perturbadoras de lógica.¹²⁰

Outros encontros com OVNIIs são ainda mais surreais e oníricos no seu caráter, e na literatura especializada encontram-se casos em que entidades OVNI cantam canções absurdas ou atiram objetos estranhos (como batatas) às testemunhas; casos que começam como abduções aparentemente convencionais a bordo de naves espaciais, mas terminam como viagens alucinogénicas através de uma série de realidades dantescas; e casos em que alienígenas humanoides se metamorfoseiam em aves, insetos gigantes e outras criaturas fantasmagóricas.

Já em 1959, e mesmo antes de grande parte destas evidências ter vindo à luz, a componente psicológica e arquetípica do fenómeno OVNI levou Carl Jung a propor que os “discos voadores” eram, na realidade, um produto do inconsciente coletivo humano e uma espécie de mito moderno em formação. Em 1969, à medida que a dimensão mítica das experiências com OVNIIs se tornava ainda mais clara, Vallée levou a observação um passo mais longe. No seu livro marcante *Passport to Magonia*, salienta que, longe de constituírem um fenómeno novo, os OVNIIs parecem ser, na verdade, um fenómeno muito antigo sob uma nova forma, assemelhando-se amplamente a diversas tradições folclóricas — desde descrições de elfos e gnomos em países europeus, passando por relatos medievais de anjos, até aos seres sobrenaturais descritos nas lendas dos povos nativos americanos.

O comportamento absurdo das entidades OVNI é o mesmo comportamento travesso atribuído a elfos e fadas nas lendas celtas, aos deuses nórdicos e às figuras do *trickster* (*arquétipos do embusteiro sagrado*) entre os povos nativos americanos, afirma Vallée. Quando reduzidos aos seus arquétipos subjacentes, todos esses fenômenos fazem parte de um mesmo e vasto “algo” pulsante — um algo que altera a sua aparência para se adequar à cultura e ao período histórico em que se manifesta, mas que acompanha a humanidade há muito, muito tempo. O que é esse algo? Em *Passport to Magonia*, Vallée não oferece uma resposta substancial, limitando-se a dizer que parece ser inteligente, intemporal e constituir o fenômeno sobre o qual todos os mitos se fundam.¹²¹

O que são, então, os OVNIIs e os fenômenos correlacionados? Em *Passport to Magonia*, Vallée afirma que não podemos excluir a possibilidade de serem a expressão de uma inteligência não humana extraordinariamente avançada — uma inteligência tão para além de nós que a sua lógica nos surge apenas como absurdo. Mas, se assim for, como explicar as conclusões de especialistas em mitologia, de Mircea Eliade a Joseph Campbell, segundo as quais os mitos são uma expressão orgânica e necessária da humanidade, tão inevitável quanto a linguagem e a arte? Poderemos realmente aceitar que a psique coletiva humana seja tão estéril e débil que tenha desenvolvido mitos apenas como resposta a outra inteligência?

E, no entanto, se os OVNIIs e fenômenos afins forem meras projeções psíquicas, como explicar os vestígios físicos que deixam para trás — os círculos queimados e as profundas marcas

encontrados nos locais de aterragem, os rastros inequívocos que surgem nos ecrãs de radar, e as cicatrizes e incisões deixadas nas pessoas submetidas aos seus exames médicos? Num artigo publicado em 1976, propus que tais fenómenos são difíceis de categorizar porque estamos a tentar encaixá-los numa imagem da realidade que é, em si mesma, fundamentalmente incorreta.¹²² Dado que a física quântica nos mostrou que mente e matéria estão inextricavelmente ligadas, sugeri que os OVNIIs e fenómenos relacionados constituem mais uma evidência dessa ausência última de divisão entre o mundo psicológico e o mundo físico. São, de facto, um produto da psique coletiva humana, mas são também bastante reais. Dito de outro modo, são algo que a humanidade ainda não aprendeu a compreender adequadamente — um fenómeno que não é nem subjetivo nem objetivo, mas “omnijetivo” — termo que cunhei para designar este estado invulgar de existência (ignorava, na altura, que Corbin já havia cunhado o termo “imaginal” para descrever o mesmo estatuto difuso da realidade, embora no contexto das experiências místicas dos sufis).

Este ponto de vista tem-se tornado cada vez mais prevalecente entre os investigadores. Num artigo recente, Ring argumenta que os encontros com OVNIIs são experiências imaginais e se assemelham não apenas aos confrontos com o mundo real, mas criado pela mente que os indivíduos vivenciam durante experiências de quase-morte, mas também às realidades míticas que os xamãs encontram nas suas jornadas através das dimensões mais subtis. São, em suma, mais uma evidência de que a realidade é um holograma multifacetado e gerado pela mente.¹²³ O conceito de “omnijetivo” propõe um enquadramento no qual a dicotomia

sujeito–objeto perde validade. Tal como num holograma, onde a imagem resulta da interferência de padrões invisíveis, o fenómeno manifesta-se como interface entre consciência coletiva e estrutura ontológica. Não é mera alucinação, nem objeto físico convencional, mas expressão intermédia de um campo de informação partilhado.

“Estou a verificar que me sinto cada vez mais atraído por perspetivas que me permitem não apenas reconhecer e honrar a realidade destas diferentes experiências, mas também ver as conexões entre domínios que, na sua maioria, têm sido estudados por categorias distintas de académicos”, afirma Ring. “O xamanismo tende a ser remetido para a antropologia. Os OVNIIs tendem a ser remetidos para o que quer que seja a ufologia. As EQM são estudadas por parapsicólogos e por profissionais da área médica. E Stan Grof estuda as experiências psicadélicas a partir da perspetiva da psicologia transpessoal. Penso que há boas razões para esperar que o imaginal possa ser — e que o holográfico ainda possa vir a revelar-se — uma perspetiva capaz de permitir ver, não as identidades, mas as ligações e os pontos comuns entre estes diferentes tipos de experiências.”¹²⁴ Tão convicto está Ring da profunda relação entre estes fenómenos à primeira vista díspares que obteve recentemente uma bolsa para realizar um estudo comparativo entre pessoas que tiveram encontros com OVNIIs e pessoas que passaram por EQM.

O Dr. Peter M. Rojcewicz, folclorista na Juilliard School, em Nova Iorque, também concluiu que os OVNIIs são omnijetivos. De facto, considera que chegou o momento de os estudiosos do folclore reconhecerem que provavelmente todos os fenómenos discutidos

por Vallée em *Passport to Magonia* são tão reais quanto simbólicos de processos profundos na psique humana. “Existe um continuum de experiências onde realidade e imaginação fluem impercetivelmente uma para a outra”, afirma. Rojcewicz reconhece que este continuum constitui mais uma evidência da unidade bohmiana de todas as coisas e entende que, à luz das provas de que tais fenômenos são imaginais/omnietivos, já não é defensável que os folcloristas os tratem simplesmente como crenças.¹²⁵

Numerosos outros investigadores, incluindo Vallée, Grosso e Whitley Strieber, autor do livro de grande sucesso *Communion* e uma das vítimas mais conhecidas e eloquentes de uma alegada abdução por OVNI, também reconheceram a aparente natureza omnietiva do fenômeno. Como afirma Strieber, os encontros com seres associados a OVNI “podem constituir a nossa primeira verdadeira descoberta quântica no mundo macroscópico: o próprio ato de os observar pode estar a criá-los como uma realidade concreta, dotada de sentido, definição e uma consciência própria.”¹²⁶

Em suma, cresce entre os investigadores deste fenômeno misterioso o consenso de que o imaginal não está confinado ao domínio da vida após a morte, mas transbordou para a aparente solidez do nosso mundo de paus e pedras. Já não restritos às visões dos xamãs, os antigos deuses conduziram as suas barcas celestes até à soleira da geração informática; apenas trocaram as embarcações com cabeças de dragão por naves espaciais e as cabeças de gaio-azul por capacetes espaciais. Talvez devêssemos ter antecipado há muito este transbordo, esta fusão da Terra dos

Mortos com o nosso próprio domínio, pois, como advertiu Orfeu, o poeta-músico da mitologia grega:

Os portões de Plutão não devem ser abertos; lá dentro há um povo de sonhos.

Por mais significativa que seja esta constatação — de que o universo não é objetivo, mas omnijetivo; de que logo além do perímetro do nosso bairro seguro se estende uma vasta alteridade, uma paisagem numinosa (mais propriamente, uma paisagem mental), tão integrante da nossa própria psique quanto terra incógnita — ela ainda não ilumina o mistério mais profundo de todos. Como observa Carl Raschke, docente no Departamento de Estudos Religiosos da Universidade de Denver:

No cosmos omnijetivo, onde os OVNI's ocupam o seu lugar ao lado de quasares e salamandras, a questão do estatuto verídico ou alucinatório das aparições circulares luminosas torna-se irrelevante. O problema não é saber se existem, nem em que sentido existem, mas que finalidade última servem.¹²⁷

Por outras palavras, qual é a identidade final destes seres? Mais uma vez, tal como sucede com as entidades encontradas no domínio das experiências de quase-morte, não existem respostas claras e inequívocas. Num extremo do espectro, investigadores como Ring e Grosso inclinam-se para a ideia de que, apesar das suas incursões no mundo material, estes fenómenos são mais projeção psíquica do que inteligência não humana. Grosso, por exemplo, considera que, tal como as visões marianas, constituem

mais uma evidência de que a psique coletiva da humanidade se encontra num estado de inquietação. Como afirma:

Os OVNIIs e outros fenómenos extraordinários são manifestações de uma perturbação no inconsciente coletivo da espécie humana.¹²⁸

No outro extremo do espectro encontram-se os investigadores que sustentam que, apesar das suas características arquetípicas, os OVNIIs são mais inteligência alienígena do que projeção psíquica. Por exemplo, Raschke acredita que os OVNIIs são “uma materialização holográfica proveniente de uma dimensão conjugada do universo” e que esta interpretação “deve certamente prevalecer sobre a hipótese da projeção psíquica, a qual vacila quando se examinam atentamente as características espantosas, vívidas, complexas e consistentes dos ‘alienígenas’ e das suas ‘naves espaciais’ descritas pelos abduzidos.”¹²⁹

Vallée também se insere neste grupo:

Acredito que o fenómeno OVNI é uma das formas através das quais uma forma de inteligência alienígena de complexidade incrível está a comunicar connosco simbolicamente. Não há indícios de que seja extraterrestre. Pelo contrário, há provas crescentes de que [...] [provém] de *outras dimensões para além do espaço-tempo*; de um *multiverso* que nos rodeia por todos os lados e cuja consideração temos obstinadamente recusado, apesar das evidências disponíveis há séculos.¹³⁰

Quanto à minha própria posição, creio que provavelmente nenhuma explicação isolada consegue dar conta de todos os aspetos variados do fenómeno OVNI. Dada a aparente vastidão dos

níveis mais subtis da realidade, não me é difícil admitir que existam, sem dúvida, inúmeras espécies não físicas nos domínios vibratórios superiores. Embora a abundância de avistamentos possa pesar contra a hipótese extraterrestre — tendo em conta o obstáculo representado pelas imensas distâncias interestelares que separam a Terra das outras estrelas da galáxia — num universo holográfico, um universo em que pode haver uma infinidade de realidades a ocupar o mesmo espaço que o nosso mundo, tal objeção deixa não só de constituir um entrave, como pode até tornar-se indício de quão insondavelmente abundante de vida inteligente é o super-holograma.

A verdade é que simplesmente não dispomos da informação necessária para avaliar quantas espécies não físicas poderão estar a partilhar o nosso próprio espaço. Embora o cosmos físico possa revelar-se um *Saara* ecológico, as extensões intemporais e não espaciais do cosmos interior podem ser tão ricas em vida quanto a floresta tropical ou o recife de coral. Afinal, a investigação sobre EQM e experiências xamânicas apenas nos conduziu até às fronteiras desse domínio envolto em nuvens. Ainda não sabemos quão vastos são os seus continentes, nem quantos oceanos e cadeias montanhosas contém.

E, se estamos a ser visitados por seres tão insubstanciais e plásticos na forma quanto os corpos que os experienciadores de EFC relatam habitar após a exteriorização, não é surpreendente que possam surgir sob uma multiplicidade camaleónica de formas. Na verdade, a sua aparência real pode estar tão para além da nossa capacidade de compreensão que sejam as nossas próprias mentes,

organizadas holograficamente, a conferir-lhes essas formas. Tal como convertemos os seres de luz encontrados nas EQM em personagens religiosas históricas, e nuvens de pura informação em bibliotecas e instituições de ensino, também poderemos estar a esculpir a aparência exterior do fenómeno OVNI.

É interessante notar que, se assim for, isso significa que a realidade verdadeira desses seres é aparentemente tão transmundana e estranha que precisamos de mergulhar nas regiões mais profundas das nossas memórias folclóricas e do inconsciente mitológico para encontrar os símbolos necessários para lhes dar forma. Significa também que devemos ser extremamente cautelosos ao interpretar as suas ações. Por exemplo, os exames médicos que constituem o elemento central de tantas alegadas abduções por OVNIIs podem ser apenas uma representação simbólica do que realmente está a ocorrer. Em vez de sondarem os nossos corpos físicos, essas inteligências não físicas podem estar a investigar alguma dimensão nossa para a qual ainda não possuímos qualquer designação — talvez a anatomia subtil dos nossos corpos energéticos ou mesmo a própria alma. Tais são os problemas que enfrentamos se o fenómeno for, de facto, uma manifestação omnijetiva de uma inteligência não humana.

Por outro lado, se é possível que a fé dos cidadãos de Knock e de Zeitoun tenha levado imagens luminosas da Virgem a condensarem-se na existência; que as mentes dos físicos interfiram com a realidade do neutrino; e que iogues como Sai Baba materializem objetos físicos a partir do nada, então é apenas lógico que também possamos ver-nos imersos em projeções holográficas

das nossas crenças e mitologias. Pelo menos algumas experiências anômalas poderão enquadrar-se nesta categoria.

A história relata, por exemplo, que Constantino e os seus soldados viram uma enorme cruz flamejante no céu — fenómeno que parece não ser mais do que uma exteriorização psíquica das emoções que o exército responsável pela cristianização do mundo pagão experimentava na véspera da sua empresa histórica. A conhecida manifestação dos Anjos de Mons, na qual centenas de soldados britânicos da Primeira Guerra Mundial afirmaram ter visto uma imensa aparição de São Jorge e um esquadrão de anjos no céu enquanto combatiam numa batalha inicialmente desfavorável na frente de Mons, na Bélgica, também parece enquadrar-se na categoria da projeção psíquica.

É claro para mim que aquilo a que chamamos OVNI's e outras experiências de natureza folclórica constitui, na realidade, um vasto leque de fenómenos e provavelmente inclui todas as possibilidades acima referidas. Também há muito que sustento que estas duas explicações não são mutuamente exclusivas. Pode muito bem ter acontecido que a cruz flamejante de Constantino tenha sido igualmente uma manifestação de uma inteligência extradimensional. Por outras palavras, quando as nossas crenças e emoções coletivas atingem um grau de intensidade suficientemente elevado para criar uma projeção psíquica, talvez estejamos, na verdade, a abrir uma espécie de portal entre este mundo e o outro. Talvez essas inteligências só possam manifestar-se e interagir connosco quando as nossas crenças particularmente intensas criam para elas uma espécie de nicho psíquico.

Outro conceito da nova física pode ser relevante neste contexto. Depois de reconhecer que a consciência é o agente que permite a uma partícula subatômica, como um eletrão, emergir na existência, não devemos concluir precipitadamente que somos os únicos agentes nesse processo criativo, adverte o físico da Universidade do Texas John Wheeler. Estamos a criar partículas subatômicas e, por conseguinte, o universo inteiro, afirma Wheeler — mas elas também nos estão a criar a nós. Cada um cria o outro, no que ele designa por uma “cosmologia de autorreferência”.¹³¹ Vistas sob esta perspetiva, as entidades associadas aos OVNIIs podem muito bem ser arquétipos do inconsciente coletivo da humanidade, mas nós próprios poderemos também ser arquétipos no inconsciente coletivo delas. Podemos fazer parte dos seus processos psíquicos profundos tanto quanto elas fazem parte dos nossos. Strieber ecoou igualmente este ponto de vista, afirmando que o universo dos seres que o abduziram e o nosso próprio estão “a entrelaçar-se mutuamente” num ato de comunhão cósmica.¹³²

O espectro de acontecimentos que estamos a agrupar sob a ampla categoria de encontros com OVNIIs pode ainda incluir fenómenos com os quais nem sequer estamos familiarizados. Por exemplo, os investigadores que acreditam que o fenómeno é uma forma de projeção psíquica assumem invariavelmente que se trata de uma projeção da mente coletiva humana. Contudo, como vimos ao longo deste livro, num universo holográfico já não podemos considerar a consciência como confinada exclusivamente ao cérebro. O facto de Carol Dryer ter conseguido comunicar com o meu baço e de me ter dito que este estava perturbado porque eu tinha gritado com ele indica que outros órgãos do nosso corpo

também possuem as suas próprias formas específicas de mentalidade. Os psiconeuroimunologistas afirmam o mesmo acerca das células do sistema imunitário e, segundo Bohm e outros físicos, até as partículas subatômicas apresentam esta característica. Por mais extravagante que possa soar, alguns aspetos dos OVNIIs e de fenómenos correlacionados podem ser projeções dessas mentalidades coletivas. Certos elementos do encontro de Michael Harner com seres semelhantes a dragões sugerem claramente que ele estava perante uma espécie de manifestação visual da inteligência da molécula de ADN. No mesmo sentido, Strieber sugeriu a possibilidade de os seres associados aos OVNIIs serem aquilo que “a força da evolução parece quando é aplicada a uma mente consciente.”¹³³ Devemos manter-nos abertos a todas estas possibilidades. Num universo consciente até às suas mais profundas camadas, animais, plantas e até a própria matéria podem estar a participar na criação destes fenómenos.

Uma coisa sabemos: num universo holográfico — um universo em que a separação deixa de existir e os processos mais íntimos da psique podem transbordar e tornar-se parte integrante da paisagem objetiva, tal como as flores e as árvores — a própria realidade transforma-se em pouco mais do que um sonho partilhado em massa. Nas dimensões mais elevadas da existência, esses aspetos oníricos tornam-se ainda mais evidentes, e inúmeras tradições o assinalaram. *O Livro Tibetano dos Mortos* sublinha repetidamente a natureza onírica do domínio pós-morte, e é também por isso que os aborígenes australianos lhe chamam o “*Tempo do Sonho*” (*dreamtime*). Uma vez aceite esta ideia — de que a realidade, em

todos os níveis, é omnijetiva e possui o mesmo estatuto ontológico que um sonho — a questão passa a ser: de quem é esse sonho?

Das tradições religiosas e mitológicas que abordam esta questão, a maioria oferece a mesma resposta: é o sonho de uma única inteligência divina, de Deus. Os Vedas hindus e os textos iogues afirmam repetidamente que o universo é o sonho de Deus. No cristianismo, esse sentimento é sintetizado na expressão tantas vezes repetida de que todos somos pensamentos na mente de Deus, ou, como escreveu o poeta Keats, fazemos parte do “longo sonho imortal” de Deus.

Mas estaremos a ser sonhados por uma única inteligência divina, por Deus, ou estaremos a ser sonhados pela consciência coletiva de todas as coisas — por todos os elétrões, partículas Z, borboletas, estrelas de neutrões, pepinos-do-mar, inteligências humanas e não humanas no universo? Mais uma vez, chocamos frontalmente contra os limites das nossas próprias categorias conceptuais, pois, num universo holográfico, esta pergunta perde sentido. Não podemos perguntar se a parte cria o todo ou se o todo cria a parte, porque *a parte é o todo*. Assim, quer chamemos “Deus” à consciência coletiva de todas as coisas, quer a designemos simplesmente por “consciência de todas as coisas”, isso não altera a situação. O universo é sustentado por um ato de criatividade tão estupendo e inefável que não pode ser reduzido a tais termos. Trata-se, novamente, de uma cosmologia de autorreferência. Ou, como os bosquímanos do Kalahari o expressam de forma tão eloquente: “O sonho está a sonhar-se a si mesmo.”

CAPÍTULO 9

Regresso ao Tempo so Sonho

Só os seres humanos chegaram a um ponto em que já não sabem por que existem. Não usam o cérebro e esqueceram o conhecimento secreto dos seus corpos, dos seus sentidos e dos seus sonhos. Não utilizam o saber que o espírito depositou em cada um; nem sequer têm consciência disso, e assim vão tropeçando cegamente numa estrada para lado nenhum — uma autoestrada asfaltada que eles próprios abrem com bulldozers e alisam para poderem avançar mais depressa em direção ao grande vazio que encontrarão no fim, à espera de os engolir. É uma superautoestrada rápida e confortável, mas eu sei para onde conduz. Já a vi. Estive lá na minha visão, e só de pensar nisso estremeço.

— O Xamã Lakota Lame Deer
Lame Deer: Seeker of Visions

Para onde se dirige o modelo holográfico a partir daqui? Antes de examinarmos as possíveis respostas, talvez valha a pena ver por onde já passou esta questão. Neste livro referi-me ao conceito holográfico como uma teoria nova, e isso é verdade no sentido de que é a primeira vez que é apresentado num contexto científico. No entanto, como vimos, vários aspetos desta teoria já haviam sido

prefigurados em diversas tradições antigas. E não são as únicas prefigurações desse tipo, o que é intrigante, pois sugere que outros também encontraram razões para encarar o universo como holográfico — ou, pelo menos, para intuir as suas qualidades holográficas.

Por exemplo, a ideia de Bohm de que o universo pode ser entendido como composto por duas ordens fundamentais, a implicada e a explicada, encontra-se em muitas outras tradições. Os budistas tibetanos chamam a estes dois aspetos o vazio e o não-vazio. O não-vazio é a realidade dos objetos visíveis. O vazio, tal como a ordem implicada, é o berço de todas as coisas no universo, que dele irrompem num “fluxo ilimitado”. Contudo, apenas o vazio é real, e todas as formas do mundo objetivo são ilusórias, existindo apenas por causa do fluxo incessante entre estas duas ordens.¹

Por sua vez, o vazio é descrito como “subtil”, “indivisível” e “livre de características distintivas”. Por ser uma totalidade contínua, não pode ser descrito por palavras.² Em rigor, nem sequer o não-vazio pode ser descrito por palavras, pois também ele é uma totalidade em que consciência, matéria e todas as outras coisas são indissolúveis e inteiras. Aqui reside um paradoxo, pois, apesar da sua natureza ilusória, o não-vazio contém ainda “um complexo infinitamente vasto de universos”. E, no entanto, os seus aspetos indivisíveis estão sempre presentes. Como afirma o estudioso do Tibete John Blofeld:

Num universo assim constituído, tudo interpenetra tudo o mais e é interpenetrado por tudo o mais; como sucede com o vazio, assim sucede com o não-vazio — a parte é o todo.³

Os tibetanos também anteciparam alguns dos desenvolvimentos do pensamento de Pribram. Segundo Milarepa, um iogue tibetano do século XI e o mais célebre dos santos do budismo tibetano, a razão pela qual somos incapazes de perceber diretamente o vazio deve-se ao facto de a nossa mente inconsciente (ou, como Milarepa lhe chama, a nossa “consciência interior”) estar demasiado “condicionada” nas suas perceções. Esse condicionamento não apenas nos impede de ver aquilo a que ele chama “a fronteira entre mente e matéria” — ou aquilo que hoje chamaríamos o domínio das frequências — como também nos leva a formar um corpo para nós próprios quando nos encontramos no estado entre vidas e já não possuímos um corpo. “No reino invisível dos céus... a mente ilusória é a grande culpada”, escreve Milarepa, que aconselhava os seus discípulos a praticarem a “visão perfeita e a contemplação” para realizarem essa “Realidade Última”.⁴

Os budistas zen também reconhecem a indivisibilidade última da realidade e, de facto, o principal objetivo do zen é aprender a perceber essa totalidade. No seu livro *Games Zen Masters Play*, e em palavras que poderiam ter sido retiradas diretamente de um dos artigos de Bohm, Robert Sohl e Audrey Carr afirmam:

Confundir a natureza indivisível da realidade com os compartimentos conceptuais da linguagem é a ignorância fundamental da qual o zen procura libertar-nos. As respostas últimas sobre a existência não se encontram em conceitos

intelectuais e filosofias, por mais sofisticados que sejam, mas antes num nível de experiência direta e não conceptual [da realidade].⁵

Os hindus chamam Brahman ao nível implicado da realidade.⁶ Brahman é informe, mas é o berço de todas as formas da realidade visível, que dele emergem e depois voltam a nele se recolher num fluxo interminável.⁷ Tal como Bohm, que afirma que a ordem implicada pode igualmente ser designada como espírito, os hindus por vezes personificam este nível da realidade e dizem que ele é composto de pura consciência. Assim, a consciência não é apenas uma forma mais subtil de matéria; é mais fundamental do que a própria matéria. Na cosmogonia hindu, é a matéria que emerge da consciência, e não o contrário. Ou, como dizem os Vedas, o mundo físico é trazido à existência através dos poderes simultâneos de “velamento” e “projeção” da consciência.⁸

Porque o universo material é apenas uma realidade de segunda ordem — uma criação da consciência velada — os hindus afirmam que ele é transitório e irreal, ou *maya*. Como declara o Svetasvatara Upanishad:

Deve saber-se que a Natureza é ilusão (*maya*), e que Brahman é o criador da ilusão. Todo este mundo está permeado por seres que são partes dele.⁹

De modo semelhante, o Kena Upanishad afirma que Brahman é algo de enigmático “que muda de forma a cada instante, passando da forma humana para uma simples lâmina de erva.”¹⁰

Porque tudo se desdobra a partir da totalidade irreduzível de Brahman, o mundo é também um todo contínuo, afirmam os hindus, e é novamente *maya* que nos impede de perceber que, em última instância, não existe algo como a separação. Maya separa a consciência unificada, de modo que o objeto é visto como distinto do eu e depois como dividido na multidão de objetos do universo”, afirma o estudioso védico Sir John Woodroffe. “E existe tal objetividade enquanto a consciência [da humanidade] permanece velada ou contraída. Mas, na base última da experiência, a divergência desapareceu, pois nela residem, numa massa indiferenciada, o experimentador, a experiência e o experimentado.”¹¹

Este mesmo conceito pode ser encontrado no pensamento judaico. Segundo a tradição cabalística, “toda a criação é uma projeção ilusória dos aspectos transcendentais de Deus”, afirma Leo Schaya, especialista suíço em Cabala. Contudo, apesar da sua natureza ilusória, ela não é um completo nada, “pois todo o reflexo da realidade, mesmo remoto, fragmentado e transitório, possui necessariamente algo da sua causa.”¹² A ideia de que a criação posta em movimento pelo Deus do Génesis é uma ilusão encontra eco até na própria língua hebraica, pois, como observa o Zohar — comentário cabalístico do século XIII à Torá e o mais célebre dos textos esotéricos do judaísmo — o verbo baro, “criar”, implica a ideia de “criar uma ilusão”.¹³

Existem também muitos conceitos holográficos no pensamento xamânico. Os kahunas havaianos afirmam que tudo no universo está infinitamente interligado e que essa interligação pode quase

ser imaginada como uma teia. O xamã, reconhecendo a interconetividade de todas as coisas, vê-se a si próprio no centro dessa teia e, portanto, capaz de influenciar todas as outras partes do universo (é interessante notar que o conceito de maya também é frequentemente comparado a uma teia no pensamento hindu).¹⁴

Tal como Bohm afirma que a consciência tem sempre a sua origem na ordem implicada, os aborígenes australianos acreditam que a verdadeira fonte da mente se encontra na realidade transcendente do Tempo do Sonho. As pessoas comuns não se apercebem disso e acreditam que a sua consciência está localizada no corpo. Os xamãs, porém, sabem que isso não é verdade e é por isso que conseguem estabelecer contato com os níveis mais subtis da realidade.¹⁵

O povo Dogon, do Sudão, também acredita que o mundo físico é produto de um nível de realidade mais profundo e fundamental e que flui continuamente a partir desse nível mais primário da existência, regressando depois a ele. Como descreveu um ancião dogon:

Retirar algo e depois devolver o que se retirou — essa é a vida do mundo.¹⁶

De facto, a ideia implicado/explicado pode ser encontrada praticamente em todas as tradições xamânicas. Como afirma Douglas Sharon no seu livro *Wizard of the Four Winds: A Shaman's Story*:

Provavelmente o conceito central do xamanismo, onde quer que ele seja encontrado no mundo, é a noção de que, subjacente a todas as formas visíveis do mundo, animadas e inanimadas, existe uma essência vital da qual elas emergem e pela qual são nutridas. Em última instância, tudo regressa a esse desconhecido inefável, misterioso e impessoal.¹⁷

1. A Vela e o Laser

Certamente uma das propriedades mais fascinantes de um pedaço de filme holográfico é a forma não local como uma imagem se distribui pela sua superfície. Como vimos, Bohm acredita que o próprio universo está organizado desta maneira e recorre a uma experiência mental envolvendo um peixe e dois monitores de televisão para explicar por que razão considera que o universo é igualmente não local. Numerosos pensadores antigos também parecem ter reconhecido, ou pelo menos intuído, este aspeto da realidade. Os sufis do século XII resumiram-no simplesmente dizendo que “o macrocosmo é o microcosmo”, uma espécie de versão mais antiga da ideia de Blake de ver o mundo num grão de areia.¹⁸ Os filósofos gregos Anaxímenes de Mileto, Pitágoras, Heráclito e Platão; os antigos gnósticos; o filósofo judeu pré-cristão Fílon de Alexandria; e o filósofo judeu medieval Maimónides — todos adotaram a ideia de macrocosmo-microcosmo.

Após uma visão xamânica dos níveis mais subtis da realidade, o semimítico profeta egípcio Hermes Trismegisto empregou uma formulação ligeiramente diferente e afirmou que uma das chaves principais do conhecimento era compreender que “o exterior é como o interior das coisas; o pequeno é como o grande.”¹⁹ Os alquimistas

medievais, para quem Hermes Trismegisto se tornou uma espécie de patrono espiritual, condensaram esse princípio no lema: “Assim em cima, assim em baixo.” Ao referir-se à mesma ideia de macrocosmo-igual-microcosmo, o Visvasara Tantra hindu utiliza termos um pouco mais diretos e afirma simplesmente: “O que está aqui está em toda a parte.”²⁰

O homem-medicina Oglala Sioux Black Elk deu uma inflexão ainda mais não local a esse mesmo conceito. Enquanto estava no Harney Peak, nas Black Hills, teve uma “grande visão”, durante a qual “vi mais do que posso contar e compreendi mais do que vi; pois estava a ver de modo sagrado as formas de todas as coisas no espírito, e a forma de todas as formas tal como devem viver juntas como um único ser.” Uma das compreensões mais profundas que trouxe consigo desse encontro com o inefável foi que o Harney Peak era o centro do mundo. Contudo, essa distinção não se limitava ao Harney Peak, pois, como disse Black Elk: “Em qualquer lugar está o centro do mundo.”²¹ Mais de vinte e cinco séculos antes, o filósofo grego Empédocles tocara nessa mesma alteridade sagrada ao escrever que “Deus é um círculo cujo centro está em toda a parte e cuja circunferência não está em parte alguma.”²²

Não satisfeitos com meras palavras, alguns pensadores antigos recorreram a analogias ainda mais elaboradas na tentativa de comunicar as propriedades holográficas da realidade. Com esse objetivo, o autor do Avatamsaka Sutra hindu comparou o universo a uma lendária rede de pérolas suspensa sobre o palácio do deus Indra e “disposta de tal maneira que, se olhar para uma [pérola], verá todas as outras refletidas nela”. Como explica o autor do Sutra,

“da mesma forma, cada objeto no mundo não é apenas ele próprio, mas envolve todos os outros objetos e, de facto, é tudo o mais.”²³

Fa-Tsang, fundador no século VII da escola Hua-yen do pensamento budista, utilizou uma analogia notavelmente semelhante ao tentar explicar a interconexão e interpenetração últimas de todas as coisas. Fa-Tsang, que sustentava que o cosmos inteiro está implícito em cada uma das suas partes (e que também acreditava que cada ponto do cosmos é o seu centro), comparou o universo a uma rede multidimensional de joias, cada uma refletindo todas as outras ad infinitum.²⁴

Quando a imperatriz Wu declarou que não compreendia o significado dessa imagem e lhe pediu um esclarecimento adicional, Fa-Tsang suspendeu uma vela no centro de uma sala cheia de espelhos. Isto, disse ele à imperatriz Wu, representava a relação do Um com os muitos. Depois pegou num cristal polido e colocou-o no centro da sala de modo a refletir tudo o que o rodeava. Isto, explicou, mostrava a relação dos muitos com o Um. Contudo, tal como Bohm, que sublinha que o universo não é simplesmente um holograma, mas um holomovimento, Fa-Tsang enfatizou que o seu modelo era estático e não refletia o dinamismo e o movimento constante da inter-relação cósmica entre todas as coisas no universo.²⁵

Em suma, muito antes da invenção do holograma, numerosos pensadores já haviam vislumbrado a organização não local do universo e encontrado as suas próprias formas de expressar essa intuição. Vale a pena notar que essas tentativas, por mais

rudimentares que possam parecer a nós, que dispomos de uma tecnologia mais sofisticada, podem ter sido muito mais importantes do que imaginamos. Por exemplo, parece que o matemático e filósofo alemão do século XVII Leibniz estava familiarizado com a escola Hua-yen do pensamento budista. Alguns argumentam que foi por essa razão que ele propôs que o universo é constituído por entidades fundamentais a que chamou “mónadas”, cada uma contendo um reflexo do universo inteiro. O que é significativo é que Leibniz também deu ao mundo o cálculo integral — e foi o cálculo integral que permitiu a Dennis Gabor inventar o holograma.

2. O Futuro da Ideia Holográfica

E assim, uma ideia antiga — uma ideia que parece encontrar pelo menos alguma expressão em praticamente todas as tradições filosóficas e metafísicas do mundo — completa um círculo. Mas se esses entendimentos antigos puderam conduzir à invenção do holograma, e se a invenção do holograma pôde conduzir à formulação do modelo holográfico por Bohm e Pribram, a que novos avanços e descobertas poderá o modelo holográfico conduzir? Já se vislumbram várias possibilidades no horizonte.

2.1 Som Holofónico

Inspirando-se no modelo holográfico do cérebro proposto por Pribram, o fisiologista argentino Hugo Zuccarelli desenvolveu recentemente uma nova técnica de gravação que permite criar algo equivalente a hologramas feitos de som em vez de luz. Zuccarelli

baseia a sua técnica no facto curioso de que os ouvidos humanos emitem efetivamente som. Ao perceber que esses sons naturais eram o equivalente auditivo do “laser de referência” utilizado para reconstruir uma imagem holográfica, utilizou-os como base para uma nova técnica revolucionária de gravação que reproduz sons ainda mais realistas e tridimensionais do que os obtidos através do processo estereofónico. A este novo tipo de som deu o nome de “som holofónico”.²⁶

Depois de ouvir uma das gravações holofónicas de Zuccarelli, um jornalista do *Times* de Londres escreveu recentemente:

Olhei discretamente para os números tranquilizadores do meu relógio para me certificar de onde estava. Pessoas aproximavam-se por trás de mim, onde eu sabia que só havia parede... Ao fim de sete minutos comecei a ter a impressão de figuras, a corporização das vozes que estavam na fita. É uma ‘imagem’ multidimensional criada pelo som.²⁷

Como a técnica de Zuccarelli se baseia na própria forma holográfica como o cérebro processa o som, parece ser tão eficaz a enganar o ouvido quanto os hologramas de luz o são a enganar os olhos. Como resultado, os ouvintes muitas vezes movem os pés quando escutam uma gravação de alguém a caminhar diante deles e movem a cabeça quando ouvem algo que soa como um fósforo a ser aceso demasiado perto do seu rosto (alguns afirmam até sentir o cheiro do fósforo). De forma notável, como uma gravação holofónica não tem nada a ver com o som estereofónico convencional, mantém a sua estranha tridimensionalidade mesmo quando é ouvida apenas por um dos lados de um auscultador. Os

princípios holográficos envolvidos também parecem explicar por que razão pessoas surdas de um ouvido conseguem ainda localizar a origem de um som sem mover a cabeça.

Vários artistas de gravação de renome, incluindo Paul McCartney, Peter Gabriel e Vangelis, já abordaram Zuccarelli a propósito do seu processo, mas, devido a questões de patente, ele ainda não divulgou as informações necessárias para uma compreensão completa da sua técnica.*

2.2 Enigmas Não Resolvidos na Química

O químico Ilya Prigogine observou recentemente que a ideia de Bohm acerca da ordem implicada-explicada pode ajudar a explicar certos fenómenos anómalos na química. Durante muito tempo, a ciência acreditou que uma das regras mais absolutas do universo era a de que as coisas tendem sempre para um estado maior de desordem. Se deixar cair um sistema de som do topo do Empire State Building, quando ele embater no passeio não se tornará mais ordenado nem se transformará num gravador de vídeo. Tornar-se-á mais desordenado e converter-se-á numa pilha de peças estilhaçadas.

Prigogine descobriu que isto não é verdade para todas as coisas no universo. Ele observa que, quando misturadas, certas

* Uma amostra em cassette áudio com som gravado holofonicamente pode ser adquirida por quinze dólares na Interface Press, P.O. Box 42211, Los Angeles, Califórnia 90042.

substâncias químicas desenvolvem uma organização mais ordenada, e não mais desordenada. A esses sistemas ordenados que surgem espontaneamente chamou “estruturas dissipativas”, e recebeu o Prémio Nobel por desvendar os seus mistérios. Mas como pode um sistema novo e mais complexo simplesmente surgir na existência? Dito de outro modo, de onde vêm as estruturas dissipativas? Prigogine e outros sugeriram que, longe de se materializarem do nada, elas constituem um indício de um nível mais profundo de ordem no universo — evidência de que os aspetos implicados da realidade se estão a tornar explicados.²⁸

Se isto for verdade, poderá ter implicações profundas e, entre outras coisas, conduzir a uma compreensão mais profunda de como novos níveis de complexidade — como atitudes e novos padrões de comportamento — surgem na consciência humana e até de como a mais intrigante de todas as complexidades, a própria vida, apareceu na Terra há vários milhares de milhões de anos.

2.3 Novos Tipos de Computadores

O modelo holográfico do cérebro foi também recentemente estendido ao domínio da informática. No passado, os cientistas da computação pensavam que a melhor maneira de construir um computador mais poderoso era simplesmente construir um computador maior. Contudo, na última meia década aproximadamente, os investigadores desenvolveram uma nova estratégia e, em vez de construírem máquinas únicas e monolíticas, alguns começaram a interligar dezenas de pequenos computadores em “redes neuronais” que se aproximam mais da estrutura biológica

do cérebro humano. Recentemente, Marcus S. Cohen, cientista da computação na Universidade Estatal do Novo México, observou que processadores que dependem de ondas de luz em interferência ao atravessar “redes holográficas multiplexadas” (multiplexed holographic gratings) poderiam fornecer uma analogia ainda melhor da estrutura neuronal do cérebro.²⁹ De forma semelhante, o físico Dana Z. Anderson, da Universidade do Colorado, demonstrou recentemente como redes holográficas poderiam ser utilizadas para construir uma “memória ótica” capaz de apresentar recordação associativa.³⁰

Por mais entusiasmantes que sejam estes desenvolvimentos, continuam a ser apenas aperfeiçoamentos adicionais da abordagem mecanicista à compreensão do universo — avanços que ocorrem apenas dentro do enquadramento material da realidade. Contudo, como vimos, a afirmação mais extraordinária da ideia holográfica é que a materialidade do universo pode ser uma ilusão e que a realidade física pode constituir apenas uma pequena parte de um vasto cosmos não físico e senciente. Se isso for verdade, que implicações terá para o futuro? Como poderemos começar a penetrar verdadeiramente nos mistérios dessas dimensões mais subtis?

3. A Necessidade de uma Reestruturação Fundamental da Ciência

Atualmente, uma das melhores ferramentas de que dispomos para explorar os aspectos desconhecidos da realidade é a ciência.

Contudo, quando se trata de explicar as dimensões psíquicas e espirituais da existência humana, a ciência tem, em grande medida, ficado repetidamente aquém do objetivo. É claro que, se a ciência quiser avançar mais nestas áreas, terá de passar por uma reestruturação fundamental. Mas o que poderia implicar, concretamente, uma tal reestruturação?

Evidentemente, o primeiro passo — e o mais necessário — é aceitar a existência de fenómenos psíquicos e espirituais. Willis Harman, presidente do Institute of Noetic Sciences e antigo cientista social sénior no Stanford Research Institute International, considera que essa aceitação é crucial não apenas para a ciência, mas para a própria sobrevivência da civilização humana. Além disso, Harman, que escreveu extensamente sobre a necessidade de uma reestruturação fundamental da ciência, mostra-se surpreendido por essa aceitação ainda não ter ocorrido. “Por que não partimos do princípio de que qualquer classe de experiências ou fenómenos que tenham sido relatados, ao longo dos tempos e através de diferentes culturas, possui uma validade *prima facie* (à primeira vista) que não pode ser negada?”, pergunta ele.³¹

Como já foi referido, parte da razão reside no antigo preconceito da ciência ocidental contra tais fenómenos, mas a questão não é tão simples quanto isso. Considere-se, por exemplo, as memórias de vidas passadas relatadas por pessoas sob hipnose. Ainda não foi demonstrado se se tratam realmente de memórias de vidas anteriores, mas permanece o facto de que o inconsciente humano tem uma propensão natural para gerar, pelo menos, *aparentes*

memórias de encarnações passadas. Em geral, a comunidade psiquiátrica ortodoxa ignora este facto. Porquê?

À primeira vista, a resposta pareceria ser que a maioria dos psiquiatras simplesmente não acredita nessas coisas, mas isso não é necessariamente verdade. O psiquiatra da Florida Brian L. Weiss, formado na Escola de Medicina de Yale e atualmente presidente do departamento de psiquiatria do Mount Sinai Medical Center em Miami, afirma que, desde a publicação do seu livro de grande sucesso *Many Lives, Many Masters*, em 1988 — no qual descreve como passou de cético a crente na reencarnação depois de uma das suas pacientes começar a falar espontaneamente das suas vidas passadas durante uma sessão de hipnose — tem sido inundado por cartas e telefonemas de psiquiatras que dizem também acreditar nisso em segredo. “Acho que isso é apenas a ponta do icebergue”, diz Weiss. “Há psiquiatras que me escrevem a dizer que praticam terapia de regressão há dez ou vinte anos, na privacidade do seu consultório, e ‘por favor não diga a ninguém, mas...’. Muitos são recetivos a isso, mas não o admitem.”³²

De modo semelhante, numa conversa recente com Whitton, quando lhe perguntei se pensava que a reencarnação alguma vez viria a tornar-se um facto científico aceite, respondeu:

Penso que já o é. A minha experiência com cientistas é que, se leram a literatura sobre o assunto, acreditam na reencarnação. As evidências são simplesmente tão convincentes que o assentimento intelectual surge quase naturalmente.³³

As opiniões de Weiss e Whitton parecem ser corroboradas por um inquérito recente sobre fenómenos psíquicos. Depois de lhes ter sido garantido que as suas respostas permaneceriam anónimas, 58% dos 228 psiquiatras que responderam — muitos deles chefes de departamento e diretores de escolas médicas — afirmaram acreditar que “uma compreensão dos fenómenos psíquicos” era importante para os futuros licenciados em psiquiatria. Quarenta e quatro por cento admitiram acreditar que fatores psíquicos desempenham um papel importante no processo de cura.³⁴

Assim, parece que o receio do ridículo pode ser um obstáculo tão grande — ou até maior — do que a própria descrença para levar o meio científico dominante a tratar a investigação psíquica com a seriedade que ela merece. Precisamos de mais pioneiros como Weiss e Whitton (e como os inúmeros outros investigadores corajosos cujo trabalho foi discutido neste livro) que tornem públicas as suas crenças e descobertas privadas. Em suma, precisamos do equivalente parapsicológico de uma Rosa Parks.

Outro elemento que terá de fazer parte da reestruturação da ciência é um alargamento da definição do que constitui evidência científica. Os fenómenos psíquicos e espirituais desempenharam um papel significativo na história humana e ajudaram a moldar alguns dos aspetos mais fundamentais da nossa cultura. Contudo, por não serem facilmente capturados e examinados num contexto laboratorial, a ciência tem tendido a ignorá-los.

Pior ainda, quando são estudados, muitas vezes são os aspetos menos importantes do fenómeno que são isolados e catalogados.

Por exemplo, uma das poucas descobertas relacionadas com as EFC (experiências fora do corpo) que é considerada válida em sentido científico é a de que as ondas cerebrais se alteram quando um experienciador de EFC sai do corpo. No entanto, quando se leem relatos como os de Monroe, percebe-se que, se as suas experiências forem reais, envolvem descobertas que poderiam ter um impacto na história humana tão grande quanto a descoberta do Novo Mundo por Colombo ou a invenção da bomba atômica. De facto, aqueles que já observaram um clarividente verdadeiramente talentoso em ação percebem imediatamente que testemunharam algo muito mais profundo do que aquilo que é transmitido nas estatísticas secas de R. H. e Louisa Rhine.

Isto não significa que o trabalho dos Rhine não seja importante. Mas quando um grande número de pessoas começa a relatar as mesmas experiências, os seus relatos anedóticos também devem ser considerados evidência relevante. Não devem ser descartados apenas porque não podem ser documentados com o mesmo rigor que outras características — muitas vezes menos significativas — do mesmo fenómeno. Como afirma Stevenson:

Creio que é melhor aprender o que é provável acerca de assuntos importantes do que ter certeza acerca de coisas triviais.³⁵

Vale a pena notar que esta regra prática já é aplicada a outros fenómenos naturais mais aceites. A ideia de que o universo começou numa única explosão primordial — o Big Bang — é aceite sem questionamento pela maioria dos cientistas. E isto é curioso, porque, embora existam razões convincentes para acreditar que tal

seja verdade, ninguém jamais provou que o seja. Por outro lado, se um psicólogo que estuda experiências de quase-morte afirmasse categoricamente que o domínio de luz para onde os experienciadores de EQM viajam durante essas experiências é um nível real de realidade, esse psicólogo seria criticado por fazer uma afirmação que não pode ser provada. E isto é estranho, pois existem razões igualmente convincentes para acreditar que tal seja verdade. Por outras palavras, a ciência já aceita aquilo que é provável acerca de assuntos muito importantes *quando* esses assuntos pertencem à categoria das “coisas na moda em que é aceitável acreditar”, mas não quando pertencem à categoria das “coisas fora de moda em que não é aceitável acreditar”. Este duplo critério tem de ser eliminado antes que a ciência possa começar a fazer progressos significativos no estudo tanto dos fenómenos psíquicos como dos fenómenos espirituais.

Mais crucial ainda, a ciência tem de substituir o seu fascínio pela objetividade — a ideia de que a melhor forma de estudar a natureza é através de uma postura distanciada, analítica e friamente objetiva — por uma abordagem mais participativa. A importância desta mudança tem sido sublinhada por numerosos investigadores, incluindo Harman. Ao longo deste livro vimos repetidamente indícios da sua necessidade. Num universo em que a consciência de um físico afeta a realidade de uma partícula subatômica, em que a atitude de um médico influencia se um placebo funciona ou não, em que a mente de um experimentador afeta o funcionamento de uma máquina e em que o imaginal pode transbordar para a realidade física, já não podemos fingir que estamos separados daquilo que estudamos. Num universo holográfico e omnijetivo — um universo

em que todas as coisas fazem parte de um continuum sem costuras — a objetividade estrita deixa de ser possível.

Isto é especialmente verdadeiro quando se estudam fenômenos psíquicos e espirituais e parece explicar por que razão alguns laboratórios obtêm resultados espetaculares ao realizar experiências de visão remota, enquanto outros falham completamente. De facto, alguns investigadores no campo do paranormal já passaram de uma abordagem estritamente objetiva para uma abordagem mais participativa. Por exemplo, Valerie Hunt descobriu que os resultados das suas experiências eram afetados pela presença de indivíduos que tinham ingerido álcool e, por isso, não permite que tais pessoas entrem no seu laboratório enquanto realiza medições. No mesmo sentido, os parapsicólogos russos Dubrov e Pushkin descobriram que têm mais sucesso a reproduzir os resultados de outros parapsicólogos quando hipnotizam todos os participantes presentes nos testes. Parece que a hipnose elimina a interferência causada pelos pensamentos e crenças conscientes dos participantes e ajuda a produzir resultados mais “limpos”.³⁶ Embora tais práticas possam hoje parecer extremamente estranhas, podem vir a tornar-se procedimentos normais à medida que a ciência desvenda mais segredos do universo holográfico.

Esta mudança da objetividade para a participação também afetará quase certamente o papel do cientista. À medida que se torna cada vez mais evidente que é a experiência de observar que importa — e não apenas o ato de observação — é lógico supor que os cientistas passarão a ver-se cada vez menos como observadores e cada vez mais como experienciadores. Como afirma Harman:

A disposição para ser transformado é uma característica essencial do cientista participativo.³⁷

Há, aliás, indícios de que algumas dessas transformações já estão a ocorrer. Por exemplo, em vez de se limitar a observar o que acontecia aos Conibo depois de consumirem a videira da alma, a *ayahuasca*, Harner ingeriu ele próprio o alucinogénio. É evidente que nem todos os antropólogos estariam dispostos a correr tal risco, mas também é claro que, ao tornar-se participante em vez de mero observador, ele conseguiu aprender muito mais do que alguma vez teria aprendido limitando-se a ficar à margem a tomar notas.

O sucesso de Harner sugere que, em vez de apenas entrevistar experienciadores de EQM, EFC e outros viajantes pelos domínios mais subtis, os cientistas participativos do futuro poderão conceber métodos para viajar eles próprios até lá. Já hoje investigadores do sonho lúcido exploram e relatam as suas próprias experiências de sonho lúcido. Outros poderão desenvolver técnicas diferentes e ainda mais inovadoras para explorar as dimensões interiores. Por exemplo, embora não seja cientista no sentido mais estrito do termo, Monroe desenvolveu gravações de sons rítmicos especiais que, segundo afirma, facilitam as experiências fora do corpo. Fundou também um centro de investigação chamado Monroe Institute of Applied Sciences, nas montanhas Blue Ridge, e afirma ter treinado centenas de pessoas para realizarem as mesmas viagens extracorporais que ele próprio realizou. Serão estes desenvolvimentos prenúncios do futuro — antecipações de um tempo em que não apenas os astronautas, mas também os “psiconautas”, se tornem os heróis que vemos nas notícias da noite?

4. Consciência Superior

A ciência pode não ser a única força que nos oferece passagem para a terra de lugar nenhum. No seu livro *Heading toward Omega*, Ring observa que existem indícios convincentes de que as EQM estão a aumentar. Como vimos, nas culturas tribais os indivíduos que têm EQM são frequentemente tão transformados por essas experiências que se tornam xamãs. Os experienciadores modernos de EQM também sofrem uma transformação espiritual, passando das suas personalidades pré-EQM para indivíduos mais amorosos, mais compassivos e até mais psíquicos. A partir disso, Ring conclui que talvez aquilo a que estamos a assistir seja “a xamanização da humanidade moderna”.³⁸ Mas, se assim for, por que razão estão as EQM a aumentar? Ring acredita que a resposta é tão simples quanto profunda:

aquilo a que estamos a assistir é “um impulso evolutivo em direção a uma consciência superior para toda a humanidade”.

E as EQM podem não ser o único fenómeno transformador a emergir da psique coletiva humana. Grosso acredita que o aumento das visões marianas durante o último século também tem implicações evolutivas. De forma semelhante, numerosos investigadores, incluindo Raschke e Vallée, consideram que a explosão de avistamentos de OVNIIs nas últimas décadas possui igualmente um significado evolutivo. Vários investigadores, entre eles Ring, assinalaram que os encontros com OVNIIs se assemelham, na realidade, a iniciações xamânicas e podem

constituir mais uma evidência da xamanização da humanidade moderna. Strieber concorda.

Penso que é bastante evidente que, quer [o fenómeno OVNI esteja a ser] provocado por alguém, quer [esteja a acontecer] naturalmente, aquilo com que estamos a lidar é um salto exponencial de uma espécie para outra. Suspeito que aquilo que estamos a observar é o processo da evolução em ação.³⁹

Se tais especulações forem verdadeiras, qual é o propósito dessa transformação evolutiva? Parece haver duas respostas. Numerosas tradições antigas falam de um tempo em que o holograma da realidade física era muito mais plástico do que é atualmente, muito mais semelhante à realidade amorfa e fluida da dimensão pós-morte. Por exemplo, os aborígenes australianos afirmam que houve uma época em que o mundo inteiro era Tempo do Sonho. Edgar Cayce ecoou esta ideia ao afirmar que, no início, a Terra existia “apenas sob a forma de formas-pensamento ou visualizações que se projetavam para fora de si mesmas da maneira que desejavam... Depois surgiu a materialidade propriamente dita na Terra, quando o Espírito se impeliu para dentro da matéria.”⁴⁰

Os aborígenes afirmam que chegará o dia em que a Terra regressará ao Tempo do Sonho. Num espírito de pura especulação, poder-se-ia perguntar se, à medida que aprendermos a manipular cada vez mais o holograma da realidade, veremos cumprir-se essa profecia. À medida que nos tornarmos mais hábeis a intervir naquilo a que Jahn e Dunne chamam a interface entre a consciência e o seu ambiente, será possível voltarmos a experimentar uma realidade maleável? Se isso for verdade, teremos de aprender muito mais do

que sabemos atualmente para manipular com segurança um ambiente tão plástico, e talvez esse seja um dos propósitos dos processos evolutivos que parecem estar a desenrolar-se no nosso meio.

Muitas tradições antigas afirmam também que a humanidade não teve origem na Terra e que o nosso verdadeiro lar está com Deus, ou pelo menos num domínio não físico e mais paradisíaco de puro espírito. Por exemplo, existe um mito hindu segundo o qual a consciência humana começou como uma ondulação que decidiu abandonar o oceano da “consciência enquanto tal, intemporal, sem espaço, infinita e eterna”.⁴¹ Ao despertar para si mesma, esqueceu que fazia parte desse oceano infinito e passou a sentir-se isolada e separada. Loye argumentou que a expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden pode ser igualmente uma versão desse mito — uma memória antiga de como a consciência humana, algures no seu passado insondável, deixou o seu lar na ordem implicada e esqueceu que fazia parte da totalidade cósmica de todas as coisas.⁴² Nesta perspetiva, a Terra é uma espécie de campo de jogo “no qual se é livre de experimentar todos os prazeres da carne, desde que se reconheça que se é uma projeção holográfica de uma [...] dimensão espacial de ordem superior.”⁴³

Se isto for verdade, os fogos evolutivos que começam a tremeluzir e a dançar na nossa psique coletiva podem ser o nosso chamamento para despertar — a nota de trombeta que nos informa de que o nosso verdadeiro lar está noutro lugar e de que podemos regressar a ele se assim o desejarmos. Strieber, por exemplo, acredita que é precisamente por isso que os OVNIIs estão aqui:

Penso que eles estão provavelmente a assistir ao nosso parto para o mundo não físico — que é a sua origem. A minha impressão é que o mundo físico é apenas um pequeno instante num contexto muito maior e que a realidade se desenrola principalmente de forma não física. Não penso que a realidade física seja a fonte original do ser. Creio que o ser, enquanto consciência, provavelmente antecede o físico.⁴⁴

O escritor Terence McKenna, outro antigo defensor do modelo holográfico, concorda:

Aquilo de que isto parece tratar é que, desde o momento em que surgiu a consciência da existência da alma até à resolução do potencial apocalíptico, decorrem aproximadamente cinquenta mil anos. Estamos agora — não pode haver dúvida — nos segundos finais dessa crise histórica: uma crise que envolve o fim da história, a nossa partida do planeta [e] a vitória sobre a morte. Estamos, de facto, a aproximar-nos do acontecimento mais profundo que uma ecologia planetária pode encontrar — a libertação da vida do casulo escuro da matéria.⁴⁵

Naturalmente, estas são apenas especulações. Mas, quer estejamos realmente à beira de uma transição, como sugerem Strieber e McKenna, quer esse limiar ainda se encontre a alguma distância no futuro, é evidente que estamos a seguir algum percurso de evolução espiritual. Dada a natureza holográfica do universo, é também evidente que algo semelhante às duas possibilidades acima descritas nos espera algures, em algum momento.

E, para que não sejamos tentados a supor que a libertação do físico é o fim da evolução humana, existem indícios de que o domínio mais plástico e imaginal do além é também apenas um

degrau intermédio. Por exemplo, Swedenborg afirmou que para além do céu que visitou existia outro céu, tão brilhante e tão desprovido de forma para a sua perceção que lhe parecia apenas “um fluxo de luz”.⁴⁶ Os experienciadores de EQM também descreveram ocasionalmente estes domínios ainda mais tenuamente insondáveis. “Existem muitos planos superiores e, para regressar a Deus, para alcançar o plano onde o Seu espírito reside, é necessário abandonar o seu vestuário em cada etapa, até que o seu espírito esteja verdadeiramente livre”, afirma um dos sujeitos estudados por Whitton. “O processo de aprendizagem nunca termina... Por vezes é-nos permitido vislumbrar os planos superiores — cada um é mais leve e mais luminoso do que o anterior.”⁴⁷

Pode ser assustador para alguns que a realidade pareça tornar-se cada vez mais semelhante a frequência à medida que se penetra mais profundamente na ordem implicada. E isso é compreensível. É evidente que ainda somos como crianças que precisam da segurança de um livro de colorir, ainda não preparadas para desenhar livremente, sem linhas que orientem as nossas mãos desajeitadas. Ser mergulhado no domínio de fluxo luminoso descrito por Swedenborg seria equivalente a lançar-nos numa alucinação de LSD completamente fluida. E ainda não somos suficientemente maduros, nem temos controlo suficiente sobre as nossas emoções, atitudes e crenças, para lidar com os monstros que a nossa própria psique ali criaria.

Mas talvez seja precisamente por isso que estamos a aprender a lidar com pequenas doses do omnijetivo aqui, sob a forma dos

confrontos relativamente limitados com o imaginal proporcionados pelos OVNIIs e por outras experiências semelhantes.

E talvez seja por isso que os seres de luz nos dizem repetidamente que o propósito da vida é aprender.

Estamos, de facto, numa jornada xamânica, meras crianças a esforçarem-se por tornar-se técnicos do sagrado. Estamos a aprender a lidar com a plasticidade que é parte integrante de um universo em que mente e realidade formam um continuum. E, nessa jornada, uma lição destaca-se acima de todas as outras: enquanto a ausência de forma e a liberdade vertiginosa do além continuarem a assustar-nos, continuaremos a sonhar para nós próprios um holograma que seja confortavelmente sólido e bem definido.

Mas devemos sempre atender ao aviso de Bohm de que os compartimentos conceptuais que utilizamos para dividir o universo são da nossa própria criação. Eles não existem “lá fora”, porque “lá fora” é apenas a totalidade indivisível — Brahman. E, quando ultrapassarmos qualquer conjunto de compartimentos conceptuais, devemos estar sempre preparados para avançar, progredindo de estado de alma para estado de alma, como dizia Sri Aurobindo, e de iluminação em iluminação. Pois o nosso propósito parece ser tão simples quanto interminável.

Estamos, como dizem os aborígenes, apenas a aprender a sobreviver no infinito.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ Irvin L. Child, "Psicologia e Observações Anômalas", *American Psychologist* 40, nº 11 (novembro de 1985), pp. 1219-80.

CAPÍTULO 1

¹ Wilder Penfield, *O Mistério da Mente: Um Estudo Crítico da Consciência e do Cérebro Humano* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1975).

² Karl Lashley, "Em busca do engrama", in *Mecanismos fisiológicos no comportamento animal* (Nova Iorque: Academic Press, 1950), pp. 454-82.

³ Karl Pribram, "A neurofisiologia da memória", *Scientific American* 220 (janeiro de 1969), p. 75.

⁴ Karl Pribram, *Linguagens do Cérebro* (Monterey, Calif.: Wadsworth Publishing, 1977), p. 123.

⁵ Daniel Goleman, "Holographic Memory: Karl Pribram Interviewed by Daniel Goleman", *Psicologia Hoje* 12, nº 9 (fevereiro de 1979), p. 72.

⁶ J. Collier, C. B. Burckhardt e L. H. Lin, *Holografia Óptica* (Nova Iorque: Academic Press, 1971).

⁷ Pieter van Heerden, "Models for the Brain", *Nature* 227 (25 de julho de 1970), pp.

⁸ Paul Pietsch, *Cérebro em Baralhamento A Busca da Mente Holográfica* (Boston: Houghton Mifflin, 1981), p. 78.

⁹ Daniel A. Pollen and Michael C. Trachtenberg, "Alpha Rhythm and Eye Movements in Eidetic Imagery," *Nature* 237 (May 12, 1972), p. 109.

¹⁰ Pribram, *Languages*, p. 169.

¹¹ Paul Pietsch, "Shufflebrain," *Harper's Magazine* 244 (May 1972), p. 66.

¹² Karen K. DeValois, Russell L. DeValois e W. W. And, "Respostas das células do córtex estriado a padrões de grelha e tabuleiro de xadrez", *Journal of Physiology*, vol. 291 (1979), pp. 483-505.

¹³ Goleman, *Psicologia Hoje*, p. 71.

¹⁴ Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston: New Science Library, 1982), pp. 108-9.

¹⁵ Richard Restak, "Poder Cerebral: Uma Nova Teoria," *Science Digest* (Março de 1981), p. 19.

¹⁶ Richard Restak, *O Cérebro* (Nova Iorque: Warner Books, 1979), p. 253.

CAPÍTULO 2

¹ Basil J. Hiley e F. David Peat, "O desenvolvimento das ideias de David Bohm do plasma à ordem implícita", in *Quantum Implications*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 1.

² Nick Herbert, "Quão grande é a luz das estrelas? Uma breve análise da realidade quântica", *Revisão* 10, nº 1 (Verão de 1987), pp. 81-35.

³ Albert Einstein, Boris Podolsky e Nathan Rosen, "Pode a descrição quântico-mecânica da realidade física ser considerada completa?" *Physical Review* 47 (1935), p. 777.

⁴ Hiley e Peat, *Quantum*, p. 3.

⁵ John P. Briggs e F. David Peat, *Looking Glass Universe* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1984), p. 96.

⁶ David Bohm, “Variáveis Ocultas e a Ordem Implícita”, in *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 38.

⁷ “Não-localidade na Física e na Psicologia: Uma Entrevista com John Stewart Bell”, *Psychological Perspectives* (Outono-Inverno de 1988), p. 306.

⁸ Robert Temple, ‘Uma entrevista com David Bohm’, *New Scientist* (11 de novembro de 1982), p. 362.

⁹ Bohm, *Quantum*, p. 40.

¹⁰ David Bohm, *A Totalidade e a Ordem Implícita* (Londres: Routledge & Kegan Paul, 1980), p. 205.

¹¹ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.

¹² Bohm, *Totalidade*, p. 192.

¹³ Paul Davies, *Superforce* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1984), p. 48.

¹⁴ Lee Smolin, ‘O que é realmente a mecânica quântica?’ *New Scientist* (24 de outubro de 1985), p. 43.

¹⁵ Comunicação particular com o autor, 14 de outubro de 1988.

¹⁶ Saybrook Publishing Company, *The Reach of the Mind: Nobel Prize Conversations* (Dallas, Texas: Saybrook Publishing Co., 1985), p. 91.

¹⁷ Judith Hooper, “Uma entrevista com Karl Pribram”, *Omni* (outubro de 1982), p. 185.

¹⁸ Comunicação particular com o autor, 8 de fevereiro de 1989.

¹⁹ Renee Weber, “O Universo que se desdobra e se fecha: uma conversa com David Bohm”, in *O Paradigma Holográfico*, ed. Ken Wilber (Boulder, Colorado: New Science Library, 1982), pp. 83-84.

²⁰ Ibid, p. 73

CAPÍTULO 3

¹ Renee Weber, “O Universo que se desdobra e se fecha: uma conversa com David Bohm”, in *O Paradigma Holográfico*, ed. Ken Wilber (Boulder, Colorado: New Science Library, 1982), p. 72.

² Robert M. Anderson, Jr., “Um modelo holográfico da consciência transpessoal”, *Revista de Psicologia Transpessoal* 9, nº 2 (1977), p. 126.

³ Jon Tolaas e Montague Ullman, “Comunicação Extrassensorial e Sonhos”, em *Manual dos Sonhos*, ed. Benjamin B. Wolman (Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1979), pp. 178-79.

⁴ Comunicação particular com o autor, 31 de outubro de 1988.

⁵ Montague Ullman, “Totalidade e Sonho”, em *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Nova Iorque: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 398.

⁶ Eu, Matte-Blanco, “Um estudo do pensamento esquizofrênico: a sua expressão em termos de lógica simbólica e a sua representação em termos de espaço multidimensional”, *Revista Internacional de Psiquiatria* 1, nº 1 (Janeiro de 1965), p. 93.

⁷ Montague Ullman, “Psi e Psicopatologia”, artigo apresentado na conferência da Sociedade Americana de Investigação Psíquica sobre Fatores Psíquicos em Psicoterapia, 8 de Novembro de 1986.

⁸ See Stephen LaBerge, *Sonhos lúcidos* (Los Angeles: Jeremy P. Tarcher, 1985).

⁹ Fred Alan Wolf, *Onda Estelar* (Nova Iorque: Macmillan, 1984), p. 288.

¹⁰ Jayne Gackenbach, “Entrevista com o físico Fred Alan Wolf sobre a física dos sonhos lúcidos”, *Carta de Lucidez* 6, nº 1 (Junho de 1987), p. 52.

¹¹ Fred Alan Wolf, “A física da consciência onírica: será o sonho lúcido um universo paralelo?” Atas do Segundo Simpósio sobre Sonhos Lúcidos/Carta da Lucidez 6, nº 2 (Dezembro de 1987), p. 133.

¹² Stanislav Grof, *Domínios do Inconsciente Humano* (Nova Iorque: E. P. Dutton, 1976), p. 20.

- ¹³ Ibid., p. 286.
- ¹⁴ Ibid., pp. 159-60.
- ¹⁵ Stanislav Grof, *A Aventura da Autodescoberta* (Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1988), pp. 108-9.
- ¹⁶ Stanislav Grof, *Além do Cérebro* (Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1985), p. 31.
- ¹⁷ Ibid., p. 78.
- ¹⁸ Ibid., p. 89.
- ¹⁹ Edgar A. Levenson, “Um Modelo Holográfico da Mudança Psicanalítica”, *Psicanálise Contemporânea* 12, nº 1 (1975), p. 18.
- ²⁰ Ibid., p. 19.
- ²¹ David Shainberg, “Vórtices de Pensamento na Ordem Implícita”, em *Implicações Quânticas*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (Nova York: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 402.
- ²² Ibid., p. 411.
- ²³ Frank Putnam, *Diagnóstico e Tratamento da Perturbação de Personalidade Múltipla* (Nova Iorque: Guilford, 1988), p. 68.
- ²⁴ “Ciência e Sincronicidade: Uma Conversa com C. A. Meier”, *Psychological Perspectives* 19, nº 2 (Outono-Inverno de 1988), p. 324.
- ²⁵ Paul Davies, *O Projeto Cósmico* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1988), p. 162.
- ²⁶ F. David Peat, *Sincronicidade: A Ponte entre a Mente e a Matéria* (Nova Iorque: Bantam Books, 1987), p. 235.
- ²⁷ Ibid., p. 239.

CAPÍTULO 4

- ¹ Stephanie Matthews-Simonton, O. Carl Simonton e James L. Creighton, *Getting Well Again* (Nova Iorque: Bantam Books, 1980), pp. 6-12.
- ² Jeanne Achterberg, “Mind and Medicine: The Role of Imagery in Healing”, *Boletim Informativo da ASPR* 14, nº 3 (Junho de 1988), p. 20.
- ³ Jeanne Achterberg, *Imagens na Cura* (Boston, Mass.: New Science Library, 1985), p. 184.
- ⁴ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.
- ⁵ Achterberg, *Boletim informativo da ASPR*, pág. 20.
- ⁶ Achterberg, *Imagens*, pp. 78-79.
- ⁷ Jeanne Achterberg, Ira Collerain e Pat Craig, “Uma possível relação entre cancro, atraso mental e perturbações mentais”, *Revista de Ciências Sociais e Medicina* 12 (Maio de 1978), pp. 185-39.
- ⁸ Bernie S. Siegel, *Amor, Medicina e Milagres* (Nova Iorque: Harper & Row, 1986), p. 32.
- ⁹ Achterberg, *Imagens*, pp. 182-87.
- ¹⁰ Bernie S. Siegel, *Amor*, p. 29.
- ¹¹ Charles A. Garfield, *Desempenho Máximo: Técnicas de Treino Mental dos Maiores Atletas do Mundo* (Nova Iorque: Warner Books, 1984), p. 16.
- ¹² Ibid., p. 62.
- ¹³ Mary Orser e Richard Zarro, *Mudar o Seu Destino* (Nova Iorque: Harper & Row, 1989), p. 60.
- ¹⁴ Barbara Brown, *Supermente: A Energia Suprema* (Nova Iorque: Harper & Row, 1980), p. 274: citado em Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston, Mass.: New Science Library, 1982), p. 112.
- ¹⁵ Brown, *Supermente*, p. 275: citado em Dossey, *Espaço*, pp. 112-13.
- ¹⁶ Larry Dossey, *Espaço, Tempo e Medicina* (Boston, Mass.: New Science Library, 1982), p. 112.
- ¹⁷ Comunicação particular com o autor, 8 de fevereiro de 1989.

- ¹⁸ Brendan O'Regan, "*Cura, Remissão e Curas Milagrosas*", Relatório Especial do Instituto de Ciências Noéticas (Maio de 1987), p. 3.
- ¹⁹ Lewis Thomas, *A Medusa e o Caracol* (Nova Iorque: Bantam Books, 1980), p. 63.
- ²⁰ Thomas J. Hurley III, "Efeitos placebo: território inexplorado das interações mente/corpo", *Investigations* 2, nº 1 (1985), p. 9.
- ²¹ Ibid.
- ²² Steven Locke e Douglas Colligan, *O Curador Interior* (Nova Iorque: New American Library, 1986), p. 224.
- ²³ Ibid., p. 227.
- ²⁴ G. Timothy Johnson e Stephen E. Goldfinger, *O Livro de Cartas de Saúde da Faculdade de Medicina de Harvard* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981), p. 416.
- ²⁵ O'Regan, *Special Report*, p. 4.
- ²⁶ G. Timothy Johnson e Stephen E. Goldfinger, *O Livro de Cartas de Saúde da Faculdade de Medicina de Harvard* (Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1981), p. 416.
- ²⁷ Herbert Benson e David P. McCallie, Jr., "Angina Pectoris e o Efeito Placebo", *Revista de Medicina da Nova Inglaterra* 300, nº 25 (1979), pp. 1424-29.
- ²⁸ Johnson e Goldfinger, *Livro de Cartas sobre a Saúde*, p. 418.
- ²⁹ Hurley, *Investigações*, p. 10.
- ³⁰ Richard Alpert, *Esteja aqui agora* (San Cristobal, N.M.: Lama Foundation, 1971).
- ³¹ Lyall Watson, *Para além do Sobrenatural* (Nova Iorque: Bantam Books, 1988), p. 215.
- ³² Ira L. Mintz, "Uma nota sobre a personalidade viciada", *Revista Americana de Psiquiatria* 184, nº 8 (1977), p. 827.
- ³³ Alfred Stelter, *Psi-Healing* (Nova Iorque: Bantam Books, 1976), p. 8.
- ³⁴ Thomas J. Hurley III, "Aprendizagem Placebo: O Efeito Placebo como uma Resposta Condicionada", *Investigations* 2, nº 1 (1985), p. 23.
- ³⁵ O'Regan, *Relatório Especial*, p. 3.
- ³⁶ Conforme citado em Thomas J. Hurley III, "Variedades da experiência placebo: pode uma única definição abranger todas elas?" *Investigações* 2, n.º 1 (1985), p. 18.
- ³⁷ Daniel Seligman, "Grandes Momentos na Investigação Médica", *Fortune* 117, nº 5 (29 de fevereiro de 1988), p. 25.
- ³⁸ Daniel Goleman, 'Investigating the Enigma of Multiple Personality', *New York Times* (25 de junho de 1988), p. C1.
- ³⁹ Comunicação particular com o autor, 11 de janeiro de 1990.
- ⁴⁰ Richard Restak, "Pessoas com múltiplas mentes", *Science Digest* 92, nº 6 (Junho de 1984), p. 76.
- ⁴¹ Daniel Goleman, "New Focus on Multiple Personality", *New York Times* (21 de maio de 1985), p. C1.
- ⁴² Truddi Chase, *When Rabbit Howls* (Nova Iorque: E. P. Dutton, 1987), p. x
- ⁴³ Thomas J. Hurley III, "Inner Faces of Multiplicity", *Investigations* 1, nº 3/4 (1985), p. 4.
- ⁴⁴ Thomas J. Hurley III, "Multiplicity & the Mind-Body Problem: New Windows to Natural Plasticity," *Investigations* 1, no. 3/4 (1985), p. 19.
- ⁴⁵ Bronislaw Malinowski, "Baloma: The spirits of the dead in the Trobriand Islands", *Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* 46 (1916), pp. 353-480.
- ⁴⁶ Watson, *Beyond Supernature*, pp. 58-60.
- ⁴⁷ Joseph Chilton Pearce, *The Crack in the Cosmic Egg* (Nova Iorque: Pocket Books, 1974), p. 86.
- ⁴⁸ Pamela Weintraub, "Preschool?" *Omni* 11, no. 11 (August 1989), p. 38.
- ⁴⁹ Kathy A. Fackelmann, "Hostility Boosts Risk of Heart Trouble," *Science News* 135, no. 4 (January 28, 1989), p. 60.
- ⁵⁰ Steven Locke, in *Longevity* (November 1988), as quoted in "Your Mind's Healing Powers," *Reader's Digest* (September 1989), p. 5.

- ⁵¹ Bruce Bower, "Emotion-Immunity Link in HIV Infection," *Science News* 184, no. 8 (August 20, 1988), p. 116.
- ⁵² Donald Robinson, "Your Attitude Can Make You Well," *Reader's Digest* (April 1987), p. 75.
- ⁵³ Daniel Goleman in the New York Times (April 20, 1989), as quoted in "Your Mind's Healing Powers," *Reader's Digest* (September 1989), p. 6.
- ⁵⁴ Robinson, *Reader's Digest*, p. 75.
- ⁵⁵ Signe Hammer, "The Mind as Healer," *Science Digest* 92, no. 4 (April 1984), p. 100.
- ⁵⁶ John Raymond, "Jack Schwarz: The Mind Over Body Man," *New Realities* 11, no. 1 (April 1978), pp. 72-76; see also, "Jack Schwarz: Probing ... but No Needles Anymore," *Brain/Mind Bulletin* 4, no. 2 (December 4, 1978), p. 2.
- ⁵⁷ Stelter, *Psi-Healing*, pp. 121-24.
- ⁵⁸ Donna and Gilbert Grosvenor, "Ceylon," *National Geographic* 129, no. 4 (April 1966).
- ⁵⁹ D. D. Kosambi, "Living Prehistory in India," *Scientific American* 216, no. 2 (February 1967), p. 104.
- ⁶⁰ A. A. Mason, "A Case of Congenital Ichthyosiform," *British Medical Journal* 2 (1952), pp. 422-28.
- ⁶¹ O'Regan, *Special Report*, p. 9.
- ⁶² D. Scott Rogo, *Miracles* (New York: Dial Press, 1982), p. 74.
- ⁶³ Herbert Thurston, *The Physical Phenomena of Mysticism* (Chicago: Henry Regnery Company, 1952), pp. 120-29.
- ⁶⁴ Thomas of Celano, *Vita Prima* (1229), as quoted by Thurston, *Physical Phenomena*, pp. 45-46.
- ⁶⁵ Alexander P. Dubrov and Veniamin N. Pushkin, *Parapsychology and Contemporary Science*, trans. Aleksandr Petrovich (New York: Plenum, 1982), p. 50.
- ⁶⁶ Thurston, *Physical Phenomena*, p. 68.
- ⁶⁷ Ibid.
- ⁶⁸ Charles Fort, *The Complete Books of Charles Fort* (New York: Dover, 1974), p. 1022.
- ⁶⁹ Ibid., p. 964.
- ⁷⁰ Comunicação particular com o autor, 8 de novembro de 1988.
- ⁷¹ Candace Pert with Harris Dienstfrey, "The Neuropeptide Network," in *Neuroimmunomodulation: Interventions in Aging and Cancer*, ed. Walter Pierpaoli and Novera Herbert Spector (New York: New York Academy of Sciences, 1988), pp. 189-94.
- ⁷² Terrence D. Oleson, Richard J. Kroening, and David E. Bresler, "An Experimental Evaluation of Auricular Diagnosis: The Somatotopic Mapping of Musculoskeletal Pain at Ear Acupuncture Points," *Pain* 8 (1980), pp. 217-29.
- ⁷³ Comunicação particular com o autor, 24 de setembro de 1988.
- ⁷⁴ Terrence D. Oleson and Richard J. Kroening, "Rapid Narcotic Detoxification in Chronic Pain Patients Treated with Auricular Electroacupuncture and Naloxone," *International Journal of the Addictions* 20, no. 9 (1985), pp. 1847-60.
- ⁷⁵ Richard Leviton, "The Holographic Body," *East West* 18, no. 8 (August 1988), p. 42.
- ⁷⁶ Ibid., p. 45.
- ⁷⁷ Ibid., pp. 36-47.
- ⁷⁸ "Fingerprints, a Clue to Senility," *Science Digest* 91, no. 11 (November 1983), p. 91.
- ⁷⁹ Michael Meyer, "The Way the Whorls Turn," *Newsweek* (February 13, 1989), p. 73.

CAPÍTULO 5

- ¹ D. Scott Rogo, *Miracles* (New York: Dial Press, 1982), p. 79.
- ² Ibid., p. 58; ver também Herbert Thurston, *The Physical Phenomena of Mysticism* (Londres: Burns Oates, 1952); e A. P. Schimberg, *The Story of Therese Neumann* (Milwaukee, Wis.: Bruce Publishing Co., 1947).
- ³ David J. Bohm, "A new theory of the relationship between mind and matter," *Journal of the American Society for Psychical Research* 80, nº 2 (Abril de 1986), p. 128.

-
- ⁴ Ibid., p. 182.
- ⁵ Robert G. Jahn and Brenda J. Dunne, *Margins of Reality: The Role of Consciousness in the Physical World* (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1987), pp. 91-128.
- ⁶ Ibid., p. 144.
- ⁷ Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro de 1988.
- ⁸ Jahn and Dunne, *Margins*, p. 142.
- ⁹ Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro de 1988.
- ¹⁰ Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro de 1988.
- ¹¹ Steve Fishman, "Questions for the Cosmos", *New York Times Magazine* (26 de novembro de 1989), p. 55.
- ¹² Comunicação particular com o autor, 25 de novembro de 1988.
- ¹³ Rex Gardner, "Miracles of Healing in Anglo-Celtic Northumbria as Recorded by the Venerable Bede and His Contemporaries: A Reappraisal in the Light of Twentieth-Century Experience," *British Medical Journal* 287 (December 1983), p. 1931.
- ¹⁴ Max Freedom Long, *The Secret Science behind Miracles* (New York: Robert Collier Publications, 1948), pp. 191-92.
- ¹⁵ Louis-Basile Carre de Montgeron, *La Verité des Miracles* (Paris: 1731), vol. i, p. 380, as quoted in H. P. Blavatsky, *Isis Unveiled*, vol. i (New York: J. W. Bouton, 1877), p. 374.
- ¹⁶ Ibid, p. 374.
- ¹⁷ B. Robert Kreiser, *Miracles, Convulsions, and Ecclesiastical Politics in Early Nineteenth-Century Paris* (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1978), pp. 260-61.
- ¹⁸ Charles Mackey, *Extraordinary Popular Delusions and the Madness of Crowds* (London: 1841), p. 318.
- ¹⁹ Kreiser, *Miracles*, p. 174.
- ²⁰ Stanislav Grof, *Beyond the Brain* (Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1985), p. 91.
- ²¹ Long, *Secret Science*, pp. 31-39.
- ²² Frank Podmore, *Mediums of the Nineteenth Century*, vol. 2 (New Hyde Park, N.Y.: University Books, 1963), p. 264.
- ²³ Vincent H. Gaddis, *Mysterious Fires and Lights* (New York: Dell, 1967), pp. 114-15.
- ²⁴ Blavatsky, *Isis*, p. 370.
- ²⁵ Podmore, *Mediums*, p. 264.
- ²⁶ Will and Ariel Durant, *The Age of Louis XIV*, vol. XIII (New York: Simon & Schuster, 1963), p. 73.
- ²⁷ Franz Werfel, *The Song of Bernadette* (Garden City, N.Y.: Sun Dial Press, 1944), pp. 826-27.
- ²⁸ Gaddis, *Mysterious Fires*, pp. 106-7.
- ²⁹ Ibid., p. 106.
- ³⁰ Berthold Schwarz, "Ordeals by Serpents, Fire, and Strychnine," *Psychiatric Quarterly* 34 (1960), pp. 405-29.
- ³¹ Comunicação particular com o autor, 17 de julho de 1989.
- ³² Karl H. Pribram, "The Implicate Brain," in *Quantum Implications*, ed. Basil J. Hiley and F. David Peat (London: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 367.
- ³³ Comunicação particular com o autor, 8 de fevereiro de 1989; ver também, Karl H. Pribram, "The Cognitive Revolution and Mind/Brain Issues," *American Psychologist* 41, nº 5 (Maio 1986), pp. 507-19.
- ³⁴ Comunicação particular com o autor, 25 de novembro de 1988.
- ³⁵ Gordon G. Globus, "Three Holonomic Approaches to the Brain," in *Quantum Implications*, ed. Basil J. Hiley and F. David Peat (London: Routledge & Kegan Paul, 1987), pp. 372-85; see also, Judith Hooper and Dick Teresi, *The Three-Pound Universe* (New York: Dell, 1986), pp. 295-300.
- ³⁶ Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro de 1988.
- ³⁷ Malcolm W. Browne, "Quantum Theory: Disturbing Questions Remain Unresolved," *New York Times* (February 11, 1986), p. C3.

³⁸ Ibid.

³⁹ Jahn and Dunne, *Margins*, pp. 819-20; see also, Dietrick E. Thomsen, "Anomalons Get More and More Anomalous," *Science News* 125 (February 25, 1984).

⁴⁰ Christine Sutton, "The Secret Life of the Neutrino," *New Scientist* 117, no. 1595 (January 14, 1988), pp. 53-57; see also, "Soviet Neutrinos Have Mass," *New Scientist* 105, no. 1446 (March 7, 1985), p. 23; and Dietrick E. Thomsen, "Ups and Downs of Neutrino Oscillation," *Science News* 117, no. 24 (June 14, 1980), pp. 377-88.

⁴¹ S. Edmunds, *Hypnotism and the Supernormal* (London: Aquarian Press, 1967), as quoted in *Supernature*, Lyall Watson (New York: Bantam Books, 1973), p. 236.

⁴² Leonid L. Vasiliev, *Experiments in Distant Influence* (New York: E. P. Dutton, 1976).

⁴³ See Russell Targ and Harold Puthoff, *Mind-Reach* (New York: Delacorte Press, 1977).

⁴⁴ Fishman, *New York Times Magazine*, p. 55; see also, Jahn and Dunne, *Margins*, p. 181.

⁴⁵ Charles Tart, "Physiological Correlates of Psi Cognition," *International Journal of Neuropsychiatry* 5, no. 4 (1962).

⁴⁶ Targ and Puthoff, *Mind-Reack*, pp. 180-88

⁴⁷ E. Douglas Dean, "Plethysmograph Recordings of ESP Responses," *International Journal of Neuropsychiatry* 2 (September 1966).

⁴⁸ Charles T. Tart, "Psychedelic Experiences Associated with a Novel Hypnotic Procedure, Mutual Hypnosis," in *Altered States of Consciousness*, Charles T. Tart (New York: John Wiley & Sons, 1969), pp. 291-308.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ John P. Briggs and F. David Peat, *Looking Glass Universe* (New York: Simon & Schuster, 1984), p. 87.

⁵¹ Targ and Puthoff, *Mind-Reack*, pp. 130-33.

⁵² Russell Targ, et al., *Research in Parapsychology* (Metuchen, N.J.: Scarecrow, 1980).

⁵³ Bohm, *Journal of the American Society for Psychical Research*, p. 132.

⁵⁴ Jahn and Dunne, *Margins*, pp. 257-59.

⁵⁵ Gardner, *British Medical Journal*, p. 1930.

⁵⁶ Lyall Watson, *Beyond Supernature* (New York: Bantam Books, 1988), pp. 189-91.

⁵⁷ A. R. G. Owen, *Can We Explain the Poltergeist* (New York: Garrett Publications, 1964).

⁵⁸ Erlendur Haraldsson, *Modern Miracles: An Investigative Report on Psychic Phenomena Associated with Sathya Sai Baba* (New York: Fawcett Columbine Books, 1987), pp. 26-27.

⁵⁹ Ibid., pp. 35-36.

⁶⁰ Ibid., p. 290.

⁶¹ Paramahansa Yogananda, *Autobiography of a Yogi* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1978), p. 184.

⁶² Rogo, *Miracles*, p. 178.

⁶³ Lyall Watson, *Gifts of Unknown Things* (New York: Simon & Schuster, 1976), pp. 203-4.

⁶⁴ Comunicação particular com o autor, 9 de fevereiro de 1989.

⁶⁵ Comunicação particular com o autor, 17 de outubro de 1988.

⁶⁶ Comunicação particular com o autor, 16 de dezembro de 1988.

⁶⁷ Judith Hooper and Dick Teresi, *The Three-Pound Universe* (New York: Dell, 1986), p. 300.

⁶⁸ Carlos Castaneda, *Tales of Power* (New York: Simon & Schuster, 1974), p. 100.

⁶⁹ Marilyn Ferguson, "Karl Pribram's Changing Reality," in *The Holographic Paradigm*, ed. Ken Wilber (Boulder, Colo.: New Science Library, 1982), p. 24.

⁷⁰ Erlendur Haraldsson and Loftur R. Gissurarson, *The Icelandic Physical Medium: Indridi Indridason* (London: Society for Psychical Research, 1989).

CAPÍTULO 6

- ¹ Karl Pribram, "The Neurophysiology of Remembering," *Scientific American* 220 (January 1969), pp. 76-78.
- ² Judith Hooper, "Interview: Karl Pribram," *Omni* 5, no. 1 (October 1982), p. 172.
- ³ Wil van Beek, *Hazrat Inayat Khan* (New York: Vantage Press, 1983), p. 185.
- ⁴ Barbara Ann Brennan, *Hands of Light* (New York: Bantam Books, 1987), pp. 3-4.
- ⁵ *Ibid.*, p. 4.
- ⁶ *Ibid.*, cover quote.
- ⁷ *Ibid.*, cover quote.
- ⁸ *Ibid.*, p. 26.
- ⁹ Comunicação particular com o autor, 13 de novembro de 1988.
- ¹⁰ Shafica Karagulla, *Breakthrough to Creativity* (Marina Del Rey, Calif.: DeVorss, 1967), p. 61.
- ¹¹ *Ibid.*, pp. 78-79.
- ¹² W. Brugh Joy, *Joy's Way* (Los Angeles: J. P. Tarcher, 1979), pp. 155-56.
- ¹³ *Ibid.*, p. 48.
- ¹⁴ Michael Crichton, *Travels* (New York: Knopf, 1988), p. 262.
- ¹⁵ Ronald S. Miller, "Bridging the Gap: An Interview with Valerie Hunt," *Science of Mind* (October 1983), p. 12.
- ¹⁶ Comunicação particular com o autor, 7 de fevereiro de 1990.
- ¹⁷ *Ibid.*
- ¹⁸ *Ibid.*
- ¹⁹ *Ibid.*
- ²⁰ Valerie V. Hunt, "Infinite Mind," *Magical Blend*, no. 25 January 1990), p. 22.
- ²¹ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.
- ²² Robert Temple, "David Bohm," *New Scientist* (November 11, 1982), p. 362.
- ²³ Comunicação particular com o autor, 13 de novembro de 1988.
- ²⁴ Comunicação particular com o autor, 18 de outubro de 1988.
- ²⁵ Comunicação particular com o autor, 13 de novembro de 1988.
- ²⁶ *Ibid.*
- ²⁷ *Ibid.*
- ²⁸ George F. Dole, *A View from Within* (New York: Swedenborg Foundation, 1985), p. 26.
- ²⁹ George F. Dole, "An Image of God in a Mirror," in *Emanuel Swedenborg: A Continuing Vision*, ed. Robin Larsen (New York: Swedenborg Foundation, 1988), p. 376.
- ³⁰ Brennan, *Hands*, p. 26.
- ³¹ Comunicação particular com o autor, 13 de setembro de 1988.
- ³² Karagulla, *Breakthrough*, p. 39.
- ³³ *Ibid.*, p. 132.
- ³⁴ D. Scott Rogo, "Shamanism, ESP, and the Paranormal," in *Shamanism*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, Ill: Theosophical Publishing House, 1987), p. 135.
- ³⁵ Michael Harner and Gary Doore, "The Ancient Wisdom in Shamanic Cultures," in *Shamanism*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, 1987), p. 10.
- ³⁶ Michael Harner, *The Way of the Shaman* (New York: Harper & Row, 1980), p. 17.

- ³⁷ Richard Gerber, *Vibrational Medicine* (Santa Fe, N.M.: Bear & Co., 1988), p. 115.
- ³⁸ Ibid., p. 154.
- ³⁹ William A. Tiller, "Consciousness, Radiation, and the Developing Sensory System," as quoted in *The Psychic Frontiers of Medicine*, ed. Bill Schul (New York: Ballantine Books, 1977), p. 95.
- ⁴⁰ Ibid., p. 94.
- ⁴¹ Hiroshi Motoyama, *Theories of the Chakras* (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, 1981), p. 239.
- ⁴² Richard M. Restak, "Is Free Will a Fraud?" *Science Digest* (October 1983), p. 52.
- ⁴³ Ibid.
- ⁴⁴ Comunicação particular com o autor, 7 de fevereiro de 1990.
- ⁴⁵ Comunicação particular com o autor, 18 de novembro de 1988.

CAPÍTULO 7

- ¹ Ver Stephan A. Schwartz, *The Secret Vaults of Time* (Nova Iorque: Grosset & Dunlap, 1978); Stanislaw Poniowski, "Parapsychological Probing of Prehistoric Cultures", in *Psychic Archaeology*, ed. J. Goodman (Nova Iorque: G. P. Putnam & Sons, 1977); e Andrzej Borzmowski, "Experiments with Ossowiecki", *International Journal of Parapsychology* 7, nº 3 (1965), pp. 259-84.
- ² J. Norman Emerson, "Intuitive Archaeology," *Midden* 5, no. 3 (1978).
- ³ J. Norman Emerson, "Intuitive Archaeology: A Psychic Approach," *New Horizon* 1, no. 3 (1974), p. 14.
- ⁴ Jack Harrison Pollack, *Croiset the Clairvoyant* (New York: Doubleday, 1964).
- ⁵ Lawrence LeShan, *The Medium, the Mystic, and the Physicist* (New York: Ballantine Books, 1974), pp. 30-31.
- ⁶ Stephan A. Schwartz, *The Secret Vaults of Time* (New York: Grosset & Dunlap, 1978), pp. 226-37; ver também Clarence W. Weiant, "Parapsychology and Anthropology," *Manas* 18, no. 15 (1960).
- ⁷ Schwartz, op. cit., pp. x and 314.
- ⁸ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.
- ⁹ Comunicação particular com o autor, 18 de outubro de 1988.
- ¹⁰ Ver Glenn D. Kittler, *Edgar Cayce on the Dead Sea Scrolls* (Nova Iorque: Warner Books, 1970).
- ¹¹ Marilyn Ferguson, "Quantum Brain-Action Approach Complements Holographic Model," *Brain-Mind Bulletin*, updated special issue (1978), p. 3.
- ¹² Edmund Gurney, F. W. H. Myers, and Frank Podmore, *Phantasms of the Living* (London: Trubner's, 1886).
- ¹³ Ver J. Palmer, "A Community Mail Survey of Psychic Experiences," *Journal of the American Society for Psychical Research* 73 (1979), pp. 221-51; H. Sidgwick e comité, "Report on the Census of Hallucinations," *Proceedings of the Society for Psychical Research* 10 (1894), pp. 25-422; e D. J. West, "A Mass-Observation Questionnaire on Hallucinations," *Journal of the Society for Psychical Research* 34 (1948), pp. 187-96.
- ¹⁴ W. Y. Evans-Wentz, *The Fairy-Faith in Celtic Countries* (Oxford: Oxford University Press, 1911), p. 485.
- ¹⁵ Ibid., p. 123.
- ¹⁶ Charles Fort, *New Lands* (New York: Boni & Liveright, 1923), p. 111.
- ¹⁷ Ver Max Freedom Long, *The Secret Science behind Miracles* (Tarrytown, N.Y.: Robert Collier Publications, 1948), pp. 206-8.
- ¹⁸ Editors of Time-Life Books, *Ghosts* (Alexandria, Va.: Time-Life Books, 1984), p. 75.
- ¹⁹ Editors of Reader's Digest, *Strange Stories, Amazing Facts* (Pleasantville, N.Y.: Reader's Digest Association, 1976), pp. 884-85.
- ²⁰ J.B. Rhine, "Experiments Bearing on the Precognition Hypothesis: III. Mechanically Selected Cards," *Journal of Parapsychology* 5 (1941).
- ²¹ Helmut Schmidt, "Psychokinesis," in *Psychic Exploration: A Challenge to Science*, ed. Edgar Mitchell and John White (New York: G. P. Putnam's Sons, 1974), pp. 179-93.

- ²² Montague Ullman, Stanley Krippner, and Alan Vaughan, *Dream Telepathy* (New York: Macmillan, 1973).
- ²³ Russell Targ and Harold Puthoff, *Mind-Reach* (New York: Delacorte Press, 1977), p. 116.
- ²⁴ Robert G. Jahn and Brenda J. Dunne, *Margins of Reality* (New York: Harcourt. Brace Jovanovich, 1987), pp. 160, 185.
- ²⁵ Jule Eisenbud, "A Transatlantic Experiment in Precognition with Gerard Croiset," *Journal of American Society of Psychological Research* 67 (1978), pp. 1-25; ver também W. H. C. Tenhaeff, "Seat Experiments with Gerard Croiset," *Proceedings Parapsychology* 1 (1960), pp. 58-65; and U. Timm, "Neue Experiments mit dem Sensitiven Gerard Croiset," *Z. F. Parapsychologia und Grezgeb. dem Psychologia* 9 (1966), pp. 30-59.
- ²⁶ Marilyn Ferguson, *Bulletin*, p. 4.
- ²⁷ Comunicação pessoal com o autor, 26 de setembro de 1989.
- ²⁸ David Loye, *The Sphinx and the Rainbow* (Boulder, Col.: Shambhala, 1983).
- ²⁹ Bernard Gittelton, *Intangible Evidence* (New York: Simon & Schuster, 1987), p. 174.
- ³⁰ Eileen Garrett, *My Life as a Search for the Meaning of Mediumship* (London: Ryder & Company, 1949), p. 179.
- ³¹ Edith Lyttelton, *Some Cases of Prediction* (London: Bell, 1937).
- ³² Louisa E. Rhine, "Frequency of Types of Experience in Spontaneous Precognition," *Journal of Parapsychology* 18, no. 2 (1954); ver também "Precognition and Intervention," *Journal of Parapsychology* 19 (1955); e *Hidden Channels of the Mind* (New York: Sloane Associates, 1961).
- ³³ E. Douglas Dean, "Precognition and Retrocognition," in *Psychic Exploration*, ed. Edgar D. Mitchell and John White (New York: G. P. Putnam's Sons, 1974), p. 163.
- ³⁴ Ver A. Foster, "ESP Tests with American Indian Children," *Journal of Parapsychology* 7, no. 94 (1943); Dorothy H. Pope, "ESP Tests with Primitive People," *Parapsychology Bulletin* 30, no. 1 (1953); Ronald Rose and Lyndon Rose, "Psi Experiments with Australian Aborigines," *Journal of Parapsychology* 15, no. 122 (1951); Robert L. Van de Castle, "Anthropology and Psychic Research," em *Psychic Exploration*, ed. Edgar D. Mitchell and John White (New York: G. P. Putnam's Sons, 1974); e Robert L. Van de Castle, "Psi Abilities in Primitive Groups," *Proceedings of the Parapsychological Association* 7, no. 97 (1970).
- ³⁵ Ian Stevenson, "Precognition of Disasters," *Journal of the American Society for Psychical Research* 64, no. 2 (1970).
- ³⁶ Karlis Osis and J. Fahler, "Space and Time Variables in ESP," *Journal of the American Society for Psychical Research* 58 (1964).
- ³⁷ Alexander P. Dubrov and Veniamin N. Pushkin, *Parapsychology and Contemporary Science*, trans. Aleksandr Petrovich (New York: Consultants Bureau, 1982), pp. 938-104.
- ³⁸ Arthur Osborn, *The Future Is Now: The Significance of Precognition* (New York: University Books, 1961).
- ³⁹ Ian Stevenson, "A Review and Analysis of Paranormal Experiences Connected with the Sinking of the Titanic," *Journal of the American Society for Psychical Research* 54 (1960), pp. 153-71; ver também Ian Stevenson, "Seven More Paranormal Experiences Associated with the Sinking of the Titanic," *Journal of the American Society for Psychical Research* 59 (1965), pp. 211-25.
- ⁴⁰ Loye, *Sphinx*, pp. 158-65.
- ⁴¹ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.
- ⁴² Gittelton, *Evidence*, p. 175.
- ⁴³ Ibid., p. 125.
- ⁴⁴ Long, op. cit., p. 165.
- ⁴⁵ Shafica Karagulla, *Breakthrough to Creativity* (Marina Del Rey, Calif.: DeVorss, 1967), p. 206.
- ⁴⁶ Segundo H. N. Banerjee, em *Americans Who Have Been Reincarnated* (Nova Iorque: Macmillan Publishing Company, 1980), p. 195, um estudo realizado por James Parejko, professor de Filosofia na Universidade Estadual de Chicago, revelou que 93 em cada 100 voluntários hipnotizados demonstraram conhecimento de uma possível existência anterior; o próprio Whitton constatou que todos os seus sujeitos hipnotizáveis foram capazes de recordar tais memórias.
- ⁴⁷ M. Gerald Edelstein, *Trauma, Trance and Transformation* (New York: Brunner/ Mazel, 1981).
- ⁴⁸ Michael Talbot, "Lives between Lives: An Interview with Dr. Joel Whitton" *Omni WholeMind Newsletter* 1, no. 6 (May 1988), p. 4.

-
- ⁴⁹ Joel L. Whitton and Joe Fisher, *Life between Life* (New York: Doubleday, 1986), pp. 116-27.
- ⁵⁰ Ibid., p. 154.
- ⁵¹ Ibid., p. 156.
- ⁵² Comunicação particular com o autor, 9 de novembro de 1987.
- ⁵³ Whitton and Fisher, *Life*, p. 43.
- ⁵⁴ Ibid., p. 47.
- ⁵⁵ Ibid., pp. 152-53.
- ⁵⁶ Ibid., p. 52.
- ⁵⁷ William E. Cox, "Precognition: An Analysis I and II," *Journal of the American Society for Psychical Research* 50 (1956).
- ⁵⁸ Whitton and Fisher, *Life*, p. 186.
- ⁵⁹ Ver Ian Stevenson, *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1974); *Cases of the Reincarnation Type* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1974), vols. 1-4; e *Children Who Remember Their Past Lives* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1987).
- ⁶⁰ Ver referências acima.
- ⁶¹ Ian Stevenson, *Children Who Remember Previous Lives* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1987), pp. 240-43.
- ⁶² Ibid., pp. 259-60.
- ⁶³ Stevenson, *Twenty Cases*, p. 180.
- ⁶⁴ Ibid., pp. 196, 288.
- ⁶⁵ Ibid., p. 92.
- ⁶⁶ Sylvia Cranston and Carey Williams, *Reincarnation: A New Horizon in Science, Religion, and Society* (New York: Julian Press, 1984), p. 67.
- ⁶⁷ Ibid., p. 260.
- ⁶⁸ Ian Stevenson, "Some Questions Related to Cases of the Reincarnation Type," *Journal of the American Society for Psychical Research* (October 1974), p. 407.
- ⁶⁹ Stevenson, *Children*, p. 255.
- ⁷⁰ *Journal of the American Medical Association* (December 1, 1975), as quoted in Cranston and Williams, *Reincarnation*, p. x.
- ⁷¹ J. Warneck, *Die Religion der Batak* (Gottingen, 1909), as quoted in Holger Kalweit, *Dreamtime and Inner Space: The World of the Shaman* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1984), p. 23.
- ⁷² Basil Johnston, *Und Manitu erschuf die Welt. Mythen und Visionen der Ojibwa* (Cologne: 1979), as quoted in Holger Kalweit, *Dreamtime and Inner Space: The World of the Shaman* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1984), p. 25.
- ⁷³ Long, op. cit., pp. 165-69.
- ⁷⁴ Ibid., p. 193.
- ⁷⁵ John Blofeld, *The Tantric Mysticism of Tibet* (New York: E. P. Dutton, 1970), p. 84; ver também Alexandra David-Neel, *Magic and Mystery in Tibet* (Baltimore, Md.: Penguin Books, 1971), p. 293.
- ⁷⁶ Henry Corbin, *Creative Imagination in the Sufism of Ibn 'Arabi*, trans. Ralph Manheim (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969), pp. 221-36.
- ⁷⁷ Hugh Lynn Cayce, *The Edgar Cayce Reader. Vol. II* (New York: Paperback Library, 1969), pp. 25-26; ver também Noel Langley, *Edgar Cayce on Reincarnation* (New York: Warner Books, 1967), p. 43.
- ⁷⁸ Paramahansa Yogananda, *Man's Eternal Quest* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1982), p. 238.
- ⁷⁹ Thomas Byron, *The Dhammapada: The Sayings of Buddha* (New York: Vintage Books, 1976), p. 13.
- ⁸⁰ Swami Prabhavananda and Frederick Manchester, trans., *The Upanishads* (Hollywood, Calif.: Vedanta Press, 1975), p. 177.
- ⁸¹ Iamblichus, *The Egyptian Mysteries*, trans. Alexander Wilder (New York: Metaphysical Publications, 1911), pp. 122, 175, 259-60.

⁸² Matthew 7: 7, 17, 20.

⁸³ Rabbi Adin Steinsaltz, *The Thirteen-Petaled Rose* (New York: Basic Books, 1980), pp. 64-65.

⁸⁴ Jean Houston, *The Possible Human* (Los Angeles: J. P. Tarcher, 1982), pp. 200-5.

⁸⁵ Mary Orser and Richard A. Zarro, *Changing Your Destiny* (San Francisco: Harper & Row, 1989), p. 213.

⁸⁶ Florence Graves, "The Ultimate Frontier: Edgar Mitchell, the Astronaut-Turned-Philosopher Explores Star Wars, Spirituality, and How We Create Our Own Reality," *New Age* (May/June 1988), p. 87.

⁸⁷ Helen Wambach, *Reliving Past Lives* (New York: Harper & Row, 1978), p. 116.

⁸⁸ Ibid., pp. 128-34.

⁸⁹ Chet B. Snow and Helen Wambach, *Mass Dreams of the Future* (New York: McGraw-Hill, 1989), p. 218.

⁹⁰ Henry Reed, "Reaching into the Past with Mind over Matter," *Venture Inward* 5, no. 3 (May/June 1989), p. 6.

⁹¹ Anne Moberly and Eleanor Jourdain, *An Adventure* (London: Faber, 1904).

⁹² Andrew Mackenzie, *The Unexplained* (London: Barker, 1966), as quoted in Ted Holiday, *The Goblin Universe* (St. Paul, Minn.: Llewellyn Publications, 1986), p. 96.

⁹³ Gardner Murphy and H. L. Klemme, "Unfinished Business," *Journal of the American Society for Psychical Research* 60, no. 4 (1966), p. 5.

CAPÍTULO 8

¹ Dean Shields, "A Cross-Cultural Study of Beliefs in out-of-the-Body Experiences," *Journal of the Society for Psychical Research* 49 (1978), pp. 697-741.

² Erika Bourguignon, "Dreams and Altered States of Consciousness in Anthropological Research," in *Psychological Anthropology*, ed. F. L. K. Hsu (Cambridge, Mass.: Schenkman, 1972), p. 418.

³ Celia Green, *Out-of-the-Body Experiences* (Oxford, England: Institute of Psychophysical Research, 1968).

⁴ D. Scott Rogo, *Leaving the Body* (New York: Prentice-Hall, 1983), p. 5.

⁵ Ibid.

⁶ Stuart W. Twemlow, Glen O. Gabbard, and Fowler C. Jones, "The Out-of-Body Experience: I, Phenomenology; II, Psychological Profile; III, Differential Diagnosis" (Papers delivered at the 1980 Convention of the American Psychiatric Association). See also Twemlow, Gabbard, and Jones, "The Out-of-Body Experience: A Phenomenological Typology Based on Questionnaire Responses," *American Journal of Psychiatry* 139 (1982), pp. 450-55.

⁷ Ibid.

⁸ Bruce Greyson and C. P. Flynn, *The Near-Death Experience* (Chicago: Charles C. Thomas, 1984), as quoted in Stanislov Grof, *The Adventure of Self-Discovery* (Albany, N.Y.: SUNY Press, 1988), pp. 71-72.

⁹ Michael B. Sabom, *Recollections of Death* (New York: Harper & Row, 1982), p. 184.

¹⁰ Jean-Noel Bassior, "Astral Travel," *New Age Journal* (November/December 1988), p. 46.

¹¹ Charles Tart, "'A Psychophysiological Study of Out-of-the-Body Experiences in a Selected Subject,'" *Journal of the American Society for Psychical Research* 62 (1968), pp. 3-27.

¹² Karlis Osis, "New ASPR Research on Out-of-the-Body Experiences," *Newsletter of the American Society for Psychical Research* 14 (1972); ver también Karlis Osis, "'Out-of-Body Research at the American Society for Psychical Research,'" in *Mind beyond the Body*, ed. D. Scott Rogo (New York: Penguin, 1978), pp. 162-69.

¹³ D. Scott Rogo, *Psychic Breakthroughs Today* (Wellingborough, Great Britain: Aquarian Press, 1987), pp. 163-64.

¹⁴ J. H. M. Whiteman, *The Mystical Life* (London: Faber & Faber, 1961).

¹⁵ Robert A. Monroe, *Journeys Out of the Body* (New York: Anchor Press/Doubleday, 1971), p. 183.

¹⁶ Robert A. Monroe, *Far Journeys* (New York: Doubleday, 1985), p. 64.

¹⁷ David Eisenberg, with Thomas Lee Wright, *Encounters with Qi* (New York: Penguin, 1987), pp. 79-87.

-
- ¹⁸ Frank Edwards, "People Who Saw without Eyes," *Strange People* (London: Pan Books, 1970).
- ¹⁹ A. Ivanov, "Soviet Experiments in Eyeless Vision," *International Journal of Parapsychology* 6 (1964); ver também M. M. Bongard and M. S. Smirnov, "About the 'Dermal Vision' of R. Kuleshova," *Biophysics* 1 (1965).
- ²⁰ A. Rosenfeld, "Seeing Colors with the Fingers," *Life* (June 12, 1964); para um relato mais extenso sobre Kuleshova e a "eyeless sight" em geral, ver Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, *Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain* (Nova Iorque: Bantam Books, 1970), pp. 170-85.
- ²¹ Rogo, *Psychic Breakthroughs*, p. 161.
- ²² Ibid.
- ²³ Janet Lee Mitchell, *Out-of-Body Experiences* (New York: Ballantine Books, 1987), p. 81.
- ²⁴ August Strindberg, *Legends* (1912 edition), citado em Colin Wilson, *The Occult* (New York: Vintage Books, 1973), pp. 56-57.
- ²⁵ Monroe, *Journeys Out of the Body*, p. 184.
- ²⁶ Whiteman, *Mystical Life*, as quoted in Mitchell, *Experiences*, p. 44.
- ²⁷ Karlis Osis and Erlendur Haraldsson, "Deathbed Observations by Physicians and Nurses: A Cross-Cultural Survey," *The Journal of the American Society for Psychical Research* 71 (July 1977), pp. 287-59.
- ²⁸ Raymond A. Moody, Jr., with Paul Perry, *The Light Beyond* (New York: Bantam Books, 1988), pp. 14-15.
- ²⁹ Ibid.
- ³⁰ Elisabeth Kubler-Ross, *On Children and Death* (New York: Macmillan, 1983), p. 208.
- ³¹ Kenneth Ring, *Life at Death* (New York: Quill, 1980), pp. 288-39.
- ³² Kubler-Ross, *Children*, p. 210.
- ³³ Moody and Perry, *Light*, pp. 103-7.
- ³⁴ Ibid., p. 151.
- ³⁵ George Gallup, Jr., with William Proctor, *Adventures in Immortality* (New York: McGraw-Hill, 1982), p. 31.
- ³⁶ Ring, *Life at Death*, p. 98.
- ³⁷ Ibid., pp. 97-98.
- ³⁸ Ibid., p. 247.
- ³⁹ Comunicação particular com o autor, 24 de maio de 1990.
- ⁴⁰ F. W. H. Myers, *Human Personality and Its Survival of Bodily Death* (London: Longmans, Green & Co., 1904), pp. 315-21.
- ⁴¹ Ibid.
- ⁴² Moody and Perry, *Light*, p. 8.
- ⁴³ Joel L. Whitton and Joe Fisher, *Life between Life* (New York: Doubleday, 1986), p. 32.
- ⁴⁴ Michael Talbot, "Lives between Lives: An Interview with Joel Whitton," *Omni WholeMind Newsletter* 1, no. 6 (May 1988), p. 4.
- ⁴⁵ Comunicação particular com o autor, 9 de novembro de 1987.
- ⁴⁶ Whitton and Fisher, *Life between Life*, p. 85.
- ⁴⁷ Myra Ka Lange, "To the Top of the Universe," *Venture Inward* 4, no. 3 (May/June 1988), p. 42.
- ⁴⁸ F. W. H. Myers, *Human Personality*.
- ⁴⁹ Moody and Perry, *Light*, p. 129.
- ⁵⁰ Raymond A. Moody, Jr., *Reflections on Life after Life* (New York: Bantam Books, 1978), p. 38.
- ⁵¹ Whitton and Fisher, *Life between Life*, p. 39.
- ⁵² Raymond A. Moody, Jr., *Life after Life* (New York: Bantam Books, 1976), p. 68.
- ⁵³ Moody, *Reflections on Life after Life*, p. 35.

-
- ⁵⁴ A mulher que teve a experiência de quase-morte em 1821 era mãe do escritor inglês Thomas De Quincey, e o incidente é descrito na sua obra *Confessions of an English Opium Eater with Its Sequels Suspiria De Profundis and The English Mail-Coach*, editada por Malcolm Elwin (Londres: Macdonald & Co., 1956), pp. 511-12.
- ⁵⁵ Whitton and Fisher, *Life between Life*, pp. 42-48.
- ⁵⁶ Moody and Perry, *Light*, p. 50.
- ⁵⁷ Ibid., p. 35.
- ⁵⁸ Kenneth Ring, *Heading toward Omega* (New York: William Morrow, 1985), pp. 58-59.
- ⁵⁹ Ver Ring, *Heading toward Omega*, p. 199; Moody, *Reflections on Life after Life*, pp. 9-14; e Moody and Perry, *Light*, p. 35.
- ⁶⁰ Moody and Perry, *Light*, p. 35.
- ⁶¹ Monroe, *Far Journeys*, p. 73.
- ⁶² Ring, *Life at Death*, p. 248.
- ⁶³ Ibid., p. 242.
- ⁶⁴ Moody, *Life after Life*, p. 75.
- ⁶⁵ Moody and Perry, *Light*, p. 13.
- ⁶⁶ Ring, *Heading toward Omega*, pp. 186-87.
- ⁶⁷ Moody and Perry, *Light*, p. 22.
- ⁶⁸ Ring, *Heading toward Omega*, pp. 217-18.
- ⁶⁹ Moody and Perry, *Light*, p. 34.
- ⁷⁰ Tan Stevenson, *Children Who Remember Previous Lives* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1987), p. 110.
- ⁷¹ Whitton and Fisher, *Life between Life*, p. 43.
- ⁷² Wil van Beek, *Hazrat Inayat Khan* (New York: Vantage Press, 1983), p. 29.
- ⁷³ Monroe, *Journeys Out of the Body*, pp. 101-15.
- ⁷⁴ Ver Leon S. Rhodes, "Swedenborg and the Near-Death Experience," em *Emanuel Swedenborg: A Continuing Vision*, ed. Robin Larsen et al. (New York: Swedenborg Foundation, 1988), pp. 237-40.
- ⁷⁵ Wilson Van Dusen, *The Presence of Other Worlds* (New York: Swedenborg Foundation, 1974), p. 75.
- ⁷⁶ Emanuel Swedenborg, *The Universal Human and Soul-Body Interaction*, ed. and trans. George F. Dole (New York: Paulist Press, 1984), p. 43.
- ⁷⁷ Ibid.
- ⁷⁸ Ibid., p. 156.
- ⁷⁹ Ibid., p. 45.
- ⁸⁰ Ibid., p. 161.
- ⁸¹ George F. Dole, "An Image of God in a Mirror," em *Emanuel Swedenborg: A Continuing Vision*, ed. Robin Larsen et al. (New York: Swedenborg Foundation, 1988), pp. 374-81.
- ⁸² Ibid.
- ⁸³ Theophilus Parsons, *Essays* (Boston: Otis Clapp, 1845), p. 225.
- ⁸⁴ Henry Corbin, *Mundus Imaginalis* (Ipswich, England: Golgonooza Press, 1976), p. 4.
- ⁸⁵ Ibid., p. 7.
- ⁸⁶ Ibid., p. 5.
- ⁸⁷ Kubler-Ross, *Children*, p. 222.
- ⁸⁸ Comunicação particular com o autor, 28 de outubro de 1988.
- ⁸⁹ Paramahansa Yogananda, *Autobiography of a Yogi* (Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1973), p. viii.

-
- ⁹⁰ Ibid., pp. 475-97.
- ⁹¹ Satprem, *Sri Aurobindo or the Adventure of Consciousness* (New York: Institute for Evolutionary Research, 1984), p. 195.
- ⁹² Ibid., p. 219.
- ⁹³ E. Nandisvara Nayake Thero, "The Dreamtime, Mysticism, and Liberation: Shamanism in Australia," em *Shamanism*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, Ill: Theosophical Publishing House, 1987), pp. 223-32.
- ⁹⁴ Holger Kalweit, *Dreamtime and Inner Space* (Boston: Shambhala Publications, 1984), pp. 12-18.
- ⁹⁵ Michael Harner, *The Way of the Shaman* (New York: Harper & Row, 1980), pp. 1-8.
- ⁹⁶ Kalweit, *Dreamtime*, pp. 18, 57.
- ⁹⁷ Ring, *Heading toward Omega*, pp. 143-64.
- ⁹⁸ Ibid., pp. 114-20.
- ⁹⁹ Bruce Greyson, "Increase in Psychic and Psi-Related Phenomena Following Near-Death Experiences," *Theta*, as quoted in Ring, *Heading toward Omega*, p. 180.
- ¹⁰⁰ Jeff Zaleski, "Life after Death: Not Always Happily-Ever-After," *Omni WholeMind Newsletter* 1, no. 10 (September 1988), p. 5.
- ¹⁰¹ Ring, *Heading toward Omega*, p. 50.
- ¹⁰² John Gliedman, "Interview with Brian Josephson," *Omni* 4, no. 10 (July 1982), pp. 114-16.
- ¹⁰³ P. C. W. Davies, "The Mind-Body Problem and Quantum Theory," em *Proceedings of the Symposium on Consciousness and Survival*, ed. John S. Spong (Sausalito, Calif.: Institute of Noetic Sciences, 1987), pp. 113-14.
- ¹⁰⁴ Candace Pert, *Neuropeptides, the Emotions and Bodymind in Proceedings of the Symposium on Consciousness and Survival*, ed. John S. Spong (Sausalito, Calif.: Institute of Noetic Sciences, 1987), pp. 118-14.
- ¹⁰⁵ David Bohm and Renee Weber, "Nature as Creativity," *ReVision* 5, no. 2 (Fall 1982), p. 40.
- ¹⁰⁶ Comunicação particular com o autor, 9 de novembro de 1987.
- ¹⁰⁷ Monroe, *Journeys Out of the Body*, pp. 51 and 70.
- ¹⁰⁸ Dole, em *Emanuel Swedenborg*, p. 44.
- ¹⁰⁹ Whitton and Fisher, *Life between Life*, p. 45.
- ¹¹⁰ Ver, por exemplo, Moody, *Reflections on Life after Life*, pp. 18-14; e Ring, *Heading toward Omega*, pp. 71-72.
- ¹¹¹ Edwin Bernbaum, *The Way to Shambhala* (New York: Anchor Books, 1980), pp. xiv, 3-5.
- ¹¹² Moody, *Reflections on Life after Life*, p. 14; e Ring, *Heading toward Omega*, p. 71.
- ¹¹³ W. Y. Evans-Wentz, *The Fairy-Faith in Celtic Countries* (Oxford: Oxford University Press, 1911), p. 61.
- ¹¹⁴ Monroe, *Journeys Out of the Body*, pp. 50-51.
- ¹¹⁵ Jacques Vallee, *Passport to Magonia* (Chicago: Henry Regnery Co., 1969), p. 184.
- ¹¹⁶ Comunicação particular com o autor, 38 de novembro de 1988.
- ¹¹⁷ D. Scott Rogo, *Miracles* (New York: Dial Press, 1982), pp. 256-57.
- ¹¹⁸ Michael Talbot, "UFOs: Beyond Real and Unreal," em *Gods of Aquarius*, ed. Brad Steiger (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1976), pp. 28-33.
- ¹¹⁹ Jacques Vallee, *Dimensions: A Casebook of Alien Contact* (Chicago: Contemporary Books, 1988), p. 259.
- ¹²⁰ John G. Fuller, *The Interrupted Journey* (New York: Dial Press, 1966), p. 91.
- ¹²¹ Jacques Vallee, *Passport to Magonia*, pp. 160-62.
- ¹²² Talbot, em *Gods of Aquarius*, pp. 28-33.
- ¹²³ Kenneth Ring, "Toward an Imaginal Interpretation of 'UFO Abductions,'" *ReVision* 11, no. 4 (Spring 1989), pp. 17-24.
- ¹²⁴ Comunicação pessoal com o autor, 19 de setembro de 1988.

- ¹²⁵ Peter M. Rojcewicz, "The Folklore of the 'Men in Black': A Challenge to the Prevailing Paradigm," *ReVision* 11, no. 4 (Spring 1989), pp. 5-15.
- ¹²⁶ Whitley Strieber, *Communion* (New York: Beech Tree Books, 1987), p. 295.
- ¹²⁷ Carl Raschke, "UFOs: Ultraterrestrial Agents of Cultural Deconstruction," em *Cyberbiological Studies of the Imaginal Component in the UFO Contact Experience*, ed. Dennis Stillings (St. Paul, Minn.: Archaeus Project, 1989), p. 24.
- ¹²⁸ Michael Grosso, "UFOs and the Myth of the New Age," em *Cyberbiological Studies of the Imaginal Component in the UFO Contact Experience*, ed. Dennis Stillings (St. Paul, Minn.: Archaeus Project, 1989), p. 81.
- ¹²⁹ Raschke, em *Cyberbiological Studies*, p. 24.
- ¹³⁰ Jacques Vallee, *Dimensions: A Casebook of Alien Contact* (Chicago: Contemporary Books, 1988), pp. 284-89.
- ¹³¹ John A. Wheeler, with Charles Misner and Kip S. Thorne, *Gravitation* (San Francisco: Freeman, 1978).
- ¹³² Strieber, *Communion*, p. 295.
- ¹³³ Comunicação particular com o autor, 8 de junho de 1988.

CAPÍTULO 9

- ¹ John Blofeld, *The Tantric Mysticism of Tibet* (New York: E. P. Dutton, 1970), pp. 61-62.
- ² Garma C. C. Chuang, *Teachings of Tibetan Yoga* (Secaucus, N.J.: Citadel Press, 1974), p. 26.
- ³ Blofeld, *Tantric Mysticism*, pp. 61-62.
- ⁴ Lobsang P. Lhalungpa, trans., *The Life of Milarepa* (Boulder, Colo.: Shambhala Publications, 1977), pp. 181-82.
- ⁵ Reginald Horace Blyth, *Games Zen Masters Play*, ed. Robert Soh! And Audrey Carr (New York: New American Library, 1976), p. 15.
- ⁶ Margaret Stutley, *Hinduism* (Wellingborough, England: Aquarian Press, 1985), pp. 9, 163.
- ⁷ Swami Prabhavananda and Frederick Manchester, trans., *The Upanishads* (Hollywood, Calif.: Vedanta Press, 1975), p. 197.
- ⁸ Sir John Woodroffe, *The Serpent Power* (New York: Dover, 1974), p. 33.
- ⁹ Stutley, *Hinduism*, p. 27.
- ¹⁰ *Ibid.*, pp. 27-28.
- ¹¹ Woodroffe, *Serpent Power*, pp. 29, 33.
- ¹² Leo Schaya, *The Universal Meaning of the Kabbalah* (Baltimore, Md.: Penguin, 1973), p. 67.
- ¹³ *Ibid.*
- ¹⁴ Serge King, "The Way of the Adventurer," em *Shamanism*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, 1987), p. 198.
- ¹⁵ E. Nandisvara Nayake Thero, "The Dreamtime, Mysticism, and Liberation: Shamanism in Australia," em *Shamanism*, ed. Shirley Nicholson (Wheaton, Ill.: Theosophical Publishing House, 1987), p. 226.
- ¹⁶ Marcel Griaule, *Conversations with Ogotemmel* (London: Oxford University Press, 1965), p. 108.
- ¹⁷ Douglas Sharon, *Wizard of the Four Winds: A Shaman's Story* (New York: Free Press, 1978), p. 49.
- ¹⁸ Henry Corbin, *Creative Imagination in the Sufism of Ibn 'Arabi*, trans. Ralph Manheim (Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1969), p. 259.
- ¹⁹ Brian Brown, *The Wisdom of the Egyptians* (New York: Brentano's, 1928), p. 156.
- ²⁰ Woodroffe, *Serpent Power*, p. 22.
- ²¹ John G. Neihardt, *Black Elk Speaks* (New York: Pocket Books, 1972), p. 36.
- ²² Tryon Edwards, *A Dictionary of Thought* (Detroit: F. B. Dickerson Co., 1901), p. 196.
- ²³ Sir Charles Eliot, *Japanese Buddhism* (New York: Barnes & Noble, 1969), pp. 109-10.

- ²⁴ Alan Watts, *Tao: The Watercourse Way* (New York: Pantheon Books, 1975), p. 35.
- ²⁵ F. Franck, *Book of Angelus Silesius* (New York: Random House, 1976), as quoted in Stanislav Grof, *Beyond the Brain* (Albany, N.Y.: SUNY Press, 1985), p. 76.
- ²⁶ "'Holophonic' Sound Broadcasts Directly to Brain," *Brain/Mind Bulletin* 8, no. 10 (May 30, 1983), p. 1.
- ²⁷ "European Media See Holophony as Breakthrough," *Brain/Mind Bulletin* 8, no. 10 (May 30, 1988), p. 3.
- ²⁸ Ilya Prigogine e Yves Elskens, "Irreversibility, Stochasticity and Non-Loeality in Classical Dynamics," em *Quantum Implications*, ed. Basil J. Hiley e F. David Peat (London: Routledge & Kegan Paul, 1987), p. 214; ver também "A Holographic Fit?" *Brain/Mind Bulletin* 4, no. 13 (May 21, 1979), p. 3.
- ²⁹ Marcus S. Cohen, "Design of a New Medium for Volume Holographic Information Processing," *Applied Optics* 25, no. 14 (July 15, 1986), pp. 2288-94.
- ³⁰ Dana Z. Anderson, "Coherent Optical Eigenstate Memory," *Optics Letters* 11, no. 1 (January 1986), pp. 56-58.
- ³¹ Willis W. Harman, "The Persistent Puzzle: The Need for a Basic Restructuring of Science," *Noetic Sciences Review*, no. 8 (Autumn 1988), p. 23.
- ³² "Interview: Brian L. Weiss, M.D.," *Venture Inward* 6, no. 4 (July/August 1990), pp. 17-18.
- ³³ Comunicação particular com o autor, 9 de novembro de 1987.
- ³⁴ Stanley R. Dean, C. O. Plyler, Jr., and Michael L. Dean, "Should Psychic Studies Be Included in Psychiatric Education? An Opinion Survey," *American Journal of Psychiatry* 137, no. 10 (October 1980), pp. 1247-49.
- ³⁵ Ian Stevenson, *Children Who Remember Previous Lives* (Charlottesville, Va.: University Press of Virginia, 1987), p. 9.
- ³⁶ Alexander P. Dubrov and Veniamin N. Pushkin, *Parapsychology and Contemporary Science* (New York: Consultants Bureau, 1982), p. 13.
- ³⁷ Harman, *Noetic Sciences Review*, p. 25.
- ³⁸ Kenneth Ring, "Near-Death and UFO Encounters as Shamanic Initiations: Some Conceptual and Evolutionary Implications," *ReVision* 11, no. 3 (Winter 1989), p. 16.
- ³⁹ Richard Daab and Michael Peter Langevin, "An Interview with Whitley Strieber," *Magical Blend* 25 (January 1990), p. 41.
- ⁴⁰ Lytle Robinson, *Edgar Cayce's Story of the Origin and Destiny of Man* (New York: Berkley Medallion, 1972), pp. 34, 42.
- ⁴¹ Do Lankavatara Sutra as quoted by Ken Wilbur, 'Physics, Mysticism, and the New Holographic Paradigm,' em Ken Wilbur, *The Holographic Paradigm* (Boulder, Colo.: New Science Library, 1982), p. 161.
- ⁴² David Loye, *The Sphinx and the Rainbow* (Boulder, Colo.: Shambhala Publications, 1983), p. 156.
- ⁴³ Terence McKenna, 'New Maps of Hyperspace,' *Magical Blend* 22 (April 1989), pp. 58, 60.
- ⁴⁴ Daab and Langevin, *Magical Blend*, p. 41.
- ⁴⁵ McKenna, *Magical Blend*, p. 60.
- ⁴⁶ Emanuel Swedenborg, *The Universal Human and Soul-Body Interaction*, ed. and trans. George F. Dole (New York: Paulist Press, 1984), p. 54,
- ⁴⁷ Joel L. Whitton and Joe Fisher, *Life between Life* (New York: Doubleday, 1986), pp. 45-46.